

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO

Suélen de Souza Andres

**HANDEBOL DE MULHERES NO BRASIL: a trajetória da Seleção Brasileira de
Handebol (1983-2019)**

Porto Alegre

2021

SUÉLEN DE SOUZA ANDRES

**HANDEBOL DE MULHERES NO BRASIL: a trajetória da Seleção Brasileira de
Handebol (1983-2019)**

Tese de doutorado apresentada ao Programa Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Ciências do Movimento Humano.

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Vilodre Goellner

Porto Alegre

2021

CIP - Catalogação na Publicação

Andres, Suélen de Souza
HANDEBOL DE MULHERES NO BRASIL: a trajetória da
Seleção Brasileira de Handebol (1983-2019) / Suélen de
Souza Andres. -- 2021.
190 f.
Orientadora: Silvana Vilodre Goellner.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa de
Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto
Alegre, BR-RS, 2021.

1. Mulheres. 2. Handebol. 3. Seleção Brasileira. 4.
Jogos olímpicos. 5. Migrações. I. Goellner, Silvana
Vilodre, orient. II. Título.

Suélen de Souza Andres

Conceito final: A

Aprovada em 27 de Janeiro de 2021

BANCA EXAMNINADORA

Profa. Dra. Christiane Garcia Macedo – UNIVASF

Profa. Dra. Maria Simone Vione Schwengber – UNIJUI

Profa. Dra. Raquel da Silveira – UFRGS

Prof. Dr. Guy Ginciene – UFRGS

Orientadora – Profa. Dra. Silvana Vilodre Goellner – UFRGS

Às atletas deste estudo!

AGRADECIMENTOS

Chegar ao final de um ciclo é sempre um momento de sentar, olhar para trás e simplesmente agradecer. Começo agradecendo a oportunidade de vivenciar quatro anos intensos de trabalho, reflexão e amadurecimento profissional e pessoal. Dito isso, início agradecendo à Silvana (eterna Chefa), por acreditar no meu trabalho e nas minhas escolhas, por compartilhar seus saberes, pelas oportunidades oferecidas por meio do CEME e do GRECCO e por toda paciência durante o processo. Obrigada pela amizade, carinho e confiança!

Agradeço às/aos colegas e amigas/os do CEME/GRECCO por todas as experiências compartilhadas. Temos muitas histórias e memórias!

Às professoras Dra. Maria Simone Vione Schwengber (UNIJUI) e Dra. Raquel da Silveira (UFRGS) pelos apontamentos na qualificação do projeto, que junto à Dra. Christiane Garcia Macedo (UNIVASF) e ao professor Dr. Guy Ginciene (UFRGS), aceitaram o convite para a participação na minha banca de doutoramento, contribuindo na lapidação desta versão final.

Às atletas e aos técnicos que compartilharam suas trajetórias e possibilitaram a concretização desta pesquisa. Meu eterno agradecimento à/ao: Alexandra Nascimento; Aline da Conceição da Silva; Aline Silva dos Santos; Ana Carolina Amorim Taleska; Elza Giovanelli Balon; Margareth Pioresan; Fabiana Diniz; Fabiana Kuestner Gripa; Klea Oliveira; Lucila Vianna Silva dos Santos; Francine Camila Gomes de Moraes Cararo; Maria Aparecida dos Santos; Maria José Batista de Sales; Mayara Fier de Moura; Soraya Novaes da Silva; Valéria Maria de Oliveira; Viviane Jacques; Francisco de Assis Farias e Sérgio Graciano.

Agradeço às/aos professoras/es, funcionárias/os e colegas da ESEFID/PPGCMH por contribuírem de diferentes formas para o meu crescimento acadêmico e pessoal. Um agradecimento especial à Ana e à Márcia, secretárias do PPGCMH, por me auxiliarem e, em muitas ocasiões, me salvarem no andamento dos trâmites burocráticos. Agradeço também a correção minuciosa da Vera Fernandes, revisora desta versão final.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo financiamento durante parte da pesquisa, fundamental para que eu pudesse me dedicar à pesquisa.

Não posso deixar de agradecer...

À Xisti, May e Nati, pela amizade, pelas trocas, ensinamentos e apoio durante todo esse tempo. Que o vínculo permaneça onde quer que estejamos!

À URSAL, que o IF me trouxe: Taci, Júlio e Marina. Que privilégio compartilhar trabalho, diversão, Ipatinga e tantos papéis com vocês.

Às/aos colegas e alunas/os do UNILESTE por toda paciência, carinho e compreensão com a “novata” no processo final de escrita de tese. Tenho aprendido muito com todas e todos!

À/Ao Beta, Serginho, Polly, Lety, Tata e Carol por me acolherem no Rio e em Minas com tanto amor.

À minha família pelo apoio, carinho e compreensão em minhas escolhas. Amor eterno aos meus pais José e Delci, minha mãe Edi, à Cris, minhas irmãs e irmãos Gabi, Elô, Rafa e Vi e, por fim, ao meu sobrinho Yuri e sobrinha Gigi.

À/Ao Ilda, Lelê, Seu João, Ana Maria, Lety, Bela, Tati, Rê, Vitinho, Tio Dudu e todas/os demais Aguiar por me permitir fazer e sentir parte da família, que sorte a minha ter vocês no meu dia a dia.

À Simone, minha psico, essencial nesses últimos três meses, me ajudando a manter o equilíbrio, a sanidade mental e a confiança em mim mesma.

Por fim, à Lulu, minha “beibe” e parceira de vida, e que parceira! Encarar uma pandemia, ensino remoto e uma esposa em final de tese não é para qualquer uma! Mas você tirou de letra. Gratidão, Vida, por todo apoio, amor, carinho, puxões de orelha e “Foco Suélen”! Obrigada pela paciência, escuta, por aguentar os choros, oscilações de humor, ansiedades e reclamações. E o mais importante, obrigada por trazer a Arya e o Reinaldo para as nossas vidas, nosso “sanduíche do amor”. Te amo, te admiro e te respeito!

“Histórias importam. Muitas histórias importam”.
Chimamanda Ngozi Adichie

RESUMO

A presente investigação analisou a trajetória da Seleção Brasileira de Handebol desde sua constituição até o pós Jogos Olímpicos do Rio (1983-2019). O material empírico foi constituído, principalmente, a partir da realização de entrevistas com atletas e técnicos que integraram/integram a seleção. Tais entrevistas seguiram os procedimentos teórico-metodológicos da História Oral. Junto às fontes orais, foram acrescentadas fontes documentais, como: registros de jornais, acervo documental e iconográfico de entrevistas/os, livros e documentários sobre a seleção e artefatos culturais, tais como, notícias e informações nas redes sociais e sítios eletrônicos oficiais da Confederação Brasileira de Handebol, Federação Internacional de Handebol e Federação Europeia de Handebol. Os resultados da pesquisa foram organizados em três estudos independentes, porém interligados. O primeiro estudo, intitulado “Trajetória da Seleção Brasileira de Handebol (1983-2019)”, versa sobre a constituição, desenvolvimento e consolidação da seleção no campo esportivo internacional. No segundo estudo, denominado “As representações da Seleção Brasileira de Handebol nos Jogos Olímpicos (2000-2016): uma análise a partir dos jornais Folha de São Paulo, O Globo e o Estado de S. Paulo”, analiso as representações (re)construídas pelos impressos sobre a seleção a partir de sua participação nos Jogos Olímpicos de Sydney (2000), Atenas (2004), Pequim (2008), Londres (2012) e Rio (2016). No terceiro estudo, intitulado “Processos migratórios de handebolistas brasileiras: um estudo a partir da experiência de atletas e ex-atletas da seleção brasileira”, abordo os deslocamentos migratórios realizados pelas atletas durante sua carreira esportiva. Após a realização dos três estudos, é possível inferir que, tanto as influências europeias quanto sua vinculação ao esporte educacional permeiam fortemente o desenvolvimento da modalidade, a formação de atletas e, conseqüentemente, da seleção. Esses dois elementos também assinalam as representações (re)construídas nos impressos analisados. Por fim, a pesquisa evidenciou os silêncios que atravessam a trajetória da seleção, assim como de suas jogadoras.

Palavras-chave: Handebol. Seleção Brasileira. Jogos Olímpicos. História. Migração.

ABSTRACT

The present investigation analyzed the trajectory of the Brazilian Handball Team from its constitution to the post-Olympic Games in Rio (1983-2019). The empirical material was constituted mainly from interviews with athletes and coaches who were part of the selection. Such interviews followed the theoretical and methodological procedures of Oral History. Along with the oral sources, documentary sources were added, such as: newspaper records, documentary and iconographic collection of interviews, books and documentaries about the selection and cultural artifacts, such as news and information on the social networks and official websites of the Brazilian Confederation of Handball, International Handball Federation and European Handball Federation. The research results were organized into three independents, but interconnected, studies. The first study, entitled “Trajectory of the Brazilian Handball Team (1983-2019)” deals with the constitution, development, and consolidation of the selection in the international sports field. The second study, called “The representations of the Brazilian Handball Team at the Olympic Games (2000-2016): an analysis from the newspapers Folha de São Paulo, O Globo and O Estado de São Paulo”, analyzes the constructed representations for the printed material about the selection from their participation in the Olympic Games in Sydney (2000), Athens (2004), Beijing (2008), London (2012) and Rio (2016). The third study, entitled “Migratory processes of Brazilian handball players: a study based on the experience of athletes and former athletes of the Brazilian team”, discusses the migratory movements made by athletes during their sports career. After carrying out the three studies, it is possible to verify that both European influences and their link to educational sport strongly permeate the development of the sport, the training of athletes and consequently the selection. These two elements also mark the representations (re)constructed in the analyzed forms. Finally, the research showed the silences that cross the trajectory of the selection, as well as that of its players.

Keywords: Handball. Brazilian Team. Olympic Games. Story. Migration.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Seleção Brasileira de Handebol 1983	35
Figura 2 - Seleção Brasileira de Handebol campeã nos Jogos Sul-Americanos de 1984 (Caxias do Sul, Brasil).....	38
Figura 3 - Convocação da atleta Maria Aparecida dos Santos (Nênega).....	39
Figura 4 - Seleção Brasileira de Handebol no III Campeonato Sul-Americano de Handebol e I Campeonato Pan-Americano de Handebol (1986, Novo Hamburgo, Brasil).....	41
Figura 5 - Seleção brasileira em seu primeiro estágio na Alemanha (1986).....	44
Figura 6 - Seleção brasileira em seu primeiro estágio na Alemanha (1986).....	45
Figura 7 - Seleção brasileira em seu primeiro estágio na Alemanha (1986).....	45
Figura 8 - Seleção Brasileira de Handebol durante estágio na Alemanha – dezembro de 1987	46
Figura 9 - Seleção Brasileira de Handebol nos Jogos Pan-Americanos de 1987 (Indianápolis, EUA).....	47
Figura 10 - Seleção Brasileira de Handebol nos Jogos Pan-Americanos de 1987.....	47
Figura 11 - Seleção Brasileira na Alemanha em preparação para o Mundial da Bulgária (1987).....	48
Figura 12 - Seleção Brasileira no Mundial da Bulgária (1987).....	49
Figura 13 - Seleção Brasileira de Handebol no IV Campeonato Sul-Americano de Handebol (1988).....	50
Figura 14 - Seleção Brasileira de Handebol no IV Campeonato Sul-Americano de Handebol (1988).....	50
Figura 15 - Convocação oficial das atletas para o estágio na Rússia em 1991	51
Figura 16 - Seleção Brasileira de Handebol em estágio na Rússia (Praça Vermelha, Rússia, 1991).....	53
Figura 17 - Seleção Brasileira de Handebol em estágio realizado na Rússia (1991)	53
Figura 18 - A, B e C: Jogadoras da seleção com o troféu do IV Campeonato Pan-Americano de Handebol.....	56
Figura 19 - Seleção em comemoração ao Bicampeonato nos Jogos Pan-Americanos de Santo Domingo, República Dominicana (2003).....	65
Figura 20 - Propaganda Petrobrás veiculada no jornal O Estado de São Paulo	66
Figura 21 - Nota sobre a participação da seleção nos Jogos Olímpicos.....	73

Figura 22 - Alexandra Nascimento em premiação de Melhor jogadora de Handebol do mundo de 2012	81
Figura 23 - Seleção Brasileira de Handebol no pódio do Campeonato Mundial de Handebol da Sérvia (2013).....	85
Figura 24 - Seleção Brasileira na capa do jornal O Estado de São Paulo	86
Figura 25 - Seleção Brasileira na capa do jornal O Globo	87
Figura 26 - Seleção Brasileira na capa do jornal Folha de São Paulo	87
Figura 27 - Seleção Brasileira na capa do jornal Lance!.....	88
Figura 28 - Carta manifesto enviada à CBHb e compilado da manifestação através da #RenunciaManoel.....	92
Figura 29 - Compilado da repercussão do manifesto	92
Figura 30 - Seleção Feminina provoca surpresa em quadra e no figurino.	121
Figura 31 - Imagens veiculadas pelo jornal O Globo.....	124
Figura 32 - Imagens veiculadas pelo jornal O Estado de São Paulo	124
Figura 33 - Imagens veiculadas pelo jornal Folha de São Paulo.....	125
Gráfico 1 - Classificação final da seleção nos Jogos Olímpicos (2000-2016)	98
Gráfico 2 - Estados com mais convocações para a seleção brasileira de handebol.....	131
Gráfico 3 - Relação de jogadoras atuantes no exterior e no Brasil durante os Jogos Olímpicos.	143
Gráfico 4 - Número de atletas que foram para Europa em cada ciclo olímpico.....	143
Gráfico 5 - Primeiro país que a atleta passou ao sair do Brasil	151
Gráfico 6 - Número de atletas que passaram pelo país.....	152
Quadro 1 - Entrevistas que compõem esta tese.....	24
Quadro 2 - Número de citações encontradas sobre a Seleção Brasileira de Handebol (1983-2019).....	26
Quadro 3 - Entrevistas que compõem este estudo.....	31
Quadro 4 - Atletas da primeira Seleção Brasileira de Handebol (1983).....	34
Quadro 5 - Convocadas para o II Campeonato Sul-Americano de 1984.	38
Quadro 6 - Divisão dos grupos dos Jogos Olímpicos de Sydney.....	60
Quadro 7 - Evolução do Financiamento a CBHb (2002-2004).....	66
Quadro 8 - Atletas convocadas para o Campeonato Mundial de 2003 e Campeonato Mundial de 2005	70

Quadro 9 - Resultados da seleção no XIX Campeonato Mundial de Handebol (2009).....	74
Quadro 10 - Resultados da primeira fase do XX Campeonato Mundial de Handebol (2011)	75
Quadro 11 - Convocadas do Campeonato Mundial de 2011 e Jogos Olímpicos de 2012.	78
Quadro 12 - Grupos dos Jogos Olímpicos de Londres 2012.....	79
Quadro 13 - Resultados do Brasil nos Jogos Olímpicos de Londres (2012).....	80
Quadro 14 - Resultados dos jogos nos Campeonatos Sul-Americano e Pan-Americano de Handebol.....	82
Quadro 15 - Novatas convocadas para os Campeonatos Sul-Americano e Pan-Americano de Handebol.....	82
Quadro 16 - Resultados dos jogos da Seleção Brasileira	85
Quadro 17 - Recorte temporal para a pesquisa nos jornais	99
Quadro 18 - Número de menções à seleção brasileira em cada edição dos Jogos Olímpicos	100
Quadro 19 - Matérias selecionadas para análise dos jornais Folha, Globo e Estadão	101
Quadro 20 - Seleções participantes no Torneio de Handebol nos Jogos Olímpicos de Sydney (2000).....	104
Quadro 21 - Seleções participantes no Torneio de Handebol nos Jogos Olímpicos de Pequim (2008).....	112
Quadro 22 - Atletas entrevistadas para o estudo	129
Quadro 23 - Equipes em que as atletas entrevistadas atuaram no Brasil	132
Quadro 24 - Atletas atuantes na mesma equipe	154

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AL	Alagoas
AM	Amazonas
APAHAND	Associação dos Pais e Amigos do Handebol
APEF-SP	Associações de Professores de Educação Física de São Paulo
BBC	British Broadcasting Corporation
CBD	Confederação Brasileira de Desportos
CBHb	Confederação Brasileira de Handebol
CEFAN	Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes
CEME	Centro de Memória do Esporte
CGU	Controladoria-Geral da União
CNDH	Centro Nacional de Desenvolvimento do Handebol
COB	Comitê Olímpico Brasileiro
COI	Comitê Olímpico Internacional
EHF	European Handball Federation
ES	Espírito Santo
ESEFID	Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança
ESPN	Entertainment and Sports Programming Network
EUA	Estados Unidos da América
FEH	European Handball Federation
FMD	Faculdade Mineira de Direito
FURB	Universidade Regional de Blumenau
GO	Goiás
GRECCO	Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História

IHF	International Handball Federation
JEBs	Jogos Escolares Brasileiros
JUBs	Jogos Universitários Brasileiros
MBA	Master in Business Administration
MG	Minas Gerais
MPF	Ministério Público Federal
ODEPA	Organização Desportiva Pan-Americana
PCUS	Partido Comunista da União Soviética
PE	Pernambuco
PR	Paraná
RJ	Rio de Janeiro
RS	Rio Grande do Sul
SBT	Sistema Brasileiro de Televisão
SC	Santa Catarina
SE	Sergipe
SP	São Paulo
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UNC	Universidade do Contestado
UNIP	Universidade Paulista
UOL	Universe On-line
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
WHM	World Handball Magazine

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	16
2 APROXIMANDO-SE DA QUADRA: considerações iniciais	18
3 CAMINHOS INVESTIGATIVOS: notas a partir da história oral.....	22
4 ESTUDO 1 – TRAJETÓRIA DA SELEÇÃO BRASILEIRA DE HANDEBOL (1983-2019)	29
5 ESTUDO 2 – AS REPRESENTAÇÕES DA SELEÇÃO BRASILEIRA DE HANDEBOL NOS JOGOS OLÍMPICOS (2000-2016): uma análise a partir dos jornais Folha de São Paulo, O Globo e o Estado de S. Paulo.....	97
6 ESTUDO 3 – PROCESSOS MIGRATÓRIOS DE HANDEBOLISTAS BRASILEIRAS: um estudo a partir da experiência de atletas e ex-atletas da Seleção Brasileira	127
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	162
REFERÊNCIAS.....	165
APÊNDICE A – ROTEIROS DE ENTREVISTA COM AS JOGADORAS.....	185
APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM TÉCNICO	187
ANEXO A – MODELO DE CARTA DE CESSÃO DO PROJETO GARIMPANDO ..	189

1 APRESENTAÇÃO

É preciso reescrever a história das mulheres no esporte situando-as como objeto central das pesquisas (DEVIDE, 2005, p. 82).

Adentrar nos estudos históricos, mais especificadamente, na história das mulheres nos esportes, me faz reviver a minha trajetória de praticante e minha constituição enquanto pesquisadora. Desde muito nova, sempre gostei de esportes; jogava na escola, na rua, em casa, com meninos e meninas. Não importava o lugar ou com quem, **eu queria** jogar!

Na adolescência, começaram as restrições. Já não podia jogar com qualquer pessoa e em qualquer lugar. Nesse momento, a rua já não era o meu lugar de brincar, os meninos não eram boas companhias e o futebol que jogávamos já não era mais para mim.

Com isso, aprendi a esconder as marcas da prática. Ocultei a canela roxa do jogo de futebol e o dedo quebrado de uma defesa no handebol. **Eu queria** contar sobre o drible que dei e a defesa que fiz, mas eu não podia. As poucas medalhas conquistadas durante o Ensino Básico encontraram lugar em uma caixa no fundo do armário e até hoje é lá que se encontram.

Ao iniciar a graduação em Educação Física, em 2008, na Universidade Federal de Santa Maria, vi a possibilidade de voltar a jogar, sem mais precisar me esconder. Entrei no time de futsal e handebol do curso, esportes que eu julgava dominar. Treinei por quase dois anos e acabei desistindo. Desisti porque já não era tão boa, já não era tão nova e já não tinha tanto tempo disponível. Diante do amadurecimento, as prioridades mudam e tomam outras formas.

Quando, em 2012, iniciei o Mestrado em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, foquei meus estudos no handebol praticado por mulheres¹. Fui instigada pelas poucas pesquisas encontradas sobre a modalidade e principalmente sobre as mulheres que a praticam. Na dissertação, analisei como se dava o processo de profissionalização de jogadoras de handebol a partir de suas trajetórias esportivas.

Outra questão observada durante a pesquisa de mestrado que me chamou a atenção, foi que integrar a Seleção Brasileira de Handebol em competições internacionais se apresentava como uma conquista muito importante para todas, podendo representar um sonho ou uma frustração. Um sonho para as mais novas, uma meta e uma possibilidade de ascensão na carreira de atleta, e uma frustração para as mais velhas que ainda não tinham chegado lá,

¹ Dissertação defendida em 2014 intitulada “Mulheres e handebol no Rio Grande do Sul: narrativas sobre o processo de profissionalização da modalidade e das atletas”.

conscientes de que a idade avançada é um limitante, ou ainda, por acharem que suas habilidades técnicas e/ou táticas podem ser superadas por uma atleta mais jovem.

A centralidade da seleção nas narrativas das atletas despertou algumas inquietações sobre a equipe: Em que contexto surgiu a seleção e como se deu seu desenvolvimento no campo esportivo do alto rendimento? Qual a trajetória das jogadoras e suas percepções sobre a seleção?

Diante de tantos questionamentos e de meu envolvimento com outros projetos desenvolvidos pelo Centro de Memória do Esporte (CEME) e pelo Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO), me vi cercada de elementos que já vinham fazendo parte do meu cotidiano enquanto estudante e pesquisadora.

Foi a partir dessas experiências e mobilizada por essas dúvidas que defini meu objeto de pesquisa para esta tese: a **Seleção Brasileira de Handebol**.

2 APROXIMANDO-SE DA QUADRA: considerações iniciais

Ao buscar informações mais detalhadas sobre os caminhos trilhados pela Seleção Brasileira de Handebol, identifiquei uma trajetória recente, iniciada em 1983, mas já repleta de conquistas. Se destacam, entre elas, o título do Campeonato Mundial em 2013 e a quinta colocação nos Jogos Olímpicos de 2016, sua melhor classificação no evento. Esses dois resultados recentes evidenciam a potência que o handebol brasileiro tem alcançado nos últimos anos.

Mas, essa caminhada bem-sucedida já vinha sendo escrita no continente americano, no qual a seleção possui hegemonia. O primeiro evento internacional disputado pelo Brasil foi o **Campeonato Sul-Americano de Handebol**, que é classificatório para o Campeonato Pan-Americano de Handebol. A seleção chegou no lugar mais alto do pódio de forma invicta em todas as nove edições do primeiro evento (1983; 1984; 1986; 1988; 1991; 1994; 1998; 2001; 2013).

Já em quinze edições do **Campeonato Pan-Americano de Handebol**, evento que classifica para o Campeonato Mundial de Handebol, a seleção conquistou o ouro em onze edições (1997; 1999; 2000; 2003; 2005; 2007; 2011; 2013; 2015; 2017; 2019), prata em uma (2009) e bronze em três (1986; 1989; 1991).

Em 2002, o handebol passa a fazer parte do programa dos **Jogos Sul-Americanos**, tornando-se o evento classificatório para os Jogos Pan-Americanos. Das cinco edições realizadas até o momento, o Brasil conquistou três ouros (2002; 2014; 2018) e uma prata (2010). Na edição de 2006, o Brasil não participou da seletiva, pois, como seria o país sede dos Jogos Pan-Americanos de 2007, a seleção já tinha sua vaga garantida no evento.

Por fim, nos **Jogos Pan-Americanos**, competição que possibilita a conquista da participação nos Jogos Olímpicos, as handebolistas brasileiras subiram ao pódio em todas as oito edições da competição, sendo seis na primeira colocação (1999; 2003; 2007; 2011; 2015; 2019) e duas na terceira (1987; 1995).

Mesmo com o domínio do continente americano, a seleção brasileira apresentava bastante dificuldade de vencer as seleções da Europa, onde o handebol surgiu e se desenvolveu. Entretanto, esse cenário passou a se modificar a partir dos anos 2000, quando as jogadoras passaram a jogar em equipes europeias. A aproximação com o handebol europeu trouxe experiência para as atletas que passaram a apresentar melhores resultados nos Jogos Olímpicos e no Campeonato Mundial.

Então, no ano de 2013, o Handebol brasileiro surpreende o mundo do handebol ao conquistar o **Campeonato Mundial de Handebol Feminino**. Esse feito colocou o Brasil, de acordo com a International Handball Federation (IHF), na 16ª posição do *ranking* mundial da entidade, liderando o continente americano.

Outro indício do desenvolvimento brasileiro na modalidade foram duas premiações individuais de melhor jogadora do mundo. Nos anos de 2012 e 2014, as vencedoras do prêmio foram as atletas Alexandra Nascimento e Eduarda Amorim, respectivamente.

O título mundial da Seleção Brasileira de Handebol pôs a modalidade por alguns minutos nos holofotes da mídia, saindo na capa de grandes jornais do país, como O Globo, Folha de São Paulo e o Estadão, e em reportagens no Globo Esporte, Band Esporte Clube, Esporte Interativo, Jornal do SBT, que exibiram um pouco da trajetória das atletas e curiosidades sobre a modalidade. Para além dessas reportagens após a conquista, foi lançado um livro sob o título “Raça, Brasil: Os Bastidores da Conquista Inédita do Mundial de Handebol (2014)”² que relata o caminho percorrido pela Seleção durante o Mundial até a conquista do ouro. Outra produção realizada foi o documentário intitulado “Meninas de Ouro”³, que narra a trajetória da Seleção desde a conquista da vaga olímpica no Pan-Americano de Winnipeg (1999) até a conquista do ouro no Campeonato Mundial de Handebol Feminino (2013). Todo esse percurso colocou o Brasil como um dos favoritos para obter o ouro Olímpico nos Jogos do Rio de Janeiro (2016), o que acabou não se concretizando.

Considerando esse contexto, o objetivo desta pesquisa foi analisar a trajetória da Seleção Brasileira de Handebol desde sua constituição até o pós Jogos Olímpicos do Rio (1983-2019). Essa investigação se deu preferencialmente a partir das narrativas das atletas, no intuito de conferir visibilidade àquelas que foram as protagonistas desse processo, ao mesmo tempo em que contribuíram e contribuem para a construção da história da modalidade.

A tese se organiza em três estudos, sendo cada um respectivamente orientado pelos seguintes objetivos específicos: 1. Analisar a trajetória da Seleção Brasileira de Handebol desde sua primeira convocação (1983) até o ano de 2019; 2. verificar e analisar as representações da Seleção Brasileira de Handebol nos Jogos Olímpicos a partir dos periódicos Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e O Globo (2000-2016); 3. Compreender os processos migratórios de atletas da Seleção Brasileira de Handebol.

² O livro foi escrito pela jornalista Monique Danello, que fez a cobertura do Mundial pelo canal Esporte Interativo Brasil.

³ O documentário foi lançado no ano de 2016 e conta com a direção de Pedro Jorge e a distribuição da ESPN Brasil.

O **primeiro estudo** fundamenta-se no arcabouço teórico-metodológico da História Cultural e História Oral, tendo realizado 19 entrevistas com atletas e técnicos que integraram ou ainda integram a seleção, as quais foram cotejadas com fontes documentais como: jornais, fotos e livros. Ao analisar o material empírico, foi possível depreender que a trajetória da seleção pode ser dividida em três momentos. No primeiro deles, delimitado pelo período entre sua primeira convocação e a primeira participação nos Jogos Olímpicos, em Sydney (1983-2000), a seleção é marcada pelo amadorismo, com escassos recursos e investimentos. O segundo momento, que vai até a conquista do Mundial (2001-2013), a seleção passa por um processo de internacionalização subsidiada por sistemáticos investimentos a partir das Leis de incentivo ao esporte. E por fim, o terceiro momento, que tem início após o Mundial e passa pelos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro até o ano de 2019, é caracterizado por uma seleção madura e com reconhecimento mundial, mas impactada pela perda de investimentos, após denúncias de fraudes pela Confederação Brasileira de Handebol, e pelo processo de renovação em andamento.

O **segundo estudo** apresenta uma investigação sobre as representações da mídia impressa sobre a Seleção Brasileira de Handebol durante suas participações nos Jogos Olímpicos (2000-2016). A proposição se justifica por compreender o protagonismo da mídia na (re)produção de sentidos e significados sobre a Seleção, os quais podem influenciar no desenvolvimento da modalidade no país. O *corpus* documental envolveu os jornais Folha de São Paulo, O Estadão e O Globo, totalizando a análise de 86 reportagens. Reflete-se, entre outras observações, que as representações construídas sobre a seleção foram se modificando e ressignificando conforme a equipe ia se desenvolvendo.

O **terceiro estudo**, tal qual o primeiro, foi fundamentado no arcabouço teórico-metodológico da História Oral e triangulou as 19 entrevistas com atletas e técnicos que integraram ou ainda integram a seleção com fontes documentais. Ao analisar o material empírico, pude perceber que a migração das handebolistas brasileiras inicia enquanto ainda frequentam o ensino básico, ao se deslocarem para cidades de maior projeção na modalidade no Brasil. As migrações nacionais acontecem a partir da estreita relação entre esporte e educação, e o desenvolvimento profissional da atleta está perpassado por estes dois campos. Já as migrações internacionais estão exclusivamente ligadas à ascensão da atleta no campo esportivo, envolvendo a possibilidade de integrar a seleção.

Antes de adentrar nos demais elementos que compõem esta tese, acho pertinente evidenciar que, ao compreender que as palavras e os discursos são carregados de sentidos e significados, alguns movimentos são importantes. No intuito de romper com a universalização da escrita, no qual os homens são tomados como referência, opto por, neste trabalho, inverter essa representação tomando as mulheres como as referentes quando menciono a sua presença no esporte. Ou seja, como um ato político e de resistência não mencionarei “seleção de mulheres” a cada vez que mencionar que a presença é delas. Tampouco utilizarei o adjetivo “feminino” para me referir às equipes ou a alguma modalidade esportiva na qual elas são as protagonistas. Nesse caso específico, compartilho das reflexões de Claudia Kessler (2012; 2015) ao afirmar que a utilização da expressão “feminino” carrega referências ligadas à sexualidade e à feminilidade normativamente impostas” (KESSLER, 2012, p. 240). Feitos esses esclarecimentos, aponto que ao longo do trabalho adoto a expressão “handebol” em vez de “handebol feminino” para nomear competições que usam a reconhecida expressão. A mesma reflexão será usada para se referir ao handebol praticado por homens que, volto a enfatizar, não será tomado como referência nesta tese. Enfim, quando eu mencionar apenas a seleção, a equipe ou o handebol estou me referindo às mulheres. Não adjetivarei esse protagonismo. Quando me referir à seleção ou a alguma modalidade praticada por homens, detalharei essa especificidade. Aqui eles são os outros. Os que estão à margem (LOURO, 2008).

3 CAMINHOS INVESTIGATIVOS: notas a partir da história oral

Transcorridos muitos anos, as narrativas dos “novos protagonistas” da história ainda se fazem alheios. É nesse momento que se adquire o sentido da história oral. A historiografia atual oferece um debate ainda pendente, relativo aos fundamentos da teoria histórica em que mais da metade da população ficou alijada enquanto objeto de estudo (TEDESCHI, 2014, p. 11).

Tedeschi (2014) assinala que o desenvolvimento da História Oral como método de investigação se mostrou um campo promissor na busca de novos sujeitos junto à sua ação e interpretação do presente baseada no entendimento do passado. Partindo desse contexto, adoto a História Oral como ancoragem metodológica desta tese na produção das fontes e trago ao centro a versão daquelas que contribuíram para a constituição e consolidação da Seleção Brasileira de Handebol.

Ao utilizar da História Oral, a subjetividade ganha evidência, pois é através dela que os sujeitos constroem e atribuem significado às suas experiências por meio de suas memórias. Dessa forma, ao trabalhar com as narrativas das entrevistadas é possível analisar, compreender e interpretar a vida do indivíduo a partir de memórias de suas experiências de vida pessoal, profissional, familiar e social. Pereira (1996) destaca que “a História Oral deve levar em conta que a memória opera uma revisão do passado em função das exigências do presente, memória individual/memória coletiva; lembrança/esquecimento; oral/escrito” (p. 70).

Assim, a História Oral é responsável por rememorar a vida cotidiana e preencher as lacunas deixadas na escrita da história pelas fontes. Importante destacar que ao reconhecer as fontes orais como narrativas, elas não devem buscar correspondência com uma verdade, mas sim uma versão desta, a partir do simbólico e suas representações (PESAVENTO, 2005), visto que a pessoa entrevistada irá relatar os acontecimentos a partir de sua visão, suas experiências.

Dessa forma, compartilho das reflexões feitas por Verena Alberti (2004), ao assinalar que “a postura envolvida com a história oral é genuinamente hermenêutica: o que fascina numa entrevista é a possibilidade de tornar a vivenciar as experiências do outro, a que se tem acesso sabendo compreender as expressões de sua vivência” (p. 18-19).

As entrevistas realizadas para este estudo são temáticas, ou seja, estão ligadas ao envolvimento das pessoas com o objeto de estudo em questão. Segui os procedimentos

metodológicos previstos no projeto Garimpendo Memórias⁴ do Centro de Memória do Esporte (CEME), da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). As entrevistas terão como base os procedimentos descritos no “Manual prático para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas”, sendo eles:

1. Identificação das pessoas a serem contatadas para as entrevistas: esta etapa é elaborada tendo como referência os critérios de seleção para as entrevistas.
2. Elaboração de roteiros para cada entrevista (APÊNDICE A): é elaborado um roteiro base – construído a partir das questões norteadoras da pesquisa – mas que pode ser modificado de acordo com as individualidades de cada entrevistada. Nessa etapa, também é feita uma pesquisa sobre a entrevistada, a fim de obter informações que ajude na construção de um roteiro e no desenvolvimento da entrevista.
3. Realização da entrevista: a entrevista é gravada utilizando um gravador digital ou celular, e pode ser realizada por telefone, Skype e/ou WhatsApp.
4. Processamento da entrevista: refere-se ao processo envolvido na passagem do depoimento da forma oral para a escrita, incluindo as etapas de transcrição (reprodução literal na forma escrita da gravação oral), copidesque (momento em que a entrevista é lida e ouvida simultaneamente para conferência da transcrição e ajustes que deixem o texto mais fluido para leitura) e revisão final (depois de voltar da/o entrevistada/o é feita uma última leitura, pela coordenadora do projeto, a fim de garantir que não há nenhum erro na entrevista).
5. Devolução da entrevista na linguagem escrita para conferência da/o entrevistada/o: Etapa em que a/o entrevistada/o tem a oportunidade de fazer as modificações que julgar necessárias na entrevista.
6. Assinatura, por parte da/o entrevistada/o, de um documento concedendo ao Centro de Memória do Esporte do Esporte da Escola de Educação Física a propriedade e os direitos de divulgação do depoimento de caráter histórico e documental (ANEXO A).
7. Catalogação da entrevista e disponibilização da entrevista na *homepage* do Projeto Garimpendo Memórias⁵ e no LUME – Repositório Digital da UFRGS⁶ após publicação deste estudo.

⁴ Coordenado pela profa. Silvana Vilodre Goellner, este projeto foi criado em 2002 e aprovado pelo Comitê de Ética da UFRGS sob o número 2007710. Em 2020, o projeto passou a ser interinstitucional e está sediado na Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, sob a coordenação da professora Christiane Garcia Macedo com a vice-coordenação da professora Silvana Vilodre Goellner.

⁵ Ver mais em: <http://www.garimpandomemorias.univasf.edu.br/>.

⁶ As entrevistas estão disponíveis em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/40504>.

Considerando o tema da tese e seus objetivos, foram produzidas as seguintes entrevistas:

Quadro 1 - Entrevistas que compõem esta tese

Nome da atleta (Como são conhecidas no meio esportivo)	Tempo de seleção adulta	Data da entrevista
1. Alexandra Nascimento (Alê)	18 anos (2002-atual) ⁷	25.05.2019
2. Aline da Conceição da Silva (Chicória)	9 anos (1998-2007)	25.04.2019
3. Aline Silva dos Santos (Pateta)	5 anos (2003-2008)	11.11.2018
4. Ana Carolina Amorim Taleska (Ana Amorim)	6 anos (2001-2007)	01.03.2019
5. Elza Giovanelli Balon (Elza Balon)	8 anos (1983-1991)	27.03.2019
6. Fabiana Diniz (Dara)	17 anos (1999-2016)	13.06.2019
7. Fabiana Kuestner Gripa (Magra)	4 anos (2004-2008)	28.03.2019
8. Francine Camila Gomes de Moraes Cararo (Fran)	7 anos (2005-2012)	29.03.2019
9. Klea Oliveira	1 ano (2000-2001)	31.05.2019
10. Lucila Vianna Silva dos Santos	16 anos (1993-2009)	27.02.2020
11. Margareth Pioresan (Meg)	6 anos (1983-1989)	08.09.2015
12. Maria Aparecida dos Santos⁸ (Nênega)	10 anos (1986-1996)	02.10.2018
13. Maria José Batista de Sales (Zezé)	18 anos (1986-2004)	05.12.2018
14. Mayara Fier de Moura	11 anos (2007 - 2018)	27.02.2020
15. Soraya Novaes da Silva (Soraya)	15 anos (1983-1998)	31.05.2019
16. Valéria Maria de Oliveira	9 anos (1993-2004)	19.01.2019
17. Viviane Jacques	10 anos (1998-2008)	14.04.2019

⁷ Alexandra ficou dois anos sem ser convocada para Seleção Brasileira de Handebol, após os Jogos Olímpicos de 2016, em função de uma lesão.

⁸ Entrevista realizada pela professora e pesquisadora Dra. Christiane Garcia Macedo e disponibilizada publicamente no Repositório Digital da UFRGS.

18. Francisco de Assis Farias (Shyko Farias) (técnico)	3 anos e 8 meses (05/1985-01/1989)	17.07.2019
19. Sérgio Graciano (técnico)	2017	16.07.2019
20. Luiz Celso Giacomini	*****	05.06.2014

Fonte: A autora (2020).

Como critério de seleção das atletas que foram entrevistadas, busquei aquelas que já haviam participado de alguma competição oficial pela Seleção Brasileira de Handebol adulta. Além delas, entrevistei dois técnicos que comandaram a seleção.

Incluí também fontes documentais, as quais serão apresentadas no item a seguir.

FONTES DOCUMENTAIS

A metodologia da História Oral propiciou a produção de relatos acerca da experiência das atletas e técnicos sobre a Seleção Brasileira de Handebol, respondendo aos principais questionamentos colocados pela pesquisa. As fontes documentais, por sua vez, tais como registros de periódicos, livros que tratam do handebol de mulheres e suas conquistas, acervo pessoal das atletas, artefatos midiáticos e notícias veiculadas em sites da CBHb e páginas sobre handebol em mídia social contribuíram para trazer dados complementares acerca dos caminhos percorridos pela seleção em competições, amistosos, iniciativas da Confederação, patrocínios e notícias gerais sobre as atletas.

Alessandro Portelli (1997) pontua que os documentos escritos existem independentemente da vontade das/os pesquisadoras/es, enquanto as fontes orais necessitam da intervenção da/o pesquisadora/or para se construírem como narrativas. Nesse sentido, mesmo reconhecendo que os documentos não são neutros e que carregam sentido e significado, entendo que eles contam uma história que já está finalizada, impressa, contada, pública e acessível a qualquer pessoa que queira acessá-la, enquanto as histórias narradas pelo viés das atletas só serão possíveis de se acessar se elas estiverem dispostas a compartilhá-las.

Dessa forma, compreendo que, assim como as fontes orais, as documentais também são parte importante desta pesquisa e carecem de ser debatidas teoricamente. Nas palavras de Isabela Berté:

O documento escrito é uma fonte preciosa na pesquisa em Ciências Humanas, representando grande parte dos vestígios da atividade humana em determinadas épocas, sendo um registro que contribui significativamente com a compreensão do social (conceitos, comportamentos, grupos, mentalidades, etc.) (BERTÉ, 2016, p. 22).

Olhado sob a perspectiva positivista, o documento escrito oficial tinha maior valor ao partir do pressuposto de uma ciência pura e objetiva. Com as ressignificações na maneira de ver e fazer história, amplia-se o conceito do que é documento, uma vez que, como aponta Cellard (2008): “tudo que é vestígio do passado, tudo o que serve de testemunho, é considerado como documento ou fonte” (p. 296).

Partindo desse pressuposto, compartilho do pensamento de Portelli (1997) ao assinalar que fontes orais e escritas se apresentam de formas distintas, porém complementares uma a outra, uma vez que ambas possuem um potencial de apresentar informações singulares à pesquisa. Nesse sentido, as fontes documentais – tais como reportagens de jornais, documentário, livros, notícias no site da Confederação – podem ser de grande valia ao informar datas de jogos, resultados, lista de atletas, jogos amistosos, treinos preparativos e discursos da mídia em torno da modalidade e das atletas, entre outros temas.

Diante do explicitado, apresento as fontes documentais que farão parte do *corpus* de análise desta pesquisa.

1. Registros de periódicos:

Pesquisei os jornais O Estado de São Paulo, O Globo e a Folha de São Paulo. Eles foram escolhidos por serem periódicos de grande popularidade no território nacional e por possuírem seus acervos disponibilizados *on-line*. O recorte temporal estabelecido foi de 1983-2019.

Quadro 2 - Número de citações encontradas sobre a Seleção Brasileira de Handebol (1983-2019)

Ano	O Estado de São Paulo	O Globo	Folha de São Paulo
1983	6	0	3
1984	2	0	0
1985	2	4	0
1986	0	1	0
1987	1	12	1
1988	0	3	0
1989	0	9	0
1990	0	0	0
1991	7	0	0
1992	11	0	0
1993	0	4	0
1994	2	1	0
1995	3	0	0
1996	15	0	0
1997	3	0	0
1998	7	0	0
1999	14	0	0

2000	24	29	30
2001	8	33	13
2002	11	24	1
2003	49	68	18
2004	38	84	4
2005	29	45	11
2006	9	29	4
2007	24	111	9
2008	23	34	6
2009	6	23	6
2010	2	23	1
2011	14	39	11
2012	21	45	16
2013	24	47	4
2014	11	29	0
2015	35	40	8
2016	21	57	5
2017	14	7	4
2018	4	0	1
2019	12	2	4
TOTAL	452	803	160

Fonte: A autora com base nos acervos dos jornais: O Estado de São Paulo; O Globo; Folha de São Paulo (2020).

2. Livros que trataram das conquistas da Seleção Brasileira de Handebol:

Foram analisados três livros: “Raça, Brasil: Os Bastidores da Conquista Inédita do Mundial de Handebol”, de Monique Danello (2014); “A história por trás da glória: O Mundial de Handebol de 2013, de Caio dos Reis Pedroso, Marcel Guerreiro Alberto e Rafael Sandrão (2015), no qual os autores relatam a trajetória da Seleção durante o Mundial até a conquista do ouro; e “Atletas Olímpicos Brasileiros”, da professora e pesquisadora Kátia Rúbio (2015). Esta obra teve como objetivo fazer um levantamento de todas/os as/os atletas que já participaram dos Jogos Olímpicos.

3. Acervos pessoais das atletas e técnicos:

Incluí documentos pessoais conservados pelas atletas entrevistadas (fotos, recortes de jornal, anotações etc.), por entender que possuem aspectos particulares daquilo que elas consideram importante de ser guardado.

4. Artefatos midiáticos:

Analisei o documentário intitulado “Meninas de Ouro”⁹ que, por meio de narrativas de atletas, comissão técnica e dirigentes da modalidade, contou como se deu a trajetória da

⁹ O documentário foi lançado no ano de 2016 e conta com direção de Pedro Jorge e distribuição da ESPN Brasil.

Seleção desde a conquista da vaga olímpica no Pan-Americano de Winnipeg (1999) até sua consagração no Campeonato Mundial de Handebol Feminino (2013).

5. Site da Confederação Brasileira de Handebol e seus perfis nas mídias sociais:

Por fim, agreguei ao escopo de pesquisa conteúdos disponibilizados pelo site oficial da Confederação Brasileira de Handebol e de seus perfis em mídias sociais, sendo elas: Instagram, Facebook e Twitter. Essas últimas se mostraram de grande ajuda na veiculação e acesso a reportagens e informações sobre o handebol nacional.

A partir do material empírico reunido e produzido para esta pesquisa, desenvolvi as análises de cada estudo consoante a seus objetivos. Ao colocar as fontes em diálogo e confrontá-las com as bases teóricas que ancoram esta pesquisa, estruturei os três estudos no intuito de apresentar a trajetória da Seleção Brasileira de Handebol e seus desdobramentos.

4 ESTUDO 1 – TRAJETÓRIA DA SELEÇÃO BRASILEIRA DE HANDEBOL (1983-2019)

INTRODUÇÃO

O handebol, nos moldes como o conhecemos hoje, passou a fazer parte da cultura esportiva brasileira na década de 1950. O processo de disseminação da modalidade começou a partir de um curso ofertado pelo professor francês Augusto Listello na Associação dos Professores de Educação Física (APEF-SP) na cidade de Santos-SP em 1952. Com a participação de professores oriundos de todo território nacional (REIS, 2018), o esporte passou a se desenvolver em diversas cidades brasileiras, tendo a escola como *locus* principal desse processo. A consolidação do handebol no espaço escolar possibilitou que ele figurasse no rol das modalidades disputadas tanto nos Jogos Estudantis Brasileiros (JEB's), inseridos em 1971, como nos Jogos Universitários Brasileiros (JUB's), a partir de 1972 (HUBNER; REIS, 2005).

Fora do contexto escolar, a primeira competição que encontrei algum registro é o Campeonato Brasileiro Juvenil, cuja primeira edição ocorreu em 1973 sob a organização da Confederação Brasileira de Desportos (CBD). É ainda nessa década que as mulheres começam a disputar o handebol nos Jogos Olímpicos, mais especificamente na edição de 1976, realizada em Montreal, Canadá. Os homens participam dos Jogos Olímpicos desde 1972, quando a modalidade passou a fazer parte do cronograma olímpico. Entretanto, a seleção brasileira de mulheres, foco deste estudo, só conquistaria uma vaga olímpica em 2000.

No âmbito da seleção, o handebol brasileiro chega ao seu ápice em 2013, após a conquista da inédita medalha de ouro no XX Campeonato Mundial de Handebol, ocorrido na Sérvia. As falas “Ninguém acreditava, mas o Brasil é campeão Mundial!”, “A vitória da superação!” e “Vitória de quem não dava nada para essas meninas!”¹⁰ indicam o caráter inesperado desse título. A importância e ineditismo fez desse momento um dos mais lembrados e visibilizados na história da modalidade. Essa ocasião pode ser revista e lembrada a partir de alguns artefatos que retrataram essa conquista, entre os quais destaco os livros “Raça, Brasil: os bastidores da conquista inédita do Mundial de handebol”¹¹ e “A

¹⁰ Essas falas foram proferidas pelo jornalista e narrador André Henning, logo após o fim da partida, na transmissão do canal Esporte Interativo, na qual a Seleção Brasileira se sagrou Campeã Mundial sobre a Sérvia.

¹¹ De autoria da jornalista Monique Danello.

História Por Trás da Glória – O Mundial de Handebol 2013”¹², e o documentário “Meninas de Ouro”¹³.

A atenção dada ao feito se justifica. Pode-se dizer que esse acontecimento marcou a história do handebol brasileiro. Chama atenção, todavia, o quão escassos e pouco conhecidos são os registros – publicações, documentos, narrativas, memórias – sobre o início desse percurso, que poderiam ampliar o conhecimento sobre a trajetória da Seleção Brasileira de Handebol, em especial sobre os acontecimentos anteriores à conquista do Mundial.

Diante do apagamento ou da inexistência de muitas fontes que registram a prática de handebol no Brasil, pouco se conhece sobre a história da Seleção Brasileira de Handebol e conseqüentemente a história da própria modalidade. Tendo em vista esse panorama e com o intuito de contribuir no preenchimento de algumas lacunas sobre a história da Seleção, neste estudo me proponho analisar a trajetória da Seleção Brasileira de Handebol desde sua primeira convocação até o pós Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro (1983-2019).

Para tanto, me aproprio do referencial teórico e metodológico da História Cultural (HUNT, 1992; CHARTIER, 2000; PESAVENTO, 2004; BURKE, 2005) e da História Oral (THOMPSON, 1992; FERREIRO; AMADO, 1996; ALBERTI, 2010), por compreender que tais perspectivas me permitem analisar, por meio de diferentes fontes, aspectos relacionados à constituição e estruturação da seleção.

Optei pela utilização de narrativas das jogadoras e ex-jogadoras como fontes privilegiadas deste estudo. As vinte¹⁴ entrevistas (Quadro 3) que compõem este estudo foram realizadas de acordo com os procedimentos previstos no Projeto Garimpendo Memórias¹⁵, que contemplam as etapas de elaboração do roteiro, realização de entrevista, transcrição, copidesque, conferência por parte da pessoa entrevistada, assinatura da carta de cessão dos direitos autorais e publicação do texto *on-line*¹⁶.

¹² De autoria de Caio dos Reis Pedroso, Marcel Guerreiro Alberto e Rafael Sandrão.

¹³ Dirigido por Pedro Jorge e distribuído pela ESPN.

¹⁴ A entrevista com Celso Luiz Giacomini, que também integra o estudo, foi realizada para a pesquisa de conclusão de curso de Jamile Mezzomo Klanovicz intitulada “A história da disciplina de handebol na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul” (2016).

¹⁵ Projeto desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte. Aprovado pelo Comitê de Ética da UFRGS, sob o número 2007710.

¹⁶ Todas as entrevistas realizadas para essa pesquisa estarão disponibilizadas no LUME – Repositório Digital da UFRGS e poderão ser acessadas no site <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/40504> após publicação do estudo.

Quadro 3 - Entrevistas que compõem este estudo

Nome da atleta	Tempo de seleção adulta	Data da entrevista
1. Alexandra Nascimento (Alê)¹⁷	18 ¹⁸ anos (2002-Atual)	25.05.2019
2. Aline da Conceição da Silva (Chicória)	9 anos (1998-2007)	25.04.2019
3. Aline Silva dos Santos (Pateta)	5 anos (2003-2008)	11.11.2018
4. Ana Carolina Amorim Taleska (Ana Amorim)	6 anos (2001-2007)	01.03.2019
5. Elza Giovanelli Balon (Elza Balon)	8 anos (1983-1991)	27.03.2019
6. Fabiana Diniz (Dara)	17 anos (1999-2016)	13.06.2019
7. Fabiana Kuestner Gripa (Magra)	4 anos (2004-2008)	28.03.2019
8. Francine Camila Gomes de Moraes Cararo (Fran)	7 anos (2005-2012)	29.03.2019
9. Klea Oliveira	1 ano (2000-2001)	31.05.2019
10. Lucila Vianna Silva dos Santos	16 anos (1993-2009)	27.02.2020
11. Margareth Pioresan (Meg)	6 anos (1983-1989)	08.09.2015
12. Maria Aparecida dos Santos¹⁹ (Nênega)	10 anos (1986-1996)	02.10.2018
13. Maria José Batista de Sales (Zezé)	18 anos (1986-2004)	05.12.2018
14. Mayara Fier de Moura	11 anos (2007 - 2018)	27.02.2020
15. Soraya Novaes da Silva (Soraya)	15 anos (1983-1998)	31.05.2019
16. Valéria Maria de Oliveira	9 anos (1993-2004)	19.01.2019
17. Viviane Jacques	10 anos (1998-2008)	14.04.2019
18. Francisco de Assis Farias (Shyko Farias) (técnico)	3 anos e 8 meses (05/1985-01/1989)	17.07.2019
19. Sérgio Graciano (técnico)	2017	16.07.2019
20. Luiz Celso Giacomini	*****	05.06.2014

Fonte: A autora (2020).

¹⁷ Como são conhecidas no meio esportivo.

¹⁸ Alexandra ficou dois anos sem ser convocada para Seleção Brasileira de Handebol, após os Jogos Olímpicos de 2016 em função de uma lesão.

¹⁹ Entrevista realizada pela professora e pesquisadora Dra. Christiane Garcia Macedo.

No processo analítico, as entrevistas foram cotejadas com outras fontes de pesquisa, tais como as reportagens de jornais²⁰, dados disponibilizados em sites institucionais (International Handball Federation [IHF], Confederação Brasileira de Handebol [CBHb], Comitê Olímpico Internacional [COI] e Comitê Olímpico Brasileiro [COB]), livros, artigos publicados em periódicos científicos, fotografias e documentos pessoais cedidos pelas/os entrevistadas/os.

Tendo em vista os pressupostos que fundamentam este estudo e os dados encontrados, dividi minhas análises em três momentos: a) Da primeira convocação à primeira participação nos Jogos Olímpicos (1983-2000); b) Do fim dos Jogos Olímpicos de Sydney²¹ à conquista do Mundial (2001-2013); c) Depois do Mundial, Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro e o porvir (2014-2019).

DA PRIMEIRA CONVOCAÇÃO À PRIMEIRA PARTICIPAÇÃO NOS JOGOS OLÍMPICOS (1983-2000)

Na trajetória da seleção, a conquista da medalha de ouro nos XIII Jogos Pan-Americanos de Winnipeg, em 1999, e conseqüentemente a conquista da vaga olímpica para os Jogos Olímpicos de Sydney, em 2000, se configura como o primeiro momento no handebol de mulheres, permitindo que o Brasil passasse a competir com a elite internacional da modalidade.

As principais competições do handebol de seleções são o Campeonato Mundial de Handebol, que teve sua primeira edição em 1957, havendo a criação da série B – uma “segunda divisão” – em 1977, e os Jogos Olímpicos, que teve a primeira disputa em 1976.

As seleções do continente americano, contudo, só ingressam nesse circuito²², de forma sistemática, a partir da década de 1980, quando são criadas competições regionais que servem como classificatórias para os eventos esportivos mundiais. O primeiro deles aconteceu em Buenos Aires, Argentina, entre os dias 9 e 13 de novembro de 1983: o I Campeonato Sul-Americano de Handebol para mulheres e homens.

²⁰ Foi realizada uma pesquisa nos acervos digitais dos jornais Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e O Globo. A escolha se deu pela expressividade deles nacionalmente e por terem suas publicações disponíveis *online*. O recorte temporal compreendeu os anos de 1983 até 2019.

²¹ Optei pela grafia Sydney – em vez de Sidney (mais comum no Brasil) – a fim de manter um padrão na escrita, visto que as matérias jornalísticas que compõem as referências deste estudo assim se referem à cidade sede dos Jogos Olímpicos do ano 2000.

²² Anterior ao surgimento das competições classificatórias no continente americano, as seleções dos Estados Unidos da América (EUA) e do Canadá já haviam participado do Campeonato Mundial de Handebol, em 1975 com os EUA e em 1978 com o Canadá, e dos Jogos Olímpicos, em 1976 (Montreal) com o Canadá e em 1984 (Los Angeles) com os EUA.

De acordo com as fontes consultadas, é em função dessa competição que acontece a criação da Seleção Brasileira de Handebol (FARIAS, 2019; NOVAES, 2019; PIORESAN, 2015). Soraya Novaes da Silva, uma das jogadoras dessa seleção pioneira, relembra essa primeira convocação:

Minha convocação se deu **em 1983**. A gente tinha ido para um campeonato, uma Copa Brasil, eu tinha sido destaque no campeonato e fui artilheira do campeonato. Aí o William do Rio, William, o Leonir e convidaram o Elói também para fazer parte da comissão técnica lá no Rio de Janeiro, **formou a primeira Seleção Brasileira**, era tudo novidade. Sorte para eles, que ninguém tinha nada, a gente ia defender o Brasil no Sul-Americano, na Argentina [...] (SORAYA NOVAES, 2019, p. 11, grifos meus).

A participação do selecionado brasileiro no evento foi acompanhada pelo jornal O Estado de São Paulo, que noticiou o início do campeonato, o jogo de estreia, assim como os resultados obtidos pelas equipes de homens e mulheres (HANDEBOL.a; HANDEBOL...; HANDEBOL.b; BRASIL JÁ É...; BRASIL É 1º ..., 1983).

Em sua primeira competição, a seleção não demonstrou ter dificuldades em passar pelas outras equipes participantes, como é possível observar pelos resultados, todos vitoriosos: 27 a 3 contra o Paraguai; 45 a 5 contra o Chile; 30 a 5 contra o Uruguai; e, na final, 18 a 9 frente à anfitriã Argentina. A conquista do seu primeiro ouro lhe garantiu vaga em dois importantes eventos: o Pré-Olímpico, que aconteceria em Los Angeles no ano seguinte, e o I Campeonato Pan-Americano de Handebol, que iria ocorrer em 1986. Ambos, por sua vez, eram seletivos para os dois maiores eventos da categoria, os Jogos Olímpicos e o Campeonato Mundial de Handebol, respectivamente.

Comandada pelo técnico William Felipe (professor da Faculdade Gama Filho e técnico da equipe de handebol do Flamengo), auxiliado pelos professores Elói Zamberlam (técnico da Universidade Estadual de Londrina/Seleção do Paraná e da equipe Incolustre/Cambé), Walmir Prado de Alencar (técnico da Seleção Amazonense de Handebol) e Leoni Nascimento (professor na PUC-RJ, técnico de handebol do Flamengo e diretor de handebol da Confederação Brasileira de Desportos Universitários), essa seleção era representada por atletas do Paraná, Rio de Janeiro, São Paulo, Amazonas e Santa Catarina (SUELI FAZ..., 1983).

A escolha de William para ser o técnico teve como influência sua proximidade com o então presidente da CBHb, o professor José Maria Teixeira²³. William menciona que o fato de ambos terem sido colegas de turma no curso de Educação Física e terem trabalhado juntos por

²³ O professor José Maria Teixeira foi o segundo presidente a comandar a CBHb, entre os anos de 1982 e 1992.

um ano em um colégio do Rio de Janeiro pode ter facilitado e influenciado a sua indicação para a função (FELIPPE; CALDAS, 2020).

Nos contatos que realizei com a CBHb, solicitando a lista das convocadas, não obtive resposta e não há nenhuma menção da primeira seleção nos sites oficiais da instituição. Apesar disso, a aproximação com uma possível relação de convocadas foi viabilizada a partir do cruzamento de dados coletados em jornais, das entrevistas realizadas com ex-jogadoras e um técnico da época. Também contribuiu para tal tarefa a pesquisa realizada por Viviane Baptilani (2005) sobre a equipe de handebol Incolustre/Cambé, proeminente na década de 1980 e 1990. Apresento tal grupo no quadro 4:

Quadro 4 - Atletas da primeira Seleção Brasileira de Handebol (1983)

<i>Atleta</i>	<i>Equipe/Estado</i>
1 Soraya Novaes ²⁴	Incolustre/Cambé-PR
2 Eliane Alvim Dias ²⁵	Incolustre/Cambé-PR
3 Elza Giovaneli ²⁶	Incolustre/Cambé-PR
4 Sueli Brito ²⁷	Siameco-SP
5 Margô ²⁸	Atlético Rio Negro Clube de Manaus-AM
6 Margareth Pioresan ²⁹	Flamengo-RJ
7 Rose Anne Gomes Silva (Aninha) ³⁰	
8 Anita ³¹	
9 Dorinha ³²	
10 Cláudia Roberta Mendes Cordeiro (Rebu) ³³	Incolustre/Cambé-PR
11 Gilceane ³⁴	
12 Margarete ³⁵	
13 Lenamar ³⁶	
14 Marina Callister ³⁷	
15 Vânia ³⁸	

Fonte: A autora, baseada nas entrevistas, jornais e Baptilani (2005).

²⁴ Confirmada pela própria atleta.

²⁵ Citada pela Elza.

²⁶ Confirmada pela própria atleta.

²⁷ Citada em matérias do Folha de São Paulo, 18 e 20 de novembro de 1983.

²⁸ Única atleta amazonense citada na pesquisa de Viviane Baptilani (2005).

²⁹ Confirmada pela própria atleta.

³⁰ Reconhecida na foto da seleção por Soraya e Elza (Figura 1).

³¹ Citada pela Meg.

³² Citada pela Meg.

³³ Citada pelo jornal Estado de S. Paulo.

³⁴ Citada pelo jornal Estado de S. Paulo.

³⁵ Citada pela Meg.

³⁶ Citada pela Soraya.

³⁷ Reconhecida na foto da seleção pela Soraya e Elza (Figura 1).

³⁸ Reconhecida na foto da seleção pela Soraya e Elza (Figura 1).

Figura 1 - Seleção Brasileira de Handebol 1983³⁹



Fonte: Acervo pessoal da jogadora Margarete Pioresan

O local definido para a preparação da seleção foi o Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes, pertencente à Marinha do Brasil (Cefan), na cidade do Rio de Janeiro-RJ, estado de atuação do técnico William. Sobre a experiência desses treinamentos, Soraya, conta:

O treinamento era dado pelo William, em comum acordo com o Leonir e o Elói. Era assim, tudo meio novidade para todo mundo, porque a gente não conhecia muito as pessoas, e assim, a escola de handebol que o Paraná tem é bem diferente do resto dos outros países, dos outros estados. A gente encontrou bastante dificuldade porque nós éramos bem regradas em cima de jogadas, e os outros times, então saía só uma ou duas porque eram destaque. Não saíam, nós fomos em quase cinco do Paraná para lá. A gente tinha mesmo uma base de aplicação técnico/tático correta, movimentação de defesa correta, então isso foi um marco para mim, bastante grande, porque a gente era tudo certinha, corria bem, fazia bem, arremesso podia, só podia arremessar quando o técnico falava que podia arremessar, e tudo mais, e lá era uma coisa mais individualista, então isso foi uma coisa que marcou bastante (SORAYA, 2019, p. 12).

As variações mencionadas na forma de treinar e jogar handebol podem decorrer do fato de a comissão técnica e as jogadoras virem de diversos estados do Brasil, talvez seguindo diferentes escolas de treinamento e de jogo. Como não encontrei muitas informações acerca da existência de competições entre equipes de diferentes regiões do país, o que geraria

³⁹ **Em pé** – Margareth Pioresan; Sueli Brito; Marina Callister; Elza Balon; Dorinha; Não Identificada (N.I); Soraya Novaes; Elói Zamberlan (técnico). **Agachado/as** – Walmir Prado de Alencar (auxiliar); N.I; Rose Anne Gomes Silva (Aninha); Lenamar; Cláudia Roberta Mendes Cordeiro (Rebu); N.I; Vânia; N.I.

intercâmbios de experiências, fica difícil alguma afirmação nesse sentido. De acordo com as fontes, as competições em nível nacional existentes na época eram: o Campeonato Brasileiro Adulto de Handebol⁴⁰, criado em 1978 (HUBNER; REIS, 2005; REIS, 2018) e realizado de dois em dois anos (BAPTILANI, 2005), a Taça Brasil de Clubes, evento anual, tendo sua primeira edição em 1982 (BAPTILANI, 2005) e os Jogos Universitários Brasileiros, existentes desde 1972 (HUBNER; REIS, 2005).

Outro ponto destacado na fala de Soraya foi suas impressões em relação ao evento:

[...] o campeonato da Argentina foi bem marcante, que a gente ficou em um, não sei nem explicar como que era o lugar, parecia umas tendas, e era uma comida ruim, bebida ruim, os jogos eram em um lugar ruim, era bom porque tudo era novidade, mas não foi um campeonato de dizer assim, ah foi um Sul-Americano digno do que é hoje uma competição. Bem precário mesmo (SORAYA, 2019, p. 12).

Na volta para o Brasil, uma reportagem veiculada pela Folha de São Paulo ganha destaque ao expor denúncias de atletas contra o técnico William. Em ambas, o título possuía o nome da atleta porta-voz das denúncias. Publicada em 18 de novembro de 1983 sob o título “Sueli faz pesadas críticas ao técnico William Felipe”, a matéria relata o que a atleta denomina de “antipatia mútua” (p. 23) entre ela e o técnico. Suas críticas faziam referência a não convocação de determinadas jogadoras para compor o elenco que foi a Buenos Aires, que em seu entendimento não poderiam ter ficado de fora (SUELI FAZ..., 1983). Para além disso, a atleta relata uma conduta autoritária e hostil do técnico em relação às jogadoras: “Eu não devia contar, mas agora vou até o fim: um dia, reunido com as jogadoras, disse, aos gritos, que éramos um bando de retardadas e quem não gostasse que fosse embora. Foi o que fiz. Infelizmente, não deu para segurar as lágrimas” (SUELI FAZ..., 1983, p. 23).

A mesma visão sobre o técnico é compartilhada pela ex-atleta Soraya Novaes ao comentar:

É, mas ele fala isso [...] a gente não podia nem falar nada, ele falava, você obedecia, [...] como a gente não tinha muito conhecimento da pessoa e tudo mais, a gente respeitava, mas ele era muito autoritário [...] (SORAYA, 2019, p. 17).

E por fim, a jogadora faz críticas ao trabalho dele, que em sua opinião tem um viés muito teórico e “no esporte, inclusive, a prática suplanta a teoria” (SUELI FAZ..., 1983, p.

⁴⁰ Também conhecido como Campeonato Brasileiro de Seleções, uma vez que as equipes participantes eram as seleções estaduais. A primeira edição teve a seleção amazonense como campeã e a seleção pernambucana como vice (HUBNER; REIS, 2005).

23). Novamente emergem diferenças sobre as experiências com a modalidade, aqui materializada nos conhecimentos que o técnico compartilhava.

William, ao falar de sua experiência como técnico, sem fazer referência direta às críticas recebidas na época, enfatiza seu empenho em adquirir conhecimentos atualizados sobre handebol. Em suas palavras “já conhecia todos os tipos de defesa e ataque, aqueles mais simples que apareciam nas apostilas” (FELIPPE; CALDAS, 2020). E, ainda, destaca a dificuldade que teve em trabalhar com o grupo, especialmente com as jogadoras cujo técnico do clube ao qual pertenciam fazia parte da comissão. O ex-técnico relata que as atletas seguidamente se dirigiam ao “seu” técnico, e caso William passasse alguma atividade técnica e/ou tática diferente das que conheciam, as jogadoras argumentavam que “seu” técnico trabalhava de outro modo e em alguns momentos se recusavam a realizar (FELIPPE; CALDAS, 2020).

Mesmo diante dos impasses existentes, a história da Seleção Brasileira de Handebol estava iniciada, e sua participação e conquista do ouro no I Campeonato Sul-Americano de Handebol já dava indícios de que o handebol brasileiro se encontrava mais desenvolvido em relação aos demais países sul-americanos.

Com a saída do técnico William Felipe, no fim de 1983, Elói Zamberlan⁴¹ sai da posição de auxiliar e passa a técnico principal da seleção, permanecendo até meados de 1985, quando assume em seu lugar o alagoano Francisco de Assis Farias (Shyko)⁴². Elói retorna ao comando da seleção em 1989 e encerra seu ciclo em 1991.

Em 1984, a segunda edição do Campeonato Sul-Americano de Handebol teve como sede a cidade de Caxias do Sul-RS, entre os dias 4 e 8 de dezembro. A seleção novamente não encontrou dificuldades e conquistou, de forma invicta, o bicampeonato na competição. Com Elói à frente da seleção, nota-se que a equipe Incolustre/Cambé⁴³ (Quadro 5) do estado do Paraná – também comandada por Elói – compõe a sua base, mantendo-se assim por toda década de 1980.

⁴¹ Elói Zamberlan atuou como técnico da seleção entre os anos 1984-1985 e 1989-1991.

⁴² Francisco de Assis Farias (Shyko) atuou como técnico da seleção durante os anos 1985-1989.

⁴³ A equipe Incolustre/Cambé, entre os anos de 1984 e 1991, foi a detentora da maioria dos títulos estaduais, nacionais e internacionais da época (BAPTILANI, 2005).

Quadro 5 - Convocadas para o II Campeonato Sul-Americano de 1984

Atleta	Equipe/Estado
Adalgiza Mafra Moreno (Gica)	Incolustre/Cambé-PR
Cláudia Rebu	Incolustre/Cambé-PR
Eliane Alvim Dias⁴⁴	Incolustre/Cambé-PR
Elza Giovaneli	Incolustre/Cambé-PR
Soraya Novaes	Incolustre/Cambé-PR
Anna	Iate Clube de Aracaju-SE
Dorinha	Iate Clube de Aracaju-SE
Vânia	Iate Clube de Aracaju-SE
Marina	Siemaco-SP
Rose Anne Gomes Silva (Aninha)	Siemaco-SP
Margô	Atlético Rio Negro Clube de Manaus-AM
Margarete Pioresan (Meg)	Flamengo-RJ
Kelma	Assetfal de Maceió-AL
Vânia	Sem clube

Fonte: BAPTILANI (2005).

Figura 2 - Seleção Brasileira de Handebol campeã nos Jogos Sul-Americanos de 1984 (Caxias do Sul, Brasil)

Fonte: Acervo pessoal Elza Balon.

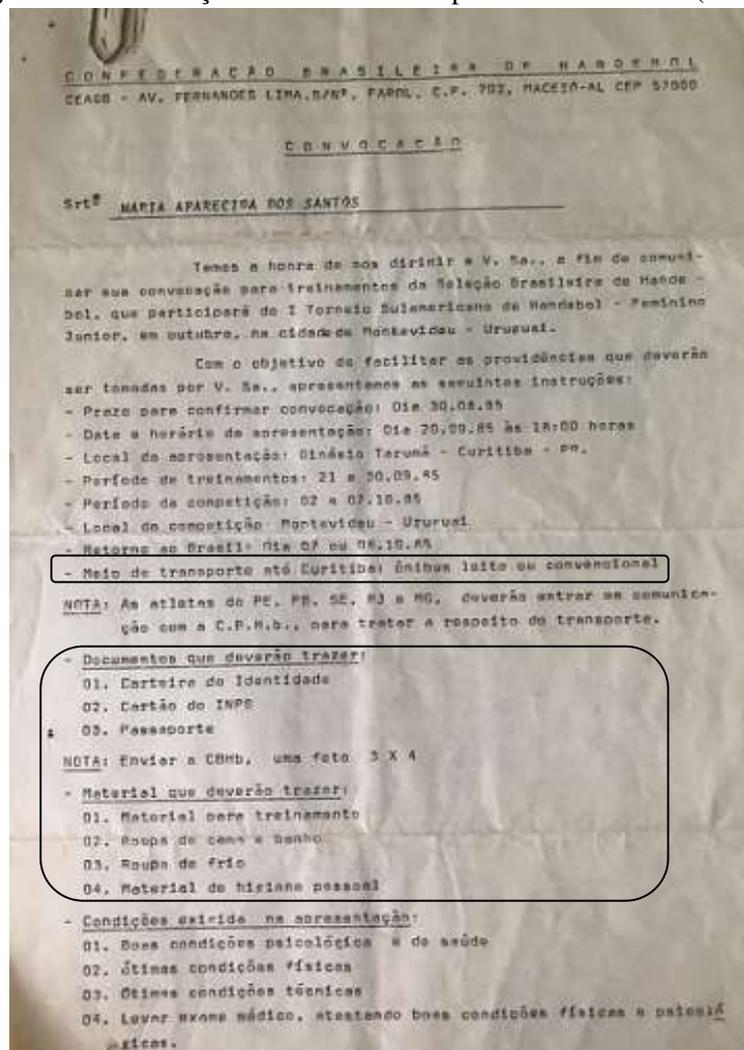
Em 1985, não havia competições para a categoria adulta, mas, com a criação do I Torneio Sul-Americano de Handebol Júnior, ocorrido em Montevidéu, Uruguai, entre os dias 2 e 7 de outubro, a CBHb convoca a primeira Seleção Brasileira de Handebol Júnior, que comporta atletas com idades entre 18 e 20 anos. Essa informação ganha relevância, pois, das 12 atletas convocadas, cinco já atuavam pela seleção adulta – Adalgiza Mafra Moreno (Gica);

⁴⁴ Artilheira da competição com 24 gols.

Eliane Alvim Dias; Elza Giovaneli; Kelma Moreno Melo Silva e Vânia Aparecida Marcolini Zacarini – todas jogadoras do Incolustre/Cambé, base da seleção. A comissão técnica era composta pelo professor Francisco de Assis Farias (Shyco), de Alagoas, e auxiliado pelo Alexandre Cerqueira Pereira, de Sergipe. Shyco, inclusive, viria assumir a seleção adulta entre os anos de 1986 e 1988.

Ao compartilhar a convocação da CBHb, recebida pela ex-jogadora Nênega, chamo a atenção para algumas atribuições que, nesse primeiro momento, são de responsabilidade das atletas: levar seu material de treino, roupa de cama, assim como apresentar laudo médico. Com o desenvolvimento da seleção, a responsabilidade pelo fornecimento de tais atribuições às jogadoras passa a ser da entidade.

Figura 3 - Convocação da atleta Maria Aparecida dos Santos (Nênega)



Fonte: Acervo particular da atleta Maria Aparecida dos Santos (Nênega).

Em 1986, o Brasil novamente se torna sede de competições internacionais de handebol. Entre os dias 20 e 25 de agosto, na cidade de Novo Hamburgo-RS, foi realizado o III Campeonato Sul-Americano de Handebol, sendo a segunda vez consecutiva que o evento ocorre no país. Na mesma cidade, aconteceu I Campeonato Pan-Americano de Handebol⁴⁵, e simultaneamente, o evento classificatório para o Campeonato Mundial de Handebol⁴⁶.

A equipe brasileira, mais uma vez, não encontrou dificuldades e conquistou o tricampeonato Sul-Americano de Handebol de forma invicta, ao passar pelas equipes da Argentina (18 x 5), Uruguai (29 x 7) e Paraguai (27 x 17) (KRASSTEV, 2020), efetivando, assim, sua hegemonia no continente sul-americano. Todavia, é no I Campeonato Pan-Americano que a seleção brasileira sofreu a primeira derrota desde sua criação, diante dos Estados Unidos (26 x 17) e, posteriormente, para o Canadá (24 x 18). Ao perder esses dois jogos, o Brasil finaliza sua participação na competição em terceiro lugar (KRASSTEV, 2020), garantindo, assim, vaga para sua estreia no Campeonato Mundial de Handebol B, marcado para acontecer na Bulgária no ano seguinte.

O handebol dos Estados Unidos e do Canadá só seriam superados pela seleção brasileira em 1997, na quarta edição do Campeonato Pan-Americano, realizado em Poços de Caldas-MG. Uma vez vencidas as duas equipes, o Brasil só perderia novamente sua invencibilidade em competições do continente americano no ano de 2009, quando foi derrotada pela Argentina no X Campeonato Pan-Americano de Handebol, realizado em Santiago, Chile.

⁴⁵ Das quinze edições já ocorridas do Campeonato Pan-Americano de Handebol, oito delas foram sediadas no Brasil: 1986 – Novo Hamburgo-RS; 1991 – Maringá -PR; 1997 – Poços de Caldas-MG; 2000 – Aracaju-SE; 2003, 2005 – São Bernardo do Campo-SP e 2019 – Maceió-AL.

⁴⁶ O primeiro colocado participa do Campeonato Mundial de Handebol (Grupo A) e o segundo e terceiro classificam-se para o Campeonato Mundial de Handebol (Grupo B).

Figura 4 - Seleção Brasileira de Handebol no III Campeonato Sul-Americano de Handebol e I Campeonato Pan-Americano de Handebol (1986, Novo Hamburgo, Brasil).



Fonte: Acervo pessoal do professor e ex-técnico Francisco de Assis Faria.

Ao analisar a trajetória da seleção, em especial após conquistar o Mundial em 2013, é recorrente o discurso de que esse feito se deve, em grande parte, ao fato de as jogadoras estarem inseridas no handebol europeu. Dito isso, ao retroceder na história da modalidade, desde sua chegada ao Brasil, é possível identificar inúmeros movimentos que tinham como objetivo promover o intercâmbio com o handebol europeu, a fim de qualificar e desenvolver o handebol nacional.

Um dos primeiros registros que tive acesso, já mencionado anteriormente no estudo, foi a capacitação de técnicos e professores promovida pelo professor francês Auguste Listello⁴⁷, na cidade de Santos-SP (UEZI, 2014; ANDRES, 2014; REIS, 2018; 2002). Outro registro encontrado é de uma experiência aparentemente pioneira do handebol de homens. Um jogo disputado em 1958 entre uma equipe representando o Brasil contra uma equipe europeia foi assim noticiado pelo jornal O Estado de São Paulo:

JOGARÃO EM PARIS OS BRASILEIROS – Paris, 6 (AFP) – A Liga de Ile de France de handebol acaba de acertar com federações brasileiras um jogo de

⁴⁷ O Curso de aperfeiçoamento técnico-pedagógico foi sobre o ensino dos esportes coletivos e o professor Listello utilizou o handebol como modelo (REIS, 2018; 2002).

handebol a sete, entre a seleção de Paris e a Seleção de São Paulo. Esse encontro realizar-se-á no dia 15, em Paris. A seleção de S. Paulo é, na realidade, a turma do Brasil, que acaba de participar, na Alemanha Oriental, do Campeonato Mundial. Esse será o primeiro jogo de handebolistas sul-americanos na França⁴⁸ (JOGARÃO EM PARIS..., 1958, p. 18).

No ano seguinte, foi a vez de um time europeu vir ao Brasil para participar de jogos e promover cursos de aperfeiçoamento de handebol de salão, ginástica feminina e ginástica austríaca (A VINDA..., 1959). Além dos jogos amistosos, a Associação de Professores de Educação Física, junto à Federação Paulista de Handebol, promoveu um curso de handebol, ministrado pelo alemão Siegfried Perrey, técnico da equipe alemã T.S.G. Hassloch (A VINDA..., 1959).

Durante a década de 1970, o handebol romeno ganha proeminência no cenário mundial quando a equipe de homens conquistou a medalha de ouro no Campeonato Mundial de 1970 e de 1974 e, posteriormente, a medalha de prata nos Jogos Olímpicos de 1976, tornando-se, assim, uma referência na modalidade. Diante dessas conquistas, o Brasil, por meio da Confederação, estabeleceu ações de intercâmbios com a Romênia no intuito de conhecer o estilo de jogo desenvolvido naquele país e aplicar no handebol brasileiro. De acordo com Gabriela Arantes (2010), ainda no início da década de 1970, um professor romeno veio ao Brasil para ministrar cursos a docentes de Educação Física. Após essa formação, em 1975, dezoito professores, oriundos de diferentes regiões do Brasil, juntamente com a Seleção Brasileira Juvenil de homens, realizaram um intercâmbio de um mês na Romênia (REIS, 2018; 2002; UEZI, 2014; CALEGARI, 2002), experiência que propulsou a qualidade técnica do handebol brasileiro (ARANTES, 2010; REIS, 2002, 2018).

Ao entrar na década de 1980, teve início também um intercâmbio entre pesquisadoras/es brasileiros e germânicos, no qual professores alemães vinham ao Brasil promover cursos e especializações em diferentes universidades brasileiras e disponibilizavam algumas bolsas de estudos para professoras/es com interesse em fazer pós-graduação na Alemanha. A professora Isabel Montandon Soares, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), foi uma das pesquisadoras a fazer seu Mestrado na Alemanha, onde aperfeiçoou seus estudos sobre o handebol, introduzindo posteriormente tais conhecimento no curso de Educação Física da UFMG (SANTOS, 2017).

Esse fato é corroborado pelo ex-técnico Shyco Farias em sua entrevista:

⁴⁸ A Seleção Francesa de Handebol é, atualmente, a potência mundial no handebol praticado por homens. Ela detém seis títulos mundiais (1995, 2001, 2009, 2011, 2015, 2017) e dois ouros olímpicos (2008, 2012).

Tinha um convênio entre Alemanha e Brasil, e tinha os professores que eles ministravam curso no Brasil todo, participava os professores que trabalhavam com a seleção escolar, estudantil, mas naquela época era seleção, não era escola como é hoje (SHYCO FARIAS, 2019, p. 5).

Além disso, Heloísa Helena Baldy dos Reis, Pablo Juan Greco e Rafael Pombo Menezes (2018) mencionam um curso ministrado pelo professor Horst Käsler⁴⁹, no ano de 1981, no estado do Rio de Janeiro. A influência do handebol alemão fica evidente na década de 1980, tanto na formação de professoras/es como no handebol de alto rendimento a partir da promoção de temporadas de treinamentos na Alemanha, realizada pela seleção.

A primeira experiência de intercâmbio internacional envolvendo a seleção brasileira, por meio de um estágio realizado na Alemanha, ocorreu em 1986. Com uma permanência de três semanas no país de destino, durante o dia, as atletas participavam de atividades e treinamentos relacionados às questões técnicas e táticas do handebol, e à noite participavam de reuniões com os técnicos e professores alemães para discutir suas aprendizagens. A seleção também realizou alguns jogos amistosos. Na volta, tiveram a incumbência de repassar os ensinamentos aprendidos para outras atletas (SHYCO FARIAS, 2020). Soraya relembra os ensinamentos que recebeu da colega Eliane:

[...] Eliane foi na primeira viagem para a Alemanha, foi quando veio com a técnica da finta de braço. Lá eles tinham um acessório para treinamento tipo um pirulito, um cano enfiado em um pedestal de concreto que você tinha que passar por aquilo lá sem mexer o cano. Ela observou lá nos treinos e trouxe para Cambé, a princípio, depois a gente levou para a seleção, isso foi uma coisa que ela, pessoa que observava muito, e tinha o poder de guardar aquilo e conseguir transmitir para a gente. Ela trouxe bastante coisa, bastante novidade em relação a isso, arremesso quicado, tem gente que não fazia antes, então teve muita coisa, técnicas, e ela trouxe para a gente e a gente começou a melhorar em relação a isso (SORAYA, 2020, p. 18-19).

O ex-técnico Shyco Farias, que participou de três intercâmbios na Alemanha (1986; 1987; 1988)⁵⁰, relata em sua entrevista que a primeira ida tinha como objetivo preparar a seleção para o I Campeonato Pan-Americano de Handebol. A ex-atleta Soraya, que não chegou a participar desse primeiro intercâmbio, reconhece a importância que teve os estágios.

Quando [...] o Shyko e o Alexandre assumiram a seleção, já veio uma outra imagem de equipe. [...] já começou a trabalhar em cima do que ele via na Alemanha, porque ele também foi para lá, então deu uma evoluída boa. Mas ficou muito boa a seleção

⁴⁹ Teve seu livro traduzido para o português: KÄSLER, Horst. **Handebol: do aprendizado ao jogo disputado**. São Paulo: Ao Livro Técnico, 1978.

⁵⁰ De acordo com seu currículo *lattes*, os estágios na Alemanha promovidos pela TV Luttzellinden – Federação Alemã de Handebol ocorreram nos anos de 1986, 1987 e 1988 (SHYCO FARIAS, 2020). Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/7218551006486542>. Acesso em: 13 out. 2020.

quando a gente começou a fazer mais viagens para o exterior, aí que começou a andar realmente (SORAYA, 2019, p. 13).

As inovações propostas por Shyco e Alexandre, a partir de seus aprendizados nos intercâmbios, não foram bem aceitos em um primeiro momento. Em acesso a uma carta enviada, em 1989, pela atleta Eliane Alves Dias ao técnico Francisco de Assis Farias, a jogadora, ao relatar sua trajetória como técnica da equipe de homens da cidade de Cambé-PR, menciona estar seguindo a linha de treinamento da seleção – a aprendida na Alemanha e utilizada no I Campeonato Sul-Americano de Handebol, em 1986 – e, assim como ele, sofreu duras críticas pelo método adotado. Ao se manter firme em suas escolhas e obtendo bons resultados – terceiro lugar nos Jogos da Juventude e campeã paranaense em 1988 – sentia necessidade de compartilhar a experiência. Em suas palavras: “Queria dividir isto com alguém que também tivesse sofrido todas as críticas no Pan em Novo Hamburgo, onde disseram que o 3:2:1 não era realidade brasileira” (DIAS, 1989, p. 1).

O primeiro estágio da seleção brasileira na Alemanha foi registrado por um jornal alemão. Vejamos:

Figura 5 - Seleção brasileira em seu primeiro estágio na Alemanha (1986)⁵¹



Fonte: Acervo pessoal do professor Francisco de Assis Faria.

⁵¹**Em pé:** o técnico Shyco, seguido das atletas: Meg, Margô, Vanessa, Sandra, Marina, Claudia, Tânia, Nívea e o auxiliar Alexandre. **De joelhos, estão as atletas:** Isabel, Gica, Kátia, Eliane, Simone, Anita, Márcia e Kelma.

Além da matéria, as fotos abaixo registram esse estágio, ambas preservadas por Francisco de Assis Faria.

Figura 6 - Seleção brasileira em seu primeiro estágio na Alemanha (1986)



Fonte: Acervo pessoal do professor Francisco de Assis Faria.

Figura 7 - Seleção brasileira em seu primeiro estágio na Alemanha (1986)



Fonte: Acervo pessoal do professor Francisco de Assis Faria.

Em relação aos estágios de 1987 e 1988, o único indício de seu acontecimento que obtive foi a foto, representada pela Figura 8.

Figura 8 - Seleção Brasileira de Handebol durante estágio na Alemanha – dezembro de 1987



Fonte: Acervo pessoal do professor Francisco de Assis Faria.

Com a entrada do handebol no programa dos Jogos Pan-Americanos⁵², em 1987, a competição passa ser o evento classificatório do continente americano para os Jogos Olímpicos. Com participação garantida da seleção brasileira, o ano de 1987 destaca-se pela estreia do selecionado no Campeonato Mundial de Handebol Grupo B e pela chance dupla de poder conquistar uma vaga nos Jogos Olímpicos de Seul (1988), já que o ouro em ambos os eventos garantia vaga nos Jogos.

Mesmo subindo ao pódio em todas as competições⁵³ que já havia participado, com um aproveitamento próximo aos 90%, as expectativas sobre sua estreia nos X Jogos Pan-Americanos⁵⁴ eram baixas. Em nota publicada pelo jornal O Globo, a qual discorria sobre as possibilidades de medalhas do Brasil, as expectativas sobre a Seleção Brasileira de Handebol foram resumidas na expressão “[...] já terão lucro na experiência adquirida [...]” (AS ESTRELAS..., 1987, p. 50). O Brasil não levou o ouro, como já previa o jornal, entretanto, subiu ao pódio ao conquistar o bronze, perdendo somente para as equipes dos Estados Unidos (28 x 16) e do Canadá (22 x 17).

⁵² Organizado pela ODEPA (Organização Desportiva Pan-Americana), os Jogos Pan-Americanos tiveram sua primeira edição em 1951, sediada em Buenos Aires, Argentina.

⁵³ Ouro no I, II e III Campeonato Sul-Americano de Handebol e bronze no I Campeonato Pan-Americano de Handebol.

⁵⁴ O evento ocorreu entre os dias 10 e 16 de agosto, em Indianápolis, EUA.

Figura 9 - Seleção Brasileira de Handebol nos Jogos Pan-Americanos de 1987 (Indianápolis, EUA)



Fonte: Arquivo pessoal de Francisco de Assis Farias.

Figura 10 - Seleção Brasileira de Handebol nos Jogos Pan-Americanos de 1987



Fonte: Arquivo pessoal de Francisco de Assis Farias.

Em sua estreia no Campeonato Mundial de Handebol Grupo B⁵⁵, ocorrido entre os dias 9 e 18 de dezembro de 1987, na Bulgária, o Brasil integrava o Grupo D, junto às seleções da Áustria, Alemanha Ocidental e França. Na primeira fase da competição, a seleção perdeu todas as partidas (Brasil 16 x 31 Áustria; Brasil 11 x 31 Alemanha Ocidental; Brasil 13 x 26 França), ficando em último lugar no seu grupo.

Na segunda fase, o Brasil disputou, juntamente com Países Baixos, Espanha e Costa do Marfim, a ordem de classificação entre 13^a até 16^a posição na tabela final. Nessa etapa, a seleção perdeu para a Espanha de 28 a 19 e para os Países Baixos por 20 a 17. Sua única vitória no Campeonato foi contra a Costa do Marfim por um gol de diferença (22 x 21). Sua classificação final foi a penúltima (15^a) posição, acima somente da equipe sobre a qual conquistou sua única vitória, a Costa do Marfim.

Figura 11 - Seleção Brasileira na Alemanha em preparação para o Mundial da Bulgária (1987)



Fonte: Arquivo pessoal de Margareth Pioresan.

⁵⁵ Participaram do evento 16 Seleções: Alemanha Ocidental, Alemanha Oriental, Áustria, Brasil, Bulgária, Canadá, China, Costa do Marfim, Dinamarca, Espanha, França, Hungria, Iugoslávia, Romênia, Países Baixos e Polônia.

Figura 12 - Seleção Brasileira no Mundial da Bulgária (1987)



Fonte: Arquivo pessoal de Francisco de Assis Farias.

O baixo aproveitamento da seleção na categoria B do Mundial indicava que o seu desempenho, competente para garantir a hegemonia no continente sul-americano, ainda não era suficiente para ser competitiva em nível mundial e, principalmente, para enfrentar equipes europeias – mesmo as de “segundo nível” – como indicam os placares das partidas disputadas.

Nos anos seguintes, até o início da década de 1990, a seleção manteve sua invencibilidade ao conquistar o tetra no IV Campeonato Sul-Americano de Handebol (1988), realizado em Assunção, Paraguai. No II Campeonato Pan-Americano (1989), em Colorado Springs, EUA, com Elói Zamberlan novamente como técnico, a seleção replicou o feito realizado em 1986, ao conquistar a medalha de bronze, perdendo novamente somente para os Estados Unidos e o Canadá.

Figura 13 - Seleção Brasileira de Handebol no IV Campeonato Sul-Americano de Handebol (1988)



Fonte: Arquivo pessoal de Francisco de Assis Farias.

Figura 14 - Seleção Brasileira de Handebol no IV Campeonato Sul-Americano de Handebol (1988)



Fonte: Acervo pessoal de Francisco de Assis Faria.

Ainda em 1989, em sua segunda participação no Campeonato Mundial de Handebol Grupo B, o Brasil repetiu sua classificação (15ª) ao vencer somente a seleção de Portugal por um gol de diferença (17 x 16) – sua primeira vitória em cima de uma equipe europeia em competições oficiais.

Ao entrar na década de 1990, mais especificamente no ano de 1991, a seleção parte em direção a um novo intercâmbio, dessa vez com destino à Rússia.

Figura 15 - Convocação oficial das atletas para o estágio na Rússia em 1991

Государственный комитет СССР
по физической культуре и спорту
Государственный центральный ордена Ленина
Институт физической культуры
Тел. 186-42-74, 186-44-63 105483, Москва, Сергеевский бульвар, 4

№ 81-10
12 de agosto de 1991

DECLARAÇÃO URSS - MOSCOU

Declaramos para os devidos fins que a Seleção Nacional de Handebol Feminino do Brasil, esteve no período de 03 de julho até 15 de agosto de 1991, em Moscou e Iparoque - URSS - participando de treinamento especializado e Torneio Internacional, orientado pelo Técnico Soviético campeão Mundial - Professor LARIN GEORGUY IVANOVICH.

01 - CARLOS ALBERTO GOLDSTEIN NEBELLO - Diretor Técnico
02 - ELOY ZAMBERLAN - Técnico
03 - GIGENAL ANDRADE BERQUEIRA - Assistente Técnico
04 - ANTONIO CARLOS GOMES - Preparador Físico
05 - VANDA CRISTINA SANCHES - Preparadora de Goleiras
06 - ELIANE ALVIN DIAS - Atleta
07 - CRISTINA DA SILVA QUEIROZ - Atleta
08 - ELIA GIOVANELLI BALAN - Atleta
09 - NANJI LOPES DE MORAIS - Atleta
10 - NIVIA CATIA PEREIRA CBUE - Atleta
11 - MARIA APARECIDA DOS SANTOS - Atleta
12 - MARIA JOSÉ BATISTA DE SALES - Atleta
13 - EDNA MARCIA DA SILVA COSTA - Atleta
14 - MARIA EUNICE SILVA DA SILVA - Atleta
15 - MARILEY DE FATIMA ZANINI - Atleta
16 - MARLENE APARECIDA REIS - Atleta
17 - NIDIA LUCIA PESENTINI - Atleta
18 - EDINA ONÓRIO PUSA DE OLIVEIRA - Atleta
19 - SORAIA NOVAIS DA SILVA - Atleta
20 - ANDREA CONCEIÇÃO SOARES - Atleta
21 - SIMONE MARIA DO ROSÁRIO LIMA - Atleta

COORDENADOR DO INSTITUTO CENTRAL DE MOSCOU
TRADUTOR OFICIAL DA LINGUA ESPANHOLA
MASTEPANOV ALEXANDER MIJAILOVICH

Александр Митрофанов
Зам. 105483 + Тел. 81-10

Fonte: Acervo pessoal da atleta Nênega.

De acordo com as ex-atletas Elza e Nênega, esse estágio estava vinculado a uma formação em Treinamento Desportivo pela Universidade de Moscou, da qual o preparador físico da seleção, Antônio Carlos Gomes⁵⁶, iria participar. O profissional, que já havia realizado uma formação em atletismo naquele país em 1990, articulou junto às entidades brasileiras e russas para que a equipe nacional o acompanhasse e servisse de sujeitos à intervenção que ele realizaria a partir do curso. Nas palavras das atletas:

Na época se tinha muita dificuldade de intercâmbio. Foi através dele que a gente conseguiu estágio lá [...] nós fomos, como é que eu vou te falar, eu chamo de cobaia, mas é muito feio falar isso, fomos tudo dele, e ele nos levou para a Rússia, lá ele conseguiu um treinador, acho que tinha passado pela seleção nacional lá também, ele era um dos melhores, para a gente aprender lá, fisicamente, tecnicamente lá com a Rússia. Nos ajudou muito, fizemos amistoso com outros países, então foi assim o que nos ajudou muito [...] (ELZA, 2019, p. 15).

Quando nós fomos em Moscou [...] foi realmente um trabalho em equipe. Quem fez esse intercâmbio foi Antônio Carlos Gomes. [...]. Foi ele quem fez esse intercâmbio de Brasil e Moscou. Nós fomos utilizadas, trabalhadas, adaptadas ao atletismo pra poder disputar um Pan-Americano e a gente tinha que aprender o estilo Europeu (NÊNEGA, 2019, p. 7-8).

A viagem para Rússia tinha como principal intuito colocar as jogadoras em contato com o estilo de jogo europeu. Para isso, receberam treinamentos do técnico russo, campeão mundial, Larin Georguy Ivanovich, além de participar de um Torneio Internacional. Antes de embarcarem, as atletas tiveram uma preparação prévia, principalmente física, entre os meses de março e julho, nas cidades de Cambé, Maringá e Londrina (NÊNEGA, 2019).

Sobre os treinamentos, as atletas sublinham:

Era diferente porque nós aprendemos a jogar um estilo bem no 4-2 que a Rússia... principalmente, porque o nosso treinamento foi exclusivamente pelo técnico russo. [...] Aprender, melhorar o condicionamento físico, ganhar experiência, fizemos vários amistosos com equipes, inclusive masculinas, e também participamos desse torneio mundial lá dentro. Foi muito puxado porque nós passávamos de quase 10 horas de treinamento diário. [...] a gente acordava seis horas da manhã e ia pra esse campo. Era um campo mesmo, de treinamento, porque as repúblicas ainda não eram divididas, então a gente treinava duas horas sem parar. Sem parar! Pra beber água ia trotando. Arremessava a bola, ia trotando. Então já melhorava o condicionamento físico, depois tinha reposição da musculatura, almoçávamos, cochilávamos e voltávamos. [...] Quando a gente retornava já era à noite. Foi muito cansativo, a gente só tinha o sábado e o domingo de folga (NÊNEGA, 2019, p. 12).

[...] Ele era fantástico (treinador russo), e assim, ele tirava de você o seu melhor, você é uma boa arremessadora de nove metros com extensão, você ia arremessar nove metros com extensão, uma boa arremessadora de nove metros com apoio, você ia priorizar o apoio, entendeu? Então ele assim, ele mostrou para cada uma de nós, o que que era para a gente explorar em cima dos nossos treinamentos. Isso foi uma coisa que foi muito marcante na minha vida (SORAYA, 2019, p. 19).

⁵⁶ Informações disponíveis em: <http://lattes.cnpq.br/4989485248924800>. Acesso em: 13 out. 2020.

Para as atletas, essa imersão no handebol russo mudou significativamente sua percepção em relação à modalidade e suas potencialidades, fazendo com que houvesse uma evolução no handebol brasileiro (SORAYA, 2019). Para Nênega, essa experiência foi a semente para que o handebol brasileiro pudesse chegar aonde chegou – fazendo referência às conquistas mais recentes da seleção.

Figura 16 - Seleção Brasileira de Handebol em estágio na Rússia (Praça Vermelha, Rússia, 1991)



Fonte: Acervo particular de Elza Balon.

Figura 17 - Seleção Brasileira de Handebol em estágio realizado na Rússia (1991)



Fonte: Acervo particular de Nênega.

Mesmo reconhecendo os significativos aprendizados obtidos no estágio realizado na Rússia, a experiência teve momentos que marcaram negativamente algumas atletas. Para Elza Balon, o tempo no país não foi dos melhores: “[...] eu bebi água com terra, comi alpiste. Na Rússia, não dá para falar, porque é muito desumano. Eu treinava machucada. Nós sofremos muito” (ELZA BALON, 2019, p. 25). Outra dificuldade vivenciada diz respeito ao momento de retornar ao Brasil porque, quatro dias após a saída da seleção do país, ocorreu uma tentativa de golpe de estado na União Soviética⁵⁷. As atletas presenciaram e sentiram, assim, os momentos de tensão que antecederam esse episódio.

[...] já tinha passado muito perrengue na verdade, já tinha ficado quarenta e cinco dias em Moscou, de treinamento na Rússia, na época ainda era União Soviética, a gente ficou preso lá, não conseguia voltar, entendeu, foi na época que estourou lá a divisão, e a gente estava lá, simplesmente fomos com a passagem e ficamos lá treinando (ZEZE SALES, 2019, p. 17).

A gente nem voltava, e a gente saiu um dia antes da guerra. Foi assim, foi a melhor e a pior experiência da vida de todas nós, foi muito traumático. A gente estava em um lugar onde a gente não sabia como a gente ia sair, e assim, cheirava alguma coisa que acontecer muito, muito ruim. No aeroporto de Moscou ficamos, sei lá, umas quatro ou cinco horas esperando o voo. As pessoas todas agitadas [...] “Eu não quero morrer aqui”. Vim desesperada, chorava, tanto que quando a gente chegou em [...] Aracaju, desci do avião e beijei o chão, de tanto medo e pavor que eu passei naquela cidade (SORAYA, 2019, p. 22).

Para você ter uma ideia, a última vez que eu fui para a Rússia, nós saímos em um dia, dali três dias aconteceu aquela Revolução lá que mudou tudo sabe? Por três dias nós não ficamos, nós íamos ficar presos lá (ELZA BALON, 2019, p. 25).

Em relação aos custos da viagem, quando questionadas, Nênega e Soraya divergem em suas narrativas. Os trechos de suas entrevistas, são ilustrativos para evidenciar essas diferentes percepções.

Nenhum. Nenhum. Inclusive as nossas passagens de volta da Rússia, a gente teve que, comida, essas coisas, a gente teve que arcar tudo porque não sei qual foi o rolo na época, que as nossas passagens não foram compradas. Aí o Carlinhos do Rio voltou para o Brasil para tentar levantar uma grana para poder pagar as nossas passagens de volta (SORAYA, 2019, p. 22).

Quando nós viajamos pra Moscou, nós tivemos. Nós tivemos uma ajuda de custo que era tipo assim, equivalente a 400 dólares; 400 dólares quando transformava em rubros, era o triplo. Pra você ter uma ideia, 50 rubros, um dólar equivale a 50 rubros. Então a gente tinha dinheiro de milionário lá. Dava pra comprar um carro, o que

⁵⁷ Entre os dias 19 e 21 de agosto de 1991, a antiga URSS sofreu uma tentativa de golpe por um grupo do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), que queriam controlar o país e afastar do poder o então Presidente Mikhail Gorbachev. O golpe não se efetivou e acabou enfraquecendo o PCUS, culminando no colapso e dissolução da URSS (BBC, 2001), disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2001/011120_golpe.shtml. Acesso em: 13 out. 2020.

quisesse. Na época a gente fazia a festa, todas as atletas. Então assim, era um incentivo bom (NENEGA, 2019, p. 13).

O intuito aqui não é desvendar qual informação é verdadeira, mas chamar a atenção que, ao trabalhar com a narrativa das jogadoras, “estamos lidando com uma multiplicidade de memórias fragmentadas e internamente divididas, todas, de uma forma ou de outra, ideológica e culturalmente mediadas” (PORTELLI, 1996, p. 127). Dessa forma, a construção de uma memória sobre um evento perpassa as experiências individuais que as atletas vivenciaram em suas vidas, fazendo com que as lembranças sobre um mesmo fato possam ter diferentes narrativas.

Ainda nesse início de década, a equipe Incolustre/Cambé, base da seleção desde seu princípio, por falta de patrocinadores, encerra suas atividades (BAPTILANI, 2005). Com o seu fim, duas equipes ganham proeminência como novas bases da seleção. O Clube Mauá de São Gonçalo, Rio de Janeiro (CARIELLO, 2012; DARA, 2019), e Guarulhos da cidade de mesmo nome, São Paulo (PINDA E GUARULHOS..., 1991). Ainda nesse mesmo período, Elói Zamberlam deixa o comando da seleção, assumindo em seu lugar o técnico Digenal Cerqueira, que acabou sendo o técnico mais longo atuando no cargo entre 1992 e 2001.

Para além dessas novas configurações, a seleção vinha passando pelo seu primeiro processo de renovação, finalizado em 1998, quando Soraya Novaes da Silva, a última atleta integrante do grupo de 1983 deixou de ser convocada. Esse período de renovação, na narrativa das atletas, foi o motivador para o surgimento da primeira divisão geracional da seleção. Em seu entendimento, as jogadoras integrantes da seleção da década de 1980 fazem parte da primeira geração enquanto as convocadas na década de 1990 constituem a segunda geração.

Os anos seguintes trouxeram marcos significativos para a seleção brasileira. A primeira delas, ocorrida em 1995, foi a participação no Grupo A do Campeonato Mundial de Handebol⁵⁸, ocorrido na Áustria e na Hungria. Mesmo ficando na 19ª posição entre 20 equipes participantes, à frente somente do Canadá no saldo total de gols, o fato de fazer parte do principal evento da modalidade, jogando contra as melhores equipes do mundo já representava uma importante conquista para o selecionado nacional.

⁵⁸ Até o ano de 1995, somente o primeiro colocado conquistava o direito de participar do Campeonato Mundial de Handebol (Grupo A) e o segundo e o terceiro colocado participavam do Campeonato Mundial de Handebol (Grupo B). Após esse ano, a Federação Pan-Americana de Handebol (PATHF), organizadora da competição, decidiu que os três primeiros colocados passariam a se classificar para o Mundial Grupo A (BULGARELLI, 2016).

Em 1997, no IV Campeonato Pan-Americano de Handebol, sediado em Poços de Caldas-MG, entre 29 de abril e 4 de maio (KRASTEVA, 2020), a seleção obtém de forma inédita e invicta o ouro e, assim, comprova o seu desenvolvimento ao vencer pela primeira vez uma equipe norte-americana. O fato de os Estados Unidos não terem participado dessa edição e com o Canadá apresentando uma queda em suas performances, pode ter facilitado o êxito da seleção.

Figura 18 - A, B e C: Jogadoras da seleção com o troféu do IV Campeonato Pan-Americano de Handebol.



Fonte: Arquivo pessoal da atleta Zezé Sales.

E, por fim, a mais expressiva: a medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg, em 1999. Esse evento, além de apontar o handebol brasileiro como uma grande potência do continente americano, também garantiu à seleção o acesso ao maior evento esportivo do mundo e o único que faltava em seu currículo: os Jogos Olímpicos.

Somente doze equipes⁵⁹ participam do Torneio de Handebol nos Jogos Olímpicos, e para a seleção brasileira garantir uma vaga existem três maneiras: a primeira é sendo o país sede dos Jogos e as outras duas se dá mediante a conquista da medalha de ouro no Campeonato Mundial de Handebol ou nos Jogos Pan-Americanos.

Analisando a trajetória da seleção e sua participação em ambos os eventos, é notório que os Jogos Pan-Americanos⁶⁰ eram a única chance viável de garantir a vaga olímpica. Com a presença de seis equipes do continente americano – Argentina, Brasil, Canadá, Cuba, Estados Unidos e Uruguai –, a seleção percebia que não seria fácil obter o primeiro lugar na competição, tendo como adversárias as seleções da América do Norte. Apesar disso, nas palavras de Idalina Mesquita: “É aquela coisa, vamos tentar o ouro, só o ouro nos interessa, porque garantia essa vaga para Olimpíada [...]” (MENINAS DE OURO, 2016).

No jogo de estreia contra o Canadá, a seleção venceu com dez gols de diferença (Brasil 33 x 23 Canadá) e empatou com os Estados Unidos (22 x 22). Com sua classificação garantida para a semifinal, o jornal Folha de São Paulo lança uma nota sob o título “Feminino faz semifinal como favorito”, apontando os resultados da seleção durante a competição, assim como de suas principais adversárias: Canadá e Estados Unidos (FEMININO..., 1999).

A semifinal seria contra Cuba, que não representava perigo diante do histórico de confrontos entre as duas equipes. E mesmo sendo um jogo fácil, vencendo por um placar de 29 x 18, Zezé, destaque do jogo, ao falar sobre a partida ao jornal O Globo, enfatizou: “venceríamos nem que fosse por meio gol. Jogo há 15 anos e esta é uma chance única” (NOGUEIRA; DUARTE, 1999, p. 23). Na mesma matéria, os jornalistas Cláudio Nogueira e Fernando Duarte destacaram: “Além de fortes chances da conquista do ouro do handebol feminino, uma vitória hoje classifica a equipe para os jogos de Sydney, na que pode ser a primeira participação olímpica do Brasil entre as mulheres” (NOGUEIRA; DUARTE 1999, p. 23).

⁵⁹ O número de doze equipes participantes só passou a vigorar em 2008. No ano de 2000, só existiam dez vagas para o Torneio de Handebol nos Jogos Olímpicos.

⁶⁰ As três primeiras edições do Torneio de Handebol nos Jogos Olímpicos (1976, 1980, 1984) não havia evento regional classificatório, sendo o Campeonato Mundial ou país sede as únicas formas de conseguir vaga nos Jogos. Somente em 1987, com a entrada da modalidade nos Jogos Pan-Americanos, é que o handebol americano passou a ter um evento regional classificatório para os Jogos.

Motivadas pela vaga olímpica, o jogo final não foi tão fácil quanto o primeiro. A seleção brasileira só conseguiu abrir o placar após dezoito minutos de partida, conforme apontado na matéria “Handebol assegura a vaga em Sydney”, da Folha de São Paulo. Ao final do primeiro tempo, com um placar de 12 x 8 para o Brasil e sob a fala da atleta Aline Chicória “não podemos deixar escapar a chance” (HANDEBOL..., 1999, p. 7), cada vez mais o ouro ia se materializando para as brasileiras. No segundo tempo, as seleções se mostraram mais abertas e violentas (HANDEBOL..., 1999). Mas ao final da partida, quem levou a melhor foi a seleção brasileira ao vencer as canadenses por 31 a 27, levando o título de campeã dos Jogos Pan-Americano e garantindo, assim, a tão sonhada vaga olímpica.

Nesse momento, aproveitando a visibilidade midiática que se projetava em cima da seleção, Ricardo Gianconi, supervisor de seleções da CBHb, em fala ao jornal Folha de São Paulo chama atenção para o descaso com o handebol brasileiro destacando que a modalidade é um dos esportes com maior número de atletas federados no Brasil e enfrenta uma barreira: a falta de dinheiro. Nas suas palavras: “Sinceramente, nós precisamos é entrar na TV. Sem uma boa mídia, os investimentos não vão crescer” (HANDEBOL..., 1999, p. 16).

A falta de incentivo financeiro e estrutura também aparece nas narrativas das jogadoras quando relatam as dificuldades enfrentadas pela seleção durante os períodos de treinos e competições. A fala da ex-atleta Viviane Jacques sintetiza a estrutura vivenciada por elas nessa época.

Então, em relação à estrutura que foi quando eu entrei em 1998, a nossa estrutura era zero, e a gente ainda estava embaixo da arquibancada, a gente ainda andava vinte e seis horas dentro de um ônibus, a gente ainda passava fome no final de uma etapa de treinamento porque a gente não tinha, a gente ficava horas na rodoviária, não tínhamos fisioterapeuta, porque se a gente tivesse fisioterapeuta automaticamente ia se machucar, porque a gente tinha problema de cabeça, na visão dele a gente não tinha maturidade suficiente para ter um fisioterapeuta, se a gente tivesse, a gente ia se machucar automaticamente. Era nesse nível (VIVIANE JACQUES, 2019, p. 10).

Lucila Viana, em entrevista concedida para o documentário Meninas de Ouro, corrobora a fala de Viviane e destaca que as longas viagens de ônibus impactavam diretamente nas condições e no tempo de treino: “Um dia de viagem, chegava no outro dia, não conseguia treinar de cansaço, só ia treinar no outro, então o que podia ser de 15 dias de fase de treinamento, a gente acaba tendo 10 pelas condições” (MENINAS DE OURO, 2016).

Zezé e Daly dão destaque ao uniforme de treino. Relatam que recebiam dois conjuntos, que deveriam ser devolvidos ao final do período, e que eram de sua responsabilidade sua lavagem. Enfatizam que em muitos momentos tinham que optar, ou

treinar com a camiseta suja de suor ou limpa, mas molhada por não ter secado a tempo (MENINAS DE OURO, 2016).

Outro ponto levantado por Viviane e reforçado por Dara e Daly era a estrutura de apoio (comissão técnica) da época, representada basicamente pelo técnico, auxiliar e supervisor de seleção. Dara e Daly, em *Live* promovida pela CBHb⁶¹, em seu perfil na rede social Instagram, no dia 17 de junho de 2020, relataram as inúmeras vezes que os responsáveis pela cantina do ginásio, no qual estavam sendo realizados os treinos da seleção, “as salvaram” com gelo para suas lesões, porque nem sempre havia alguém responsável por esses cuidados durante esses períodos.

Em matéria veiculada em 30 de abril de 2000, intitulada “Vida cigana move o handebol”, o jornalista Rodrigo Bertolotto detalha aspectos da rotina de preparação da seleção para os Jogos Olímpicos de Sydney, corroborando as narrativas de Dara e Daly: “Alguns itens básicos ainda faltam, como um médico que acompanhe a equipe. Em caso de contusão, a saída é ir a um hospital público. Em Medianeira, chegaram a pedir gelo a uma padaria para socorrer uma jogadora” (BERTOLOTTTO, 2000, p. 10).

Na mesma matéria também é pontuado que, com a conquista da vaga olímpica, algumas mudanças em relação à estrutura, evidenciada nas narrativas das atletas, começam a obter melhorias. Entre elas, iniciadas já na fase de preparação para os Jogos, Rodrigo destaca: “[...] trocaram o calor dos alojamentos pelo ar-condicionado dos hotéis. Agora, elas podem descansar na hora do almoço e não gastar esse tempo correndo ao tanque para lavar o uniforme” (BERTOLOTTTO, 2000, p. 10).

Mesmo diante de algumas melhorias, outras estruturas pontuadas pelas jogadoras nesse momento ainda se mantiveram. Entre elas, as longas viagens, pontuada na matéria supracitada e bem representada pelo título “Vida cigana move o handebol”. Com a necessidade de reunir a seleção mensalmente, a preparação para sua estreia em Jogos Olímpicos foi marcada pelo percurso de 6 mil quilômetros, no qual a seleção passou por cidades localizadas em diferentes estados (Medianeira-PR; Campo Grande-MS; Santa Maria-RS; Itajubá-MG; Aracaju-PE; e Natal-RN), realizando treinos e angariando fundos para sua ida aos Jogos, como reforçou a goleira Cristina Silva na matéria: “Essa diplomacia é necessária. Afinal, são as prefeituras que estão ajudando. Não temos apoio da iniciativa privada” (BERTOLOTTTO, 2000, p. 10).

⁶¹ A CBHb, em comemoração aos seus 41 anos de fundação, promoveu uma série de *Lives*, no mês de junho, em seu perfil na rede social Instagram @cbhb1.

Esse cenário só sofreu mudanças a partir do ciclo olímpico de Pequim, como será possível visualizar mais adiante.

A primeira participação nos Jogos Olímpicos – Sydney, 2000

Ao contrário do destaque dado à seleção pela conquista da vaga, sua estreia nos Jogos Olímpicos foi marcada por baixas expectativas diante das adversárias que elas iriam enfrentar. Dividido por dois grupos (A e B), o torneio contou com a presença de dez seleções nacionais, conforme visualizado no quadro abaixo.

Quadro 6 - Divisão dos grupos dos Jogos Olímpicos de Sydney

Grupo A	Grupo B
Coreia do Sul	Noruega
Hungria	Dinamarca
França	Áustria
Romênia	Brasil
Angola	Austrália

Fonte: KRASSTEV (2020).

O Brasil, representado pelas jogadoras Alessandra Medeiro de Oliveira, Aline da Conceição da Silva (Chicória), Chana Franciela Masson, Dilane Azambuja Roesse, Fátima Cristina de Araújo Loureiro, Idalina Borges Mesquita (Daly), Lucila Vianna da Silva, Margareth Lobo Montão (Meg Montão), Margarida Conte (Meg), Maria José Batista de Sales (Zezé), Rosana Ferreira Aleluia, Sandra Silva de Oliveira, Viviane Rodrigues Jacques e Viviane de Castro Emerick, havia caído no grupo considerado mais difícil, no qual enfrentaria, pelo Grupo B, a Dinamarca, medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de Atlanta, em 1996; a Noruega, campeã Mundial de 1999; a Áustria, terceira colocada no Mundial de 1999; e a Austrália, considerada a seleção mais fraca do grupo.

Diante desse cenário e reconhecendo suas limitações, a seleção estipula como meta, na primeira fase, ganhar o jogo contra a Austrália e garantir sua classificação para as quartas de final. Nas palavras do técnico Digenal Cerqueira à Folha de São Paulo: “Vamos usar o regulamento. Como para a próxima fase passam quatro dos cinco times do grupo, uma vitória levará o Brasil para frente” (HANDEBOL, 2000, p. D4).

O Brasil faz sua estreia no dia 17 de setembro contra as anfitriãs australianas e alcança sem muitas dificuldades a vitória por 32 a 19. Contudo, como esperado, as brasileiras não alcançam o mesmo êxito nos demais jogos da primeira fase – **Brasil 26 x 45 Áustria; Brasil**

16 x 30 Noruega; **Brasil 26 x 39** Dinamarca (KRASSTEV, 2020) – ficando na penúltima posição do grupo, garantindo, assim, sua continuidade na competição e cumprindo seu objetivo inicial.

Sem muitas expectativas para as próximas fases, elas se tornam mais baixas ainda quando a seleção toma conhecimento de sua próxima adversária, a Coreia do Sul. A seleção coreana já havia conquistado a medalha de ouro nos Jogos Olímpicos em duas edições – Seul, em 1988 e Barcelona, em 1992 – e no Campeonato Mundial, em 1995, e era oito vezes campeã do Campeonato Asiático de Handebol feminino.

Como já era previsto, a seleção perdeu para a Coreia do Sul pelo placar de 24 x 35, ficando fora da disputa por medalhas. A seleção ainda perdeu as outras duas partidas que teve: contra a França (32 x 23) na disputa entre a 5ª e 6ª colocação, e para a Romênia (38 x 33) na disputa entre o 7º e 8º lugar. Ficando uma posição abaixo de seu objetivo inicial, finaliza sua estreia em Jogos Olímpicos na oitava colocação geral.

A sua participação deixou uma boa impressão na imprensa, e a Folha de São Paulo, ao realizar uma análise comparativa acerca das expectativas que se tinha sobre os esportes brasileiros participantes dos Jogos e seus resultados apresentados, o handebol estava acima do esperado, destacando: “Em sua primeira participação Olímpica, a Seleção feminina se superou e chegou às quartas de final, quando caiu diante da Coreia do Sul. Chamou a atenção para a modalidade” (HANDEBOL, 2000, p. 8). Essa mesma percepção também foi apontada pelo jornal O Globo, na coluna de Oscar Valporto intitulada “Os vira-latas e o momento olímpico”, que ao analisar a participação brasileira nos Jogos Olímpicos de Sydney evidencia a evolução de alguns esportes, entre eles o handebol (VALPORTO, 2000, p. 4).

No decorrer das entrevistas que realizei, uma das perguntas estava relacionada às percepções sobre mudanças ocorridas na seleção – treinamentos, preparação para competições, estruturas, investimentos etc. – durante seu tempo na equipe e após sua saída. Com base nesse questionamento, três expressões me ajudaram a compreender esse primeiro período da seleção: “fomos as cobaias” (BALON, 2019, p. 6); “geração raiz” (KLEA, 2019, p. 31) e “totalmente amador” (GRACIANO, 2019, p. 6).

A primeira delas “fomos as cobaias” (BALON, 2019, p. 6), pronunciada pela atleta Elza Balon, integrante da primeira seleção brasileira, faz menção aos primeiros anos da seleção e seus desbravamentos, uma vez que tudo era inédito. A segunda delas, voltada à

seleção como um todo, foi proferida pelo ex-técnico Sérgio Graciano⁶², ao sistematizar a trajetória da equipe em três momentos. O primeiro momento (até os anos 2000) balizado pelo “total amadorismo” da modalidade; o segundo momento destacado pelo “respaldo financeiro” (2002-2006) e o último momento demarcado pelo amadurecimento da seleção e o *boom* do esporte amador no Brasil (2012-2016) (GRACIANO, 2020).

Abaixo destaco sua fala que sintetiza esse primeiro momento.

[...] não existia nenhum tipo de patrocínio, a maioria dos técnicos eram os técnicos dos clubes, mas que tinham dinheiro para trazer à seleção brasileira e fazer fases de treino, então era uma coisa bastante amadora. Ninguém ganhava nada para isso, e a gente dependia de boas almas que patrocinassem uma fase de treino, e era bastante difícil (GRACIANO, 2020, p. 6).

Nas entrevistas que realizei não é incomum aparecer uma associação entre o handebol brasileiro e o amadorismo. A modalidade, mesmo na atualidade, carrega essa marca, principalmente, quando comparado ao handebol europeu. Essa avaliação também é comum entre atletas da primeira geração, ao compararem suas experiências na seleção com as vivências das atletas atuais.

Nesse contexto, emerge a terceira expressão, “geração raiz⁶³”, proferida pela ex-atleta Klea de Oliveira (2020, p. 31), um termo usado para valorizar aqueles que estão dispostos a encarar dificuldades. Sua narrativa faz referência às atletas pioneiras da seleção, que superaram obstáculos decorrentes da ausência de uma estrutura adequada:

Já dormi em aeroporto, já toquei violão, pandeiro, em plena Praça Vermelha, na Suécia, para ganhar dinheiro para tomar um banho no banheiro público.[...] Então nós somos uma geração que penou né, que abriu realmente a porta para essa nova geração aí. E consegui ir para fora, só foi assim para o Brasil chegar no Mundial né, no resultado do Mundial, aí acho que a melhor colocação é sétimo lugar, ou nono, na Olimpíada [...] Só alojamento, porque assim, quem nos dava todo o aparato de preparação para a seleção brasileira, sempre eram os patrocinadores porque a Confederação não tinha, hoje a Confederação tem, sabe. Hoje a gente tem até um centro de treinamento né (ELZA BALON, 2019, p. 26).

A crítica à precariedade de condições é acompanhada de certo orgulho e de uma positividade nostálgica das dificuldades passadas, como se o “handebol raiz” dentro do contexto geral tivesse mais valor devido à superação das adversidades que as atletas

⁶² Sérgio Graciano trabalha com as seleções brasileiras desde 1996 – passando pelos cargos de treinador de goleiras, auxiliar técnico de seleções de base e adulta, técnico das Seleções de Base Juvenil e Junior e Técnico interino da seleção brasileira adulta.

⁶³ A referência “raiz” faz alusão ao binômio “raiz *versus* Nutella”, meme surgido em 2016, que tem como intuito fazer a diferenciação dicotomizada de como determinadas práticas eram realizadas no passado e como são realizadas hoje, relação entre “tradicional x moderno”, “dificuldades x facilidades” entre outras.

enfrentaram. Em uma fala de Ana Amorim, noto divergências quanto ao modo de lidar com tal precariedade, talvez relacionadas também com um confronto geracional:

A gente passou por tudo isso treinando, lavando o próprio uniforme, indo, pagando do próprio bolso as passagens, comprando o próprio tênis, tudo isso. Ela⁶⁴ chegou na seleção, batia na mesa e dizia: “Eu quero a minha diária”. Meu, eu olhava para ela e dizia assim: “Quem é tu pirralha? Quem é tu para vir aqui bater na mesa e discutir com o treinador da seleção brasileira”, que “cadê minha diária, porque fiquei no aeroporto, esperando de manhã até a noite esperando pelo meu voo e não tive dinheiro para pagar o almoço, eu preciso da diária” (ANA AMORIM, 2019, p. 24).

Por fim, a conquista dos Jogos Pan-Americanos, acompanhada de sua estreia nos Jogos Olímpicos, dá início a um novo ciclo na trajetória da seleção, marco que representou o início de uma nova projeção para o handebol brasileiro, culminando na conquista inédita do Campeonato Mundial em 2013.

DO FIM DOS JOGOS OLÍMPICOS DE SYDNEY À CONQUISTA DO MUNDIAL (2000-2013)

Não haveria 2013 sem que houvesse 1999. Essa constatação não é uma redundância cronológica. Ambos os anos assinalaram profundamente a história e os rumos da seleção brasileira de handebol. Se 2013 simbolizou a “vitória de todas as vitórias”, colocando o Brasil no rol das potências do handebol mundial, 1999 simbolizou a vitória da superação e de fazer parte do maior evento esportivo do mundo: os Jogos Olímpicos.

No intuito de melhor compreender a trajetória da seleção nesse período, optei por dividi-lo em quatro momentos, sendo os três primeiros delimitados pelos ciclos olímpicos⁶⁵ de Atenas (2001-2004), Pequim (2005-2008) e Londres (2009-2012) e o último determinado pelo ano de 2013, o ano do ápice.

Ciclo Olímpico de Atenas (2001-2004)

Em seus dezessete anos de existência, a seleção já havia provado sua hegemonia nas competições Pan-Americanas e Sul-Americanas, contudo, esses resultados não se estendiam a suas participações nos Campeonatos Mundiais e na sua participação nos Jogos Olímpicos. Diante desse contexto e do reconhecimento do potencial que a seleção brasileira apresentava,

⁶⁴ Fazendo referência a uma atleta novata na seleção.

⁶⁵ Ciclo Olímpico é caracterizado como o período compreendido entre duas edições dos Jogos Olímpicos.

alguns movimentos foram promovidos a fim de mudar esse cenário. Isso posto, o período compreendido entre a finalização dos Jogos Olímpicos de Sydney até a conquista do Campeonato Mundial de Handebol em 2013 é representado por um processo de internacionalização da seleção e de intenso investimento na equipe. Esses dois movimentos contribuíram para a consolidação do handebol brasileiro no cenário internacional, assim como possibilitaram o seu apogeu, representado aqui pela conquista do Mundial.

Uma das primeiras mudanças depois de concluída a participação nos Jogos Olímpicos de Sydney foi a substituição do técnico Digenal por Alexandre Schneider e a contratação esporádica de técnicos estrangeiros para a realização de consultorias e promoção de cursos de capacitação para técnicos brasileiros. Paralelamente a isso, deu-se início ao êxodo das atletas⁶⁶ para jogar na Europa. Essas movimentações foram ocorrendo de forma embrionária durante todo o ciclo olímpico de Atenas.

A participação da seleção nas competições Sul-americanas e Pan-americanas já era vista com confiança por parte da mídia, pelas atletas e comissão técnica que, diante da facilidade, se colocavam metas para deixar mais emocionantes as disputas. Veja algumas:

No handebol feminino, o Brasil, que detém a hegemonia do continente, é o favorito a conquistar uma das duas vagas em jogo para o Pan-Americano de Santo Domingo, na República Dominicana, em 2003 (JULIANA, 2002, p. E5).

Por causa da facilidade que a seleção brasileira feminina de handebol terá no Pan-Americano, em São Domingos, o técnico Alexandre Schneider estabeleceu como meta para a competição: melhorar a defesa, visando a disputa do Mundial da categoria, em novembro, na Croácia (KNOPLUCH, 2003, p. 15).

Como se tornou rotina, a equipe brasileira entrou em quadra com metas para ganhar motivação. Uma delas é manter a invencibilidade e não tomar mais que 15 gols. A outra, manter a média de 40 gols marcados (VIANA, 2003, p. 4).

⁶⁶ O êxodo das atletas para jogar no exterior é aprofundado no Estudo 3, que analisa os processos migratórios das jogadoras da Seleção Brasileira de Handebol.

Figura 19 - Seleção em comemoração ao Bicampeonato nos Jogos Pan-Americanos de Santo Domingo, República Dominicana (2003)



Fonte: O Estado de São Paulo (2003).

Essa maior visibilidade também era aproveitada para reforçar exigências por melhores condições para a modalidade e para as jogadoras: “Temos de sonhar alto, ganhar de dinamarquesas (atuais campeãs olímpicas) e salários da seleção também” (Chicória). [...] Atualmente, as jogadoras e integrantes da comissão técnica não ganham nada quando estão na seleção (O BANHO NA..., 2003, p. 42).

É no ano de 2003 que esse cenário começa a se modificar, a partir da formulação de políticas públicas para o esporte. Com a criação da Lei nº 10.264⁶⁷ – nomeada como Lei Agnelo/Piva – a CBHb fechou seu primeiro patrocínio estatal com a Petrobrás⁶⁸. Os recursos captados foram usados, em sua maioria, para suprir os custos de preparação, amistosos e viagens da seleções (CAMARGO, 2016).

⁶⁷ A Lei 10.264, denominada Lei Agnelo/Piva, sancionada em 16 de julho de 2001, determina que 2% da arrecadação bruta das loterias federais fossem destinadas ao Comitê Olímpico Brasileiro (85%) e ao Comitê Paralímpico Brasileiro (15%). E ambos devem investir 10% no desporto escolar e 5% no desporto universitário (MATIAS *et al.*, 2015).

⁶⁸ Importante destacar que durante todo o patrocínio da Petrobrás foi realizada a competição Liga Petrobrás no intuito de desenvolver o handebol nacional (CAMARGO, 2016).

Figura 20 - Propaganda Petrobrás veiculada no jornal O Estado de São Paulo



Fonte: O Estado de São Paulo (2003).

Mesmo com a duplicação de sua arrecadação com a entrada da Lei Agnelo/Piva, a CBHb ainda possuía uma dependência, quase total, de financiamentos estatais (Quadro 7), já que sua patrocinadora em 2003 e 2004 é a Petrobrás. Esses dados evidenciam a importância de repasses de empresas estatais para o desenvolvimento do esporte olímpico (TEIXEIRA *et al.*, 2015).

Quadro 7 - Evolução do Financiamento a CBHb (2002-2004)

	Patrocínio	Governo	COB-COI	Total
2002	R\$ 100.000,00	R\$ 1.064.097,70	***	R\$ 1.164.097,70
2003	R\$ 600.000,00	R\$ 1.401.171,94	***	R\$ 2.301.171,94
2004	R\$ 1.500.000,00	R\$ 1.660.315,30	***	R\$ 3.160.315,30
Total	R\$ 2.200.000,00	R\$ 4.125.584,24	***	R\$ 6.325.584,24
	34,78%	65,22%	***	100%

Fonte: Coelho (2008).

Em relação ao uso desses recursos, Daniela R. S. N Coelho (2008) em seu estudo evidencia que, em 2003, 19,6% foram destinados à preparação técnica; 0,1% para manutenção de atletas; 61,9% foram destinados a competições internacionais; os demais 12,7% voltados para desenvolvimento, manutenção e recursos humanos; e 5,7% não foram utilizados. Já em

2004, ano de Jogos Olímpicos, houve uma readequação na distribuição dos recursos, ficando 15,8% para preparação técnica; 21,2% para manutenção de atletas; 32,7% para competições internacionais; os demais 17,3% voltados para desenvolvimento, manutenção e recursos humanos; e 13% não foram utilizados.

Diante desse novo cenário, a CBHb optou por realizar, nesse primeiro momento, um maior investimento na seleção brasileira em função da probabilidade de conquistar um título mundial em comparação com a seleção de homens (GIACOMINI, 2014). Com esses investimentos, a seleção se viu entrar em um novo contexto, com contratação de técnicos estrangeiros, recebimento de auxílio financeiro, aumento de intercâmbios, prêmios em competições e melhoria da infraestrutura (COELHO, 2008).

Para além da troca de técnico e de um maior investimento financeiro, o período decorrido depois dos Jogos de Sydney (2000) até os Jogos de Atenas (2004) foi marcado por mais uma renovação da seleção, fazendo emergir a terceira geração de jogadoras.

Nesse período, a seleção participou de duas edições do Campeonato Mundial. Na edição de 2001, ocorrida na Itália, a equipe foi composta pelas jogadoras: Margarida, Aline Rosas, Sandra, Viviane (Guaru/Super Água), Chana (El Ferrobús – Espanha), Aline Silva, Ana Maria, Darly, Idalina, Lucila, Maria José (Mauá/Universo), Sílvia, Valéria e Célia (Metodista/Unimed ABC/Santo André) e Daniela e Kátia (Jundiaí) (CBHb, 2001). A seleção alcançou a 12^a colocação, caracterizando a sua melhor classificação até então, ao vencer as seleções do Uruguai (23 x 18), da Tunísia (31 x 18) e da Itália (24 x 21) (KRASSTEV, 2020). Nessa edição da competição, a goleira Chana Masson recebeu destaque ao ficar com a 8^a posição como goleira menos vazada. Sua performance estaria associada ao fato de Chana estar jogando na Europa desde 1999, sendo a única atleta da seleção com atuação no exterior.

Já na edição de 2003, ocorrida na Croácia, o Brasil foi representado por Alessandra de Oliveira, Alexandra Nascimento, Aline Rosas, a Pará, Sílvia Helena Pinheiro (São Paulo/Guaru); Aline da Silva, a Chicória, Fabiana Diniz, Idalina Borges Mesquita, a Dali (CE Mauá/Universo); Célia Janete da Costa, Tayra Rodrigues, Viviane Jacques (Metodista/MESC/São Bernardo), Aline Santos (Unimed ABC/Santo André), Millene Figueiredo (Águias de Nova Gerte); Ana Amorim (Eurostand/Macedônia); Chana Franciela Masson (El Ferrobús/Espanha); Daniela Piedade (Hypo/Áustria) e Darly Zogby de Paula (Universidade de Múrcia/Espanha) (CBHb, 2003). Ainda que contasse com mais atletas atuantes no exterior, a seleção teve uma queda de oito posições, finalizando sua participação em 20^a entre 24 países competidores.

Essa queda poderia estar associada à renovação que vinha ocorrendo na seleção. Entretanto, outro ponto que merece ser destacado é o fato de, na edição de 2001, a seleção ter caído em um grupo relativamente fraco (Brasil, Uruguai, Tunísia, Itália, Eslovênia e Noruega) em comparação à edição de 2003, na qual o Brasil caiu em um grupo com a França, Sérvia/Montenegro; Croácia e Austrália, equipes bem posicionadas no *ranking* mundial.

Mesmo com um resultado não muito favorável nessa edição do Campeonato Mundial, nos Jogos Olímpicos de Atenas, a seleção mostrou que vinha se desenvolvendo ao subir uma posição em relação aos Jogos de Sydney, finalizando a competição em 7º lugar. Integrante do Grupo B junto às seleções da Ucrânia, Hungria, China e Grécia, no primeiro turno, o Brasil venceu somente o jogo contra a Grécia (29 x 21) e perdeu os demais (Ucrânia 21 x 19 Brasil; Hungria 35 x 26 Brasil; China 28 x 23 Brasil) e nas quartas de final perdeu para a Coreia do Sul por 26 x 24. Ainda que sua eliminação tenha se dado de forma precoce, nas quartas de final, quando observados os resultados dos jogos é possível verificar um avanço no desempenho da equipe, pois nas competições anteriores, a diferença de gols chegava na marca dos 15 e esse número vinha caindo a exemplo do jogo contra a Coreia do Sul, na qual perdeu por dois gols da seleção que conquistou a medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Atenas.

Ciclo Olímpico de Pequim (2005-2008)

Podemos dizer que é no ciclo olímpico de Pequim que a trajetória da seleção brasileira começa a se consolidar a partir da intensificação de sua internacionalização e consolidação dos investimentos financeiros que chegaram por meio de leis de incentivo ao esporte. Com algumas atletas já atuando no handebol europeu⁶⁹, a CBHb contratou o primeiro técnico estrangeiro, o espanhol Juan Francisco Oliver Coronado⁷⁰ (2005-2008).

De acordo com Rudney Uezu (2014), com o handebol brasileiro ganhando espaço no cenário internacional, a contratação de técnicos estrangeiros, no entendimento dos dirigentes e gestores, se fazia necessário para manter o desenvolvimento da modalidade em ascensão. Entendimento corroborado por Sérgio Graciano:

[...] o primeiro técnico acho que foi muito importante, o Juan, embora não fosse um técnico de primeira linha, ele estruturou o handebol interno. A gente tinha muito

⁶⁹ Entre os anos de 2004 e 2008 o número de atletas atuando na Europa passa de oito para dezenove. Esses números podem ser ainda maiores, uma vez que não há registros em sites oficiais das atletas brasileiras que atuavam na série B do handebol europeu.

⁷⁰ Juan Francisco Oliver Coronado, além de técnico/treinador de handebol professor associado da Universidade de Sevilha (Espanha) desde 1979.

assim, ah o técnico de Blumenau trabalhava de um jeito, o técnico do Nordeste trabalhava do outro, o técnico do Rio Grande do Sul trabalhava de outro, e ele, através de cursos conseguiu aproximar os estilos de jogo e criar mais ou menos um estilo, mais brasileiro, hoje é um pouco mais unificado o nosso jeito de jogar (GRACIANO, 2019, p. 7).

Juan Oliver tinha uma relação com o Brasil, pois já havia estado no país em outras ocasiões ministrando cursos e treinamentos de handebol a convite da CBHb. Todavia, foi em 2003, após Alberto Rigolo – então técnico da seleção dos homens – ser afastado devido a problemas de saúde, que Juan é convidado a assumir a preparação do grupo para os Jogos Pan-Americanos da República Dominicana. Após atuação exitosa nesse evento, Juan é contratado como consultor técnico das seleções de homens e mulheres com finalidade de preparação para os Jogos Olímpicos de Atenas (2004). Com a entrada da CBHb no Programa Solidariedade Olímpica⁷¹, em março de 2005, Juan é convidado a ser o novo técnico da seleção.

Juan, que já tinha um conhecimento das condições da seleção, só aceitou o convite mediante duas condições:

Eu aceito com duas premissas que são basicamente: uma, as jogadoras precisam deixar o Brasil e devem jogar nas melhores ligas. E dois, a equipe nacional tem que treinar mais e jogar partidas de alta qualidade contra os melhores rivais do mundo. Eu tinha observado as jogadoras, sabia que elas eram boas e tinham qualidade. [...]. Com essa estratégia, propusemos todo o trabalho de 2005 a 2008 dos Jogos Olímpicos de Pequim⁷² (OLCINA, 2018, p. 72, tradução minha).

Em menos de um ano, a seleção já começava a colher os frutos do método proposto por Juan Oliver. Alcançou o 7º lugar no Campeonato Mundial de 2005, subindo treze posições em relação ao 20º lugar obtido na edição de 2003. Passou do pior resultado na competição (23º), ocorrido em 1997 na Alemanha, para o melhor, até aquele momento.

A mudança não decorre de uma reestruturação radical no elenco. Das quinze atletas convocadas para o Mundial de 2005, dez (com destaque em itálico) já faziam parte da seleção na edição de 2003, como mostra o Quadro 8. Nesse quadro, também é possível perceber o

⁷¹ O programa Solidariedade Olímpica, administrado pelo COB-COI, é destinado ao provento de recursos financeiros voltados a atletas, técnicos, gestão esportiva e promoção de valores olímpicos (COB, 2020). No caso da CBHb, o apoio financeiro foi destinado à contratação de técnico estrangeiro para a seleção brasileira, sendo destinado aproximadamente US\$ 100.000,00 anuais durante o ciclo olímpico de Pequim (COELHO, 2008) e renovado no ciclo olímpico de Londres no mesmo valor (INVESTIMENTO..., 2009).

⁷² “Acepto bajo dos premisas que, básicamente, son: una, las jugadoras tienen que salir de Brasil y hay que conseguir que jueguen en las mejores ligas. Y dos, el equipo nacional tiene que entrenar más y jugar partidos de gran calidad contra los mejores rivales del mundo. Yo había observado a las jugadoras, sabía que las jugadoras eran buenas y tenían calidad. [...] Con esa estrategia planteamos todo el trabajo desde el año 2005 hasta el año 2008 de los Juegos Olímpicos de Pekín” (OLCINA, 2018, p. 72).

aumento significativo de atletas atuantes na Europa, passando de quatro atletas em 2003 para dez em 2005, atendendo ao desejo de Juan.

Quadro 8 - Atletas convocadas para o Campeonato Mundial de 2003 e Campeonato Mundial de 2005

	CONVOCADAS 2003 EQUIPE	CONVOCADAS 2005 EQUIPE
1	<i>Alessandra de Oliveira</i> São Paulo / Guarú-SP	<i>Alessandra de Oliveira</i> BM Elche – ESPANHA
2	<i>Alexandra do Nascimento</i> São Paulo / Guarú-SP	<i>Alexandra do Nascimento</i> Hyppo No – ÁUSTRIA
3	<i>Aline da Conceição da Silva</i> CE Mauá / Universo-RJ	<i>Aline da Conceição da Silva</i> BM Elche – ESPANHA
4	<i>Aline Silva dos Santos</i> Unimed ABC / Santo André-SP	<i>Aline Silva dos Santos</i> Vicar Goya – ESPANHA
5	<i>Daniela de Oliveira Piedade</i> Hyppo – ÁUSTRIA	<i>Daniela de Oliveira Piedade</i> Hyppo No – ÁUSTRIA
6	<i>Chana Franciela Masson</i> El Ferrobús – ESPANHA	<i>Chana Franciela Masson</i> HC Leipzig – ALEMANHA
7	<i>Sílvia Helena Pinheiro</i> São Paulo / Guarú-SP	<i>Sílvia Helena Pinheiro</i> BM Cleba – ESPANHA
8	<i>Viviane Jacques</i> Metodista / MESC / São Bernardo-SP	<i>Viviane Rodrigues Jacques</i> Vicar Goya – ESPANHA
9	<i>Millene Bruna Figueiredo</i> Águias de Nova Gerte/ São Caetano do Sul-SP	<i>Millene Bruna Figueiredo</i> São Paulo FC / Esporte Guarulhos-SP
10	<i>Idalina Borges Mesquita, a Dali</i> CE Mauá / Universo-RJ	<i>Idalina Borges Mesquita</i> Mauá / Universo / PMSG-RJ
11	Ana Amorim Eurostand – MACEDÔNIA	Jacqueline Oliveira Santana BM Roquetes – ESPANHA
12	Darly Zogby de Paula Universidad de Múrcia – ESPANHA	Lucila Vianna da Silva BM Roquetes – ESPANHA
13	Aline Rosas, a Pará São Paulo / Guarú-SP	Fabiana Kuestner Adeblu / Furb-SC
14	Célia Janete da Costa Metodista / MESC / São Bernardo-SP	Francine Camila de Moraes Santo André-SP
15	Fabiana Diniz, a Dara CE Mauá / Universo-RJ	Juceli Sales da Rosa MESC / São Bernardo-SP
16	Tayra Rodrigues Metodista / MESC / São Bernardo-SP	

Fonte: CBHb (2020).

Vicente Soler Olcina (2018), ao mencionar a emigração das atletas brasileiras, indica o envolvimento da CBHb e do treinador da seleção. O autor afirma que havia uma mediação para que as jogadoras fossem para destinos onde houvesse técnicos de competência

reconhecida, que atendessem ao projeto de handebol que o Brasil procurava, visto como moderno, principalmente no aspecto defensivo.

Juan Oliver se mostrava atento à saída das atletas para jogar na Europa. Em matéria veiculada pelo site UOL, no ano de 2006, o técnico reforçava a importância desse êxodo, mas orientava que as atletas só saíssem do Brasil quando seu rendimento nos campeonatos nacionais fossem bons e que, ao saírem, procurassem equipes que disputassem ligas com mais nível que a brasileira, priorizando, se possível, clubes que jogassem a Copa da Europa. E por fim, finalizou dizendo “O importante é jogar. De nada adianta estar no melhor time do mundo se não se joga” (UOL, 2006).

O resultado obtido no Mundial de 2005, somado ao consolidado desempenho que a seleção vinha mantendo nas competições do continente americano, demonstrava que os últimos investimentos da CBHb estavam trazendo bons resultados. Com o apoio das leis de incentivo ao esporte, a CBHb durante o ciclo olímpico de Pequim (2008) continuava sendo patrocinada pela Petrobrás. Nos anos de 2005 e 2006 ocorreu um investimento de R\$ 2,2 milhões anuais e nos anos de 2007 e 2008, de R\$ 2,8 milhões anuais (CAMARGO, 2016). A Confederação contava também com o apoio da Penalty no fornecimento de todo material esportivo para ambas as seleções (CBHb, 2006).

Para além desse contexto promissor que o handebol brasileiro estava vivenciando nesse período, em especial para as seleções, o ano de 2007 ganhou evidência, pois, pela primeira vez, os Jogos Pan-Americanos foram sediados no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro. Como já vinha ocorrendo desde 1999, a seleção conquistou a medalha de ouro. Os resultados da competição evidenciaram seu protagonismo: no primeiro turno, venceu as seleções de Cuba (32 x 18), Canadá (37 x 10) e México (38 x 15), no segundo turno, a República Dominicana (46 x 13), por fim, na final, ganhou o título na disputa com Cuba (30 x 17) (KRASSTEV, 2020). Essa conquista lhe garantiu a vaga para disputar os Jogos Olímpicos de Pequim.

Até esse momento, a seleção demonstrava um desenvolvimento crescente, aumentando as expectativas para um bom desempenho no Campeonato Mundial de 2007 e nos Jogos Olímpicos de 2008. Mesmo entendendo a magnitude desses eventos e suas dificuldades, o grupo vinha dando indícios da possibilidade de brigar por boas colocações. Todavia, o que se viu foram resultados inferiores às posições obtidas nas edições anteriores desses megaeventos. No Mundial, ficou em 14º lugar – uma queda de sete posições – e nos Jogos Olímpicos, em 9º – duas posições abaixo de 2004, sendo a pior colocação brasileira nessa competição até então.

Os resultados insatisfatórios não condiziam com o bom momento que a seleção vinha vivendo, como relembram as atletas em suas narrativas:

[...] da preparação para a Olimpíada de Atenas para a Olimpíada de Pequim houve uma melhora gigantesca, como eu falei, os jogos, os amistosos e os torneios que a gente não fez em 2004 a gente fez em 2008, então essa melhora foi visível, foi visível, foi visível (DARA DINIZ, 2019, p. 9).

A gente foi na intenção de medalha, nós tínhamos plenas condições de chegar em quarto ou a medalha, naquela Olimpíada, mas infelizmente houve problemas outra vez, internos, que não foram resolvidos [...] (VIVIANE JACQUES, 2019, p. 10).

Não há como precisar os motivos do baixo desempenho brasileiro no Campeonato Mundial e nos Jogos Olímpicos. O alto investimento por parte da CBHb na internacionalização da seleção, como a contratação de técnico estrangeiro; incentivo para as atletas jogarem na Europa; primeiro ciclo olímpico em que todas as jogadoras recebiam apoio financeiro por meio do Bolsa Atleta; aumento na participação de torneios internacionais e amistosos com equipes europeias, fez com que a equipe ganhasse experiência e condições de brigar por melhores colocações nos principais eventos.

Esses elementos, associados ao fato de a seleção brasileira não ser vista como um potencial perigo, pode ter surpreendido as adversárias europeias, em 2005, quando o Brasil garantiu a sétima colocação no Mundial. Ao mesmo tempo, esse resultado pode ter chamado a atenção de jogadoras e técnicos europeus para as brasileiras, fazendo com que passassem a estudá-las e conseqüentemente vindo a dificultar, para a seleção, os jogos nas competições seguintes. Esse fato é mencionado pelo presidente da CBHb, Manuel Luiz Oliveira ao fazer referência ao ciclo de Pequim.

Foi apenas o final de um ciclo. Nestes últimos anos, apesar dos resultados de Pequim, onde de fato esperávamos por uma classificação melhor das duas equipes, houve, sim, uma evolução do handebol brasileiro. **Tanto que o técnico da Rússia, que é uma das escolas mundiais na modalidade, me confessou que, hoje, sua equipe não entra em quadra diante do Brasil, sem estudar o nosso estilo de jogo** (BIGMIDIA, 2008, s/p, grifo meu).

Nas poucas reportagens que consegui identificar nos jornais sobre a participação da seleção nos Jogos Olímpicos, em sua maioria mencionam o bom desempenho das brasileiras no início das partidas, performance essa que têm uma queda de desempenho no segundo tempo, fato associado ao cansaço das atletas. Vejamos uma delas:

Figura 21 - Nota sobre a participação da seleção nos Jogos Olímpicos

Fonte: O Globo, 10 de agosto de 2008, p. 5.

Por fim, o ciclo de Pequim é findado com o anúncio da recusa do técnico Juan Oliver pela renovação de seu contrato, justificando sua saída por questões profissionais (OLCINA, 2018). Ao falar sobre isso ao Estadão, o presidente da CBHb, Manoel Luiz de Oliveira, destaca o desenvolvimento da equipe nacional ao longo desse ciclo olímpico e anuncia: “Temos de evoluir sempre, e já estamos dialogando com outros profissionais do primeiro mundo do handebol para que assumam nossas equipes” (CONFEDERAÇÃO..., 2008, s/p).

Ciclo Olímpico de Londres (2009-2012)

A nova escolha da CBHb para comandar a seleção durante o ciclo de Londres foi o técnico dinamarquês Morten Soubak⁷³. Assim como Juan, Morten conhecia bem o handebol brasileiro, pois já havia sido técnico da equipe do Osasco de São Paulo, em 1995, durante uma temporada e tinha retornado ao Brasil em 2005 para atuar como técnico da equipe de homens do Clube Pinheiros de São Paulo, onde permaneceu até 2008. De acordo com as jogadoras, a entrada de Morten mudou a realidade da seleção, pois, junto à comissão técnica, ele montou uma equipe multidisciplinar com a presença de médico, fisioterapeuta, nutricionista e psicóloga. Esta última função, ocupada por Alessandra Dutra, foi apontada como “uma peça decisiva dentro do grupo” (DANELLO, 2016, p. 26).

A primeira competição sob o comando do Morten foi no X Campeonato Pan-Americano de Handebol ocorrido em Santiago, Chile. Sem perder uma partida desde 1997, a seleção não encontrou dificuldades em vencer as seleções do México (30 x 13), do Paraguai (36 x 11), do Chile (44 x 22) e da República Dominicana (38 x 12) indo para a final, pela

⁷³ Morten Soubak assumiu a seleção brasileira de handebol em 2009, permanecendo até 2016 (pós Jogos Olímpicos do Rio).

quarta vez consecutiva, contra a Argentina. Em um jogo difícil, a seleção se viu derrotada pelas argentinas na prorrogação por um gol de diferença (26 x 25), perdendo, assim, sua invencibilidade na competição. Em entrevista ao jornal O Globo, Morten delegou a derrota à inexperiência da equipe, ao pouco tempo de treinos e ao fato de não ter as principais atletas da equipe disputando esta competição (HANDEBOL:..., 2009).

Ainda em 2009, a seleção participou do IXX Campeonato Mundial ocorrido na China. Apesar de ter ficado na 15ª colocação, uma posição abaixo da edição de 2007, a seleção demonstrou que continuava buscando uma melhor capacitação, como é possível identificar na melhoria dos resultados (Quadro 9) contra as equipes europeias.

Quadro 9 - Resultados da seleção no IXX Campeonato Mundial de Handebol (2009)

Fase preliminar			
Brasil	20	22	França (prata)
Brasil	23	26	Suécia (13ª)
Brasil	30	32	Alemanha (7ª)
Brasil	21	28	Dinamarca (5ª)
Brasil	36	28	República do Congo (20ª)
Segunda fase (disputa entre 13ª a 24ª colocação)			
Brasil	45	12	Austrália (24ª)
Brasil	36	30	Ucrânia (17ª)
Brasil	44	19	Tailândia (21ª)

Fonte: KRASDEV (2020).

Passado o ano de 2009, o foco foi direcionado para o Campeonato Mundial de 2011 que teria como sede o Brasil. O evento ocorreu nas cidades de São Paulo, Santos, Barueri e São Bernardo do Campo-SP entre os dias 3 e 18 de dezembro. Com o progresso apresentado pela seleção nos últimos anos, todos os esforços estavam voltados para uma boa atuação em casa.

Com a maioria das atletas da seleção atuando na Europa, a CBHb deu mais um passo em busca da sua qualificação. Assim, em 2011, a instituição assinou um acordo com a equipe austríaca Hypo Niederösterreich⁷⁴, com o apoio do COB, prevendo a contratação de sete atletas brasileiras, as quais passaram a ser a nova base da seleção.

No Mundial de 2011, as brasileiras não eram as favoritas ao título, entretanto, as jogadoras se viram confiantes por um bom resultado, baseadas no seu desempenho nos Jogos

⁷⁴ Fundada em 1972 e localizada na cidade de Maria Eszersdorf na Baixa Áustria, a Hypo Nö é reconhecida como um dos clubes de maior sucesso na Europa, sendo oito vezes campeã da Liga dos Campeões entre os anos de 1989 e 2000, 39 vezes campeã da Liga Austríaca e nunca perdeu a ÖHB Cup, criada em 1989. Site do clube: <http://www.hypo-noe.at/de/22695>.

Pan-Americanos de Guadalajara – medalha de ouro – e nos três meses de preparação que fizeram na Áustria. De acordo com o regulamento da competição, sendo o Brasil a sede da competição, a seleção tinha a vantagem de escolher a chave que gostaria de ficar após o sorteio de chaveamento (DANELLO, 2016).

Com 24 países competidores, foram formados quatro grupos de seis seleções. Focando nas fases seguintes (oitavas de final; quartas de final, etc.) e nas possíveis adversárias que poderiam pegar, o Brasil opta por ficar no Grupo C junto com a França (vice-campeã do Mundo em 2009), Romênia, Japão, Tunísia e Cuba. Com todos os jogos marcados para ocorrer no Ginásio do Ibirapuera em São Paulo, a seleção terminou a primeira fase invicta, ficando em primeiro lugar no seu grupo.

Quadro 10 - Resultados da primeira fase do XX Campeonato Mundial de Handebol (2011)

Primeira Fase			
Brasil	37	21	Cuba
Brasil	32	24	Japão
Brasil	26	22	França
Brasil	33	28	Romênia
Brasil	34	33	Tunísia

Fonte: KRASSTEV (2020).

A boa campanha que fizeram no primeiro turno, atrelada à garantia da vaga para as oitavas de final, ganhou destaque na mídia por ter sido conquistada com vitória em cima da França, então vice-campeã mundial. Esse feito mostrou uma seleção brasileira coesa, madura e com potencial para chegar ao pódio.

O jornal O Globo, ao noticiar o feito da seleção destacou: “A vaga brasileira foi garantida anteontem com uma virada histórica diante da França, por 26 a 22” (MUNDIAL, 2011, p. 36). Monique Danello, autora do livro “Raça Brasil: os bastidores da conquista inédita do Mundial de Handebol”, ao lembrar essa vitória descreveu:

Contra as francesas, o Brasil conseguiu uma virada histórica. Foram dois tempos completamente diferentes. Na primeira etapa, quase nada deu certo e a equipe foi para o intervalo perdendo de 17 a 10. Parecendo quase impossível reverter esses sete gols de diferença mas, no vestiário, o técnico acreditava. Sabia que era difícil, mas era preciso tentar. [...] Vencer por um gol de diferença bastava e já seria ótimo. Mas o Brasil passava por cima, sem dó das vice-campeãs mundiais. [...] No fim do jogo, o técnico Morten Soubak afirmou que aqueles teriam sido os melhores 30 minutos da equipe, sob o comando dele. Era apenas o início de um trabalho vitorioso (DANELLO, 2016, p. 33).

As oitavas de final foram contra a equipe da Costa do Marfim, considerada tecnicamente mais fraca que o Brasil. A seleção venceu com facilidade, sob o placar final de 35 x 22, chegando, assim, às quartas de final, posição inédita na trajetória da seleção ao longo de todas as edições que participou dessa competição.

As quartas de final seriam contra a Espanha, que tinha em sua comissão técnica Juan Oliver, ex-técnico do Brasil, o qual já havia trabalhado com boa parte das jogadoras que estavam quadra. A vantagem da equipe espanhola não intimidou as brasileiras, que haviam vencido um amistoso contra elas, dias antes do Mundial por 28 x 24. Esse resultado mostrava que a seleção tinha condições de chegar à semifinal.

Com aproximadamente 4.500 espectadoras/es nas arquibancadas, em sua maioria torcendo para o Brasil, a seleção não começou bem o jogo, deixando as espanholas abrirem vantagem de quatro gols logo no início da partida. Após conseguir equilibrar o placar, o jogo foi disputado gol a gol e ao final venceu quem errou menos, a Espanha (27 x 26). O Brasil estava fora da disputa por medalhas, mas ainda podia brigar por uma melhor classificação final no Mundial. Com esse foco, a seleção venceu a Croácia (32 x 31) e a campeã de 2009, Rússia (36 x 20), conquistando, assim, a 5ª colocação geral.

A seleção pode não ter chegado ao pódio, entretanto, seu desempenho estava em ascensão. O presidente da CBHb, Manoel Oliveira, ao analisar a participação do Brasil, comentou:

Mostramos para o Brasil e para o mundo que o nosso handebol tem qualidade. A equipe jogou nove partidas, ganhou oito, conseguiu uma posição histórica e ainda tivemos a melhor goleira do campeonato (Chana Masson), que também foi escolhida pelo Comitê Olímpico Brasileiro como a melhor atleta do handebol no ano. Para nós, foi extremamente positivo (BIGMÍDIA, 2011, s/p).

Depois de disputar o Campeonato Mundial, o próximo grande desafio da seleção foi os Jogos Olímpicos de Londres, evento que simbolizava o fechamento de mais um ciclo olímpico, aquele com o maior investimento desde sua criação, gerando expectativas e cobranças por resultados.

Só para se ter uma ideia, mesmo com o fim do patrocínio da Petrobrás em 2010, entre os anos de 2008-2012, o handebol figurou a segunda posição entre as modalidades que mais captaram recursos. A modalidade captou, por meio de sete convênios, o montante de R\$ 16,5 milhões, ficando abaixo somente do voleibol, que arrecadou no mesmo período R\$ 21,0 milhões também com sete convênios (TEIXEIRA *et al.*, 2015).

Diante dos altos investimentos, do resultado apresentado no Campeonato Mundial e de seu desempenho na preparação para os Jogos Olímpicos de Londres – dos quinze amistosos que realizou ganhou trezes e empatou duas contra a Noruega, potência mundial da modalidade – fez com que o Brasil figurasse entre as três seleções que estariam no pódio (FAVERO, 2012).

O bom desempenho e a preparação forte que o Brasil fez está dando o direito de as meninas sonharem com a medalha. “Às vezes, depende da arbitragem, ou de bater na trave e entrar, um pouco de sorte... Mas confio no grupo e estamos aqui para brigar por medalhas. Não viemos apenas participar”, conclui Soubak (FAVERO, 2012, p. 49).

Diferente da primeira participação do Brasil em Jogos Olímpicos (em 2000), no qual predominava o discurso do “já valeu a experiência”, a narrativa agora era “não viemos só participar, queremos brigar por medalhas” (FAVERO, 2012, p. 49).

Faltando pouco mais de um mês para o início dos Jogos, Morten divulgou a lista final de atletas convocadas. Das selecionadas do Mundial para as convocadas para os Jogos Olímpicos houve três cortes (em negrito no Quadro 11), entretanto, um deles gerou repercussão na mídia: o corte da goleira Bárbara Arenhart (Babi), atuante na seleção desde 2006. Babi foi substituída por Mayssa Pessoa que só havia integrado o elenco durante a fase preparatória dos Jogos. A reportagem sob o título “Mãe de goleira de handebol esbraveja contra ‘injustiça’ após corte” veiculada pelo site Terra, traz o desabafo da mãe da jogadora ao saber do corte.

“Que decepção! Que injustiça! A Babi não merecia ser cortada”, escreveu Rosecler Arenhart, depois de colocar em seu mural do Facebook a notícia divulgada pela Confederação Brasileira de Handebol (CBHb). Grande parte das postagens de Rosecler diz respeito à carreira de sua filha, até então reserva imediata de Chana Masson. A arqueira atua no Hypo, da Áustria (MÃE DE GOLEIRA..., 2012, s/p).

A escolha de Morten pela Mayssa (novata) no lugar de Babi (veterana) indicava uma nova situação para as jogadoras: sua instabilidade na seleção. Babi, ao comentar sobre seu corte, no documentário “Meninas de Ouro”, relata que até aquele momento eram sempre as mesmas atletas (no grupo principal – titulares) e seu corte mostrou que na gestão do Morten, ele escolheria a melhor jogadora para a competição e não a que estivesse mais tempo na seleção (MENINAS DE OURO, 2016).

Quadro 11 - Convocadas do Campeonato Mundial de 2011 e Jogos Olímpicos de 2012

CAMPEONATO MUNDIAL 2011	JOGOS OLÍMPICOS 2012
Alessandra Medeiros ADC Santo André – Brasil	
Alexandra Priscila do Nascimento Hypo – Áustria	Alexandra Priscila do Nascimento Hypo – Áustria
Ana Paula Rodrigues Hypo – Áustria	Ana Paula Rodrigues Hypo – Áustria
Bárbara Elisabeth Arenhart Hypo – Áustria	Mayssa Pessoa Issis Paris Handball – França
Chana Masson Randers – Dinamarca	Chana Franciela Masson Randers – Dinamarca
Daniela Piedade (a Dani) Hypo – Áustria	Daniela de Oliveira Piedade Hypo – Áustria
Deonise Fachinello Cavaleiro Itxaco – Espanha	<i>Deonise Fachinelo Cavaleiro</i> <i>Hypo – Áustria</i>
Eduarda Idalina Amorim Gyor – Hungria	Eduarda Amorim Gyor, da Hungria
Fabiana Diniz Bera-Bera – Espanha	<i>Fabiana Carvalho C. Diniz</i> <i>Hypo – Áustria</i>
Fernanda França da Silva Hypo – Áustria	Fernanda França da Silva Hypo – Áustria
Francine Camila de Moraes Hypo – Áustria	Francine Camila Gomes de Moraes Hypo – Áustria
Jéssica da Silva Quintino A.D. Blumenau – Brasil	Jéssica da Silva Quintino A.D. Blumenau – Brasil
Mayara Fier de Moura Mios Bigamos – França	<i>Mayara Fier de Moura</i> <i>Hypo – Áustria</i>
Moniky Karla Novais Bancilon Metodista/São Bernardo – Brasil	
Samira Pereira da Silva Rocha Hypo – Áustria	Samira Pereira da Silva Rocha Hypo – Áustria
Sílvia Helena Araújo Pinheiro Hypo – Áustria	Sílvia Helena Araújo Pinheiro Hypo – Áustria

Fonte: CBHb⁷⁵ (2011), UOL⁷⁶ (2012).

Com o time definido, o Brasil embarcou para Londres, participando pela quarta vez desse megaevento. Na divisão dos grupos, a equipe brasileira havia caído no Grupo A, visto como o mais fácil, a partir de seus resultados no último Mundial.

⁷⁵ Disponível em: <https://cbhb.org.br/v1/noticia/7558/seleand-231-and-227-o-feminina-define-equipe-para-o-mundial>. Acesso em: 13 out. 2020.

⁷⁶ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/olimpiada-no-rio/2016/07/1788883-selecao-de-handebol-e-concovada-para-a-olimpiada-com-base-de-2012.shtml>. Acesso em: 13 out. 2020.

Quadro 12 - Grupos dos Jogos Olímpicos de Londres 2012

GRUPO A / Colocação no Mundial de 2011	GRUPO B / Colocação no Mundial de 2011
Croácia	França (prata)
Rússia (6º)	Coreia do Sul (11º)
Montenegro (10º)	Espanha (bronze)
Grã-Bretanha (--)	Noruega (ouro)
Angola (8º)	Dinamarca (4º)
Brasil (5º)	Suécia (9º)

Fonte: KRASSTEV (2020).

Na primeira fase, dos cinco jogos que o Brasil disputou, a seleção só perdeu para a Rússia (Quadro 12), garantindo, assim, sua presença nas quartas de final contra a Noruega, campeã olímpica (2008) e mundial (2011). Apesar de ser uma potência na modalidade, a Noruega não havia feito uma boa primeira fase, com duas vitórias, um empate e duas derrotas. A seleção norueguesa havia se classificado na quarta posição de sua chave, garantindo, assim, a última vaga para as quartas de final. Para além de seu desempenho no Mundial, as norueguesas haviam empatado nos dois amistosos preparatórios contra o Brasil e esses resultados apontavam para uma equipe que poderia ser vencida.

Ainda sobre a classificação final da seleção norueguesa, havia uma desconfiança de que ela poderia ter entregado a vitória para a Espanha no intuito de disputar as quartas de final contra as brasileiras.

Mesmo com a ótima classificação, foi a Noruega quem caiu no caminho do Brasil nas quartas de final. A derrota das campeãs mundiais para a Espanha, na última rodada da primeira fase, foi muito polêmica. O resultado deixou as norueguesas na quarta posição, provocando um cruzamento com as brasileiras, adversárias teoricamente mais fáceis, na cabeça delas (DANELLO, 2016, p. 41).

Ary Cunha, jornalista do jornal O Globo, ao escrever sobre o confronto entre Brasil e Noruega evidenciou: “Embora ninguém faça críticas abertamente às circunstâncias da derrota por 25 a 20 para Espanha, que deixou as norueguesas em quarto lugar no Grupo B, as brasileiras acharam estranha a postura das nórdicas na partida que definiu os cruzamentos” (CUNHA, 2012, p. 3).

Com o favoritismo ao lado da Noruega, a seleção brasileira fez um primeiro tempo impecável e, ao final, tinha conquistado uma vantagem de quatro gols em cima das norueguesas. Ainda no início do segundo tempo, as brasileiras aumentaram para seis a vantagem em cima da Noruega, levando a acreditar que a vitória seria do Brasil. Todavia, sem as atletas e comissão técnica entenderem como, a Noruega virou o jogo, venceu e tirou a

seleção dos Jogos Olímpicos. Mais uma vez o Brasil caía em uma quarta de final. Para a goleira Mayssa, faltou frieza das jogadoras para ministrar a partida (DANELLO, 2016).

Mesmo com a decepção de não subir ao pódio, a seleção continuava demonstrando seu desenvolvimento ao finalizar a competição na sexta colocação, a melhor até o momento. Nessa edição, a seleção também pôde contar com a escolha de Alexandra Nascimento como integrante do All-Star Team⁷⁷ de handebol dos Jogos Olímpicos de Londres.

Quadro 13 - Resultados do Brasil nos Jogos Olímpicos de Londres (2012)

Primeira Fase			
Brasil	24	23	Croácia
Brasil	27	25	Montenegro
Brasil	30	17	Grã-Bretanha
Brasil	27	31	Rússia
Brasil	29	26	Angola
Quartas de final			
Brasil	19	21	Noruega (ouro)

Fonte: KRASSTEV (2020).

Ao finalizar o ciclo de Londres, fica evidente a consolidação da seleção brasileira no cenário internacional. Mesmo não alcançando o pódio no Mundial e nos Jogos Olímpicos, é possível inferir que os investimentos realizados – técnico estrangeiro, atletas jogando no exterior, e convênio com a Hypo – vinham se materializando em avanços significativos, tornando mais factível um título de campeã mundial e/ou olímpica.

2013, “Colhendo os frutos no topo do mundo”

Nunca diga que não conseguimos nada com o handebol, nós revolucionamos o handebol deste país, mudamos a mentalidade, aperfeiçoamos nossa técnica, começamos a ter consciência tática, criamos dentro de nós um espírito de nacionalidade, acima de tudo provamos que somos capazes de estarmos fazendo frente a qualquer um (DIAS, 1989)⁷⁸.

O trecho acima, escrito em 1989, em forma de carta, pela ex-atleta Eliane Dias, primeira geração da seleção dirigida ao ex-técnico Francisco de Assis Farias, expressa as agruras de um outro tempo e contexto, nos quais a seleção ainda dava seus primeiros passos. Passadas mais de três décadas de sua escrita, ao lê-lo pela primeira vez não tive dúvidas de

⁷⁷ O All Star Team é definido com base no desempenho que a atleta apresentou no torneio. É escolhida a melhor jogadora de cada posição formando o “time dos sonhos”.

⁷⁸ O trecho foi retirado de uma carta encaminhada pela atleta Eliane Dias ao técnico Francisco de Assis Farias, que a disponibilizou para este estudo.

sua atemporalidade dentro da trajetória da seleção. E é com esse desabafo ecoado por tanto tempo que inicio a escrita do ano em que a seleção chegou ao topo do mundo.

O ano de 2013 iniciou com Alexandra Nascimento recebendo o prêmio de Melhor jogadora de Handebol do mundo⁷⁹ da temporada 2012, pela Federação Internacional de Handebol, sendo a primeira atleta do continente americano a receber o prêmio. Esse feito seria repetido, em 2014, com a atleta Eduarda Amorim.

Ao falar sobre essa conquista, Alexandra relata que “foi um momento maravilhoso, inesquecível e inexplicável” (ALEXANDRA, 2019, p. 31). A jogadora ainda receberia no fim do ano outro título de melhor do handebol de 2013 pelo Prêmio Brasil Olímpico, organizado pelo Comitê Olímpico Brasileiro (CBHb, 2013)⁸⁰.

Figura 22 -Alexandra Nascimento em premiação de Melhor jogadora de Handebol do mundo de 2012



Fonte: WHM (2013)⁸¹.

Depois de ser eliminada na fase das quartas de final no Mundial de 2011 e nos Jogos Olímpicos de Londres, outra edição do Campeonato Mundial se aproximava, dessa vez, tendo como sede a Sérvia. Previsto para ocorrer em dezembro de 2013, a seleção precisava garantir sua vaga. Para tanto, tinha que vencer o Campeonato Sul-Americano de Handebol (Mar del Plata, Argentina, 2013) classificando-se para disputar o Campeonato Pan-Americano de Handebol (Santo Domingo, República Dominicana, 2013), no qual os quatro primeiros

⁷⁹ O prêmio de melhor jogadora do ano, promovido pela Federação Internacional de Handebol, é concedido a atletas que tenham tido um ótimo desempenho em suas competições por seus clube se em competições internacionais. Após a indicações das atletas, ocorre uma votação feita por especialista, fãs e mídia para decidir a classificação (IHF, 2020).

⁸⁰ Disponível em: <https://cbhb.org.br/v1/noticia/6476/alexandra-nascimento-celebra-o-tand-237-tulo-de-melhor-do-handebol-no-prand-234-mio-brasil-oland-237-mpico>. Acesso em: 13 out. 2020.

⁸¹ Disponível em: <https://archive.ihf.info/Files/Uploads/Magazine/98/pageflip.html>. Acesso em: 13 out. 2020.

colocados participam do Mundial. Nos dois eventos a seleção não encontrou dificuldades em obter a primeira colocação de forma invicta.

Quadro 14 - Resultados dos jogos nos Campeonatos Sul-Americano e Pan-Americano de Handebol

Resultados Campeonato Sul-Americano			Resultados Campeonato Pan-Americano				
Brasil	41	17	Chile	Brasil	44	10	EUA
Brasil	41	09	Paraguai	Brasil	59	07	Costa Rica
Brasil	55	14	Venezuela	Brasil	48	18	México
Brasil	37	23	Argentina	Brasil	37	22	R. Dominicana

Fonte: KRASSTEV (2020).

Com o baixo nível técnico nesses campeonatos regionais, Morten os aproveitou para testar novas jogadoras, priorizando atletas atuantes no Brasil, já ponderando um futuro processo de renovação da seleção (DANELLO, 2016). As convocadas foram:

Quadro 15 - Novatas convocadas para os Campeonatos Sul-Americano e Pan-Americano de Handebol

Campeonato Pan-Americano	Campeonato Sul-Americano
Amanda Claudino de Andrade* Universitária/Concordia-SC	Tamires Morena Lima de Araújo Universitária/Concordia-SC
Jéssica da Silva Quintino* EC Pinheiros-SP	Nadyne Morcinek Colégio de Aplicação Paulo Gissoni-RJ
Juliana Malta Varela de Araújo Metodista São Bernardo-SP	Patrícia Batista
Franciele Gomes da Rocha ACD/Estrela de Guarulhos-SP	Moniki Karla Novais Bancilon Metodista São Bernardo-SP
Deborah Hannah Pontes Nunes* Metodista São Bernardo-SP	Deborah Hannah Pontes Nunes Metodista São Bernardo-SP
*Fizeram parte da seleção que conquistou o Mundial	

Fonte: KRASSTEV (2020).

Focando na preparação para o Mundial, durante o primeiro semestre de 2013, Morten realizou períodos de treinamentos com jogadoras de clubes brasileiros. No segundo semestre, realizou amistosos mesclando jogadoras novatas e experientes, atuantes no Brasil e na Europa. Ainda no segundo semestre, Morten assumiu também o comando da equipe austríaca Hypo, na qual atuavam oito atletas da seleção principal. Sua entrada à frente da Hypo possibilitou a criação de uma seleção permanente, visto que as principais jogadoras do elenco atuavam pelo clube. Aproveitando-se desses elementos, o técnico intensificou os treinos das atletas. Além disso, essa nova configuração oportunizou que ele acompanhasse de perto suas jogadoras e as jogadoras de outras seleções (DANELLO, 2016).

Nos últimos preparativos para o Mundial, a seleção passou por momentos de incertezas. Faltando quinze dias para o início da competição, das dezesseis atletas convocadas, quatorze estavam lesionadas. Babi tinha perdido a mãe há pouco tempo, Duda foi liberada pelo clube somente um dia antes do início do campeonato, Jéssica Quintino havia sofrido uma lesão e não embarcou para Sérvia, tendo que ser substituída.

Além de todas essas contrariedades, a seleção havia perdido os últimos amistosos realizados contra a Polônia (MENINAS DE OURO, 2016). Alex Aprille, então assistente técnico da seleção, ao avaliar a preparação da equipe para esse Mundial, aponta que viveram a pior fase em comparação à preparação das competições anteriores e que, diante de tantas adversidades, fizeram o que davam conta (DANELLO, 2016).

Com a equipe formada pelas **Goleiras** – Bárbara Arenhart (Hypo Nö – Áustria) e Mayssa Pessoa (HK Dínamo Volgograd – Rússia); **Armadoras** – Amanda de Andrade (Supergasbras/UNC/Concórdia – SC), Deonise Cavaleiro (Hypo Nö – Áustria), Eduarda Amorim (Gyori Audi ETO – Hungria) e Karoline de Souza (Team Tvis Holstebro – Dinamarca); **Pontas** – Alexandra do Nascimento (Hypo Nö – Áustria), Fernanda França da Silva (Hypo Nö – Áustria), Jéssica Quintino (Sport Club Vistal Gdynia – Polônia) e Samira Pereira da Silva Rocha (Mios Biganos Handball – França) e as **Pivôs** – Daniela Piedade (Rokometni Klub Krim – Eslovênia), Elaine Gomes Barbosa (Força Atlético-GO) e Fabiana Carvalho Diniz (Hypo Nö – Áustria) juntamente com a Comissão técnica: Morten Soubak (Técnico), Alex Aprille (Assistente técnico), Rita Orsi (Supervisora), Leandro Gregorut Lima (Médico), Marina Gonçalves Calister (Fisioterapeuta), Júlia do Valle Bargieri (Nutricionista) e Alessandra Dutra (Psicóloga) (CBHb, 2013⁸²), a seleção dava início a sua participação no XXI Campeonato Mundial de Handebol, ocorrido na Sérvia entre os dias 7 e 22 de dezembro.

Ancoradas na premissa “um jogo de cada vez” (DANELLO, 2016), a seleção finalizou a primeira fase da competição invicta e em primeiro lugar no grupo. Nas oitavas de final, venceu a Holanda com folga e foi para as quartas de final contra a Hungria.

Chegar às quartas de final pela terceira vez consecutiva tinha um peso extra, o do fracasso. Para Alessandra Dutra, psicóloga da seleção, o trauma de ter caído em duas quartas de final (Mundial de 2011 e Jogos Olímpicos de Londres) precisava ser trabalhado com as jogadoras. Para ela, a seleção “não sabia ganhar” e era preciso fazer com que aprendessem a ser combativas (MENINAS DE OURO, 2016).

⁸² Disponível em: <https://cbhb.org.br/v1/noticia/6447/alexandra-nascimento-aponta-favoritos-a-uma-medalha-do-mundial-feminino>. Acesso em: 13 out. 2020.

O diferencial de ter um acompanhamento psicológico é recorrente nas narrativas das jogadoras.

Essa preparação psicológica, em todos os jogos, em todos os momentos, principalmente no nosso fantasma que eram as quartas de final, que nos eliminou em casa no Mundial, nos eliminou na Olimpíada de Londres, a gente estava muito bem preparada mentalmente para isso (DARA DINIZ, 2019, p. 11-12).

Para além do fantasma das quartas de final, a seleção tinha que enfrentar as cobranças por resultados, potencializado pelos altos investimentos que a CBHb vinha promovendo. Alexandra, em sua entrevista, relata que era muito comum o discurso “a gente precisa de resultados” (ALÊ NASCIMENTO, 2019, p. 39). Nesse sentido, avançar nas posições já não era o suficiente, o que se esperava era uma medalha.

[...] então a gente sabia que a gente não estava jogando sozinho, significava muita coisa, até para o handebol no Brasil, porque isso que a gente esperava, isso que a gente acreditava, isso é o sonho das atletas, de conseguir uma medalha no Mundial, que foi o que aconteceu, para também melhorar as condições do esporte em geral, no caso no Brasil, então era muita pressão aí [...] (ALÊ NASCIMENTO, 2019, p. 39).

O Jogo contra a Hungria foi intenso, disputado gol a gol, com duas prorrogações, e sob tais dificuldades, enfim, a seleção alcançou a semifinal de uma competição mundial, celebrado como um título pelas atletas.

O confronto seguinte foi contra a Dinamarca, país de grande tradição no handebol. Para Alex Aprille, essa foi a melhor partida da seleção, com pouquíssimos erros técnicos e táticos (MENINAS DE OURO, 2016). Com uma vitória por 27 a 21, o Brasil estava na final.

Então, no dia 22 de dezembro de 2013, a Seleção entrava na quadra da Arena Kombank, em Belgrado, Sérvia, contra as donas da casa, sob os olhares de 19 mil pessoas – recorde de público em um Campeonato Mundial de Handebol –, obviamente com a ampla maioria torcendo contra as brasileiras. Superando a pressão, a vitória por 22 a 20 trouxe o título inédito para o handebol nacional. Com uma campanha invicta (Quadro 16), o Brasil foi o segundo país de fora da Europa a conquistar o título mundial da modalidade.

Quadro 16 - Resultados dos jogos da Seleção Brasileira

Primeira fase (Grupo B)				
Brasil		36	20	Argélia
Brasil		34	21	China
Brasil		25	23	Sérvia
Brasil		24	20	Japão
Brasil		23	18	Dinamarca
Segunda fase				
Oitavas	Brasil	29	23	Holanda
Quartas	Brasil	33	31	Hungria
Semifinal	Brasil	27	21	Dinamarca
Final	Brasil	22	20	Sérvia

Fonte: KRASDEV (2020).

Figura 23 - Seleção Brasileira de Handebol no pódio do Campeonato Mundial de Handebol da Sérvia (2013)

Fonte: CBHb⁸³ (2013).

Daly Mesquita, atleta da seleção que conquistou a primeira vaga olímpica, ressalta que, se para o mundo foi uma surpresa o Brasil levar esse título, para as pessoas envolvidas com a seleção, não (MENINAS DE OURO, 2016). Tanto as jogadoras quanto os outros sujeitos envolvidos com o handebol brasileiro reconhecem os altos investimentos, a experiência internacional, a continuidade de treinamentos de qualidade e o controle emocional

⁸³ Disponível em: <https://cbhb.org.br/v1/noticia/6383/brasil-faz-histand-243-ria-com-tand-237-tulo-inand-233-dito-do-mundial-feminino>. Acesso em: 13 out. 2020.

como requisitos fundamentais para a construção de uma equipe vitoriosa, somados à qualidade das atletas, seu empenho e dedicação. Mas, quando questionadas sobre os elementos que acreditam ter sido essenciais para chegar ao pódio, o destaque é dado à união do grupo como um diferencial em relação as outras competições, como evidencia as narrativas de Alexandra e Dara:

Para mim eu destacaria a união do grupo e a preparação mental como os pontos mais importantes para alcançar esse título. A união porque problemas sempre existem né, e a gente conseguiu superar isso juntas, sejam problemas de equipe, sejam problemas individuais de cada uma. Problemas de quadra, problemas extra quadra, a gente conseguiu se unir e sobrepasar isso em busca de um objetivo maior, que era esse título, e a preparação mental como eu falei, sem dúvida foi a nossa base, nosso porto seguro na hora que o físico perdeu um pouquinho, e técnico, a nossa cabeça estava muito forte, então aguentou, aguentou o tranco e aguentou bem (DARA DINIZ, 2019, p. 12).

Eu acredito que foi a união, sinceramente, a humildade de todas as atletas estarem se ajudando, porque tivemos alguns jogos, alguns dias [...] tem vez que está tudo bem, tem vez que está tudo mal. Então a gente foi se respeitando, que nós ficamos um mês juntas, então nós fizemos a preparação e depois já fomos para o Mundial, então foi muito tempo juntas (ALÊ NASCIMENTO, 2019, p. 40-41).

Mesmo diante de uma equipe nove vezes campeã Sul-americana de Handebol, onze vezes campeã Pan-americana de Handebol, seis vezes campeã nos Jogos Pan-Americanos e três vezes campeã nos Jogos Sul-Americanos, com o adendo de nunca ter ficado fora de um pódio nas competições continentais, é com o título Mundial que a seleção ganha atenção da mídia. No dia seguinte ao feito, a seleção estampava a capa dos principais jornais nacionais.

Figura 24 - Seleção Brasileira na capa do jornal O Estado de São Paulo



Fonte: O Estado de São Paulo (2013).

Figura 25 - Seleção Brasileira na capa do jornal O Globo



Figura 26 - Seleção Brasileira na capa do jornal Folha de São Paulo



O jornal Lance!, que trata preferencialmente de conteúdos voltados ao futebol e tem em seu histórico pouquíssimas capas de outros esportes, estampou a seleção brasileira na primeira página (PEDROSO *et al.*, 2015). Além de uma matéria dedicada à conquista, o

jornal distribuiu um pôster comemorativo ao título, idêntico ao que é feito com equipes de futebol, quando campeãs.

Figura 27 - Seleção Brasileira na capa do jornal Lance!



Fonte: Pedroso *et al.* (2015).

A medalha de ouro conquistada pela equipe brasileira obteve diferentes olhares ao ser retratada pelos principais jornais. Enquanto os jornais Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo reconheciam o avanço da seleção nos últimos dez anos, mas demonstravam certo espanto com a realização brasileira, O Globo anunciava que, em quase todas as partidas, a seleção entrou como favorita.

Mesmo diante das diferentes perspectivas, os três jornais reforçaram os investimentos realizados na seleção, principalmente o incentivo de levá-las para jogar na Europa e a importância da contratação do técnico Morten Soubak – o qual teve um espaço exclusivo na Folha de São Paulo. Ao fazer a introdução da entrevista com Morten, Paulo Roberto Conde, jornalista da Folha de São Paulo, descreveu: “O principal personagem do título mundial da seleção feminina de handebol não estava em quadra. Do banco Morten Soubak, 49, foi o condutor da surpreendente campanha” (CONDE, 2013, p. D1).

Paulo, representando a Folha de São Paulo, creditava o título ao Morten, ao questioná-lo sobre o sentimento de ter saído de uma 15ª posição, no Mundial de 2009, para o ouro em 2013. Mas Morten não hesitou em passar os créditos para as atletas “Tudo se deve às jogadoras. A dedicação, o brilho, a garra, tudo se deve ao esforço delas. Nós temos um grande grupo” (CONDE, 2013, p. D1).

Alessandro Lucchetti, jornalista do jornal O Estado de São Paulo, ao analisar a conquista da seleção, declara: “Não existe nenhum gênio no comando da Confederação [...]. O sucesso se deve, pois, ao esforço das jogadoras e ao trabalho apaixonado do técnico dinamarquês Morten Soubak” (LUCCHETTI, 2013, p. A18).

Embora a conquista do mundial tenha gerado espanto para muitas pessoas, inclusive pela pouca visibilidade do esporte no país, essa vitória passa a representar o momento mais importante da trajetória da seleção. Por fim, assim como a conquista do Pan-Americano de Winnipeg, em 1999, foi a porta de entrada para a último evento que faltava no currículo da equipe, o título de 2013 representou a consolidação da seleção colocando-a como uma possível medalhista nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, o último ouro que lhe falta.

DEPOIS DO MUNDIAL, JOGOS OLÍMPICOS DO RIO DE JANEIRO E O PORVIR (2014-2019)

“Chegar no topo é fácil, difícil é se manter”
Dani Piedade

A fala da atleta campeã mundial proferida em uma reportagem do canal Esporte Interativo, em homenagem aos cinco anos da conquista do Mundial, é representativa do declínio de desempenho e resultados da seleção nos anos que seguiram à maior conquista brasileira na modalidade. Mas, além da dificuldade de constituir uma hegemonia, inerente ao esporte, uma série de episódios ajudam a compreender esse período.

O primeiro deles foi a não renovação do convênio com a Hypo Niederösterreich, anunciada em fevereiro de 2014. Sob a justificativa de que a equipe austríaca não estava disposta a atender as exigências da CBHb, a parceria foi rompida. Entre as exigências, estavam: a contratação de um número maior de atletas brasileiras pelo clube e um reajuste salarial condizente com o *status* de campeãs mundiais das atletas (CONFEDERAÇÃO..., 2014; CBHb..., 2014). Em fala ao jornal LANCE!Net⁸⁴ e ao site Rede Nacional do Esporte⁸⁵,

⁸⁴ Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/confederacao-brasileira-de-handebol-e-hypo-nao-renovam-convenio,59381759be134410VgnCLD2000000dc6eb0aRCRD.html>. Acesso em: 13 out. 2020.

o presidente da CBHb, Manoel Luiz Oliveira, reconheceu a importância do convênio e a consequente perda que a não renovação acarretaria. Em suas palavras:

[...] o Hypo nos oferece uma excelente estrutura física e a possibilidade de que nossas atletas treinem, joguem juntas o ano todo e participem de importantes campeonatos na Europa [...] Com isso, estamos avaliando se vale a pena buscarmos outra equipe que tenha interesse em fazer esse acordo e de atender as nossas expectativas (CONFEDERAÇÃO..., 2014, s/p; CBHb..., 2014, s/p).

Até o fechamento da tese, nenhum convênio com outra equipe foi fechado. As atletas brasileiras que atuavam na Hypo, valorizadas no handebol internacional, continuaram atuando na Europa, contudo, em diferentes clubes. A seleção segue com tais atletas atuando na elite da modalidade, todavia, sem a lógica de uma “seleção permanente”.

Em 11 novembro de 2016, o site da ESPN⁸⁶ publicou um dossiê, dividido em quatro reportagens⁸⁷, no qual apontava o envolvimento da CBHb em inúmeras fraudes e desvio de verba pública. De acordo com as reportagens, a entidade já vinha sendo investigada, sob sigilo, pela Controladoria Geral da União (CGU) e pelo Ministério Público Federal (MPF) após inúmeras denúncias contra a CBHb. O presidente Manoel Luiz Oliveira, à frente da entidade desde 1989, foi o principal acusado de desviar recursos do Ministério do Esporte durante a realização do Campeonato Mundial de Handebol Feminino, em 2011, no Brasil.

Logo após as delações, iniciou-se um movimento de oposição por meio de atletas, ex-atletas e presidentes de federações estaduais. Em entrevista ao ESPN, o então Presidente da Federação Mineira de Handebol, Cláudio Dias declarou:

Já havia um movimento no sentido de se formar uma chapa para disputar a próxima eleição da CBHb, anterior mesmo ao Presidente Manoel se lançar, novamente, como candidato, substituindo outro nome indicado por ele, e, é óbvio, que após a divulgação das investigações por parte do ESPN, todo o handebol nacional se movimentou, o que reforçou essa intenção de apresentar uma chapa como alternativa na próxima eleição (GARCIA, 2016, s/p).

⁸⁵ Disponível em: <http://www.rededesporte.gov.br/pt-br/noticias/cbhb-nao-renova-convenio-com-o-time-austriaco-hypo-no>. Acesso em: 13 out. 2020.

⁸⁶ ESPN (Entertainment and Sports Programming Network) é um conjunto midiático voltado à transmissão e produção de conteúdo esportivo.

⁸⁷ Atas e datas de assinaturas indicam fraudes em licitações de R\$ 6 milhões no handebol. Disponível em: http://www.espn.com.br/noticia/640503_atas-e-datas-de-assinaturas-indicam-fraudes-em-licitacoes-de-r-6-milhoes-no-handebol; Confederação de handebol teve diretor eleito e pediu aumento a técnico por título de outro. Disponível em: http://www.espn.com.br/noticia/641433_cbhb-teve-pleito-com-diretor-eleito-e-pediu-aumento-a-tecnico-pelo-titulo-de-outro; Sem empregados, firma que geria projetos do handebol organizava festas; veja gastos Disponível em: http://www.espn.com.br/noticia/642706_sem-empregados-empresa-que-geria-projetos-organizava-festas-veja-orcamentos-e-gastos; Auditorias do handebol tem mais de R\$ 800 mil sem recibos; cartolas levaram benesses. Disponível em: http://www.espn.com.br/noticia/640619_auditorias-mostram-mais-de-r-800-mil-sem-recibos-cartolas-levaram-benesses-olimpicas. Acesso em: 13 out. 2020.

Em meio às acusações de fraudes, movimentos para tirar o presidente do cargo e as consequências que isso geraria no handebol brasileiro, ainda em 2016, outro acontecimento impactaria diretamente a seleção. Em 2 de dezembro, o então técnico da seleção, Morten Soubak, anunciou a não renovação de seu contrato.

A CBHb divulgou que novamente optaria por um técnico estrangeiro (GARCIA; FAVERO, 2016), mas sua chegada só ocorreu em junho de 2017, com a contratação do espanhol Jorge Dueñas. Antes disso, a seleção ficou sem técnico até maio, quando Sérgio Graciano assumiu como técnico interino para comandar o selecionado durante o XIV Campeonato Pan-Americano de Handebol Feminino.

Contratado para o ciclo olímpico de Tóquio, o primeiro desafio de Jorge Dueñas foi o XXIII Campeonato Mundial de Handebol Feminino. Estreando em um torneio dessa importância e dificuldade, a seleção ficou em 18º lugar, seu pior resultado na competição desde 2003.

Analisando o financiamento da modalidade no período de 2008 a 2014, Phillipe Rocha de Camargo (2016) destaca como o handebol foi contemplado por investimentos sistemáticos. Para o autor, não faltou dinheiro, mas o seu uso priorizou resultados imediatistas e o desenvolvimento técnico e profissional da ponta da pirâmide esportiva, tendo como maiores beneficiárias/os atletas olímpicos e conseqüentemente as seleções. Entretanto, a reverberação dos desvios e fraudes impactou o handebol drasticamente, principalmente, na questão financeira com a perda dos seus principais patrocinadores: o Banco do Brasil em 2018, e a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos em 2019.

Em meio à crise institucional da entidade e na eminência de uma crise financeira, um grupo de atletas liderado por Bárbara Arenhart, Eduarda Amorim, Thiago Petrus e Felipe Borges criou o movimento “Atletas pelo Handebol”⁸⁸, apresentando-se como “atletas que hoje vivem da prática do esporte, porém não possuem dependência financeira ou política de qualquer federação ou da CBHb” (SOBRE NÓS, 2020, s/p).

Em sua primeira ação, os Atletas pelo Handebol encaminharam um manifesto à CBHb pedindo a renúncia de presidente Manoel que fora reeleito em 2017. Mesmo diante do seu afastamento do cargo, o pedido de renúncia pelo movimento estava associado à finalização de um ciclo e de renovação da CBHb, assim como a necessidade de desvinculação da imagem de Manoel da CBHb, já que as acusações sobre ele impactavam diretamente na arrecadação orçamentária da instituição.

⁸⁸ Para saber mais sobre o movimento e suas propostas, acessar o site: <https://www.atletaspelohandebol.com.br/>.

Figura 28 - Carta manifesto enviada à CBHb e compilado da manifestação através da #RenunciaManoel



Fonte: ALMEIDA (2018)⁸⁹; SOUZA (2018)⁹⁰.

Figura 29 - Compilado da repercussão do manifesto



Fonte: PETRUS⁹¹ (2018).

⁸⁹ Disponível em: <https://twitter.com/cesarbombom89/status/989954267556524033>. Acesso em: 13 out. 2020.

⁹⁰ Disponível em: <https://handebolminuto.wordpress.com/tag/renunciamaoel/>. Acesso em: 13 out. 2020.

Manoel não renunciou à presidência e foi mantido afastado durante 23 meses, tempo em que o processo andava. Em março de 2020, após a extinção do processo, Manoel Luiz Oliveira retornou à presidência da CBHb, e em entrevista ao Juliano Justo para o site Agência Brasil⁹², falou não ter interesse em continuar à frente da entidade e que já deu início ao processo para antecipar as eleições.

Por fim, para além dessa conjuntura desestruturada, a seleção vem passando por um processo de renovação em seu elenco, o que também pode ter contribuído para o baixo desempenho nos últimos campeonatos mundiais. A renovação vem acontecendo gradativamente desde 2013, após conquistarem o pódio. Entretanto, com as aposentadorias de Dani Piedade e Dara Diniz após os Jogos Olímpicos, a saída provisória da Alê Nascimento em 2017 após duas graves lesões e diante da possibilidade de outras aposentadorias após os Jogos Olímpicos de Tóquio, a demanda por novas atletas se intensificou.

Não é possível mensurar o quanto essa conjuntura afetou o desempenho e desenvolvimento da seleção. Poderia dizer que os últimos resultados no Campeonato Mundial são as consequências de uma instituição em declínio. No entanto, os mesmos resultados podem ser indicativos de um processo de renovação em curso, e somente será possível verificar os reais resultados daqui a alguns anos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizar este estudo, me remeto ao processo de rememorar o caminho percorrido até aqui. O fato de não ter uma trajetória na modalidade⁹³ fez com que eu encontrasse dificuldade de acessar suas protagonistas. Tanto por não ter uma rede que me colocasse em contato com minhas interlocutoras, quanto pelo fato de aparentemente estranharem que uma pessoa “de fora” se interessasse por visibilizar essa história.

A responsabilidade de tentar escrever uma possível história da seleção, somada às desconfianças de quem a vivenciou, causou-me, em muitos momentos, insegurança e ansiedade. Entretanto, não foi maior que a vontade de torná-la pública, alimentada a cada nova entrevista, foto, documento, vídeo e informação que eu obtinha.

⁹¹ Disponível em: <https://twitter.com/thiaguspetrus/status/989568216031776768?lang=bg>. Acesso em: 13 out. 2020.

⁹² Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/esportes/noticia/2020-05/de-volta-ao-comando-da-cbhb-dirigente-concede-entrevista-exclusiva>. Acesso em: 13 out. 2020.

⁹³ Não ter sido atleta de alto rendimento, técnica, árbitra ou ter atuado em cargos de gestão desse esporte.

Ao reconstruir uma possível história da Seleção Brasileira de Handebol (1983-2019), a partir de diferentes documentos e da narrativa de jogadoras e sujeitos envolvidos, me aproximei também de elementos que marcam a história da própria modalidade no país.

O handebol foi criado na Europa e trazido pelos imigrantes alemães na década de 1930, disseminado pelo francês Auguste Listello, em curso a professores de Educação Física na década de 1950, e consolidado na década de 1970 a partir de sua entrada nos JEB's e JUB's. Tanto a ligação da modalidade com as influências europeias quanto sua vinculação ao esporte educacional permeiam fortemente o desenvolvimento da modalidade, a trajetória das jogadoras e conseqüentemente da seleção. Além disso, esses dois elementos nos ajudam a compreender os percursos trilhados pela seleção em busca de sua excelência e reconhecimento.

Por meio dos documentos e das narrativas, foi possível mostrar que a constituição do primeiro elenco se deu motivada pela criação do Campeonato Sul-Americano de Handebol que, nesse momento, classificava para o Pré-olímpico.

Em nível de competições continentais – Campeonato Sul-Americano de Handebol; Jogos Sul-Americanos; Campeonato Pan-Americano de Handebol e Jogos Pan-Americanos –, a seleção não encontrou grandes dificuldades em garantir sua hegemonia perante os demais países participantes. Todavia, essa posição não era representativa de um handebol bem desenvolvido e estruturado nacionalmente, assim como não era suficiente em se tratando dos principais eventos da modalidade: Campeonato Mundial de Handebol e Jogos Olímpicos.

Diante desse contexto, e em concordância com Sérgio Graciano, a trajetória da seleção pode ser compreendida a partir de três momentos ou marcos. Importante salientar que, apesar de delimitar recortes temporais no processo analítico, essa configuração não é estanque, mas sim um balizador de como foi se construindo a história da seleção.

O primeiro deles, delimitado desde seu surgimento (1983) até sua entrada nos Jogos Olímpicos de Sydney (2000), é marcado por um total amadorismo, estrutura precária e escassos investimentos. Essa conjuntura é reflexo de como estava estruturada a modalidade nacionalmente, uma vez que todos os sujeitos envolvidos – jogadoras, comissão técnica, arbitragem e gestão – baseavam suas experiências dentro dessa lógica. Nesse período, o handebol contava com competições desde as categorias de base até a adulta, sendo fomentada, quase que exclusivamente, pelo esporte educacional.

Entretanto, a forte e dependente ligação que a modalidade encontrava e ainda encontra no esporte educacional para fomentar a categoria adulta, dificultava/dificulta uma maior dedicação ou uma dedicação exclusiva ao handebol.

Esse cenário, ao mesmo tempo em que fomenta a manutenção e o desenvolvimento da modalidade na fase adulta das atletas, em contraponto, acaba impossibilitando a ascensão técnica e tática dos campeonatos nacionais, pois as atletas dividem seu tempo de treinos e competições com estudos e, em muitos casos, com trabalho. A mesma situação se aplica aos técnicos que, em sua maioria, dividem seu tempo com atividades docentes e/ou outros trabalhos no campo esportivo.

Mesmo com a promoção de alguns intercâmbios na década de 1980 e 1990, foi com a conquista da vaga olímpica, em 2000, e das insistentes reivindicações por melhorias por parte das atletas, que a CBHb passou a investir efetivamente na seleção e na sua internacionalização. Entendendo a importância de se aproximar do handebol europeu, a CBHb passa a contratar técnicos europeus, em um primeiro momento como consultores das seleções, e posteriormente como técnicos efetivos das equipes brasileiras.

A partir de 2003, com a consolidação das leis de incentivo ao esporte e o processo de internacionalização iniciado, entramos no segundo momento de sua trajetória (2000-2013). O aporte sistemático de recursos, vinculado à decisão por parte da CBHb de priorizar a seleção de mulheres em detrimento a dos homens, possibilitou alguns movimentos que culminaram em uma equipe mais organizada, amadurecida e profissional.

Com a contratação do técnico espanhol Juan Oliver, em 2005, e a intensificação da transferência das atletas para jogar na Europa, as jogadoras foram colocadas de frente a uma outra forma de ver e vivenciar a modalidade. Diferente de sua experiência no Brasil, onde elas dividiam seu tempo de treino com estudos e trabalhos, na Europa, as jogadoras passaram a viver e respirar o handebol. Essa experiência internacional as deixou mais maduras e visíveis em nível mundial, culminando na sua consolidação e reconhecimento, em 2013, ao ganhar o título do XX Campeonato Mundial de Handebol.

Sobre as mudanças das características da seleção desde seu início até o atual momento, pode-se destacar o incentivo que a CBHb ofereceu para que as jogadoras da seleção pudessem atuar somente para a modalidade, proporcionando condições que as primeiras gerações não tiveram.

Com a seleção alcançando sua consolidação em nível mundial, as jogadoras tinham esperanças que esse título traria melhorias para o handebol nacional, visto que a modalidade mantém sua estruturação praticamente inalterada desde a década de 1980. Entretanto, o que se presenciou foi o surgimento de inúmeras denúncias de fraudes na gestão da CBHb, que impactaria diretamente na captação de recursos financeiros pela instituição. É nesse contexto que emerge o terceiro e último momento da seleção, marcado pela perda sistemática dos

investimentos e pelo processo de renovação da seleção, culminando em seu baixo desempenho, principalmente no Campeonato Mundial.

Ao reconstruir uma história da seleção, não se pode negar seu caráter vitorioso. Mesmo diante de todas as condições oferecidas pela CBHb, seu sucesso e desenvolvimento só foi possível pelas mãos das atletas que se dedicaram e ainda se dedicam ao handebol. Por fim, ao analisar os silêncios da trajetória da seleção brasileira de handebol, espero contribuir para a sua visibilidade, assim como para a preservação da memória das jogadoras que construíram essa história.

5 ESTUDO 2 – AS REPRESENTAÇÕES DA SELEÇÃO BRASILEIRA DE HANDEBOL NOS JOGOS OLÍMPICOS (2000-2016): uma análise a partir dos jornais Folha de São Paulo, O Globo e o Estado de S. Paulo

INTRODUÇÃO

Os Jogos Olímpicos configuram-se o maior evento esportivo do mundo, e sua alta visibilidade proliferada pelos mais diferentes artefatos midiáticos é incontestável. A reflexão acerca das influências que a mídia exerce sobre as diferentes modalidades e seus sujeitos, assim como as percepções e representações que dela emergem têm sido objeto de estudos de inúmeras/os estudiosas/os que procuram compreender e analisar as mudanças históricas, sociais, econômicas e políticas relacionadas aos distintos esportes e também entre os gêneros (MOURÃO; MOREL, 2005; ROMERO *et al.*, 2014; AMARO, 2014a; 2014b; GABRIEL, 2015; SALVINI; MARCHI JUNIOR, 2016; SAINT’CLAIR, 2018).

Considerando a relevância desse megaevento, a escolha de analisar os Jogos Olímpicos se deu em função da sua representatividade em termos de publicidade, divulgação e visibilidade global no campo esportivo (BOURDIEU, 1997). Esses elementos conferem às modalidades que integram sua programação uma “lente de aumento”, que em grande medida culmina na ampliação da cobertura midiática, como foi o caso do handebol (SAINT’CLAIR, 2018).

Os Jogos Olímpicos da Era Moderna tiveram sua primeira edição no ano de 1896. No entanto, o handebol só figurou como modalidade olímpica na década de 1970. Os homens inauguraram sua participação em 1972⁹⁴, na vigésima edição do evento realizada em Munique, e as mulheres quatro anos depois, nos Jogos Olímpicos de Montreal, em 1976. Do total de edições realizadas até 2020 – doze para os homens e onze para as mulheres – as seleções mais exitosas⁹⁵ são: a antiga União Soviética, a Dinamarca, a Iugoslávia, a Coreia do Sul e a Noruega.

No que tange à participação do handebol brasileiro, sua entrada se deu primeiramente com os homens, nos Jogos Olímpicos de Barcelona em 1992, após a desistência da seleção cubana. Em 2000, a seleção de mulheres conquista a vaga para os Jogos Olímpicos de Sydney, após conquistar a medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg, que aconteceram em 1999. Desde sua estreia no evento, a seleção participou de todas as edições

⁹⁴ Em 1936, o Handebol integrou o programa olímpico na modalidade campo.

⁹⁵ União Soviética: 4 medalhas de ouro, 2 para os homens e 2 para as mulheres; Dinamarca: 4 medalhas de ouro, 1 para os homens e 3 para as mulheres; Iugoslávia: 3 medalhas de ouro, 2 para os homens e 1 para as mulheres; Coreia do Sul: 2 medalhas de ouro para as mulheres; e Noruega: 2 medalhas de ouro para as mulheres.

realizadas (Atenas, 2004; Pequim, 2008; Londres, 2012; Rio de Janeiro, 2016) e tem garantida sua participação na próxima edição a acontecer no Japão em 2021⁹⁶.

Mesmo sem nunca ter subido ao pódio, a trajetória da seleção nos Jogos Olímpicos pode ser vista como promissora, uma vez que, com exceção de 2008, seus resultados melhoram a cada edição, como nos mostra o gráfico 1.

Gráfico 1 - Classificação final da seleção nos Jogos Olímpicos (2000-2016)



Fonte: A autora (2020).

Em 2016, os Jogos Olímpicos do Rio tinham um peso extra para a seleção, pois, além de jogar em casa, o handebol brasileiro estava cotado como favorito ao ouro olímpico depois do feito realizado em 2013, quando conquistou o Campeonato Mundial de Handebol. Infelizmente a seleção não conquistou nenhuma medalha, ficando em quinto lugar na classificação geral, sua melhor colocação até o momento.

A realização deste estudo justifica-se, primeiramente, pela ausência de pesquisas relacionadas à Seleção Brasileira de Handebol na mídia e por compreender a influência dos artefatos midiáticos na (re)produção de representações esportivas individuais e coletivas. Diante do exposto, este estudo tem como objetivo analisar as representações da Seleção Brasileira de Handebol nos periódicos Folha de São Paulo (Folha), O Globo (Globo) e O Estado de S. Paulo (Estadão) durante sua participação nas edições dos Jogos Olímpicos realizadas entre 2000 e 2016.

Para tanto, ancoro minhas análises fundamentada na História Cultural, operando com o conceito de representação, a partir dos escritos de Sandra Jatahy Pesavento e Roger

⁹⁶ Em função da pandemia do COVID-19, os Jogos Olímpicos de Tóquio, que seriam realizados em 2020, foram transferidos para os meses de julho e agosto de 2021.

Chartier. A noção de representação, de acordo com a historiadora, é uma “categoria central da História Cultural” (PESAVENTO, 2005, p. 39), uma vez que sua proposta seria “decifrar a realidade do passado por meio das suas representações, tentando chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressam a si próprios e o mundo” (PESAVENTO, 2005, p. 42).

Na esteira dessas reflexões, tomo o entendimento de representação cunhado por Roger Chartier (2002), o qual sugere que as representações podem ser examinadas em relação as suas práticas, sendo que cada qual corresponderia, respectivamente, aos “modos de ver” e aos “modo de fazer”. Diante disso, se para Chartier (2002) as representações correspondem aos “modos de ver”, ao depreender os jornais como artefatos que os estabelecem e compartilham, posso inferir que eles produzem e reproduzem representações sobre aquilo que (d)escrivem, exibem, pautam e tematizam.

Para a desenvolvimento deste estudo, elegi como fontes privilegiadas os jornais Folha de São Paulo (Caderno Especial dos Jogos Olímpicos), O Globo (Cadernos de Esportes) e O Estado de São Paulo (Caderno de Esportes). A escolha se deu por disponibilizarem seus acervos *on-line* e por terem sua ampla circulação nacional⁹⁷. O método de coleta e organização do material empírico foi realizado com base nos seguintes passos: a) Garimpagem do material empírico por meio da palavra-chave “handebol⁹⁸”, dentro do período que compreendia a realização dos Jogos Olímpicos (Quadro 2); b) A criação de um banco de dados com o material empírico selecionado, dividido por jornal e edição de cada evento; e c) Leitura, organização e análise do material embasada à luz do referencial teórico elegido para a ancoragem do estudo.

O recorte temporal para a coleta de dados nos jornais investigados correspondeu ao período de duração do evento, compreendido entre a data oficial de abertura e de encerramento de cada edição dos Jogos Olímpicos.

Quadro 17 - Recorte temporal para a pesquisa nos jornais

Edição dos Jogos Olímpicos	Período analisado
<i>Jogos Olímpicos de Sydney (2000)</i>	15 de setembro a 1º de outubro
<i>Jogos Olímpicos de Atenas (2004)</i>	13 de agosto a 29 de agosto

⁹⁷ Os jornais Folha de São Paulo (1º), O Globo (2º) e O Estado de S. Paulo (3º) lideraram o *ranking* de circulação, no ano de 2019, de acordo com o Instituto Verificador de Comunicação (IVC). Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2020/01/21/circulacao-dos-maiores-jornais-do-pais-cresce-em-2019.html>. Acesso em: 2 set. 2020.

⁹⁸ A escolha pelo termo “handebol”, em vez de “handebol feminino”, ou “seleção brasileira de handebol” é porque em um primeiro exercício de busca identifiquei que nem sempre o adjetivo “feminino” era mencionado na nomeação da modalidade e da seleção.

<i>Jogos Olímpicos de Pequim (2008)</i>	8 de agosto a 24 de agosto
<i>Jogos Olímpicos de Londres (2012)</i>	27 de julho a 12 de agosto
<i>Jogos Olímpicos do Rio (2016)</i>	5 de agosto a 21 de agosto

Fonte: A autora (2020).

Após vasculhar os jornais selecionados, identifiquei um total de 233 menções à seleção brasileira envolvendo todas as edições dos Jogos Olímpicos realizados entre 2000 e 2016, cujos dados apresento de forma mais detalhada no Quadro 18.

Quadro 18 - Número de menções a seleção brasileira em cada edição dos Jogos Olímpicos

Edição dos Jogos Olímpicos	Menções a seleção			Total
	Folha	Globo	Estadão	
<i>Jogos Olímpicos de Sydney (2000)</i>	13	23	18	54
<i>Jogos Olímpicos de Atenas (2004)</i>	20	22	7	49
<i>Jogos Olímpicos de Pequim (2008)</i>	14	13	2	29
<i>Jogos Olímpicos de Londres (2012)</i>	25	22	8	55
<i>Jogos Olímpicos do Rio (2016)</i>	9	24	13	46
TOTAL	81	104	48	233

Fonte: A autora (2020).

Em um primeiro exercício analítico, realizei a identificação dos temas que figuravam nas reportagens no que respeita à forma como a seleção era mencionada. Emergiram cinco tópicos de registros, que assim classifiquei: 1) Chamadas e Resultado de jogo – assim nomeados quando a informação é apresentada junto à programação geral do evento; 2) Nota/notinhas – registro pequeno, muitas vezes, não passando de 15 linhas, descrevendo os principais fatos sobre determinado acontecimento; 3) Notícia – registro mais longo, normalmente acompanhado de foto e, assim como a nota, descreve os principais fatos sobre um determinado acontecimento; 4) Reportagem – traz elementos que ultrapassam a mera descrição dos fatos, como dados históricos e entrevistas com técnicos e jogadoras; e 5) Citação em nota, notícia ou reportagem para referir quando o assunto central não era a Seleção Brasileira de Handebol.

Ao longo das cinco edições em que a seleção participou da competição, é possível perceber que a cobertura dos jornais investigados se mostrou prioritariamente objetiva, havendo pouco espaço para narrativas pormenorizadas sobre a modalidade, a seleção e as atletas que dela fazem parte. Só para se ter uma ideia, 72,31% das menções à equipe brasileira no período pesquisado, restringem-se a chamadas e resultados de jogos e às notinhas⁹⁹, que

⁹⁹ As notinhas possuem as mesmas características que as notas, entretanto suas informações ficam restritas ao anúncio de resultados e chamadas de jogos.

basicamente informam data, hora, local/canal televisivo de transmissão da partida, equipes adversárias e resultado dos jogos. Outros 8,03% são referentes a citações em colunas ou reportagens, nas quais o assunto principal não é a equipe brasileira, restando, assim, 19,63% de notícias e reportagens que apresentam outros enfoques sobre a seleção. Destacam-se nesse quesito as reportagens publicadas sobre os Jogos de Londres (2012) e Jogos do Rio (2016), quando ocorre um aumento significativo de notícias e reportagens relatando com um pouco mais de profundidade a participação da seleção brasileira a partir de narrativas que abordam as histórias das jogadoras.

Após efetuar uma releitura desse material, foram selecionadas 86 matérias (Quadro 19) que julguei significativas para o propósito deste estudo, em especial, porque traziam informações mais detalhadas e diversificadas sobre a participação da seleção nos Jogos.

Quadro 19 – Matérias selecionadas para análise dos jornais Folha, Globo e Estadão

Item	Jornal	Data de publicação	Título (reportagem/nota/notícia)
1	Globo	2000.09.18	Brasileiras derrotam as donas da casa no handebol
2	Globo	2000.09.22	Meninas do handebol sofrem primeira derrota
3	Globo	2000.09.26	Brasil não resiste a Dinamarca
4	Globo	2000.09.27	Handebol sonha vencer coreanas
5	Globo	2000.09.29	Handebol – Brasileiras fora da disputa por medalhas
6	Globo	2000.10.01	Preparar-se para Atenas-2004 não basta
7	Folha	2000.09.16	Time tenta vitória que pode valer a vaga
8	Folha	2000.09.26	Handebol – Brasileiras perdem mais uma, mas avançam
9	Folha	2000.09.27	Handebol – Brasileiras tentam chegar às semifinais
10	Folha	2000.09.30	O fracasso em turma
11	Folha	2000.10.01	Handebol – Brasil perde para a França, por 32 a 23, e fica com o sétimo lugar nos Jogos
12	Folha	2000.10.01	Favoritos brasileiros
13	Estadão	2000.09.15	Australianas
14	Estadão	2000.09.16	Handebol vence falta de estrutura
15	Estadão	2000.09.18	Handebol começa bem
16	Estadão	2000.09.20	Handebol do Brasil prepara a defesa contra a Áustria
17	Estadão	2000.09.22	Handebol quer mais divulgação
18	Estadão	2000.09.29	Handebol encara dura realidade
19	Globo	2004.08.15	Handebol feminino – Sonho de evoluir começa contra as anfitriãs
20	Globo	2004.08.18	Handebol feminino – de olho na Ucrânia
21	Globo	2004.08.26	Handebol – Brasil na briga
22	Globo	2004.08.27	Handebol – Brasil reage tarde e perde da Coreia
23	Folha	2004.08.15	Handebol – Brasileiras querem superar Sydney-00
24	Folha	2004.08.16	Handebol – Brasil vence e leva Grécia ao choro
25	Folha	2004.08.19	Handebol – Brasil joga e pensa em próxima etapa
26	Folha	2004.08.24	Handebol – Brasil enfrenta Coreia do Sul em quartas de final

27	Folha	2004.08.27	Handebol – Seleção perde da Coreia e joga pelo 5º lugar
28	Estadão	2004.08.15	Meninas do handebol estreiam contra a Grécia
29	Estadão	2004.08.22	O handebol chegou lá
30	Estadão	2004.08.23	O Brasil enfrenta China antes das quartas
31	Estadão	2004.08.24	Handebol perde e vai com a Coreia para o mata-mata.
32	Globo	2008.08.10	Handebol – Seleção feminina perde na estreia
33	Globo	2008.08.12	Brasileiras deixam vitória escapar no último segundo
34	Globo	2008.08.16	Handebol feminino – Brasil vence Coreia do Sul com gol no último segundo
35	Globo	2008.08.18	Mulheres fora no handebol
36	Folha	2008.08.09	Alemãs são rivais na estreia do handebol
37	Folha	2008.08.12	De olho no lance
38	Folha	2008.08.16	Vice-campeãs olímpicas são derrotadas pelas brasileiras
39	Folha	2008.08.17	Handebol – derrota elimina feminino
40	Estadão	2008.08.13	Chinesas
41	Globo	2012.07.28	As meninas do Brasil – As mulheres em grande dia
42	Globo	2012.07.28	Panorama esportivo – Bunker
43	Globo	2012.07.29	Handebol – Em jogo disputado, Brasil supera a Croácia
44	Globo	2012.07.31	Handebol – Brasil bate Montenegro e é vice-líder com 4 pontos
45	Globo	2012.08.02	Handebol – únicas invictas em terras britânicas
46	Globo	2012.08.05	Handebol – já classificadas para quartas de final, brasileiras encaram angola
47	Globo	2012.08.07	Handebol – Noruega, um obstáculo para a seleção, hoje, no Cooper Box
48	Globo	2012.08.08	Brasil cai diante da forte Noruega, atual campeã Olímpica – Cláudio Nogueira – Londres.
49	Folha	2012.07.28	Handebol – Brasileiras enfrentam Croácia, e treinador discorda de cartola
50	Folha	2012.07.30	Handebol – Depois de triunfo na 1ª rodada, brasileiras encaram Montenegro
51	Folha	2012.07.31	Seleção feminina provoca surpresa em quadra e no figurino
52	Folha	2012.08.01	Handebol feminino tem jogo fácil hoje
53	Folha	2012.08.02	Handebol – Seleção feminina já tem vantagem para ficar em primeiro no grupo
54	Folha	2012.08.02	Cortina Rasgada
55	Folha	2012.08.03	Surpresa, Brasil duela por 1º lugar contra russas em crise
56	Folha	2012.08.04	Handebol – Equipe sofre primeira derrota e pode ficar em 3º lugar no grupo
57	Folha	2012.08.05	Handebol – Seleção Feminina fecha fase de grupos de olho no mata-mata
58	Folha	2012.08.06	Handebol – Time passa em 1º, mas pega campeã mundial
59	Folha	2012.08.06	Bingo das lamentações
60	Folha	2012.08.07	Viva o coletivo
61	Folha	2012.08.08	Marmelada
62	Folha	2012.08.08	Sem casa
63	Estadão	2012.07.25	Para técnico, Brasil briga por medalha

64	Estadão	2012.07.30	Segundo Desafio
65	Estadão	2012.08.01	Equipe do Brasil mostra maturidade
66	Estadão	2012.08.02	Disputa agora é pelo primeiro lugar no grupo
67	Estadão	2012.08.03	Russas desafiam o encanto das brasileiras
68	Estadão	2012.08.04	Handebol feminino não desanima
69	Estadão	2012.08.08	Valentes, meninas caem no choro após eliminação
70	Estadão	2012.08.13	Maternidade adiada
71	Globo	2016.08.06	Mulheres do handebol estreiam
72	Globo	2016.08.07	Ana Paula comanda a vitória do Brasil na estreia no handebol
73	Globo	2016.08.08	Handebol – Meninas do Brasil encaram a Romênia
74	Globo	2016.08.09	Handebol – Meninas arrasam a Romênia e lideram
75	Globo	2016.08.09	Nova vitória, novo show no handebol
76	Globo	2016.08.09	Vingativas – Vitórias e torcidas embalam Brasil no handebol feminino
77	Globo	2016.08.11	Handebol – Seleção Brasileira perde para a Espanha
78	Globo	2016.08.13	Handebol – Brasileiras sofrem, mas vencem Angola: 28 a 24
79	Globo	2016.08.14	Brasileiras jogam pelo futuro
80	Globo	2016.08.15	Handebol avança com a mão de ferro
81	Globo	2016.08.16	A um passo de fazer história
82	Globo	2016.08.17	Handebol feminino se despede do sonho da medalha olímpica
83	Folha	2016.08.17	Lavada
84	Folha	2016.08.17	Mulheres têm dia ruim em outras modalidade
85	Estadão	2016.08.09	Revanche
86	Estadão	2016.08.09	Meninas jogam bem e vencem mais uma

Fonte: A autora (2020).

Realizado esse movimento, passo a apresentar as representações (re)produzidas pelos impressos pesquisados em relação à cobertura da participação da seleção de Handebol nos Jogos Olímpicos e o faço focalizando de modo específico cada edição desse megaevento esportivo. Tal opção se deu no intuito de evidenciar as continuidades e discontinuidades presentes na(s) forma(s) como esses periódicos representam a seleção ao longo de sua trajetória olímpica.

Jogos Olímpicos de Sydney (2000)

A vigésima sétima edição dos Jogos Olímpicos ocorreu entre os dias 15 de setembro e 1º de outubro de 2000, na cidade de Sydney, Austrália, com a participação de 199 países, envolvendo 10.651 atletas (4.069 mulheres e 6.582 homens). Os Jogos de Sydney se dispuseram da maior cobertura midiática do século XX até o período de sua realização, contabilizando o credenciamento de 26.033 jornalistas (5.298 da imprensa escrita e 20.735 de

rádio e televisão), cuja atuação promoveu uma ampla divulgação do evento para todo o mundo (AMARO, 2014a).

Ainda sobre a cobertura midiática, em específico a imprensa, Fausto Amaro (2014) sublinha que, a partir dos Jogos de Sydney, aspectos secundários passaram a ter um *locus* privilegiado enquanto fato noticiado, “algo como uma coluna de fofocas” (p. 481). Outro ponto destacado pelo autor foi uma crescente atenção à memória olímpica das participações nacionais e dos jogos em si, realizada por meio da rememoração dos fatos mais marcantes da modalidade detalhando, inclusive, informações acerca dos/as principais atletas.

Nessa edição do Jogos, a delegação brasileira contou com 205 atletas (94 mulheres e 111 homens), representando 27 esportes¹⁰⁰ (SYDNEY-2000, 2000). Em razão do desempenho brasileiro nos Jogos de Atlanta (1996)¹⁰¹, havia uma grande expectativa e um certo otimismo por parte da imprensa em relação a Sydney. O discurso jornalístico nacional “transbordava confiança em medalhas, até mesmo nas provas em que não éramos favoritos” (AMARO, 2014b, p. 481).

É nesse contexto positivado, digamos assim, que a seleção de handebol fez sua estreia olímpica. Participavam dez países (Angola, Austrália, Áustria, Brasil, Coreia do Sul, Dinamarca, França, Hungria, Noruega e Romênia) divididos em dois grupos: A e B (Quadro 20). Dos cinco integrantes de cada grupo, os quatro primeiros passavam para a fase¹⁰² seguinte, as quartas de final.

Quadro 20 - Seleções participantes no Torneio de Handebol nos Jogos Olímpicos de Sydney (2000)

Grupo A	Grupo B
Coreia do Sul	Noruega
Hungria	Dinamarca
França	Áustria
Romênia	Brasil
Angola	Austrália

Fonte: KRASSTEV (2020).

¹⁰⁰ Atletismo, basquete, boxe, canoagem, ciclismo, esgrima, futebol, ginástica artística, ginástica rítmica, handebol, hipismo, judô, levantamento de peso, natação, nado sincronizado, remo, saltos ornamentais, taekwondo, tênis, tênis de mesa, vela, vôlei e vôlei de praia.

¹⁰¹ Nos Jogos Olímpicos de Atlanta (1996), o Brasil figurou a 25ª posição no quadro de medalhas ao conquistar três medalhas de ouro, três de prata e nove de bronze. Sua melhor colocação até aquele momento. Disponível em: <http://rededoesporte.gov.br/pt-br/megaeventos/olimpiadas/o-brasil-nos-jogos/atlanta>. Acesso em: 26 set. 2020.

¹⁰² Para a modalidade de handebol, o programa olímpico prevê três fases de competição: a primeira fase (de grupos), na qual todas as equipes jogam contra todos. As segunda e terceira fases acontecem no sistema mata-mata (quartas de final; semifinal e final), ou seja, a equipe que perde é desclassificada da competição.

Antes mesmo de o Brasil entrar em quadra, o Estadão publicou uma reportagem intitulada “Handebol vence falta de estrutura”. Com um viés mais crítico que seus concorrentes na cobertura da seleção, Folha e Globo, a reportagem destacava:

Pela primeira vez em sua história, a seleção feminina de handebol pode contar com infraestrutura adequada para participar de um torneio internacional. A equipe teve direito a uniforme, hotel e passagens aéreas. Também recebeu apoio de uma comissão técnica preparada e teve a oportunidade de fazer amistosos para sair-se bem na primeira Olimpíada disputada pelo handebol feminino brasileiro (FELIPPE, 2000, p. 35).

De modo sucinto, a reportagem evidenciou aspectos relacionados à estrutura ofertada à seleção para participar do maior evento esportivo do mundo. No entanto, a frase que a iniciava a matéria “Pela primeira vez em sua história [...]” (FELIPPE, 2000, p. 35) abria condição para o que se queria revelar: as condições da modalidade nacionalmente retratada pelo autor da matéria, o jornalista Heleno Felipe, após entrevistar a goleira Chana Masson, da seguinte forma: “A goleira diz que, por falta de investimento, o handebol, um dos esportes mais praticados nas escolas do Brasil, não consegue encontrar espaço internacional. ‘Falta apoio’, resumo” (FELIPPE, 2000, p. 35).

Durante a cobertura sobre a participação da equipe, os elementos *estrutura* e *escola* foram frequentemente acionados para justificar os resultados do Brasil. Essa associação se justifica pela forma como a modalidade e a seleção em nosso país demonstram uma forte e dependente vinculação com instituições educacionais (ANDRES, 2014; CAMARGO, 2016; SAINT’CLAIR, 2018).

Em pesquisa anterior (ANDRES, 2014), evidencio como a trajetória esportiva das jogadoras ocorre majoritariamente dentro dessas instituições, desde seu início, nas aulas de educação física, nas equipes escolares e também no momento de sua profissionalização, em que para defender uma equipe precisam estar matriculadas na faculdade que as financia. A manutenção de equipes por instituições de ensino superior não é uma exceção em nosso país, uma vez que boa parte dos times participantes do principal campeonato nacional da modalidade, a Liga Nacional, possui convênios com alguma instituição educacional.

A primeira participação olímpica do Brasil aconteceu no dia 17 de setembro, às 5h30 (horário de Brasília) contra as donas da casa, a seleção da Austrália, com transmissão ao vivo pela ESPN Brasil (TABELÃO OLÍMPICO, 2000). Considerando o desempenho das outras equipes que integravam o grupo do Brasil, (Dinamarca, ouro olímpico em 1996; Noruega, campeã mundial em 1999; Áustria, prata olímpica em 1996 e bronze no mundial de 1999), a expectativa de um resultado positivo recaiu justamente no jogo inaugural contra a Austrália.

Vejamos: “A seleção brasileira feminina de handebol, que estreia amanhã, às 5h30m (de Brasília), contra a Austrália, quer vencer o primeiro confronto, que praticamente asseguraria o time na próxima fase” (TIME TENTA..., 2000, p. D5).

A vitória por 32 a 19, sobre as australianas, foi retratada pelo jornal O Globo, que junto ao resultado da partida acrescentou: “Apesar da pressão da torcida, e de um início equilibrado, a equipe superou o nervosismo da estreia e, depois dos cinco minutos iniciais, esteve sempre à frente no placar” (BRASILEIRAS DERROTAM..., 2000, p. 16).

A notícia ainda exacerbava a vitória brasileira enfatizando que, naquele momento, a seleção assumia a liderança do grupo B. Na partida seguinte, contra a Áustria, o Brasil sofre sua primeira derrota nos Jogos, a qual foi noticiada pelo O Globo sob o título “**Meninas** do handebol sofrem primeira derrota – Áustria faz 45 a 26” (MENINAS DO HANDEBOL..., 2000, p. 10, grifo meu).

Chamo a atenção para a palavra “meninas” utilizadas para se referir às jogadoras da seleção. Primeiro porque ela só voltaria a ser usada novamente pelo jornal no ano de 2012 em uma reportagem denominada “As meninas do Brasil – As mulheres em grande dia”; segundo pelo significado que a expressão parece transmitir. Ao discorrer sobre o tema, Fausto Amaro enfatiza que o uso desse termo pela mídia impressa está embebido por um tom paternalista e protetor, e complementa expressando que “essa infantilização facilita uma identificação dos leitores, ainda que os atletas não fossem mais tão jovens assim” (AMARO, 2014a, p. 224). As reflexões do autor se assemelham ao tratamento anunciado pelo jornal, que se apresenta como uma forma de garantir a empatia das/es leitoras/es diante do insucesso da seleção.

Referir as mulheres atletas como meninas não é exclusividade do handebol. Essa ainda é uma forma recorrente de a mídia nominar atletas mulheres. Enquanto Marta Regina Garcia Cafeo (2019), ao analisar as representações discursivas veiculadas pelo O Globo sobre atletas olímpicas brasileiras e estrangeiras durante os Jogos Olímpicos do Rio, identificou esse tratamento com ginastas, Caroline Bortoleto Firmino (2014) percebeu a mesma nomenclatura na cobertura dos Jogos Olímpicos de Londres, com destaque para as modalidades mais noticiadas: o basquetebol e o voleibol.

No mesmo dia que O Globo publicou a matéria acima referida, o Estadão veiculou uma reportagem intitulada “Handebol quer mais divulgação”, na qual evidenciava a importância de transmitir os jogos ao vivo para a disseminação e consolidação da modalidade para além do contexto escolar. Diferentes autores/as têm analisado, em várias modalidades esportivas, a relevância que a visibilidade midiática possui para atrair mais atletas, investimentos e estruturas mais qualificadas (BETTI, 1999; 2001; ROMERO *et al.*, 2014;

MALULY; ROMÃO, 2015; SAINT'CLAIR, 2018, entre outros). Emerson Saint'Clair, por exemplo, ao analisar o handebol durante os Jogos Olímpicos do Rio, entende que:

A ação da mídia é relevante para o aumento do número de praticantes, de espectadores, de agentes e instituições interessadas em patrocinar o esporte. Os resultados e o aparecimento de heróis também contribui imensamente para elevar o interesse na modalidade (SAINT'CLAIR, 2018, p. 16).

No entanto, para obter representação na mídia, de acordo com Gabriel (2015), é preciso conquistar títulos relevantes, em competições como o Campeonato Mundial ou os Jogos Olímpicos. Ciente dessa conjuntura, o então técnico da seleção, Digenal Cerqueira¹⁰³, em entrevista à matéria veiculada pelo Estadão sob o título “Handebol quer mais divulgação”, destacou que “ficar entre os quatro melhores do mundo seria o maior feito do nosso handebol” (BRESSAN, 2000, p. 29), sinalizando que esse resultado daria à modalidade mais espaço midiático.

Nessa mesma reportagem, diante das altas chances de o Brasil passar para a segunda fase do torneio, a narrativa voltou-se para os planos traçados pela seleção para os jogos seguintes, ainda da primeira fase, que seriam contra as equipes cotadas ao pódio: Áustria, Noruega e Dinamarca. Compreendendo que as chances de triunfo diante dessas equipes eram pequenas, o plano da comissão técnica e das atletas era usar esses jogos como uma preparação para a próxima fase da competição, as quartas de final.

“estamos treinando contra equipes fortes para chegarmos bem no jogo do cruzamento”, explica a armadora Zezé, “se soubermos **assimilar as lições dessas partidas**, contra times de nível tão alto, vamos entrar bem melhor no jogo decisivo” acrescenta a armadora Meg [...]. O próximo “treino” será amanhã contra a Noruega, campeã mundial e medalha de ouro em Atlanta. Na segunda, a adversária será a Dinamarca, prata nas Olimpíadas. **“Se perdermos por pouco para esses times, estaremos prontos para chegar até a disputa de uma medalha”**, acredita o treinador. Perder de pouco, para Digenal, significa menos de dez gols de diferença (BRESSAN, 2000, p. 29, grifos meus).

Novamente a instituição escolar é acionada para representar a seleção. Tanto a frase “O handebol feminino brasileiro quer **passar do colegial** em sua primeira Olimpíada” (BRESSAN, 2000, p. 29, grifo meu) quanto a utilização de expressões, como “treinando contra equipes fortes”, “assimilar as lições dessas partidas”, “o próximo ‘treino’” (BRESSAN, 2000, p. 29), passam a ideia de aprendizagem e simultaneamente de preparação para o teste final, simbolizado pelo jogo a ser disputado pelas quartas de final. Tal representação figura no parágrafo final da reportagem:

¹⁰³ Digenal Cerqueira atuou frente a Seleção Brasileira de Handebol entre 1992 e 2001.

Na segunda, a adversária será a Dinamarca, prata na Olimpíada. “Se perdermos por pouco para esses times, estaremos prontos para chegar até a disputa de uma medalha”, acredita o treinador. Perder de pouco, para Digenal, significa menos de dez gols de diferença. **Aí, quem sabe, o handebol brasileiro possa passar em seu vestibular** (BRESSAN, 2000, p. 29, grifo meu).

Na cobertura sobre o primeiro jogo, as matérias indicavam que a seleção não estava pronta para o “seu vestibular” e, assim, a metáfora da escola deixou de constar nas reportagens que relataram as partidas subsequentes (Áustria 45 x 26 Brasil; Noruega 30 x 16 Brasil; Dinamarca 39 x 26). Sua adversária nas quartas de final era a invicta Coreia do Sul, única seleção fora do circuito europeu a conquistar a primeira colocação em um Campeonato Mundial (1995) e em duas edições dos Jogos Olímpicos (1988, 1992). Ao noticiarem a disputa, as baixas expectativas que permeavam as matérias misturavam-se a um tom de esperança e de sonho, ficando evidente pelo uso de expressões como “Handebol sonha em vencer coreanas”¹⁰⁴, “É improvável, mas não impossível”¹⁰⁵, “Missão difícilíssima”¹⁰⁶ e “Uma missão quase impossível”¹⁰⁷.

Com o resultado final de 35 x 24, a seleção amargava mais uma derrota e estava fora da disputa por medalhas. Após o insucesso diante da Coreia, novamente os elementos *estrutura e escola* são mobilizados pelo impresso Estadão para representar a seleção.

Handebol encara dura realidade – Sydney – O handebol feminino brasileiro não só foi **reprovado no seu vestibular**, como ainda terá de **voltar para o primário**. [...] Se ganhasse, a seleção já disputaria medalha em seus primeiros Jogos Olímpicos e poderia projetar o esporte, que no Brasil **nunca saiu do Colégio** (BRESSAN, 2000, p. 28, grifos meus).

A seleção ainda disputou outros dois jogos para definir a classificação final do torneio e encerrar sua primeira participação olímpica, contra a França, perdendo de 32 x 23, e Romênia por 38 x 33. Esses resultados fizeram com que o Brasil figurasse na 8ª posição ao final dos Jogos. Ainda assim, a primeira participação olímpica foi considerada positiva pela Folha de São Paulo quando refere: “Em sua primeira participação olímpica, a seleção feminina se superou e chegou às quartas de final, quando caiu diante da Coreia do Sul. **Chamou atenção para a modalidade**” (HANDEBOL, 2000, p. D8, grifo meu).

De fato, a seleção havia feito uma boa estreia. Não somente pelo feito de ter passado da primeira fase e ficado em oitavo lugar na classificação final, à frente da Angola e da

¹⁰⁴ O Globo, 27 de setembro de 2000, p. 12.

¹⁰⁵ O Globo, 27 de setembro de 2000, p. 12.

¹⁰⁶ O Globo, 27 de setembro de 2000, p. 12.

¹⁰⁷ Folha de São Paulo, 27 de setembro de 2000, p. D5.

Austrália, mas também por ter conquistado, na sua estreia olímpica, o melhor resultado entre as representantes do continente americano¹⁰⁸.

Jogos Olímpicos de Atenas (2004)

Após 108 anos, a vigésima oitava edição dos Jogos Olímpicos voltou a ocorrer em seu país de origem, a Grécia. Diferente de sua primeira edição, na qual participaram 241 atletas homens representantes de quatorze países (COI, 2020), os Jogos de Atenas de 2004 – além de simbolizarem os primeiros Jogos do novo milênio, sendo transmitidos pela primeira vez via internet – contabilizaram a presença de 10.625 atletas (4.329 mulheres e 6.296 homens) de 201 nações (COI, 2020).

Nessa edição dos Jogos, o Brasil participou com 247 atletas (122 mulheres e 125 homens) para competir em 29 modalidades¹⁰⁹ (ATENAS-2004, 2004). Depois da campanha inglória de Sydney, na qual não conquistaram nenhuma medalha de ouro, os Jogos de Atenas carregavam a expectativa de mudar essa perspectiva e até mesmo apagar o insucesso da edição anterior. A seleção de handebol protagonizava sua segunda participação olímpica e, dessa vez, dividia a atenção da mídia com a seleção dos homens, diferente do que aconteceu em Sydney, pelo fato de eles não terem se classificado para participar dos Jogos.

Assim como em 2000, a primeira partida do Brasil foi contra as donas da casa, agora, a Grécia. O jogo entre as duas equipes não foi visto com preocupação pelos impressos analisados. Suas narrativas enfatizavam uma seleção *motivada* e *confiante* que almejava “superar Sydney-00” (HANDEBOL, 2004, p. 3), “buscar um lugar melhor” (HANDEBOL FEMININO, 2004, p. 9) na classificação final e “se os adversários derem chance, conquistar uma medalha” (HANDEBOL FEMININO, 2004, p. 9), podendo, assim, *surpreender*.

A motivação e confiança destacadas pelos jornais eram justificadas pelos bons resultados que a seleção havia obtido nos amistosos preparatórios para os Jogos.

As jogadoras estão **confiantes**, ainda mais depois dos amistosos na França, com derrota por 2 gols para a campeã mundial França e para a vice, a Hungria, e vitória sobre a campeã olímpica Dinamarca (MENINAS..., 2004, p. E4, grifo meu).

¹⁰⁸ Na trajetória das equipes americanas, o Brasil foi a terceira equipe participante do continente a figurar nos Jogos Olímpicos junto a EUA e Canadá. O Canadá, em sua estreia (1976), ficou em último na classificação geral e os EUA em penúltimo em sua estreia em 1984.

¹⁰⁹ Atletismo, basquete, boxe, canoagem, ciclismo de estrada, ciclismo *mountain bike*, esgrima, futebol, ginástica artística, ginástica rítmica, handebol, hipismo adestramento, hipismo CCE, hipismo saltos, judô, lutas, natação, nado sincronizado, pentatlo moderno, remo, saltos ornamentais, *taekwondo*, tênis, tênis de mesa, tiro esportivo, triatlo, vela, vôlei e vôlei de praia.

O Brasil começa sua participação **motivado** pela vitória por 27 a 26 que obteve semana passada, sobre a Dinamarca, bicampeã olímpica. – Mostramos a **evolução** que estamos tendo e conseguimos muita **confiança** para o grupo (HANDEBOL FEMININO, 2004, p. 9, grifos meus).

Esses elementos representavam uma seleção que estava evoluindo, conquistando experiência e diminuindo sua diferença em relação às tradicionais equipes europeias. Após a confirmação da vitória contra a Grécia por 29 a 21, O Globo publicou uma notícia em um tom que exaltava a vitória brasileira.

Foi uma **ótima estreia** em Atenas. E o primeiro passo rumo à classificação. Com **defesas espetaculares** das goleiras Chana e Darly e uma **atuação brilhante** da pivô Daniela Piedade, artilheira da partida com sete gols, as meninas do Brasil **golearam** a Grécia por 29 a 21 (14 a 8 no primeiro tempo) e **assumiram o primeiro lugar** na chave A ao lado da Hungria, prata em Sydney, que na preliminar derrotou a China por 28 a 24 (HANDEBOL FEMININO, 2004, p. 4, grifos meus).

De forma menos enaltecida, a Folha deu ênfase ao fato de que a vitória sobre as gregas configurava o primeiro triunfo da seleção sobre um time europeu nos Jogos Olímpicos. Para além disso, pontuou que “o resultado foi decisivo para as pretensões da equipe no torneio olímpico” (HANDEBOL FEMININO, 2004, p. 4), que era se classificar para a segunda fase e ir em busca de sua meta, “o 6º lugar” (MENINAS, 2004, p. E4).

Mesmo perdendo todos os demais jogos da primeira fase (Ucrânia 21 x 19 Brasil); (Hungria 35 x 26 Brasil); (China 28 x 23 Brasil), os jornais mantinham uma narrativa que reforçava a representação de uma seleção confiante, motivada e em evolução com chances de causar surpresa. Contra a Hungria, o Estadão publicou:

O Brasil teve uma grande oportunidade para passar na frente no marcador quando a partida estava empatada – com 10 gols para cada time –, mas desperdiçou o ataque e perdeu a chance de estabelecer a vantagem [...]. Embora tenham perdido duas partidas, **o Brasil tem mostrado competitividade em todos os jogos**, perdendo justamente nos erros (O HANDEBOL, 2004, p. E7, grifo meu).

O Globo, ao noticiar sobre o jogo contra a China, destacou:

Handebol – **Brasil na briga** – Perdemos a batalha mas não perdemos a guerra. As meninas do Brasil, que encerraram a fase de classificação com derrota para as chinesas por 28 a 23, ficaram em quarto lugar no grupo A e garantiram a vaga para a segunda etapa da competição, que começa hoje com um desafio nada fácil: o Brasil pega o forte time da Coreia primeiro colocado no grupo B. “**Apesar do favoritismo das coreanas, acredito eu podemos surpreender**”, disse a armadora Chicória (HANDEBOL, 2004, p. 8, grifos meus).

O jogo contra as chinesas e as expectativas sobre a disputa contra as coreanas também ganharam destaque no Estadão:

As meninas do handebol chegaram a ganhar o primeiro tempo por 13 a 11 e parecia até que conseguiriam derrotar a China. Alguns erros no início do segundo tempo levaram as chinesas à frente no marcador e o Brasil não reagiu mais e perdeu por 28 a 23 a última partida da fase de classificação do torneio olímpico. A seleção venceu um único jogo em quatro contra a Grécia, **e agora terá de enfrentar a Coreia, adversária com a qual não desejava cruzar na fase do mata-mata**, na quinta-feira (FELIPPE, 2004, p. 49, grifo meu).

Classificadas para a segunda fase, novamente a seleção brasileira se via diante da Coreia do Sul em uma quarta de final olímpica. Cotadas como uma das favoritas ao ouro, o jogo contra esta seleção era visto como difícil, chegando a ganhar o *slogan* de “o jogo das nossas vidas” (HANDEBOL, 2004, p. 5). Assim como em Sydney (2000), as coreanas venceram (26 x 24) e o Brasil estava novamente fora da disputa de medalhas.

Mesmo diante do insucesso nessa disputa, a derrota por dois gols de diferença pode ser vista como representativa da evolução da seleção. A busca por esse resultado final ganhou evidência no impresso Globo.

Mesmo jogando bem, a seleção feminina de handebol foi derrotada pela Coreia do Sul nas quartas de final por 26 a 24 e terá de se contentar com a disputa do quinto lugar ao oitavo lugar. **O Brasil impôs uma forte reação no segundo tempo, quando conseguiu reduzir uma diferença de dez gols para dois gols**. Mas foi tarde demais. “O time terminou o jogo bem emocionalmente. **Foi muito importante reagir e encostar no placar** para a disputa do quinto lugar”, disse a armadora Chicória, destaque da seleção ontem. Amanhã, a equipe enfrenta a Hungria e, se perder, lutará pela sétima colocação (HANDEBOL, 2004, p. 8, grifos meus).

Apesar de não ter alcançado o sexto lugar na classificação final, como almejado no início do torneio, sua sétima colocação, uma acima dos Jogos de Sydney (2000), pode ser compreendida como uma forma de simbolizar a representação de uma seleção em crescimento e amadurecimento, como retratada nos jornais. Essa foi a representação mais recorrente nessa edição dos Jogos.

Jogos Olímpicos de Pequim (2008)

Sediada pela primeira vez na China, a vigésima nona edição dos Jogos Olímpicos aconteceu entre os dias 8 e 24 de agosto de 2008 e contou com a presença de 10.942 competidoras/es (4.637 mulheres e 6.305 homens) representantes de 204 países. Nesse evento,

o Brasil enviou 277 atletas (133 mulheres e 144 homens) competindo em 32 modalidades¹¹⁰ (PEQUIM-2008, 2008).

Nessa edição, o handebol passou a ter doze equipes competidoras, duas a mais do que nos Jogos anteriores. Com esse novo quantitativo, ao fim da primeira fase, as duas equipes como os piores resultados em cada grupo seriam eliminadas em vez de uma, como vinha sendo até então. Como efeito dessa reformulação, vencer somente um jogo não seria suficiente para garantir a classificação para a próxima fase, trazendo ao torneio uma disputa muito acirrada. Dentro dessa nova configuração, a seleção cunhava a sua terceira participação nos Jogos Olímpicos.

As doze equipes competidoras foram divididas em dois grupos (A e B), como demonstra o quadro 21.

Quadro 21 - Seleções participantes no Torneio de Handebol nos Jogos Olímpicos de Pequim (2008)

Grupo A	Grupo B
Angola	Alemanha
Cazaquistão	Brasil
China	Coreia do Sul
França	Hungria
Noruega	Rússia
Romênia	Suécia

Fonte: Krastev (2020).

Integrante do grupo B, considerado o mais difícil (ALEMÃS..., 2008), o Brasil enfrentava, para além da quadra, uma nova demanda: a cobrança por resultados. Essa reivindicação estava pautada pela nova conjuntura que a seleção vivenciava, como identificamos em uma matéria veiculada pela Folha de São Paulo:

Alimentado por verba pública da Petrobrás desde 2003 e dinheiro da Lei Piva há sete anos, **o handebol enfrenta seu mais duro desafio**. Há cinco anos, quando conquistou patrocínio da estatal, o presidente da confederação, Manoel Luiz Oliveira, disse que o **país subiria ao pódio em Pequim** (ALEMÃS..., 2008, p. D4, grifos meus).

De forma discreta, é nesses Jogos que a seleção sofre sua primeira cobrança por resultados. À medida que a seleção ganhava um *status* mais profissional, as cobranças

¹¹⁰ Atletismo, basquete, boxe, canoagem velocidade, canoagem *slalom*, ciclismo de estrada, ciclismo *mountain bike*, esgrima, futebol, ginástica artística, ginástica rítmica, handebol, hipismo adestramento, hipismo CCE, hipismo saltos, judô, levantamento de peso, lutas, natação, nado sincronizado, pentatlo moderno, remo, saltos ornamentais, *taekwondo*, tênis, tênis de mesa, tiro com arco, tiro esportivo, triatlo, vela, vôlei é vôlei de praia.

criaram e ganharam detalhes. Os investimentos a que a imprensa se referia era a contratação, desde 2005, de um técnico estrangeiro (Juan Oliver), o incentivo para as atletas jogarem em times europeus (14 atletas dessa seleção atuavam em equipes da Europa), o apoio financeiro (todas as jogadoras recebiam Bolsa Atleta¹¹¹), entre outros. De modo geral, esperava-se que com esses auxílios as atletas tivessem condições de se dedicar exclusivamente ao handebol e, em contrapartida, trariam bons resultados, justificando o investimento realizado na modalidade.

A narrativa do presidente da Confederação Brasileira de Handebol (CBHb) gerou uma expectativa de medalha que não era compartilhada pelo técnico Juan Oliver, cuja opinião é expressa na mesma matéria:

Mas esse objetivo está longe de ser alcançado. Os técnicos da seleção masculina e feminina, ambos importados da Espanha, não acreditam nessa ascensão já. **“O objetivo é fazer bons jogos. Por enquanto, um pódio é utopia”**, disse Juan Coronado, técnico do feminino que estreia hoje, às 9h45, contra a Alemanha (ALEMÁS..., 2008, p. D4, grifos meus).

Diferente do que vinha ocorrendo nas edições anteriores (2000 e 2004), nas quais os impressos veiculavam uma narrativa mais otimista embasados pela motivação e confiança das atletas e da comissão técnica, em 2008 o que se viu foi um tom mais cauteloso e realista representado, principalmente, pelas falas do técnico, como visto no excerto acima. Em notícia publicada pelo Estadão após o jogo contra a Rússia, no qual a seleção perdeu por 28 a 19, há a seguinte menção:

A equipe brasileira esteve na frente durante boa parte do primeiro tempo e chegou ao intervalo perdendo por 12 a 10, mas o resultado não desanimou o técnico Juan Oliver, **que considerava a vitória das adversárias “normal” já antes de a partida começar** (CHINESAS, 2008, p. 77, grifo meu).

O modo como os jornais noticiaram a presença da seleção nos Jogos de Pequim em grande medida foi limitado à descrição dos resultados e de suas partidas. Vejamos:

A seleção brasileira feminina de handebol foi eliminada dos jogos ao perder para a Suécia por 25 a 22. As mulheres ficaram em quinto lugar no Grupo B, com cinco pontos (MULHERES..., 2008, p. 14).

A seleção brasileira feminina de handebol desperdiçou muitos ataques ontem e foi derrotada pela Suécia por 25 a 22. Assim, a equipe, que obteve só uma vitória, foi eliminada (HANDEBOL, 2008, p. D7).

¹¹¹ O Programa BolsaAtleta, instaurado a partir da Lei nº 10.891 de 9 de julho de 2004, tem como objetivo financiar diretamente as/os atletas do país. O programa possui quatro categorias de Bolsa: Estudantil, Nacional, Internacional e Olímpico/Paralímpico (CAMARGO, 2016).

No entanto, após perder duas partidas e empatar uma (Alemanha 24 x 22 Brasil; Hungria 28 x 28 Brasil; Rússia 28 x 19 Brasil), a equipe ganhou maior destaque no penúltimo jogo da fase de grupos, ao triunfar diante das coreanas que eram vice-campeãs em Atenas e haviam eliminado o Brasil em 2000 e 2004. A vitória foi assim noticiada:

Handebol feminino – Brasil vence Coreia do Sul com gol no último segundo – **O Brasil teve a sua melhor atuação no handebol feminino** e derrotou a Coreia do Sul por 33 a 32, com gol de Ana Paula no último segundo. A armadora recebeu de costas para o gol, girou e bateu forte. **A vitória teve sabor de uma revanche**, porque, na segunda rodada, o Brasil vencia a Hungria por 28 a 27, mas cedeu o empate no último segundo. A equipe enfrenta a Suécia hoje, as 22h (HANDEBOL FEMININO, 2008, p. 8, grifos meus).

HANDEBOL - Vice-campeãs olímpicas são derrotadas pelas brasileiras – A seleção feminina de handebol deu um grande passo para se classificar à segunda fase do torneio olímpico. Na madrugada de ontem, o Brasil venceu a Coreia do Sul por 33 a 32 e ascendeu ao quarto posto no grupo B. **O resultado foi significativo porque a seleção nacional, que ainda não havia triunfado na competição, superou as vice-campeãs olímpicas nos Jogos de Atenas-04.** A artilheira da equipe foi a ponta Alexandra, com nove gols. Pela Coreia do Sul, Hong Jeongho fez dez. Mas foi Ana Paula, autora do gol da vitória nos segundos finais, quem foi decisiva. Hoje, as 22h, a equipe brasileira enfrenta a Suécia, **teoricamente a mais fraca da chave.** Se vencer, pode até garantir a terceira colocação do grupo – quatro times avançam aos mata-mata (HANDEBOL, 2008, p. D7, grifos meus).

A vitória sobre a Coreia do Sul e o destaque para a seleção da Suécia, apontada como a mais fraca do grupo, levantava uma fagulha de esperança sobre o Brasil diante da possibilidade de avançar para as quartas de final. No entanto, a seleção não venceu a Suécia (25 x 22), e com uma vitória e um empate, totalizando cinco pontos, não foi classificada para seguir no torneio. Ao final, o Brasil amargou sua pior posição em Jogos Olímpicos, a 9ª posição geral.

Ao noticiar a eliminação do Brasil diante das suecas, O Globo destaca a fala do técnico Juan: “Não quero que todos pensem exclusivamente neste jogo. Quero que pensem sobre o que era o handebol brasileiro antes e o que representa hoje” (MULHERES..., 2008, p. 14).

A afirmação do técnico evidencia o processo de mudança que vinha acontecendo na seleção. Em função dos investimentos e da internacionalização das atletas, uma nova conjuntura estava posta para o handebol nacional, o que acabou por ressignificar os conteúdos e mesmo a representação da equipe nos impressos pesquisados. A metáfora da escola perde terreno para a menção a aspectos relacionados à profissionalização e a maior estruturação da modalidade. Em função disso, a eliminação pela Suécia, depois de uma vitória inédita e

acirrada sobre a Coreia, tornou-se uma notícia praticamente indigesta. A mídia esperava mais e faz circular essa representação.

Jogos Olímpicos de Londres (2012)

A trigésima edição dos Jogos Olímpicos foi realizada entre os dias 27 de julho e 12 de agosto na cidade de Londres, Reino Unido. Destacado pela mídia como a edição mais feminina da história dos Jogos, o evento foi visto como importante na consolidação da presença da mulher no ambiente esportivo (FIRMINO; VENTURA, 2013).

Em Londres, as mulheres representaram 44% do total de atletas participantes dos Jogos Olímpicos e 35,4% dos Jogos Paraolímpicos, caracterizando-se como os maiores percentuais registrados até então. Agrega-se a esse dado as constatações de que todos os 204 países participantes dos Jogos Olímpicos tinham atletas de ambos os sexos em suas delegações e de que o número de medalhas conquistadas pelas mulheres em ambas as competições alavancou a posição de alguns países no quadro final de classificação (GOELLNER, 2012, p. 72).

Essa conquista histórica das mulheres não refletia as expectativas do Comitê Olímpico Internacional (COI) de atingir uma equidade de gênero entre as/os competidoras/es. Com 10.568 atletas representando 204 nações (LONDRES-2012, 2012), as mulheres se aproximaram desse percentual, mas não o alcançaram .

Para os Jogos de Londres, houve um intenso investimento por parte do Comitê Olímpico Brasileiro (COB) na preparação e suporte dos 259 atletas (123 mulheres e 136 homens) que defenderiam o Brasil em 27 modalidades¹¹² (LONDRES-2012, 2012). Só para se ter uma ideia, o Comitê Olímpico Brasileiro arrecadou durante o ciclo olímpico de Londres (2009-2012) um total de 677,1 milhões de reais. Desse montante, 250,3 milhões foram repassados para as Confederações esportivas (TEIXEIRA; MATIAS; MASCARENHAS, 2017).

Dentro desse contexto, a seleção embarcava para sua quarta participação nos Jogos Olímpicos. Em Londres, assim como em Sydney, a seleção era a única representante da modalidade, uma vez que os homens não conseguiram assegurar sua classificação.

Essa edição dos Jogos foi aquela na qual a seleção teve a maior visibilidade nos jornais analisados, computando, inclusive, o recorde de menções¹¹³ (QUADRO 2, p. 26). O

¹¹² Atletismo, basquete, boxe, canoagem, ciclismo, esgrima, futebol, ginástica, handebol, hipismo, judô, levantamento de peso, lutas, natação, nado sincronizado, pentatlo moderno, remo, saltos ornamentais, taekwondo, tênis, tênis de mesa, tiro com arco, tiro esportivo, triatlo, vela, vôlei e vôlei de praia.

¹¹³ Foram contabilizadas um total de: 54 em 2000; 49 em 2004; 29 em 2008; 55 em 2012; e 46 em 2016.

interesse da mídia estava associado ao resultado que a equipe brasileira havia obtido no Campeonato Mundial de Handebol de 2011, ocorrido no Brasil, no qual ficou em quinto lugar na classificação geral, gerando expectativas de uma potencial medalha em Londres.

Depois do mundial, a seleção feminina obteve bons resultados. Na fase de preparação olímpica, o Brasil, que garantiu vaga para Londres com a medalha de ouro no Pan-Americano de Guadalajara, disputou 15 amistosos - venceu 13 (contra seleções como Holanda, Alemanha, Cuba, Coreia do Sul, Suécia, Grã-Bretanha, entre outras). E empatou 2, ambos contra a Noruega, maior potência da atualidade e atual campeã mundial. “Estamos evoluindo passo a passo e acredito que nossa equipe pode brigar com as melhores do mundo durante a Olimpíada”. **O bom desempenho e a preparação forte que o Brasil fez está dando o direito de as meninas sonharem com a medalha** (FAVERO, 2012, p. 49, grifo meu).

Seleções femininas começam hoje sua participação olímpica. Motivada pelo técnico dinamarquês Morten Soubak, equipe de handebol enfrenta a Croácia **e sonha conquistar medalha, após terminar em quinto no último mundial** (RODRIGUES, 2012, p. 2, grifo meu).

Se nos Jogos de Sydney e Atenas a narrativa esperançosa estava baseada em uma perspectiva de “a seleção pode surpreender”, nos Jogos de Londres a esta narrativa é acrescida materialidade a partir dos resultados apresentados pela equipe. O elemento *escola* é novamente acionado para chamar a atenção na forma como a modalidade se estruturava nacionalmente.

Se o favoritismo para a conquista da medalha de ouro do handebol nas Olimpíadas de Londres fosse medido pela quantidade de praticantes nas escolas, a seleção brasileira feminina poderia até marcar na agenda a data para festejar: 11 de agosto. O problema é que a modalidade ainda **precisa pular os muros dos colégios** (RODRIGUES, 2012, p. 2, grifo meu).

Ao analisar a associação do handebol ao esporte escolar, Emerson Saint’Clair evidência:

Não vemos escolinhas, clubes, associações e/ou programas de handebol semeados pelo país, comparado a outras modalidades esportivas coletivas, tais como futebol, voleibol e basquetebol. Isso reforça a nossa compreensão de que a trajetória do handebol é marcada preponderantemente pela escola e – por que não? – para a escola (SAINT’CLAIR, 2018, p. 76).

Para Jorge Luiz Rodrigues (2012), autor da matéria supracitada, a modalidade é a melhor referência do descaso esportivo no Brasil pela falta de uma política nacional de esportes. Para contrapor a representação do *handebol escolar*, os impressos acionam a internacionalização da seleção.

No entanto, a quinta colocada no último Mundial, disputado em dezembro passado, em São Paulo, também é a **prova de que o futuro é fora do país**: 13 das 14 jogadoras atuam na Europa, sendo oito delas em um clube austríaco, o Hypo. **Evoluiu com as experiências fora no exterior**, mas o cenário nacional é desanimador: a liga nacional tem apenas oito clubes (RODRIGUES, 2012, p. 2, grifos meus).

Claro que não é só por causa dele [Morten] que a **modalidade evoluiu** no Brasil nos últimos anos. Além de planejamento da confederação, **muitas atletas foram atuar na Europa**. “Atualmente, as brasileiras atuam em equipes grandes e são titulares. Não estão lá apenas para formar o grupo”, diz. Segundo ele, as atletas têm uma característica comum que deixa a seleção com muita raça. “Não é a altura que faz diferença, não é o físico... Acho que criamos um perfil de atletas guerreiras e vamos até o fim com isso” (FAVERO, 2012, p. 51, grifos meus).

Duda, que está com 25 anos e atua como armadora-esquerda. **Para tentar se aperfeiçoar ainda mais no handebol, a menina deixou o Brasil** com apenas 19 anos e foi jogar na Hungria. Atuar no exterior deu muita experiência a ela, que hoje consegue unir força e habilidade (FAVERO, 2012, p. 50, grifo meu).

A referência à internacionalização da seleção, como requisito essencial para o desenvolvimento da modalidade, ganhava destaque. O contato das atletas com o handebol praticado em países com maior *expertise*¹¹⁴, colaborou para que a seleção fosse representada nos impressos como mais madura, experiente e guerreira.

Uma novidade aparece na cobertura que os jornais fizeram nessa edição: matérias fazendo menção às histórias de vida de algumas atletas também integraram a narrativa jornalística.

O dinamarquês cita o fato de **Jessica Quintino** ser a única das 14 convocadas a jogar no país, no Adblu, de Santa Catarina. **A ala esquerda começou as 8 anos numa escola**. Mês passado, a beque **Ana Paula Rodrigues**, uma das oito selecionáveis do Hypo, emocionou-se ao visitar, com a seleção, o colégio Alberto Pinheiro, de São Luís (MA), **onde começara no handebol, aos 13 anos**. – As dificuldades que um atleta tem para chegar aonde sonha são muito grandes. É muito difícil seguir carreira no esporte. Às vezes, tem muito atleta com talento que deixa de jogar por falta de oportunidade - conta **Ana Paula, que com 14 anos, foi contratada para jogar em Blumenau (SC)**, após se destacar no Campeonato Brasileiro de Seleções, representando o Maranhão. [...] A exemplo da seleção, a goleira e capitã **Chana disputa sua quarta edição olímpica**. Havia se despedido, mas voltou para realizar o sonho de trabalhar com Soubak (RODRIGUES, 2012, p. 2, grifos meus).

Duda Amorim tem sido uma das principais jogadoras da seleção feminina de handebol na brilhante campanha até o momento nos Jogos de Londres. Hoje, as 12h15, ela estará em quadra novamente para enfrentar a Rússia, e contará com uma torcedora muito especial assistindo à partida no Brasil: **sua irmã Ana**, que também atuou em uma edição da Olimpíada, em Atenas (2004). **“Eu comecei a jogar por causa dela”**, confessa Duda. Três anos mais velha, Ana trabalha em uma padaria da

¹¹⁴ Equipes europeias em que as atletas brasileiras estavam atuando no ano de 2012: Fehervar FKC, Gyor Audi ETO, Vaci NKSE (Hungria); HC Odense (Dinamarca); MKS Zagłębie Lubin (Polônia); Bucarest (Romênia); Bietgheim (Alemanha); OGC Nice (França).

família em Blumenau, em Santa Catarina. Ela não conseguiu pegar a grande fase da seleção feminina, que começou nos últimos anos e alcançou seu auge neste momento, com uma invencibilidade de 21 partidas e com vitórias diante das equipes mais poderosas do mundo. “**Nós jogamos pouco tempo juntas**”, explica Duda. “**Agora, estou realizando o sonho dela e continuando sua história na seleção, que é bem parecida com a minha. E ela está acompanhando tudo de perto**” (FAVERO, 2012, p. 50, grifos meus).

A inclusão de temas afetos à vida das jogadoras se apresentava como algo novo no modo de representar a seleção de handebol. Ao trazer elementos de suas trajetórias, os impressos destacam alguns dos obstáculos enfrentados pelas atletas, assim como sacrifícios realizados para se manterem no esporte. Para Alexandre Domingues (2006), a mídia impressa se utiliza de histórias de vida para relatar dificuldades e superações vivenciadas pelas/os atletas no intuito de criar uma narrativa sentimental e emotiva envolvendo o esporte. Nesse sentido, me permito assinalar que o fato de exibir nomes e histórias de algumas jogadoras da seleção possibilita estabelecer uma proximidade entre a seleção a suas/seus torcedoras/es.

Perante o exposto, a seleção brasileira de handebol nos Jogos de Londres passa a ser representada como uma equipe *experiente, madura e profissional*. Essa nova representação, diferente das anteriores, ao mesmo tempo que a afasta das condições vivenciadas pelo handebol nacional, a aproxima do handebol europeu.

Essa situação se evidencia na referência à metáfora do *handebol escola* que passa a ser acionada para representar a forma de existir a modalidade no Brasil e não mais a seleção. Por fim, fazendo uso dessa metáfora, é possível dizer que, nos Jogos de Londres, a seleção já se formou na escola e está realizando alguns intercâmbios nas melhores equipes da Europa.

Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro (2016)

Sediados pela primeira vez na América do Sul, a trigésima primeira edição dos Jogos Olímpicos ocorreu entre os dias 5 e 21 de agosto na cidade do Rio de Janeiro, Brasil. Após a sexta colocação nos Jogos de Londres e a conquista da medalha de ouro no Campeonato Mundial da Sérvia, em 2013, a seleção brasileira de handebol era vista como uma das favoritas ao pódio olímpico (NOVA VITÓRIA..., 2016).

Mesmo diante de resultados sólidos e o *status* de favorita à medalha olímpica, a seleção não obteve o mesmo espaço midiático comparado à edição anterior, em Londres. Com um número reduzido de matérias (16), o discurso recorrente reforçava o sonho da conquista de uma medalha, o que significava dentro do retrospecto da seleção, o melhor momento para conquistá-la.

A história do handebol feminino no Brasil mudou após o dia 22 de dezembro de 2013, quando a seleção conquistou de forma invicta o título mundial diante da Sérvia, em plena Belgrado. Desde então, e com proximidade dos Jogos em casa, **a modalidade passou a sonhar com um passo ainda maior: a inédita medalha olímpica.** Sonho que pode começar a se materializar hoje, na estreia pelo Grupo A do Rio-2016, às 9h30m, na Arena do Futuro, no Parque Olímpico da Barra da Tijuca [...] Em Londres, faltava-nos mais experiência para saber o que fazer para levar o jogo cadenciado até o fim. **Acredito que temos tudo de que precisamos para jogar uma Olimpíada em casa.** Agora precisamos colocar em prática na quadra [...] sonhar não é proibido (MULHERES..., 2016, p. 17, grifos meus).

É nesse cenário que emerge a tentativa de produzir a primeira “ídola” da modalidade, fomentada sobretudo pelo O Globo. A atleta Ana Paula Rodrigues ganhou destaque em duas reportagens: “Ana Paula comanda a vitória do Brasil na estreia no handebol”¹¹⁵ e “Sob o comando de Ana Paula”¹¹⁶. Esse fato também foi evidenciado nos estudos de Emerson Saint’Clair (2018) ao analisar os significados construídos pelos impressos O Globo e Lance! sobre o handebol durante os Jogos do Rio 2016.

A equipe feminina, mais consolidada e com mais experiência exibia seu primeiro ídolo, a atleta Ana Paula. A análise de seu desempenho, com ênfase na alta performance da jogadoras, é quantificada com seis gols precisos e enaltecida pelo torcida que delira e comunga com ela o sonho do ouro olímpico (SAINT’CLAIR, 2018, p. 51).

Fátima Maria Pilotto (2003), em seu texto “A fabricação dos ídolos esportivos”, assinala que, na maioria das vezes, um

ídolo é apresentado ao público como alguém que tem um dom individual: tudo decorre de um mérito e de uma competência que lhes são próprias, como se não existissem relações de poder, como se houvesse uma disposição genética que só permitisse que se torne ídolo quem é dotado de um atributo especial para sê-lo (PILOTTO, 2003, p. 7).

Partindo desse entendimento, me parece que a escolha por Ana Paula estava associada aos seus feitos em quadra, como mencionado na reportagem após o jogo contra a Romênia, o qual a seleção venceu por 26 a 13. “O grande destaque da partida foi Ana Paula, com **oito gols**” (NOVA VITÓRIA..., 2016, p. 13), “Após marcar **12 gols** na vitória do Brasil diante da Noruega [...] Ana Paula Rodrigues Belo” (ANA PAULA..., 2016, p. 5). Para além da visibilidade nas vitórias, a jogadora também é acionada na derrota, como veiculado pela Folha: “Com mais foco, as holandesas travaram a central Ana Paula Rodrigues, que não conseguiu jogar” (MULHERES..., 2016, p. B4). Infelizmente a construção da primeira ídola

¹¹⁵ O Globo, 7 de agosto de 2016, p. 5.

¹¹⁶ O Globo, 9 de agosto de 2016, p. 13.

da modalidade foi interrompida justamente na derrota para a Holanda por 32 a 23 nas quartas de final. Com o Brasil fora da disputa de medalhas, não houve mais nenhuma reportagem que referisse a seleção.

Para Emerson Saint'Clair: “O handebol, sem ídolos, ocupa posição irrelevante nas preferências e gostos de crianças e jovens. É irrelevante o consumo de objetos ou serviços que simbolizam a incorporação dos handebolistas mais famosos em nossa sociedade” (SAINT'CLAIR, 2018, p. 59).

O argumento do autor menciona um aspecto relevante para refletir sobre a formação de novas atletas. Considerando que a seleção nacional é formada basicamente por jogadoras que atuam no handebol europeu¹¹⁷, sua vinculação como ídolas nacionais fica restrita, já que não atuam em campeonatos nacionais e só ganham visibilidade na mídia em eventos internacionais, os quais raramente são noticiados.

Diante do exposto, as narrativas veiculadas pelos impressos durante os Jogos do Rio mantiveram a representação de uma seleção madura, experiente e consolidada no cenário internacional. Essa representação possibilitou que os impressos elessem uma atleta para alçá-la à condição de ídola, uma jogadora capaz de representar o selecionado nacional e, simultaneamente, criar representatividade.

JOGOS DE GÊNERO E A SELEÇÃO BRASILEIRA DE HANDEBOL

Mesmo não sendo o foco central deste estudo, fazer uma análise a partir da categoria gênero se faz pertinente, uma vez que essa categoria analítica está profundamente imbricada quando se analisa o esporte praticado por mulheres, seja por meio dos discursos construídos sobre a mulher atleta, seja na forma como são imagetivamente representadas.

Aspectos relacionados às representações de gênero a partir da mídia impressa foram analisados nos estudos em vários estudos que tematizaram diferentes modalidades esportivas. (SIQUEIRA, 2007; BOSCHILIA; MEURER, 2007, MARTINS; MORAES, 2007; SOUZA; KNIJNIK, 2007; ROJO, 2008; ROMERO *et al.*, 2014). Esses estudos evidenciam as discrepâncias existentes na maneira como a mídia aborda os esportes praticados por homens e por mulheres. Outro ponto destacado está relacionado às consequências que as mulheres sofrem em função de terem menor cobertura midiática, como por exemplo, menores possibilidade de investimentos, patrocínios, assim como a criação de ídolas esportivas que venham a ser referência na formação de novas atletas.

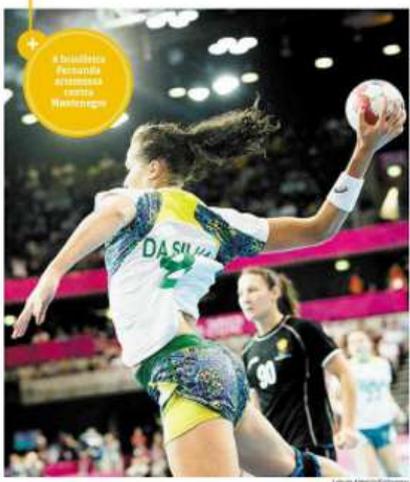
¹¹⁷ Nos Jogos Olímpicos do Rio, 15 entre as 17 jogadoras atuavam na Europa.

No decorrer de minhas análises, pude perceber que apesar de o handebol não ser uma modalidade imune às demandas de representações hegemônicas de feminilidade, elas ganham pouca evidência nas narrativas dos impressos pesquisados. Para Johanna Coelho Von Mühlen e Silvana Vilodre Goellner (2012) em pesquisa que buscou analisar as representações de feminilidades e masculinidades veiculados pelo portal de notícias Terra durante os Jogos de Pequim.

Essa ausência revela a representação de que a beleza é um atributo feminino, e não de mulheres, pois, em algumas modalidades esportivas, tais como o fisiculturismo, o futebol e as lutas, mesmo que as atletas sejam belas, pouco se diz sobre sua beleza e feminilidade. São os detalhes técnicos que ganham visibilidade, conforme evidenciou o site em quase todas as reportagens que mencionavam tais modalidades (VON MÜHLEN; GOELLNER, 2012, p. 175).

A análise das autoras vai ao encontro dos meus achados em relação ao handebol, pois na cobertura midiática realizada nas edições dos Jogos Olímpicos entre 2000 e 2016, a performance esportiva suplantou as referências às representações de feminilidade. Entretanto, como pontuado anteriormente, a seleção não ficou imune à essa representação. Dos três periódicos analisados dentro do recorte temporal escolhido, encontrei duas menções que tratavam de questões relacionadas de forma direta ao campo das representações de gênero, ambas ocorridas nos Jogos de Londres (2012). A primeira delas, veiculada pelo jornal Folha de São Paulo, tematizava o uniforme da seleção.

Figura 30 - Seleção Feminina provoca surpresa em quadra e no figurino

	<p>Handebol – Time, que ontem derrotou Montenegro e tem 100% de aproveitamento, usa calções chamativos.</p> <p>A seleção feminina de handebol chama atenção em Londres pelo seu desempenho em quadra e pelo uniforme que veste as jogadoras. [...]</p> <p>Nas duas partidas, a seleção utilizou camisetas (amarelas, na estreia, e brancas, ontem) com detalhes coloridos abaixo das mangas combinando com os calções. Apenas de muito perto dá para perceber que as estampas são araras coloridas que, juntas, parecem emular a pele de uma onça pintada, mas usando cores berrantes. Os shorts têm abertura nas laterais e um calção de lycra amarelo presa as pernas das atletas, que lembra uma bermuda térmica. [...] “É bem feminino, eu achei ótimo”, elogiou a ponta esquerda Fernanda Silva, autora de dois gols ontem. “Um monte de gente já me pede esse short”. Acrescentou. “Quando vimos pela primeira vez, foi uma surpresa, mas a Asics explicou para a gente [jogadoras] e, vendo no conjunto, achamos que ficou legal”, disse a pivô Dara. Por ser mais folgado que os calções utilizados pelas outras seleções, que mais lembram bermudões de praia, a peça arrancou suspiros dos marmanjos na arquibancada na arena Caixa de Cobre. Mas também foi inevitável comparar os shorts brasileiros a cuecas samba-canção ou conjunto de pijama. “É superconfortável, e quando está todo mundo junto, ficam todas lindas”, comentou a ponta direita Alexandra. “É bom também para encontrar a parceira de equipe em quadra, porque já se vê as cores no canto do olho”, completou a atleta.</p>
---	---

Fonte: BRITO, Daniel (2012, p. D4) – Folha de São Paulo, 31 de julho de 2012.

Ao discorrer sobre o uniforme que as atletas usaram, o autor da matéria, Daniel Brito, inicia seu texto relatando as alterações realizadas no figurino, dando destaque ao uso de cores chamativas e um novo design do short. Essa narrativa inicial não seria problemática se não fosse a comparação da vestimenta com “bermudões de praia”, “cueca samba-canção” e “pijama”, referindo inclusive peças que compõe o vestuário dos homens. Além disso, a alusão de que o calção era mais folgado, revela que o foco de análise estava mais voltado a questões estéticas (shorts justos evidenciados na imagem que acompanha a matéria) e não de seu potencial de contribuir para uma boa performance.

O vestuário historicamente se constitui como uma das marcas de generificação para distinguir homens e mulheres e isso se reproduz no campo esportivo quando são criados uniformes diferentes para mulheres e homens (SAINT’CLAIR; DEVIDE; MURAD, 2017). Estudos anteriores apontam que enquanto a vestimenta dos homens prioriza o conforto e a performance, para as mulheres são agregados aspectos que evidenciam seu corpo, sua beleza e sensualidade (ROMERO, 2004, 2008; DEVIDE, 2005; DEVIDE *et al.*, 2008; REED, 2013). Sobre o tema, Sarita Prem Zeferino Reed (2013) expõem o caso vivenciado pelo futebol.

Em um evento em Zurique, no ano de 2011, o presidente da Federação Internacional de Futebol (FIFA), Joseph Blatter, propôs que as atletas de futebol feminina usassem uniformes mais sensuais e femininos a fim de aumentar a popularidade do esporte. Para ele, a camiseta e a bermuda larga, que compõem os atuais trajes, deveriam ser trocadas por uma modelagem ajustada ao corpo, seguindo o exemplo da seleção de vôlei feminino (REED, 2013, p. 34).

O excerto acima é representativo dos discursos e práticas que estão voltados para a sexualização do corpo da atleta. Essa representação ganha materialidade na mídia quando ocorre a valorização e o destaque ao uso de roupas curtas, apertadas e em ângulos que evidenciam determinadas partes de seu corpo (SARAIVA, 2017).

Essa representação é acionada na reportagem acima diante da expectativa por roupas mais curtas e justas. E mesmo o figurino não atendendo às expectativas estéticas esperadas para um “uniforme feminino”, ainda assim, nas palavras do jornalista, “arrancou suspiros dos marmanjos” (BRITO, 2012, p. D4). Para Tiago Pellim e colaboradoras (2018), “isso acontece porque o esporte, como fenômeno social que é, transpõe para o seu contexto comportamentos sociais que demarcam estereótipos de gênero” (PELLIM; DINIZ; IVANHA, 2018, p. 131).

A outra menção relacionada às representações de gênero foi reportada no Estadão quando veiculou uma nota com o seguinte texto: “Maternidade adiada – Alexandra Nascimento – destaque do guerreiro time de handebol brasileiro em Londres, a ponta de 30

anos vai adiar o sonho de ser mãe para treinar forte e brigar por uma medalha inédita para o país em 2016” (MATERNIDADE..., 2012, p. 61). Partindo do pressuposto de que toda a mulher será mãe, a matéria aciona uma representação de gênero que naturaliza a maternidade.

Segundo Silvana Goellner:

Discursos voltados para a preservação da maternidade e da feminilidade promoveram várias interdições e, por muito tempo, foram recorrentes para minimizar a presença das mulheres no universo cultural do esporte, em especial na sua dimensão de alto rendimento que exige intenso trabalho físico, dedicação aos treinos e espírito competitivo (2012, p. 72-73).

Por mais que não haja interdições explícitas no que tange à prática de esportes de alto rendimento e de contato, como o handebol, a demanda pela gestação de uma criança ainda se faz recorrente, principalmente em relação a uma jogadora como Alexandra Nascimento que atende a uma representação de gênero desejada.

Ludmila Mourão (2003) ao abordar esse tema enfatiza que muitas atletas decidem não ter filhos em função dos obstáculos encontrados em conciliar a maternagem com o esporte. As que optam por engravidar durante a carreira enfrentam situações de abandono pela equipe em que atuam, como foi o caso da handebolista campeã mundial Samira Rocha, que ao anunciar que estava grávida ao clube onde atuava (Kisvárdá FC/Hungria), teve seu contrato, ainda vigente, finalizado.

Esse é o enredo vivido pela maioria das atletas que buscam essa realização pessoal enquanto ainda estão em atividade. Entre os casos que tiveram maior repercussão nacional, estão os das jogadoras de vôlei **Tandara** e **Karine**, que chegaram a acionar o **Praia Clube/MG** na Justiça após não terem seus contratos renovados (FALCÃO, 2019, p. s/n, grifos da autora).

Diante do medo e da insegurança em relação a casos como de Samira, Tandara e Karine, muitas atletas optam pela maternidade apenas depois de encerrada a carreira esportiva.

Outro ponto que ganha destaque nas representações de gênero contempladas pela mídia impressa situa-se na exibição de imagens. Emerson Saint’Clair e colaboradores (2017), ao realizarem uma análise iconográfica de mulheres atletas, assinalam que as imagens veiculadas pela mídia impressa são repletas de intencionalidades, discursos e representações. Nesse sentido reforçam que

os conteúdos presentes nas imagens e textos sobre o esporte feminino tendem a sofrer influências do discurso midiático nas representações sobre as mulheres atletas, podendo reproduzir o quadro atual sobre a visibilidade delas ou acarretar mudanças nesse cenário, conferindo-lhes novas visibilidades (SAINT’CLAIR; DEVIDE; MURAD, 2017, p. 204).

Na esteira dessas ideias, estudos anteriores (SOUZA; KNIJNIK, 2007; ROMERO, 2005; 2007; MÜHLEN 2009; MÜHLEN, GOELLNER, 2012) concluíram que a mídia reitera as representações hegemônicas de gênero ao veicular imagens diferenciadas de mulheres e homens atletas. Enquanto aos homens é construída uma imagem de guerreiro, viril e imbatível focando nas imagens a metade superior do corpo, as mulheres são retratadas com evidência na beleza do seus corpos, focando costas, glúteos e muitas vezes ocultando seus rostos (PEREIRA; PONTES; RIBEIRO, 2014).

No que diz respeito às representações produzidas sobre a seleção brasileira, minhas análises vão de encontro aos estudos supracitados, uma vez que, na sua maioria, as atletas são fotografadas em ação, como é possível visualizar nas Figuras 31, 32 e 33.

Figura 31 - Imagens veiculadas pelo jornal O Globo



Fonte: A autora. com base no jornal O Globo.

Figura 32 – Imagens veiculadas pelo jornal O Estado de São Paulo



Fonte: A autora, com base no jornal O Estado de São Paulo.

Figura 33 – Imagens veiculadas pelo jornal Folha de São Paulo



Fonte: A autora, com base no jornal Folha de São Paulo.

A representação imagética da seleção focaliza características como força, agilidade e competitividade, sem sexualizar as atletas. O que vemos são situações de jogo e o que está em exibição é o seu potencial atlético, que contribui sobremaneira para a desconstrução de representações que objetificam e sensualizam os corpos das desportistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar as representações produzidas pelos jornais Globo, Estadão e Folha sobre a seleção brasileira de handebol ao longo de suas participações nos Jogos Olímpicos, pude perceber alguns padrões nas narrativas jornalísticas que se repetem ao longo das cinco edições analisadas, sendo assinaladas por pequenas mudanças que acompanharam o desenvolvimento da modalidade.

Nos Jogos Olímpicos de Sydney e de Atenas, as narrativas evidenciam uma seleção que apesar de as atletas vivenciarem uma modalidade estruturalmente amadora, com baixos investimentos e com pouca experiência intercontinental se apresentavam confiantes, sonhadoras e com a expectativa de surpreender. Para construir essa representação, os jornais frequentemente comparavam o handebol da seleção com o *vivenciado na escola*, cujos processos de aprendizagem estão em constante desenvolvimento.

Nos Jogos de Pequim, a seleção mostrava uma grande novidade. Com quatorze atletas – das dezesseis convocadas – atuando no handebol europeu, um técnico estrangeiro e investimento consolidado, a equipe brasileira estava vivenciando uma conjuntura totalmente diferente quando comparada às edições anteriores. Essa mudança refletiu na forma como os jornais representaram a seleção. Com uma narrativa mais cautelosa, objetiva, realista e sem

espaço para a fala das atletas, a imagem que é mencionada diz respeito a uma equipe em transição sobre a qual começam a aparecer as primeiras cobranças. Nesse contexto, a representação que se constrói da seleção é de uma equipe que está em transição, em desenvolvimento e qualificando-se.

Nos Jogos de Londres, a seleção ganha espaço e visibilidade nos impressos, que além de descreverem sua participação nas diferentes fases do torneio, agregam a suas narrativas aspectos mais subjetivos, como por exemplo, a alusão à trajetória das jogadoras. Nesses Jogos, novamente são acionados alguns aspectos relacionados ao handebol escolar, nesse momento, usados para evidenciar a estruturação da modalidade no contexto nacional, uma vez que a seleção passa a ser representada como uma equipe madura, experiente e profissional, aspectos que se relacionam ao contexto em que as jogadoras atuam no handebol europeu.

Já nos Jogos do Rio de Janeiro, o espaço concedido pelos impressos pesquisados para a cobertura do selecionado nacional cai quase pela metade em comparação à edição anterior. As matérias destacam a performance do grupo e acionam a expectativa de concretização do sonho olímpico em uma competição realizada em casa. Nessa edição dos Jogos, para além de colocarem em circulação a representação de uma seleção já consolidada, experiente, madura e profissional, as narrativas abrem espaço para o surgimento da primeira ídola da modalidade, o que não se efetivou em função da desclassificação precoce da equipe. Ou seja, a ídola só seria alçada a esse posto caso os resultados fossem mais positivos.

E, por fim, ao realizar uma análise das representações de gênero acionadas pelos jornais na cobertura da seleção brasileira, verifiquei que houve pouca menção às representações de feminilidade, hegemônica ou não. As matérias veiculadas conferiram destaque à campanha realizada pela equipe nas variadas edições dos Jogos Olímpicos, enfatizando aspectos técnicos e táticos, destacando de maneira pormenorizada a trajetória do selecionado nacional na maior competição esportiva do mundo.

6 ESTUDO 3 – PROCESSOS MIGRATÓRIOS DE HANDEBOLISTAS BRASILEIRAS: um estudo a partir da experiência de atletas e ex-atletas da seleção brasileira

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Com o advento da globalização, aumentaram as possibilidades de acesso às informações e de mobilidade de indivíduos por diferentes locais, a qual pode ocorrer entre cidades, estados e até mesmo países e continentes. Luciano Gallino (2005) conceitua migração como o movimento de pessoas, de forma voluntária ou forçada, entre diferentes áreas geográficas, tendo caráter temporário, de longo prazo ou até mesmo definitivo. O autor complementa pontuando que o conceito é permeado pelas qualidades profissionais e pela busca por uma qualidade de vida melhor que a encontrada em seu local de origem.

No campo esportivo, as migrações têm possibilitado que esportistas circulem e construam suas carreiras para além das fronteiras de sua cidade, estado e país. De acordo com Aline Magnani (2018), os deslocamentos transfronteiriços de atletas podem ser divididos em duas modalidades: os temporários e de curto prazo, entendidos como mobilidade atlética, e os de longo prazo, compreendidos como migração atlética. Vale destacar que os termos mobilidade atlética e migração atlética são utilizados tanto para os deslocamentos internacionais quanto os nacionais e sugerem mudança para novas configurações culturais, envolvendo os processos de aculturação¹¹⁸ e transição cultural diante dos distintos contextos sociais, culturais, políticos e esportivos.

Essas transições podem ocorrer por diferentes razões, tais como recompensa financeira, ascensão na carreira esportiva, experiência em diferentes culturas, entre outros (RICHARDSON *et al.*, 2012). As causas e as consequências dessas movimentações não são fixas e podem ser redefinidas de acordo com as características globais vigentes no contexto geopolítico e econômico (VALDERRAMA, 2000; BATISTA, 2015).

Sob a ótica da mobilidade e das migrações atléticas, os motivos que orientam tais deslocamentos podem se diferenciar considerando as diferentes modalidades esportivas ou os agentes pesquisados – atletas, treinadores/as e técnicos/as. Algumas/alguns pesquisadoras/es têm se debruçado sobre tais processos a fim de compreender e analisar as motivações, experiências e desafios vivenciados. Entre os estudos que tratam de atletas de esportes

¹¹⁸ Aculturação é definida como o processo no qual o indivíduo é socializado em uma nova cultura. Também pode ser entendida como a capacidade do sujeito de equilibrar as demandas culturais envolvidas entre seu lugar de origem com o novo local de moradia/trabalho (LOFFREDO, 2018). Esse processo, segundo Pereira *et al.* (2005), é fator decisivo para a adaptação do indivíduo ao novo meio social.

coletivos, destacam-se aqueles dedicados ao futebol praticado por homens (RIAL, 2009a; 2009b; 2008; 2006; PISANI, 2011; BRANDÃO *et al.*, 2013; MAGNANI, 2018), ainda que eu também tenha encontrado trabalhos focando o voleibol (TERTULIANO, 2016; TERTULIANO *et al.* 2018; PONTES *et al.*, 2018), o futebol de mulheres (PISANI, 2012; 2014) e o handebol (LOFFREDO, 2018). Diante do exposto, este estudo tem como objetivo analisar os processos migratórios de jogadoras e ex-jogadoras da seleção brasileira de handebol.

Para a realização deste estudo, foi adotado o aporte teórico-metodológico da História Oral, entendida como uma metodologia, uma técnica de produção e tratamento de entrevistas e uma fonte de pesquisa (ALBERTI, 2006). Nas palavras da autora:

A história oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador a fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente (ALBERTI, 2006, p. 155).

Diante dos caminhos possíveis para a condução desta pesquisa, a História Oral apresentou-se como promissora ferramenta, pois “[...] ao se interessar pela oralidade, procura destacar e centrar sua análise na *visão* e *versão* que dimanam do interior e domais profundo da experiência dos atores sociais” (LOZANO, 2006, p. 16, grifos do autor). Motivada por essa compreensão, opere com essa ferramenta para, a partir das narrativas dessas mulheres, compreender as experiências que protagonizaram quando migraram para jogar handebol.

Para tanto, foram entrevistadas dezessete jogadoras que integraram ou integram a seleção nacional, assim como dois de seus técnicos: Francisco Farias (1986-1988) e Sérgio Graciano¹¹⁹ (2017).

¹¹⁹ Sérgio Graciano trabalha com as seleções brasileiras desde 1996, passando pelos cargos de treinador de goleiras, auxiliar técnico de seleções de base e adulta, técnico das seleções de base juvenil e júnior e técnico interino da seleção brasileira adulta.

Quadro 22 - Atletas entrevistadas para o estudo

Nome da atleta	Tempo de seleção adulta	Período em que jogou no exterior
Alexandra Nascimento	18 ¹²⁰ anos (2002-atual)	2003-atual
Aline Silva Chicória	9 anos (1998-2007)	2005-2008
Aline Silva dos Santos	5 anos (2003-2008)	2003-2008
Ana Carolina Amorim Taleska	6 anos (2001-2007)	2003-2010
Elza Giovanelli Balon	8 anos (1983-1991)	Não jogou
Fabiana Diniz	17 anos (1999-2016)	2007-2014
Fabiana Kuestner Gripa	4 anos (2004-2008)	Não jogou
Francine Camila Gomes de Moraes Cararo	7 anos (2005-2012)	2007-2012
Klea Oliveira	1 ano (2000-2001)	Não jogou
Lucila Vianna Silva dos Santos	16 anos (1993-2009)	2005-2007
Margareth Pioresan	6 anos (1983-1989)	Não jogou
Maria Aparecida dos Santos	10 anos (1986-1996)	Não jogou
Maria José Batista de Sales	18 anos (1986-2004)	Não jogou
Mayara Fier de Moura	11 anos (2007-2018)	2010-2013
Soraya Novaes da Silva	15 anos (1983-1998)	Não jogou
Valéria Maria de Oliveira	9 anos (1993-2004)	Não jogou
Viviane Jacques	10 anos (1998-2008)	2006-2012

Fonte: A autora, com base nas entrevistas.

As entrevistas foram realizadas de acordo com os procedimentos teórico-metodológicos do Projeto Garimpando Memórias¹²¹, que contemplam as etapas de elaboração do roteiro, realização de entrevista, transcrição, copidesque, conferência por parte da pessoa entrevistada, assinatura da carta de cessão dos direitos autorais e publicação *on-line* do texto final¹²².

No processo analítico, as entrevistas foram cotejadas com outras fontes de pesquisa, tais como reportagens publicadas em jornais, dados disponibilizados em sites institucionais (Comitê Olímpico Internacional; Comitê Olímpico Brasileiro; International Handball Federation e Confederação Brasileira de Handebol) e publicações científicas que versam sobre o tema. Tendo em vista os pressupostos teórico-metodológicos que fundamentam a pesquisa e seu material empírico, identifiquei três pontos de análise relacionados à trajetória esportiva das atletas: o deslocamento no território nacional, a migração para o handebol europeu e a opção por não atuar fora do país.

¹²⁰ Alexandra ficou dois anos sem ser convocada para Seleção Brasileira de Handebol, após os Jogos Olímpicos de 2016 em função de uma lesão.

¹²¹ Projeto desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte. Aprovado pelo Comitê de Ética da UFRGS, sob o número 2007710.

¹²² Todas as entrevistas realizadas para esta pesquisa estarão disponibilizadas no LUME – Repositório Digital da UFRGS – e poderão ser acessadas no site <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/40504> após publicação do estudo.

“QUEM DESLOCA TEM PREFERÊNCIA”: PROCESSOS MIGRATÓRIOS NO TERRITÓRIO NACIONAL

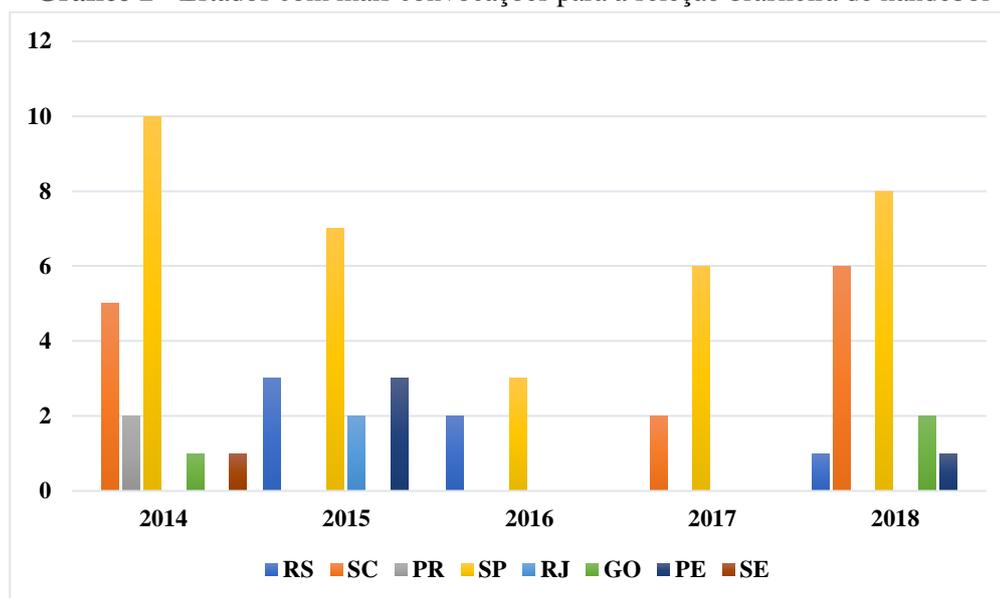
Segundo a literatura consultada, em grande medida, os primeiros deslocamentos vivenciados por uma atleta de handebol ocorrem em nível nacional e se dá quando se transferem entre clubes de diferentes cidades e estados. Schinke e McGannon (2014) apontam que tais deslocamentos acontecem na tentativa de melhorar sua condição de vida e/ou pela busca de melhores condições dentro do esporte. Nesse sentido, como afirma Rúbio (2017), as migrações nacionais são marcadas pelo deslocamento de atletas de estados carentes de políticas esportivas para locais onde a modalidade está mais desenvolvida.

Marisa Cecília Loffredo (2018), partindo de sua experiência profissional no handebol desde a década de 1980 como treinadora da modalidade, atuando nas diferentes categorias e como assistente técnica da seleção brasileira nas categorias juvenil, júnior e adulto de 1994 a 2000 e de 2005 a 2008, confirma esse princípio para o caso específico do handebol, identificando que as primeiras migrações observadas nessa modalidade aconteceram rumo aos grandes polos nacionais de desenvolvimento, contemplando praticamente todas as categorias.

Entre as atletas que entrevistei, figurou como aspecto comum a passagem por diversos clubes nacionais, evidenciando haver na modalidade grande circularidade pelo país, eventualmente desdobrando-se também para migrações internacionais.

No Brasil, as principais equipes de handebol estão sediadas nas regiões sudeste e sul e, mais especificamente nos estados de São Paulo e de Santa Catarina, identificados como principais centros da modalidade. Essa afirmação pode ser visualizada no gráfico abaixo que contempla dados sobre as convocações de atletas realizadas pela Confederação Brasileira de Handebol (CBHb) entre os anos de 2014 e 2018¹²³ para integrar os treinamentos da seleção principal.

¹²³ Esses dados são referentes às convocações de atletas para integrar a Seleção Brasileira de Handebol durante seus treinamentos. O recorte se deu a partir das convocações disponibilizadas nos site da CBHb. Privilegiou-se as convocações para treinamentos, pois é o momento em que o técnico convoca um maior número de atletas atuantes em clubes brasileiros.

Gráfico 2 - Estados com mais convocações para a seleção brasileira de handebol

Fonte: A autora, baseando-se nos dados da CBHb (2020).

Outro sinal da hegemonia dos clubes de São Paulo e Santa Catarina é o fato destes serem os detentores do maior número de pódios na competição de maior importância no país, a Liga Nacional de Handebol, criada em 1997. As equipes paulistas já alcançaram 27 pódios (16 de primeira colocação e 11 de segunda colocação) e as catarinenses, 12 (3 de primeira colocação e 9 de segunda colocação). Os times cariocas, por sua vez, estiveram em 6 finais (3 de primeira colocação e 3 de segunda colocação) e as gaúchas alcançaram um título. Importante salientar que, desde 2006, somente as equipes paulistas e catarinenses disputaram as partidas finais da Liga Nacional.

Entre os dois estados, São Paulo tem outra vantagem, pois atualmente, na cidade de São Bernardo do Campo encontra-se o Centro Nacional de Desenvolvimento do Handebol (CNDH)¹²⁴. É nesse centro que acontece o treinamento das seleções principais, e está localizada a sede da Confederação Brasileira de Handebol (CBHb). Parece-me pertinente apontar que, talvez, aproveitando-se da proximidade ao CNDH, a equipe de São Bernardo do Campo é a que possui mais conquistas na Liga Nacional, acumulando 9 títulos como campeã e 6 como vice-campeã.

Para além das informações levantadas, as entrevistas também ratificam a centralidade desses estados, com ênfase no estado de São Paulo, visto que 12 entre as 17 atletas entrevistadas atuaram em equipes paulistas, como demonstra o quadro abaixo:

¹²⁴ O CNDH, localizado na Vila do Tanque em São Bernardo do Campo-SP, possui uma área total de 4.500 m². O Centro conta com duas quadras, vestiários, restaurante, refeitório, academia, sala de fisioterapia, escritórios e alojamentos que abrigam até 132 pessoas (DORADOR, 2016).

Quadro 23 – Equipes em que as atletas entrevistadas atuaram no Brasil¹²⁵

Nome da atleta/ natural de	Equipes
Alexandra Nascimento (SP)	Associação Esportiva Vila Velha (ES) → Jundiaí (SP) → Guarulhos (SP)
Aline Silva Chicória (RJ)	Guadalupe (RJ) → Nilópolis (RJ) → Mirassol (SP) → São Bernardo do Campo (SP) → Guarulhos (SP) → Vasco da Gama (RJ) → Mauá (RJ)
Aline Silva dos Santos (RJ)	Campo Grande (RJ) → Mirassol (SP) → Feevale (RS) → São Caetano (SP) → Guarulhos (SP) → Metodista (SP)
Ana Carolina Amorim Taleska (SC)	Blumenau (SC) → Metodista (SP)
Elza Giovanelli Balon (PR)	Incolustre/Cambé (PR) → Radar (RJ)
Fabiana Diniz (SP)	Guará (SP) → São José dos Campos (SP) → Osasco (SP) → Mauá (RJ)
Fabiana Kuestner Gripa (SC)	Blumenau (SC)
Francine Camila Gomes (SP)	Sorocaba (SP) → Jundiaí (SP) → Santo André (SP)
Klea Oliveira (SP)	Guarulhos (SP) → Corinthians (SP) → Guarulhos (SP) → MESC (SP) → Metodista (SP)
Lucila Vianna Silva dos Santos (RJ)	Nilópolis (RJ) → Guarulhos (SP)
Margareth Pioresan (PR)	UEM (PR) → SUAM (RJ) → Flamengo (RJ) → Radar (RJ)
Maria Aparecida dos Santos (PE)	BANDEP (PE) → Mauá (RJ)
Maria José Batista de Sales (RJ)	Niterói (RJ) → Mauá (RJ)
Mayara Fier de Moura (PR)	Marinalva (PR) → Clube Olímpico de Maringá (PR) → Paulínia (SP) → Unifil/Londrina (PR) → Blumenau (SC)
Soraya Novaes da Silva (PR)	Incolustre/Cambé (PR) → Guarulhos (SP) → Cambé (PR) → Guarulhos (SP) → Medianeira (PR) → Foz (SC) → Medianeira (PR) → Incolustre/Cambé (PR)
Valéria Maria de Oliveira (SP)	São Bernardo (SP) → Santo André (SP) → São Bernardo (SP) → Metodista (SP) → Santos (SP) → São Caetano (SP) → Piracicaba (SP)
Viviane Jacques (RJ)	Mauá (RJ) → Vitória Rugby (ES) → Mauá (RJ) → Magic (SP) → Guarulhos (SP) → Magic (SP)

Fonte: A autora, baseada nas entrevistas.

¹²⁵ As atletas que atuaram ou atuam no exterior não considereii possíveis clubes nacionais após sua volta definitiva ou provisória ao Brasil.

No contexto brasileiro, alguns estudos têm apontado que o primeiro contato das atletas com a modalidade costuma se dar na instituição escolar (ANDRES, 2014; ANDRES, GOELLNER, 2018; LIMA, 2018), e para muitas é nessa etapa inicial que se deu seus primeiros deslocamentos. Ao se destacarem em campeonatos municipais e estaduais, surgiram convites para jogar em outro clube ou escola, nem sempre em seu próprio município, indicando que, para muitas delas, foi na adolescência que começaram a migrar. Vejamos alguns relatos:

Aí dos quatorze para quinze anos eu fui para São Paulo, minha mãe foi lá, conhecer toda a estrutura do local, assinar contrato, porque como eu era de menor não podia, então os pais que poderiam estar fazendo isso, aí já fui para São Paulo e de lá ai foi quando eu segui mesmo a carreira, lá eu só estudava e treinava, estava lá para isso (ALINE CHICÓRIA, 2019, p. 1).

Aqui no Brasil é tudo na lábia, tudo na confiança, então por exemplo, o Silvio que era treinador do São Bernardo me chamou, chamou minha família, veio aqui em Itajaí conversar com o meu pai, com a minha mãe, prometeu que seria, como seria apartamento, a comida, *tararara*, mas é tudo informal, todo time que joguei no Brasil foi tudo informal (ANA AMORIM, 2019, p. 7).

Não, mas foi uma coisa assim, meio de comum acordo, não tinha nada oficial não, porque era o clube que se responsabilizava, minha mãe foi lá, antes de eu assinar, a minha mãe foi lá, a minha mãe conheceu tudo, eles mostraram para a minha mãe, mas hoje pensando, era uma coisa assim, era o papel, firma, mas não era nada oficial. Era uma carta do clube, falando dos códigos do clube e a gente assinava, eu assinava, minha mãe assinava, e o responsável do time (ALINE SILVA DOS SANTOS, 2018, p. 6).

Nesse período, a concordância e o apoio da família são primordiais para o desenvolvimento profissional da atleta, pois a demanda pela migração parece ser um episódio a partir do qual elas passam a se reconhecer como profissionais do esporte (ANDRES; GOELLNER, 2018). O papel da família nos processos de tomada de decisão anteriores e posteriores ao processo migratório adquire particular importância, sendo a família encarada como parte do todo e em permanente interação com o contexto social, econômico, político e em constante mutação (FONSECA *et al.*, 2005). Além disso, o suporte familiar torna as experiências interculturais e as adaptações necessárias ao novo ambiente mais fáceis de serem enfrentadas (TERTULIANO, 2016).

Entretanto, nem sempre o apoio familiar acontece, sobretudo quando existe a necessidade de mudança de estado. Klea Oliveira, em sua entrevista, narra a reação de sua mãe diante da possibilidade de sair de Guarulhos-SP, cidade na qual residia.

E eu acho que isso ficou indiretamente na minha cabeça porque em 1996 eu tive uma proposta para ir embora para Santa Catarina, era um contrato na época assim,

surreal de valores, e o cara queria que eu jogasse um campeonato para ele lá, só que para isso eu tinha que ficar seis meses lá. E aí naquele instante a minha mãe virou para mim e falou assim: “Eu pago o dobro para você ficar em casa, porque você joga porque você gosta, você não está indo atrás de dinheiro, olha eu acho importante a sua formação” (KLEA OLIVEIRA, 2019, p. 5).

A recusa à oportunidade recebida não chegou a impedi-la de se tornar uma handebolista. O fato de ser natural do estado de São Paulo fez com que atuasse nas equipes de ponta do país, diferente de colegas atletas que residiam em outros estados.

Consoante aos dados analisados, identifiquei que, além de clubes, muitas instituições de ensino também protagonizaram ações migratórias, principalmente nas categorias de base. Em estudo realizado sobre o processo de profissionalização de atletas de handebol, constatei que é a partir desses primeiros deslocamentos que a atleta começa a se constituir e a se entender como profissional do handebol (ANDRES; GOELLNER, 2018). Essa representação também figura na narrativa de várias atletas e ex-atletas da seleção nacional quando mencionam que receber convites para defender escolas, sobretudo da rede privada, e clubes de outras cidades acaba por ressignificar a relação estabelecida com o esporte.

[...] comecei a receber bolsa em escola particular, ganhei um cursinho pré-vestibular, tudo por conta do handebol. Então ali eu vi que o negócio estava ficando sério, quando eu comecei a ganhar o meu primeiro salariozinho ali, quarenta e nove reais, e comecei também a jogar e ganhar em troca do jogo o meu ensino, a minha formação acadêmica (FABIANA GRIPA, 2019, p. 3).

[...] porque a partir de que eu fui para São Paulo já virou profissão, treino duas vezes por dia, escola, então você acaba muito focada. [...] Quando eu fui para São Paulo a primeira vez assim, era muito restrito em relação a sair de casa, porque nós éramos muito novas, então o clube tinha meio que uma responsabilidade sobre nós, então era de manhã ir para a escola, chegava, tinha treino com a parte técnica e a parte bola (ALINE SILVA DOS SANTOS, 2018, p. 5).

Reconhecer-se profissional do esporte, no caso das atletas de handebol que integram este estudo, relaciona-se com a ressignificação que a modalidade sofre nessa transição esportiva, materializada no receber alguma ajuda de custo, tal como bolsa de estudo, alimentação, vale transporte, moradia, etc., em troca do seu jogar, e também na seriedade com que passa a tratar o handebol. Essa nova relação estabelecida com o esporte atrelada ao entender-se profissional também foi evidenciada em outros estudos sobre o handebol (ANDRES, 2014; ANDRES, GOELLNER, 2018; LIMA, 2018), o atletismo (MIRANDA, 2007); e o futebol de mulheres (PISANI, 2012; SOUZA JUNIOR, 2013; ALMEIDA, PISANI, JAHNECKA, 2013; ALMEIDA, 2018).

Com o intuito de permanecer na modalidade, alguns critérios ganham relevância na decisão de jogar por determinados clubes, eventualmente mudando de cidade para isso. Nas entrevistas realizadas, foram mencionados aspectos como: melhores condições de infraestrutura e treinamentos, equipes mais competitivas, melhores pagamentos – em sua maioria em forma de moradia, alimentação, bolsa de estudos, plano médico e ajuda de custos, pois raros (para não dizer inexistente) são os clubes brasileiros que assinam a carteira de trabalho das jogadoras de handebol.

Nesse conjunto de retribuições pelo trabalho de atleta, a bolsa de estudo tem especial importância porque, na ausência de uma boa remuneração, ela representa uma oportunidade de qualificar-se para o mundo do trabalho após o fim da carreira no esporte. Das 17 atletas entrevistadas para este estudo, todas possuem o Ensino Médio completo, duas possuem Ensino Técnico completo e 14 possuem Ensino Superior completo, sendo que duas atletas concluíram dois cursos de graduação.

As três atletas que não possuem Ensino Superior completo iniciaram seus estudos, mas por diferentes motivos não conseguiram finalizá-lo, sendo que uma delas possui três graduações incompletas. Além disso, duas possuem Pós-graduação *Lato Sensu*, uma MBA e outra Mestrado.

Segundo Philippe Rocha de Camargo, a consolidação da Lei Agnelo/Piva¹²⁶, em 2003, e a vinculação do esporte universitário ao Comitê Olímpico Brasileiro viabilizou “que o esporte universitário se tornasse mais profissional e estruturado” (2016, p. 68). O autor ainda ressalta que tal conjuntura é bem vista pelos atletas, “já que grande parte dos clubes brasileiros de handebol é mantida por Instituições de Ensino Superior” (2016, p. 68). É esse o caso das principais equipes que, na última década, ocuparam as primeiras colocações nas competições nacionais, a saber: UNIP/São Bernardo do Campo (SP); Blumenau/FURB (SC); UNC Concórdia (SC) e E.C. Pinheiros/UNIP (SP).

A possibilidade de cursar um curso de graduação figura para algumas jogadoras como um dos critérios para a escolha de um clube. Vejamos algumas falas das atletas entrevistadas:

[...] depois eu fui receber uma bolsa de estudos pra estudar numa escola particular em Recife, onde eu queria muito cursar Educação Física, porque aqui na região não tinha o curso e fui para Recife jogar no clube esportivo BANDEP (NENÊGA, 2019, p. 1).

É, hoje as equipes, os principais clubes do Brasil estão atrelados à Universidade. Então São Bernardo está atrelado à UNIP, o Pinheiros também está atrelado à UNIP,

¹²⁶ Sancionada em 2001, a Lei Agnelo/Piva prevê o repasse de recursos provenientes das loterias federais (2%) ao Comitê Olímpico Brasileiro (85%) e ao Comitê Paralímpico Brasileiro (15%) (CAMARGO, 2016).

Guarulhos está atrelado à Uni Santana, Concórdia à Universidade do Contestado, Blumenau está atrelado à FURB, Vila Velha lá no Espírito Santo está atrelado à Universidade lá do Espírito Santo, então todas essas equipes estão atreladas (SÉRGIO GRACIANO, 2019, p. 6).

Afora a tentativa de garantir uma continuidade nos estudos, outro fato que faz com que as atletas eventualmente tenham que migrar de clube e local de atuação é a extinção da equipe na qual atuavam, seja por falta de investimento, seja pelo fim do convênio com a instituição de ensino ou entidade pública conveniada. Assim aconteceu com Aline Silva dos Santos, que precisou mudar-se para o Rio Grande do Sul depois que seu time, o Mirassol, sediado no município paulista de mesmo nome, acabou. A situação vivenciada por Aline não é um fato isolado no handebol brasileiro; aconteceu também com outras atletas e com outras equipes. Em 1992, por exemplo, a equipe Incolustre/Cambé (SC) encerrou suas ações por falta de patrocínio, diante da finalização do convênio com a prefeitura do município (BAPTILANI, 2005). Em 2012, a equipe FURB/FMD (SC) realizou uma campanha de arrecadação de fundos para que pudesse participar da Liga Nacional (FURB, 2012) e, em 2016, a APAHAND/Prefeitura de Caxias do Sul/UCS ficou fora da Liga Nacional por problemas financeiros (ANDRES, 2014).

Considero importante salientar que é rara a existência de mais de um clube com equipe de handebol em um mesmo município. Assim, a mudança de equipe necessariamente implica em migrar para uma outra cidade, e esse movimento desencadeia

[...] um processo de adaptação, socialização e aculturação dentro de diferentes padrões, nem sempre de fácil assimilação. A comida, o clima, os códigos linguísticos característicos levam o atleta migrante e se sentir um estrangeiro dentro do próprio país, dificultando assim a adaptação e, por vezes, comprometendo o desempenho de sua função atlética (RUBIO, 2017, p. 55).

Não se adaptar a um novo ambiente cultural não é exclusividade de atletas que saem do país, pois, diante da dimensão do Brasil e de sua diversidade, é possível que atletas não se adaptem em algum estado, como menciona Aline Silva dos Santos, ao declarar: “No Rio Grande do Sul não me adaptei, por ‘n’ motivos, novinha, não sabia se queria jogar, aquelas dúvidas que a gente tem” (ALINE SILVA DOS SANTOS, 2018, p. 2).

Os deslocamentos interferem no desenvolvimento pessoal e profissional da atleta (BRANDÃO *et al.*, 2013), visto que implicam em lidar com situações de solidão, adaptar-se à alimentação, locomoção, moradia, idioma ou regionalidades, entre outros. Desafios estes que nem sempre a atleta está pronta para assimilar. Diante disso, a habilidade de se adaptar a um novo ambiente revela-se um fator de significativa relevância para seu sucesso esportivo,

considerando que, como venho demonstrando, para uma atleta ascender na carreira esportiva geralmente precisa se deslocar. Essa situação não é exclusiva do handebol. Os estudos de Maria Regina Ferreira Brandão e colaboradores/a (2013) com futebolistas e de Ana Margarida Cunha Silva (2012) com jogadores de basquete citam a adaptação às mudanças como um dos elementos centrais para uma carreira promissora no esporte.

A busca por uma carreira bem sucedida está ainda atrelada à possibilidade de integrar a seleção nacional. Leilane Alves de Lima (2018), ao analisar a carreira esportiva de sete jogadoras de handebol que participaram da equipe que conquistou o Campeonato Mundial em 2013, descreve a importância atribuída pelas atletas ao ato de defender a equipe nacional:

[...] primeiramente pela concretização de um sonho (defender o país em competições internacionais, o qual foi realizado). E, por oportunizar novas experiências como viagens para outros países, o qual possibilitou o acesso a outras culturas, centros de treinamento com estruturas adequadas, e jogar ao lado de ídolos esportivos (LIMA, 2018, p. 66).

Em consonância, Maria Thereza Oliveira Souza (2017), em uma pesquisa realizada com jogadoras de futebol, percebeu que a passagem pela seleção brasileira torna-se um diferencial na carreira dessas atletas ao imprimir em suas trajetórias uma imagem de sucesso e legitimidade.

Tendo entrevistado handebolistas de diferentes gerações e que integraram a seleção em períodos distintos, constatei duas formas de ascender a esta equipe, demarcadas por duas fases: a primeira ocorreu entre as atletas que atuaram na seleção antes de 1999, pois até os Jogos Pan-Americanos de Winnipeg, realizados naquele ano, o Brasil não possuía nenhuma atleta atuando no exterior. Razão pela qual, para ser convocada para a seleção, a atleta dependia basicamente do fato de destacar-se nas competições nacionais. Já a segunda fase inicia a partir de década de 2000, mais especificamente após a participação nos Jogos Olímpicos de Sydney, quando o handebol europeu começou a contratar atletas brasileiras para atuarem em suas equipes. Considerando que a modalidade apresenta maior desenvolvimento nesse continente, as handebolistas brasileiras que chegaram às equipes europeias passam a ser consideradas mais aptas a atuarem no selecionado nacional.

Chana Masson foi a primeira brasileira a alcançar tal feito. Em 1999, assinou um contrato de cinco anos com a equipe Ferrobuss Mislata, da Espanha. Esse foi o primeiro passo para que gradativamente as atletas brasileiras começassem a visualizar na Europa mais uma possibilidade profissional dentro deste esporte. Segundo uma listagem fornecida pela Confederação Brasileira de Handebol, depois de Chana, outras atletas que acabaram

integrando a seleção também migraram. Em 2002, Darly Zogby de Paula foi jogar na Espanha. Em 2003, saíram do país Alexandra Nascimento, Ana Carolina Amorim, Aline Silva dos Santos e Daniela Piedade. Nos anos subsequentes, Aline da Conceição da Silva (2004), Lucila Vianna da Costa (2005), Alessandra Medeiros de Oliveira, Viviane Jacques e Idalina Mesquita (2006) passaram a atuar no exterior.

De acordo com as fontes consultadas, identifiquei uma ruptura entre a composição da seleção na edição dos Jogos Olímpicos de Sydney (2000) e na de Atenas (2004). Se na primeira há apenas uma atleta de um total de quinze jogando no exterior, na última foram oito entre as quatorze convocadas. Na visão das pessoas que entrevistei, integrar o circuito europeu, treinando e competindo com as melhores jogadoras da modalidade e ser dirigida pelas melhores comissões técnicas, beneficiadas por atuar em centros de excelência, modificou o modo de jogar das brasileiras, o que acabou por impactar a própria seleção, promovendo inclusive várias de suas conquistas.

A minha experiência no exterior alterou totalmente meu desempenho como atleta, tanto que consegui jogar quatro Olimpíadas. [...] experiência no exterior alterou muito, eu diria, noventa e cinco por cento do meu desempenho foi alterado jogando no exterior, volume de jogos conta, nível de treinamento conta, quantidade de treinamento conta, enfim, o alto profissionalismo conta muito na questão do desempenho (DARA DINIZ, 2019, p. 6).

Pude aprender muito passando por países diferentes na Europa, por ter que me adaptar a estilos diferentes de jogo, pela adaptação de treinar 2x ao dia, que não era comum no Brasil, e por ter tido a oportunidade de jogar nas melhores ligas europeias, com jogadoras de um nível muito grande, além de jogar campeonatos europeus (MAYARA FIER, 2020, p. 3).

De fato, os resultados alcançados pela seleção corroboram essa visão. O Brasil subiu uma posição no *ranking* mundial depois de disputar, em 2004, os Jogos Olímpicos de Atenas (8º para 7º) e treze posições depois do Campeonato Mundial de Handebol que ocorreu na Rússia em 2005 (20º para 7º). Ao analisar o deslocamento das jogadoras para a Europa, Marisa Loffredo afirma: “Isso lhes valeu melhoria técnica, vantagens financeiras, popularidade e prestígio, até a fama decorrente da conquista do primeiro título mundial de seleções na Sérvia, em 2013” (LOFFREDO, 2018, p.11). Emerson da Mota Saint’ Clair (2018) faz apontamentos na mesma direção ao defender a ideia de que o sucesso da seleção brasileira está associado à migração das atletas e à participação em competições disputadas pelas melhores ligas europeias.

O predomínio do Velho Continente no handebol mundial é evidente. Em consulta à Federação Internacional de Handebol¹²⁷, identifiquei que das 24 edições do Campeonato Mundial de Handebol, somente duas foram conquistadas por seleções não europeias, sendo elas: Coreia do Sul, em 1995, e Brasil, em 2013. Em relação aos Jogos Olímpicos, das 11 edições já realizadas, a Coreia do Sul conquistou a medalha de ouro em 1988, em Seul, e em 1992, em Barcelona.

O entendimento da importância de vivenciar o handebol europeu, no intuito de apropriar seus padrões de jogo e criar condições de competir com as seleções nacionais mais desenvolvidas fez com que fossem tomadas algumas iniciativas por parte do Comitê Olímpico Brasileiro junto à Confederação Brasileira de Handebol. Dentre elas, destaco a contratação de técnicos estrangeiros, a saber: o espanhol Juan Oliver (2005-2008), o dinamarquês Morten Soubak (2008-2016); e desde 2017, o espanhol Jorge Dueñas que ainda ocupa este posto. Além dessas contratações, a Confederação estabeleceu um convênio com a equipe Hypo Niederösterreich¹²⁸ da Áustria, por meio do qual seis atletas integrantes da seleção foram contratadas para jogar na equipe que, durante um período de execução do convênio, tinha como técnico o próprio Morten Soubak.

As ações de internacionalização da seleção, representadas pelo protagonismo dos técnicos estrangeiros e pela atuação de atletas no handebol europeu, parecem ter contribuído ao ascendente processo de migração de brasileiras para a Europa. Essa nova conjuntura alterou a dinâmica das convocações para a seleção, e estar entre as melhores atletas no *ranking* nacional já não era mais suficiente. Atuar fora do país se tornou quase obrigatório para as atletas que tinham como meta integrar a equipe que representa o país. A narrativa de Fabiana Gripa ilustra isso:

Quando eu fui convocada, convidada para jogar nas equipes da Europa, inclusive em uma equipe espanhola, duas equipes espanholas, eu estava entrando no ônibus e com esse mesmo técnico que me cortou, lembro muito bem, que eu perguntei, falei para ele: **“Olha, eu não venho jogar aqui na Europa, mas eu quero que você me deixe algo bem claro”**, eu sempre fui muito de questionar né, [...] eu perguntei para ele: **“Vai influenciar alguma coisa na minha permanência dentro da seleção se eu não vier para a Europa?”** Ele me respondeu o seguinte: **“Se eu tiver duas atletas do mesmo nível, a que estiver no Brasil não vai, a que estiver na Europa vai para o campeonato”** (FABIANA GRIPA, 2019, p. 18, grifos meus).

¹²⁷ Site da instituição: <https://www.ihf.info/>.

¹²⁸ Hypo Niederösterreich foi fundada em 1972 e localiza-se na cidade de Maria Enzersdorf. A equipe é considerada uma potência no handebol austríaco, possuindo 42 títulos no Campeonato Austríaco, 30 na Copa ÖHB, 8 títulos na Liga dos Campeões da Europa e uma Taça dos vencedores de Taça. Para mais informações, acessar: <http://www.hypo-noe.at/>.

Mesmo diante da posição do técnico, Fabiana, que integrou a seleção entre os anos de 2003 e 2008, optou por permanecer no Brasil, dar continuidade aos seus estudos e seguir jogando pelo Blumenau, equipe sediada em Santa Catarina sendo, inclusive, a única equipe na qual atuou durante sua carreira.

No ano de 2008, das catorze atletas convocadas para os Jogos Olímpicos de Pequim, somente uma atuava no Brasil e, desde então, nas principais competições, o número máximo de atletas atuantes em equipes nacionais não passa de dois. Em 2011, em matéria publicada sobre o Campeonato Mundial de Handebol no site da Federação Europeia de Handebol¹²⁹, o Brasil figurava na terceira colocação entre os países com o maior número de jogadoras na Liga dos Campeões do Handebol Europeu. A publicação informa que havia onze brasileiras, sendo que Montenegro e Croácia mantinham quatorze e treze atletas, respectivamente (EUROPEAN HANDBALL FEDERATION, 2011). No início de 2013, o jornal O Globo publicou a reportagem intitulada “Uma modalidade tipo exportação”, na qual aponta que havia um total de setenta e seis handebolistas brasileiras/os atuando no exterior, sendo quarenta e três mulheres. Dentre estas atletas, treze integravam a seleção (NOGUEIRA, 2013, p. 5).

Ao final desse mesmo ano, a equipe brasileira alcançou seu ápice ao conquistar o Campeonato Mundial realizado na Sérvia. Essa conquista trouxe visibilidade e legitimidade no cenário internacional, aumentando e valorizando ainda mais o campo de atuação de atletas brasileiras no continente europeu.

Para as jogadoras que atuavam no Brasil, abriram-se novas oportunidades, oferecendo-lhes melhores condições para assumir o handebol como profissão. Logo após a conquista do Mundial, em entrevista ao site Terra¹³⁰, o técnico Morten Soubak falou: “Agora, todo mundo quer saber. Nunca tive tantas ligações de clubes europeus para saber de meninas daqui para jogar na Europa. A ficha mudou nesse sentido” (LANCE!, 2015, s/p).

Não há dúvidas de que a conquista do título mundial foi um divisor de águas na história do handebol brasileiro, inclusive no que diz respeito à circularidade das atletas. As primeiras atletas que migraram, assim o fizeram porque eram consagradas em nível nacional e também porque já tinham sido convocadas para atuar na seleção. No entanto, desde 2013 “[...] as meninas de dezessete, dezoito anos, já querem sair para jogar na Europa, porque aqui nós não temos uma estrutura suficiente para poder manter as principais jogadoras. Então se a

¹²⁹ Site da FEH: <http://www.eurohandball.com/>.

¹³⁰ Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/lance/estou-muito-satisfeito-levantamos-o-handebol-diz-morten-soubak,2fac2cbd8a4cda2840020647f419b0amvbwRCRD.html>. Acesso em: 23 mar.2020.

jogadora é nível b, ela já está indo para a Europa”, relata Sérgio Graciano (2019, p. 4), ex-técnico da seleção brasileira.

Considerando que um dos critérios para integrar a seleção, explícita ou sutilmente, recai no fato de ter experiência no handebol europeu, torna-se compreensível que as atletas em início de carreira deixem o país em busca de qualificação, projetando assim novos caminhos para sua carreira. Esse cenário tem demandado um deslocamento contínuo sobretudo para aquelas que desejam viver do handebol.

“HANDEBOL, UMA MODALIDADE TIPO EXPORTAÇÃO”¹³¹

O processo migratório das atletas para a Europa, conforme já mencionado, ainda é recente. Teve início em 1999, quando Chana Franciela Masson de Souza foi jogar na Espanha depois de ter conquistado a medalha de ouro nos XIII Jogos Pan-Americanos, realizados em Winnipeg no mesmo ano (GOZZER, 2015). Esse acontecimento abriu um leque de oportunidades não somente para a sua carreira, visto que ainda atua no handebol europeu¹³², mas para uma geração de handebolistas brasileiras que vislumbraram um novo horizonte profissional na sua trajetória esportiva.

Mais do que um desejo, jogar no exterior é uma demanda necessária para o desenvolvimento esportivo daquelas atletas que almejam alcançar degraus mais altos, dentre eles, o de integrar a seleção nacional. Para visibilizar a circulação das atletas, tomei como ponto de partida uma lista que a CBHb me disponibilizou em 2015¹³³, na qual havia oitenta e sete jogadoras nomeadas em ordem alfabética sob o título de “Atletas de Handebol – Seleção Adulta – Olímpica”.

Entendendo a defasagem de cinco anos da lista, entrei em contato novamente com a CBHb por meio da entrevistada Lucila Vianna da Costa, ex-atleta da seleção e que atualmente trabalha na CBHb, perguntando, primeiramente, se a CBHb havia um controle das migrações das jogadoras. Sob a negativa de Lucila, questionei se existia uma listagem de atletas que haviam atuado pela seleção e se este material poderia ser disponibilizado para subsidiar este estudo. Diante da solicitação, ela me enviou duas listas: uma referente às jogadoras

¹³¹ Título retirado de uma matéria do jornal O Globo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/handebol-uma-modalidade-tipo-exportacao-7363234>. Acesso em: 22 mar. 2020.

¹³² Chana atuou em equipes da Espanha, Dinamarca, Alemanha, Noruega e acabou de assinar contrato com a equipe CSKA da Rússia.

¹³³ O objetivo inicial ao solicitar essa lista a CBHb era identificar as atletas que compuseram a primeira seleção brasileira de handebol (1983), elemento aprofundado no primeiro estudo dessa tese.

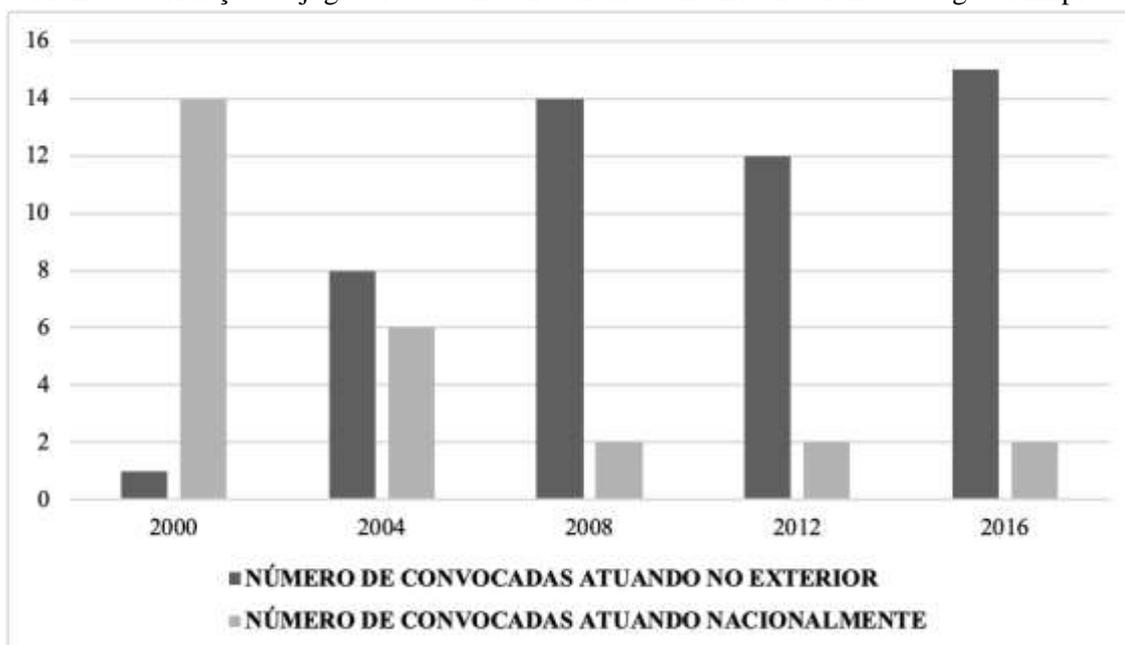
convocadas entre os anos de 2018 e 2020 e outra referente às atletas convocadas pelo técnico Jorge Dueñas (2017-atual).

Ao colocar esses documentos em diálogo com outras fontes de pesquisa, mais especificamente, dados disponibilizados no site da Federação Europeia de Handebol (FEH) além de reportagens em jornais e das entrevistas realizadas, estimo que, das 121 atletas que passaram pela seleção, 56 (46,3%) atuaram em alguma equipe europeia. Considero importante destacar que esse número pode ser maior, visto que a FEH não disponibiliza dados referentes às equipes que atuam na segunda divisão do handebol europeu e que, provavelmente, já contaram com a presença de brasileiras em seu plantel.

Esse cenário se mantém atualizado, pois, ao analisar a última convocação da seleção adulta no ano de 2019, identifiquei que dezessete das dezoito atletas listadas estão vinculadas a equipes europeias¹³⁴. Ao estender essa análise para os Jogos Olímpicos de 2000, 2004, 2008, 2012 e 2016, é possível perceber que trinta e oito atletas integraram a seleção, sendo que vinte e seis (68,4%) tiveram passagem pelo handebol europeu. Das doze que não jogaram no exterior, nove participaram dos Jogos Olímpicos de Sidney, em 2000, período no qual havia apenas uma jogadora atuando no exterior, a Chana Masson.

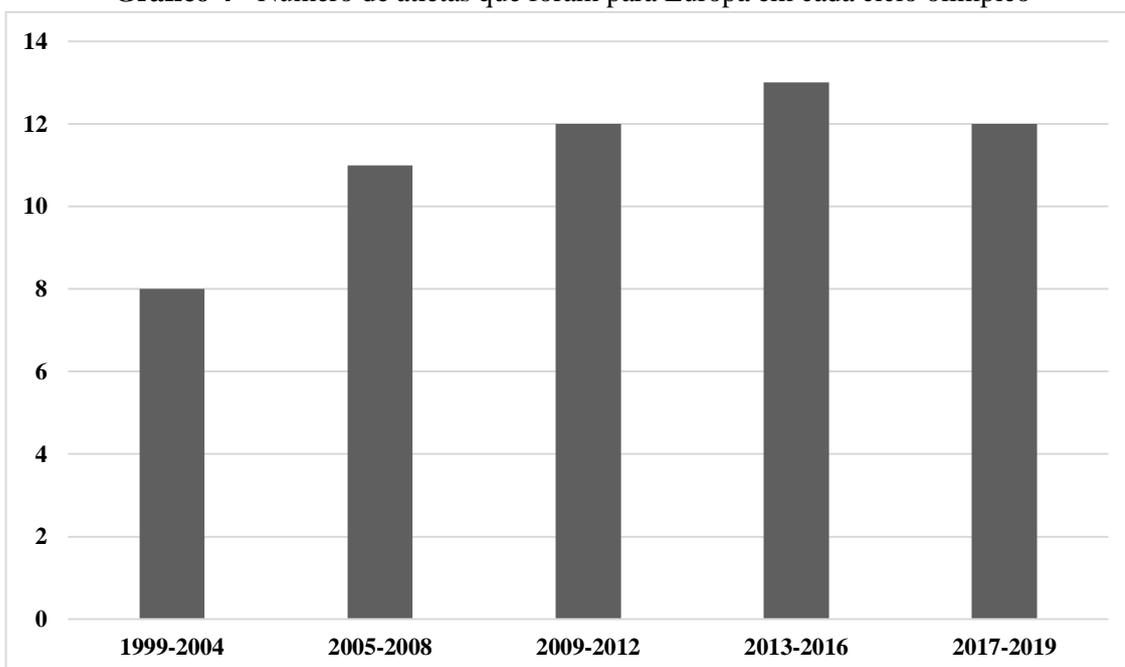
O gráfico abaixo permite visualizar como foi gradativa a migração das jogadoras para o handebol europeu.

¹³⁴ Adriana Cardoso de Castro (Bera Bera), Renata Laís de Arruda (Bera Bera) e Isaura de Almeida Menin (Rincón Fertilidad Malaga) na Espanha; Ana Paula Rodrigues Belo (Rostov-Don) na Rússia; Alexandra Nascimento (Érd HC), Barbara Arenhart (Vaci Noi Kezilabda) e Eduarda Amorim na Hungria (Gyori Audi Eto KC); Bruna A. A. de Paula (Fleury Loiret), Gabriela G. D. Moreschi (Fleury Loiret) e Deonise Fachinello (Bourg De Péage) na França; Patrícia M. Machado (MKS Zagłębie Lubin) na Polônia; Elaine G. Barbosa (CSM Corona Brasov), Larissa F. M. Araújo (CSU Cluj Napoca), Mariana Costa (CS Gloria Bistrita Nasaud), Samara S. Vieira (SCM Ramnicu Valcea), Tamires M. L. de Araújo (HC Dunărea Brăila) e Jaqueline Anástacio (Magura Cisnadie) na Romênia.

Gráfico 3 - Relação de jogadoras atuantes no exterior e no Brasil durante os Jogos Olímpicos

Fonte: A autora, a partir da CBHb.

O próximo gráfico mostra o crescimento do fluxo de saída com o passar do tempo, evidenciando um aumento do número de emigrações a cada ciclo. A única exceção é o ciclo atual, ainda não encerrado e sobre o qual ainda não possuo dados completos.

Gráfico 4 - Número de atletas que foram para Europa em cada ciclo olímpico

Fonte: A autora, a partir da Federação Europeia de Handebol e das entrevistas realizadas.

Ao entrevistar algumas das atletas da seleção que atuaram no exterior, foi possível perceber similaridades em relação a seus deslocamentos. Diferente de esportes mais desenvolvidos economicamente, como o futebol de homens, no qual a maioria dos processos migratórios se dão a partir da negociação de agentes/empresários com os clubes, no handebol esse processo se dá de maneira mais informal, a partir de indicações e mediações envolvendo, sobretudo, as próprias atletas.

Aline da Silva Santos, que atuou na seleção entre os anos de 2003 e 2008, aponta que, no final de 2003, foi convidada a jogar na Espanha, após indicação de sua colega Chana Masson. Em seu relato, ela destaca:

[...] a Chana, goleira da seleção, hoje minha amiga mesmo, minha amiga íntima, um clube me chamou para jogar. Eu fui para o Mundial aí me viram jogar, ela também tinha contato com o clube, eu fui para a Espanha, através dela, ela que fez o intercâmbio (ALINE DA SILVA SANTOS, 2018, p. 2).

Em 2004, Alexandra Nascimento recebeu o convite para atuar na equipe austríaca Hypo Niederösterreich, também contando com a intervenção de uma colega.

[...] eu recebi a proposta para ir para a Europa. [...] a Daniela Piedade, a ex-pivô da seleção, ela já estava na Europa, ela já estava no Hypo há dois anos, e uma ponta se lesionou, então ela me ligou, porque ela é minha amiga, desde antes, e ela falou: “Olha Alê, lesionou a ponta, eles estão querendo uma ponta jovem e você tem vinte e dois anos. Eu falei que você tem muito para aprender, mas que você é uma ótima pessoa, uma ótima jogadora, então se você pudesse vir agora, seria melhor, porque se você esperar, talvez você possa não vir, porque eles vão chamar outra ponta e daí você perde a vaga” (ALÊ PATO, 2019, p. 10).

Mayara Fier Moura e Francine Camila de Moraes Cararo, que jogaram na Espanha em 2007, contaram com a ajuda do então técnico da seleção brasileira, o espanhol Juan Oliver.

Algumas brasileiras já atuavam na Europa e eu tinha acabado de entrar na seleção adulta e o técnico era espanhol, tinha alguns contatos, e por indicação de algumas meninas e do técnico eu recebi o convite (MAYARA MOURA, 2020, p. 2).

[...] quando eu terminei a universidade, tive a oportunidade de jogar na Espanha que o Juan era o técnico da seleção brasileira de handebol, conseguiu para eu jogar lá, ele me indicou e como eu tinha terminado de me formar, eu saí do país (FRAN CARARO, 2019, p. 2).

A partir desses relatos, é possível notar que as redes de acesso geralmente estão condicionadas a indicações de pessoas próximas que já estejam no clube ou tenham contato com ele. Essa rede informal de contatos também foi identificada nos estudos de Jean Willians

(2011) e Mariane Pisane (2012) com jogadoras de futebol. Pisane (2012) descreve a dinâmica da seguinte maneira:

[...] quando uma jogadora é descoberta por um olheiro e recebe o convite para jogar ela geralmente aceita a oportunidade e migra. Chegando ao exterior, o técnico do time estrangeiro menciona a necessidade de alguma outra jogadora e elas prontamente indicam uma atleta que esteja no Brasil. O técnico contata a atleta indicada, que geralmente é amiga da jogadora que já está no exterior, e faz o convite para que ela também jogue no time. As atletas entrevistadas deixaram bem claro que, mais do que ser uma boa jogadora, é preciso ter um círculo de convivência e de relacionamento muito bom. Não adianta só ir para os treinos e jogos e fazer gols. Se fora de campo a atleta não tiver um bom relacionamento com as colegas, menores serão as chances de ser lembrada no exterior (PISANI, 2012, p. 127).

Outro ponto que merece destaque em relação aos primeiros contatos acerca de uma possível migração para um time no exterior são as informações obtidas sobre o clube, as condições de contrato, o modo como a atleta será recebida, entre outros detalhes. Nas experiências relatadas pelas entrevistadas desta pesquisa, entre o primeiro contato com o clube estrangeiro até sua efetiva mudança, tudo acontece de forma muito rápida. Alexandra, ao detalhar sobre sua ida para a Hypo, destaca que não houve tempo adequado para analisar a proposta, pois se demorasse a tomar sua decisão outra atleta poderia ser chamada em seu lugar.

[...] em 2004 foi o Mundial, o meu primeiro Mundial adulto e aí foi quando a Dani falou: “Se você vier para o Mundial, se você conseguir ficar na lista, você vai fazer o teste”. Eu falei: “Beleza”. Fiquei na lista, então beleza. Aí nós fomos para o Mundial, joguei super pouco, e o que joguei, joguei muito mal, porque não tinha experiência nenhuma. Fora o medo, a insegurança, e daí tinha o treinador e o *menager* da equipe lá assistindo. A Dani estava traduzindo, daí o técnico falou: “Olha, por mim, o que eu vi, eu não quero”. Assim, na cara. A Dani traduziu para mim, e eu falei: “Não, eu entendo, eu entendo, eu sei que joguei mal, estou nervosa, não tenho experiência, é meu primeiro Mundial adulto, entendo”. Aí o *menager* falou: “Não, ela já está aqui, primeiro Mundial dela, não tem como esperar mais do que ela apresentou, é normal”. Aí eu ainda falei: “Tá bom, se quiser me levar, me leva, se não também eu volto para casa”. Aí ele falou: “Não, a gente vai de carro, porque da Croácia até a Áustria dava quatro horas, quatro horas e meia. Saímos do Mundial, a Seleção não havia se classificado e a passagem de volta do grupo estava marcada só para próxima semana e não tinha como trocar. Daí fui para a Áustria, para fazer o teste, tinha mais uma espanhola, e quando ter que ser, é, não tem jeito. Eu cansada, porque para gente isso foi em dezembro, estava cansada de treino e essas coisas, estava acabando a temporada para a gente, e lá estava apenas começando. E eu fiz o teste e passei. Passei no teste, fiquei lá com a Dani e depois voltei para pegar minhas coisas, que eles queriam que eu já ficasse porque eles já estavam jogando a Liga dos Campeões na época. Aí o chefe de lá na época falou: “Não, você já tem que ficar direto, porque em janeiro já começam os jogos [...] Falei: “Não, eu preciso ir, porque eu só estou com a mala da Seleção aqui, eu não tenho nada meu, tem minha família, quero passar o Natal e o Réveillon com a minha família. Daí ele falou assim: “É, se você for, não precisa voltar mais”. E eu não tinha ideia do que eu estava falando e aí eu falei: “Tá bom, então eu vou embora”. E ele olhou “Tá”. Aí eu e a Dani saímos da sala assim, daí ela falou: “Não, pode ficar

tranquila, porque ele faz pressão, mas ele precisa de você. Aí a gente foi para o quarto, daqui um pouquinho, cinco minutos bateram na porta. Era o técnico, ele falou assim: “Pode ir para casa, mas dia três de janeiro você tem que estar aqui”. E eu falei: “Tá bom”. Aí eu fui para casa, foi aquele alvoroço, alegria, junto com tristeza, de saber que eu ia ter que ficar longe da minha família durante muito tempo, e assim foi como começou minha carreira na Europa. Meu primeiro contrato foi na Áustria, então onde eu fiquei durante onze anos e foi assim, claro que tiveram coisas negativas também, mas foi maravilhoso estar ali, eu aprendi muita coisa (ALÊPATO, 2019, p. 11-12).

Situação similar foi vivenciada por outra atleta com passagem pela seleção, que competiu em Jogos Pan-Americanos, Campeonatos Mundiais e Jogos Olímpicos e teve vasta experiência no handebol europeu. Ao relatar sua trajetória à pesquisa realizada por Maria Cecília Loffredo (2018), essa jogadora, que não está identificada, aponta que quando efetivou o primeiro contrato com uma equipe europeia recebeu poucas informações sobre o clube que iria defender. Vejamos:

As informações recebidas foram superficiais. Eu tinha interesse muito grande de ir jogar na Europa. Não sabia para onde estava indo. Foi numa relação de confiança intermediada pelo presidente da Confederação Brasileira de Handebol. Sabia que era na cidade de Valencia e que esse senhor M. R. tinha confiança no treinador, que fazia um bom (LOFFREDO, 2018, p. 30-31).

A vontade de crescer na carreira esportiva aliada à possibilidade de jogar no handebol europeu, onde estão as melhores equipes, faz com que as atletas assumam certos riscos, confiando na pessoa que intermedeia o processo. A fala supracitada é um exemplo disso, pois a jogadora nem sabia exatamente para onde estava indo. Segundo Brandão *et al.* (2013), a insuficiência de informações relativas ao clube e ao país de destino pode, em grande medida, gerar problemas de adaptação ao atleta.

A oportunidade de fazer parte do circuito europeu de handebol, centro do desenvolvimento da modalidade mundial, masculino e feminino, tendo como principais países a Espanha, Áustria, Dinamarca, França, Alemanha, Portugal, Hungria, Macedônia, entre outros (LOFFREDO, 2018), colocou essas atletas em contato com uma outra referência de profissionalização da modalidade (ANDRES; GOELLNER, 2018).

O primeiro aspecto pontuado pelas atletas é o profissionalismo com que são tramitados os contratos. Esse documento ganha destaque em suas falas, por representar em suas cláusulas o significado do que é ser profissional do esporte. A ex-atleta Ana Amorim relata como foi sua chegada no clube em que atuou:

Quando eu fui para fora, eu nem começava a treinar sem antes assinar o contrato, então todo contrato foi assinado, assim no dia que eu cheguei, no dia seguinte, eu

comecei a treinar dois, três dias depois só. Depois de estar tudo assinado, depois de estar tudo bonitinho nas cláusulas, são bem concretas assim, pelo menos **era bem profissional esse clube** que eu joguei e eles tinham acabado de ser campeões europeus, então tu imagina. Dizia tudo, tudo constava no contrato assim, coisas que hoje, se fosse para copiar um contrato, contrataria deles, pegaria o deles para copiar. Sabe, para fazer algum contrato com outro atleta, era bem completo, falava bem a saúde, a forma de viver, um profissionalismo de tu não poder sair a noite, de tu não poder esquiar, porque pode te dar lesão né, esse monte de coisas, estava tudo no contrato (ANA AMORIM, 2019, p. 7, grifo meu).

A mesma percepção sobre o estabelecimento de uma relação profissional entre atleta e clube é compartilhada por Francine Gomes Cararo quando compara situações por ela vivenciadas no Brasil e na Europa. Nas suas palavras:

Já se começa pelo contrato, aqui no Brasil na verdade, pelo menos no meu tempo né, não existia essa parte de papel, de contrato, era mais de boca mesmo. Era eu conversando com o clube ou o técnico conversava com o clube e o clube me procurava. E como não tinha esse negócio de papel essas coisas, ou você falava sim, ou não [...] Lá fora, era totalmente ao contrário. Já começa com você assinando o seu contrato no Brasil. Na Europa, você já vai sabendo quanto vai ganhar, o que você pode, dos direitos e deveres. E estrutura né, muda totalmente porque, [...] no Brasil, você tem que correr atrás para você ter as coisas. Se você se machuca e não é uma atleta top, muito difícil você fazer uma cirurgia ou um tratamento rápido. Já na Europa, pelo menos nos clubes que passei, você tem o seguro, qualquer coisa que acontecer com você, você tem total apoio, independente do que acontecer com você. Se machucou pelo clube, ele tem a obrigação de cuidar de você. No Brasil, era o contrário, se você se machuca você tem que torcer, rezar para Deus para voltar logo para o clube continuar com você, entendeu? (FRAN CARARO, 2018, p. 4).

Outro ponto destacado por Ana e Francine é o entendimento do que seja ser uma profissional do handebol, cuja produção se deu a partir de suas experiências nos clubes europeus.

Lá digamos que você é atleta só, você tem que só jogar o handebol e você vai ter o seu salarinho todo mês, vai estar lá tudo certinho, e aqui no Brasil infelizmente, dependia dos patrocínios e às vezes, ou prefeitura né, e às vezes não chegava, às vezes atrasava, então você não tinha aquela segurança (FRAN CARARO, 2018, p. 4).

Na Europa, desde pequeno quando você começa a jogar, a partir do momento que você assina contrato para seguir profissional, você é um profissional do esporte, o seu trabalho é aquele, então ficou muito claro quando eu cheguei lá, que eu não poderia trabalhar em outra coisa. Eu era uma profissional do handebol, então eu tinha que me preocupar com o meu corpo físico, porque essa era a minha ferramenta de trabalho, eu tinha que me preocupar pela minha, meu equilíbrio emocional, porque era meu emocional que faz eu jogar bem dentro de uma quadra, por isso que a gente não podia sair à noite, o treinador ligava às onze e meia da noite, em casa, no fixo para ver se a gente estava em casa, então a gente não podia fazer festa de ano novo, deu a virada, tu vai tomar uma taça de champanhe para brindar e pronto, vai dormir (ANA AMORIM, 2019, p. 8-9).

Em estudo anterior realizado com uma equipe brasileira de handebol, identifiquei que ser profissional do handebol não está diretamente associado à profissionalização da modalidade, mas às relações estabelecidas por quem (tenta) vive(r) do e para o handebol (ANDRES, 2014; ANDRES, GOELLNER, 2018). Ao comparar as narrativas das atletas dos dois estudos, foi possível perceber que, na Europa, as demandas pela profissionalização partem do clube para a atleta, dado o entendimento de que sua qualificação ajuda no desempenho do time (coletivo), levando o clube a oferecer condições para tal. No caso brasileiro, essa demanda se dá, em maior grau, pela própria atleta, a qual entende que precisa estar em sua melhor performance para poder continuar na equipe ou ir para uma equipe com melhor desempenho.

Outro ponto que merece destaque em relação ao entendimento que as atletas têm sobre ser uma profissional do esporte, é a possibilidade e a exigência de dedicar-se somente ao handebol. No depoimento de Ana fica evidente que, a partir da assinatura do contrato com o clube, faz-se necessário estar integralmente disponível a ele, o que acaba por inviabilizar outras atividades, de trabalho ou de estudo. Alexandra endossa essa distinção:

Eu vim para cá com vinte e dois anos, e estou com trinta e sete hoje e para não falar que eu fiz uma outra coisa, foi estudar língua, que eu tenho diploma do primeiro nível de alemão, entendeu? Eu treino de manhã e treino à tarde, de domingo a domingo, entendeu? No Brasil não é assim. No Brasil, você treina, você recebe, mas para conseguir ajudar a família, pagar uma universidade se você não tem bolsa, você tem que ter treino, mas você tem que ter um outro trabalho, porque não chega para te sustentar durante o mês. Então aqui, como eles te levam ao profissionalismo extremo, você treina muito, então a quantidade de treinamento, porque falo, no Brasil eles não treinam porque eles não querem, é porque o que paga, a ajuda de custo que dá, não tem como você treinar de segunda a sexta, falo de manhã e à tarde, porque tem pessoas que têm que trabalhar, outras pessoas estão fazendo uma universidade [...] (ALÊ NASCIMENTO, 2019, p. 21).

Nesse sentido, a partir da narrativa das atletas, é possível perceber uma resignificação do que é ser atleta profissional quando as jogadoras passam a atuar na Europa. Dara sintetiza essa resignificação em sua fala:

[...] a carreira da atleta aqui no Brasil, na qual a gente se julga profissional, é muito limitada, é muito difícil [...] quando eu jogava antes de ir pra Europa, sempre achei que eu era profissional, por que eu tinha uma casa, tinha comida, por que jogava em clubes, grandes clubes do Brasil, mas quando me transferi pra Europa que fui ver realmente o que era profissionalismo da modalidade, aqui no Brasil, em alguns clubes, poderíamos dizer que fomos amadores de elite né, atletas amadores com algumas regalias de um profissional, mas puramente profissional, acredito, hoje menos ainda [...] (DARA DINIZ, 2019, p. 3).

Mais do que a formalização de uma relação trabalhista, o contrato estabelece uma série de direitos e deveres às atletas. Entre os direitos, destacam-se: segurança de tempo de planejamento para ações futuras; auxílio médico; salário; às vezes a cedência de carro e de moradia; dedicação exclusiva ao esporte; bônus por conquistas; possibilidade de crescer no clube (renovar contrato e ter aumento de salário e benefícios) ou ainda ir para um clube mais qualificado; licença maternidade, entre outros não mencionados de forma explícita.

Por outro lado, como profissional do esporte, a atleta tem uma série de deveres, também previstos contratualmente e passíveis de punição, como o cumprimento dos horários, a manutenção do seu peso, o respeito a regras referentes a seu comportamento dentro e fora de quadra.

No caso das jogadoras entrevistadas, o rigor com que as cláusulas eram cobradas variava entre os clubes. Em alguns deles, as atletas mencionam maior controle, sob o risco de multas. O relato de Francine exemplifica isso:

[...] lá em Alicante, na Espanha, na verdade em geral, não se tinha tanta multa assim, mas na Áustria era bem mais rigoroso com isso. Tipo, toda segunda feira nós nos pesávamos para saber se estava acima ou abaixo do peso, porque não era só acima, abaixo também. Entendeu? [...] Se você chega e fala, não o meu peso ideal é sessenta quilos, então você não podia estar quatro quilos acima ou quatro quilos abaixo (FRAN CARARO, 2019, p. 7).

Ao entrevistar Ana Amorim, irmã de Eduarda Idalina Amorim¹³⁵ (Duda Amorim), atleta brasileira de grande destaque¹³⁶ no handebol europeu, ela menciona uma situação na qual Duda recebeu uma multa por estar 700 gramas fora de sua faixa de peso depois de passar férias no Brasil. Trago esse caso para exemplificar o quanto o handebol europeu revela-se profissional, e cujo rompimento de uma cláusula contratual é sujeito à punição.

Para além dessas circunstâncias, todas as atletas mencionam em sua entrevista a obrigatoriedade de fazer um curso de idiomas, caso não dominassem a língua local ou o inglês. Afora o curso, as jogadoras referem que passaram periodicamente por testes de verificação de proficiência no intuito de averiguar sua evolução no domínio da língua. Apontam ainda que, caso não tivessem progredido, o clube poderia multá-las financeiramente. Ou seja, para os clubes que acolheram as brasileiras, a adaptação ao novo local de moradia,

¹³⁵ Desde 2005 no handebol Europeu, atuando cinco temporadas pelo Kometal Gjorce Petrov (Macedônia) e transferindo-se para o Györi Audi ETO KC (Hungria) em 2009 até o atual momento.

¹³⁶ Duda Amorim possui cinco títulos na EHF Champions League (2013, 2014, 2017, 2018, 2019) e acumula os prêmios de melhor jogadora de handebol do mundo pela Federação Internacional de Handebol (2014), Melhor defensora de handebol da temporada (2016, 2017, 2018 e 2019) e Melhor jogadora de Handebol da Europa (2019).

mediada pelo domínio da língua, mostrava-se fundamental para a qualificação e o rendimento das atletas estrangeiras.

Chegar atrasada nos treinos também era passível de punição: “cobrava até por minutos” (FRAN CARARO, 2019, p. 7). Outro ponto destacado por Alexandra está relacionado à quebra de contrato, que pode resultar desde o pagamento de uma multa ou até mesmo a suspensão pela Federação Internacional de Handebol, o que as impediria de defender a seleção de seu país de origem por dois anos.

Porque na Europa se você assina um contrato já não é assim, você pode pegar as suas coisas e ir embora. Você pode pegar as suas coisas e ir embora sim, porém eles podem ir na IHF e você ficar preso, você tem que pagar uma multa, ou você leva uma multa de dois anos sem jogar, já que a gente era atleta de seleção (ALÊ NASCIMENTO, 2019, p. 15).

Para além dos aspectos supracitados, o comprometimento da atleta em quadra durante as competições também era digno de penalidade, como demonstra um episódio narrado por Francine Gomes Cararo, no qual não seguiu as orientações do treinador. Vejamos:

Eu levei uma multa lá, que eu inclusive até briguei com o técnico nessa época, porque eu não voltei no contra-ataque, daí ele me deu uma multa. [...] Mas assim, briguei, hoje em dia eu dou risada, mas briguei sério na época, também porque eu era uma das atletas que voltava em todos os contra-ataques, do começo do ano ao fim do ano, tipo, a menina já estava lá na frente, mas eu estava atrás da menina, e quando aconteceu de eu não voltar um contra-ataque, no final do campeonato, que já era o último contra-ataque da menina, não adiantava nem correr porque acabava o tempo, levei uma multa. Daí fiquei revoltada né (risos) (FRAN CARARO, 2019, p. 8).

A atleta complementa que nesse clube até os cuidados pós-treinos eram igualmente exigidos:

Lá a gente tinha uma estrutura que depois de treino você vai, faz massagem, tem um massagista, tem água quente sabe, para você depois sair na piscina de água quente, para você ir lá e ficar um pouquinho, tem sauna, tem toda essa estrutura no clube, para a gente. E era uma das coisas também, se você não fizesse, era multa também (FRAN CARARO, 2019, p. 8).

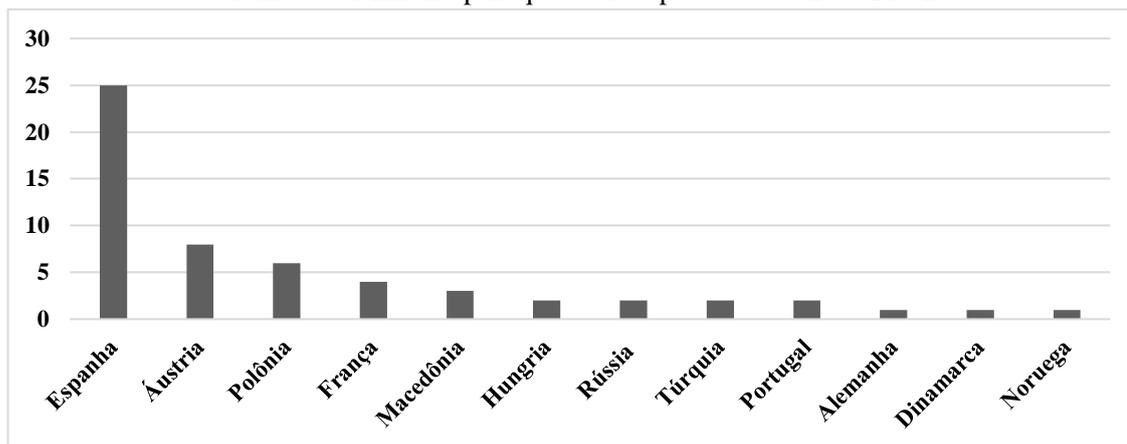
Mesmo diante de algumas exigências, poder se dedicar exclusivamente ao esporte e vivenciar alguns privilégios que estão longe da realidade brasileira, em relação ao handebol, são elementos que as atletas também destacam em suas falas.

Como a gente é estrangeira a gente tinha direito ao visto, esse era um clube, que não são todos que dão um carro, mas esse clube tinha um carro, eles davam um carro para a gente, na época era um Renault, apartamento, passagem para o Brasil, essas eram as coisas que eles ofereciam para a gente. E o salário claro, cada uma era diferente (ALÊ NASCIMENTO, 2019, p. 16).

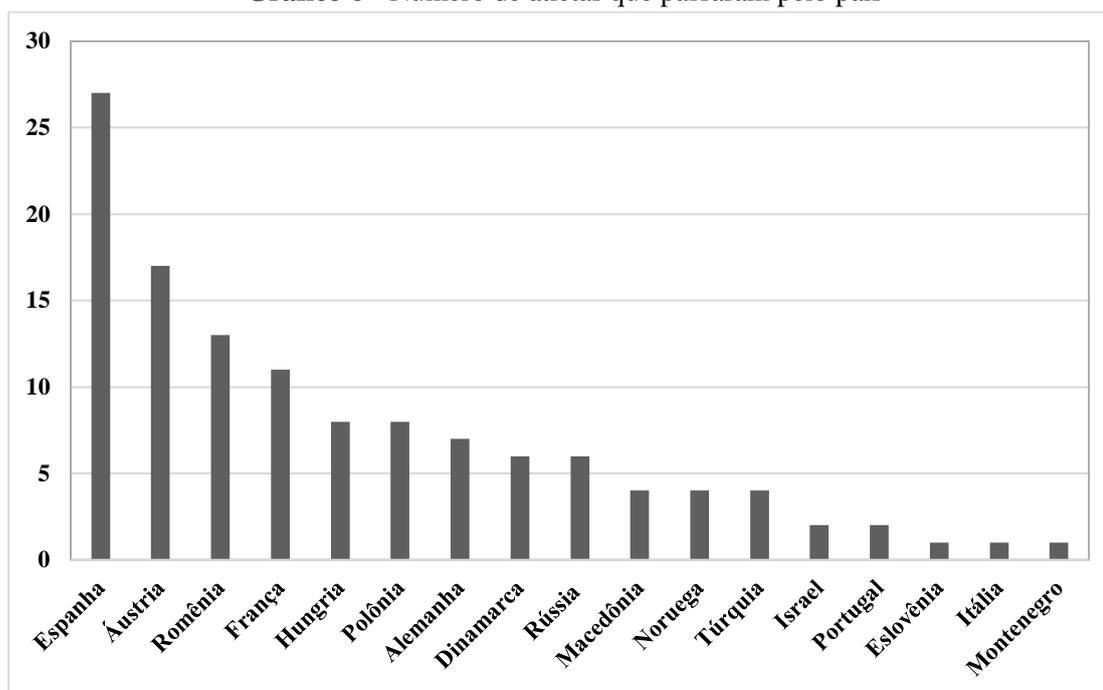
Todos os clube que passei davam moradia, passagens de ida e volta ao Brasil e plano médico. Alguns além disso, deram carro, aula particular do idioma do país (MAYARA FIER, 2020, p. 3).

Entretanto, para usufruir de todos os aspectos positivos relativos a ser uma profissional do esporte, essas atletas têm um desafio logo que desembarcam em solo europeu: a adaptação à cultura local. Para Nina Tiesler (2012), quanto menor for a distância linguística e cultural entre o país de origem e o de destino, menores serão as dificuldades encontradas. Em concordância, Maguire e Pearton (2000) afirmam que atletas sul-americanos preferem a Espanha e Portugal pela similaridade cultural. Não posso afirmar que as handebolistas brasileiras que optaram por esses países em sua trajetória internacional o fizeram devido à proximidade cultural, entretanto é significativa a prevalência, principalmente da Espanha, como destino de nossas handebolistas. Os dois gráficos abaixo ilustram essa afirmação:

Gráfico 5 - Primeiro país que a atleta passou ao sair do Brasil



Fonte: A autora, com base na CBHb, EHF e entrevistas.

Gráfico 6 - Número de atletas que passaram pelo país

Fonte: A autora, com base na CBHb, EHF e entrevistas.

É notória a centralidade da Espanha nos processos migratórios das atletas de handebol, seja como primeira experiência internacional, seja como algum dos deslocamentos entre os clubes europeus. Essa condição pode ter sido influenciada pelo fato de que, como já mencionado, dois técnicos espanhóis¹³⁷ estiveram à frente da seleção, o que facilitou a indicação de jogadoras para lá atuarem. A fala da ex-atleta Dara Diniz endossa esse entendimento:

Antes disso eu tinha recebido uma oferta para ir já jogar na Espanha, através do Juan Oliver que na época era consultor de seleções aqui no Brasil e logo foi técnico da Seleção Brasileira, ele já tinha intenção de mandar algumas atletas para a Espanha [...] (DARA DINIZ, 2019, p. 4-5).

O mesmo pode ser pensado sobre a Áustria, país que figura a segunda posição em ambos os gráficos. Esse fato, para além do convênio firmado pela CBHb e COB junto à equipe austríaca Hypo Niederösterreich, pode ter sido potencializado pelo ex-técnico da Seleção, Morten Soubak (2008-2016), que atuou como técnico da equipe entre os anos de 2013 e 2014.

Além das influências de terceiros na migração de jogadoras, cuja análise farei mais adiante, outros fatores são acionados na escolha do país, principalmente quando é a primeira

¹³⁷ Juan Oliver (2005-2008); Jorge Dueñas (2017-atual).

experiência internacional. Das nove atletas entrevistadas por mim, que passaram pelo handebol europeu, quatro iniciaram sua carreira internacional na Espanha e duas em Portugal. Em suas impressões iniciais, elas relatam:

Nesse meio tempo me chamou a equipe de Portugal e por opção, por questão do idioma também, sendo a primeira vez que ia sair do país para jogar, preferi me aventurar por terras portuguesas [...] (DARA DINIZ, 2019, p. 5).

Acho que a maior dificuldade foi em se adaptar ao estilo de jogo. Fora das quadras a adaptação foi rápida, pois o primeiro país que fui era a Espanha, onde a língua era mais próxima do português e a comida não era tão diferente, e ainda tinha mais duas brasileiras no time que me ajudaram muito nesse primeiro momento (MAYARA FIER, 2020, p. 3).

[...] Foi na Espanha, então a língua foi fácil, os costumes e rotinas foram mais difíceis (LUCILA DOS SANTOS, 2020, p. 2).

A fala das atletas Mayara e Lucila retratam duas experiências distintas no mesmo país, o que não é de causar estranheza, uma vez que seu potencial de adaptação está intimamente ligado as suas experiências pessoais. Enquanto Mayara menciona a sua dificuldade em se adaptar apenas ao novo estilo de jogo, Lucila se estendia também para compreender e se apropriar dos costumes locais. Maria Brandão e colaboradores/as (2013) destacam que a inserção em uma nova cultura, a partir da migração atlética, pode ocasionar dificuldade de adaptação devido a sua pouca experiência com a diversidade cultural do novo ambiente. Em contraponto, Carmem Rial (2006) destaca o fato de que jogadores que já tenham tido a experiência de atuar em outros países ou tenham feito viagens longas apresentam mais facilidade em sua inclusão no novo país de trabalho, evitando embaraços e uma visão negativa do lugar.

Diferentemente das colegas que minimamente compreendiam o espanhol, Alexandra Nascimento, que iniciou sua trajetória na Europa em uma equipe da Áustria, destacou a barreira linguística como uma das principais dificuldades:

[...] a coisa pior lá mesmo foi a questão da língua e o frio, entendeu? E tinha, neva lá, neve até o joelho. Nossa, muitas histórias, e a língua, porque lá fala alemão, e eu não sabia falar nem inglês, porque lá também fala inglês, a segunda língua que as crianças saem falando da escola é o inglês, então eles falam perfeito claro o alemão que é a língua mãe que eles falam, e a segunda língua é o inglês, eu não sabia nem falar inglês, era só o português [...] (ALÊ PATO, 2019, p. 14).

Em concordância, um estudo realizado por Fernanda Faggiani e colaboradoras/es (2016) sobre o fenômeno de expatriação no contexto esportivo, aponta que a maior barreira enfrentada por emigrantes esportistas é o idioma, principalmente quando há a necessidade de

intérprete ou, ainda, quando há um domínio mínimo da língua. Alexandra teve um facilitador no seu processo de adaptação, que foi a presença de uma conterrânea na equipe. Nesse sentido, atuar juntamente com outras atletas brasileiras serve tanto como auxílio na tradução de informações não compreendidas quanto contribui para a adaptação de forma mais ampla. Carmem Rial (2006), ao estudar a migração de jogadores brasileiros de futebol para a Espanha, pontua que o próprio clube incentiva a aproximação entre colegas brasileiros e, às vezes, até prefere contratar mais de um jogador do mesmo país justamente para facilitar sua adaptação.

Ao analisar a circulação das trinta e seis atletas que atuaram/atuam na Europa, identifiquei contratos estabelecidos com mais de uma atleta brasileira por uma mesma equipe. Vide quadro abaixo:

Quadro 24 - Atletas atuantes na mesma equipe

Atletas	Equipe	País	Ano de atuação
Chana Masson Idalina Mesquita	HC Leipzig	Alemanha	2006-2007
Deonise Fachinello Sílvia H. A. Pinheiro	S.D Itxako	Espanha	2007-2009
Adriana Gava Idalina Mesquita	Thüringer	Alemanha	2011-2012
Jaqueline Anastácio Mayssa Pessoa	Dínamo	Rússia	2012-2014
Alexandra Nascimento Bárbara Arenhart	Baia Mare	Romênia	2014-2015
Ana Paula R. Belo Deonise Fachinello Fernanda F. da Silva Mayssa Pessoa	CSM Bucaresti	Romênia	2015-2016
Fernanda F. da Silva Jaqueline Anastácio	BBM Bietighem	Alemanha	2016-2017
Patrícia B. da Silva Elaine G. Barbosa	Kastamonu	Turquia	2017-2018
Deonise Fachinello Mariana Costa	Sports C. Magura	Romênia	2018-2019
Deonise Fachinello Mariana Costa	Craiova	Romênia	2018-2019

Fonte: A autora, de acordo com a Federação Europeia de Handebol (2020).

Mesmo não sendo possível afirmar que as equipes contrataram mais de uma atleta brasileira a fim de facilitar a adaptação, ou mesmo que a contratação conjunta tenha partido

das atletas, é possível supor que a presença de uma conterrânea na equipe tenha facilitado a adaptação de ambas não apenas ao time, mas também ao país de destino.

Outro fator que pode ter influenciado na adaptação das jogadoras refere-se ao clima. Alexandra ressaltou dificuldades nesse sentido, sobretudo pelo rigoroso inverno do continente europeu, que atinge temperaturas muito baixas e frequentemente apresenta condições climáticas com chuva e neve. Mesmo encarando climas similares, a atleta pesquisada por Marisa Loffredo (2018) relatou não ter encontrado dificuldades quando atuou na Dinamarca e na Alemanha, pois os países são bem equipados e preparados em relação ao enfrentamento das condições adversas provocadas pelo clima. Todavia, ela reconhece que não é qualquer brasileira que suporta viver em países com invernos tão extremos e cita o caso de uma atleta do Rio de Janeiro que rompeu seu contrato por não se adaptar.

Outro fator ao qual tiveram que se adequar foi a rotina de treinos e as competições na Europa, as quais eram muito diferentes das vivenciadas no Brasil. Se no país de origem treinavam em média um turno por dia, no exterior passaram a dedicar-se a dois treinos diários em mais dias por semana, tendo também uma maior frequência de partidas.

Eu vi diferença em cada país que passei, cada país tem um estilo de jogo, mas em qualidade, não [...] ter que me adaptar a estilos diferentes de jogo, [...] treinar 2x ao dia, que não era comum no Brasil [...] (MAYARA FIER, 2020, p. 3).

[...] treinamento duas vezes ao dia e na pré-temporada que é no meio do ano aqui, um praticamente um mês de treinamento físico, para você ganhar o cárdio, para você melhorar em vários aspectos, onde vai chegando assim, passou a primeira semana de treinamento, vai caindo, uma por uma já com febre, com tudo, pelo desgaste mesmo (ALINE CHICÓRIA, 2019, p. 5).

[...] então eu tinha o treinamento de manhã, tinha treinamento a noite, todo santo dia, no sábado... Isso em fase de preparação, no sábado de manhã nós tínhamos o treinamento, depois do treinamento era obrigatório você fazer sauna, massagem, relaxamento, essas coisas assim para o teu corpo recuperar, domingo era jogo. Segunda-feira voltava a treinar normalmente, independentemente de ter jogo no domingo ou não, em épocas de Liga dos Campeões, pior ainda. Era jogo quarta e jogo domingo, então treinava segunda, treinava de manhã e à tarde, treinava terça de manhã, terça à noite viajava, quarta de manhã treinava, quarta à noite jogava, quinta de manhã vinha de volta, pegava voo de volta, quinta à noite tinha treino. Sexta dois treinos, sábado um treino, entende? Então não tinha tempo para parar, era cem por cento o handebol (ANA AMORIM, 2019, p. 9).

Na narrativa de todas as atletas entrevistadas destaca-se a diferença no processo de condução dos treinamentos, tanto em relação aos diferentes estilos de jogos, que é díspar de país para país, quanto ao aumento significativo do volume de treinos. Para além dessa distinção, é possível inferir que a adaptação das atletas também está condicionada às dificuldades e facilidades enfrentadas no seu cotidiano laboral. Isso fica evidente no caso da

atleta Viviane Jacques, que ao ser convidada a jogar por um time espanhol, além da adaptação inicial com a língua e com a cultura de um novo país, também enfrentou dificuldades em relação à pressão exercida pela imprensa e pela comissão técnica para que tivesse bons resultados. No que se refere ao ano de 2006, quando migrou para equipe Orsan Elda Prestígio¹³⁸ para atuar como armadora sendo que sua posição original era jogar na ponta, relata:

[...] os primeiros seis meses nesse clube, jogando de armação, foi bem difícil, bem difícil, a adaptação foi assim, uma coisa absurda, porque eu não rendia, não conseguia jogar, e lá eles tem a imprensa, saí em jornal, então assim, eram críticas, uma em cima da outra, foram dois meses muito difíceis. Adaptação no país novo, o idioma, em uma posição que não era minha (VIVIANE JACQUES, 2019, p. 3).

Lidar com as dificuldades encontradas durante o processo migratório não depende apenas do esforço da jogadora na tentativa de superar as barreiras e se adequar ao novo contexto cultural e aos novos desafios profissionais. Como destacam Schinke e McGannon (2014), a responsabilidade pelo processo de transição cultural não pode ser entendida como sendo somente da atleta, mas também compartilhada com o técnico, a fim de descobrir maneiras de enfrentar as barreiras encontradas.

Diante das experiências das atletas entrevistadas, pude perceber que limitações relacionadas à cultura local, idioma, fatores climáticos e diferenças nas rotinas de treinamento e de competição são fatores pertinentes a serem considerados ao analisarmos a migração das handebolistas. E ainda, por mais que a globalização tenha facilitado os deslocamentos das atletas por diferentes países, o distanciamento entre as culturas ainda é algo que pode dificultar a sua adaptação (NASCIMENTO *et al.*, 2019). De fato, as narrativas das atletas entrevistadas corroboram essa afirmação.

EU DECIDI FICAR: NEM TODAS PROJETAM A EUROPA COMO DESTINO PROFISSIONAL

É inegável que a possibilidade de jogar em clubes de países que são referência no handebol mundial representa uma ascensão na carreira das atletas brasileiras. Entretanto, a partir das entrevistas realizadas, me deparei com jogadoras que receberam ofertas para jogar na Europa, no entanto, optaram por permanecer no Brasil.

¹³⁸ Orsan Elda Prestígio foi fundada em 1985, na cidade de Elda, Espanha. Em seu currículo possui quatro títulos na Liga ABF, dois na Copa de la Reina, dois na Super Copa da Espanha e um na Copa ABF. Mais informações: <https://www.facebook.com/eldaprestigio.bmelda>.

Fabiana Kuester Grippa, que integrou a seleção entre os anos 2004 e 2008, e fez parte do elenco que competiu nos Jogos Olímpicos de Atenas (2004), assim se refere a essa possibilidade:

Em 2005, quando eu participei do Mundial na Rússia, é foi na Rússia, eu recebi alguns convites de alguns países na Europa, mas eu tinha acabado de receber também uma bolsa de mestrado aqui na FURB e eu queria dar continuidade aos meus estudos, mas sem parar de jogar. Aí eu falei: “Não, eu não vou” porque também não iria valer a pena para mim financeiramente, eu estava recém-casada, e estava com o meu mestrado em andamento, eu tinha acabado de passar na prova, tinha feito toda a inscrição e a universidade me ofereceu a bolsa do mestrado. Para mim, se eu colocasse, aí eu também estava sendo, aqui dentro do Brasil, eu estava sendo patrocinada pela Adidas, recebi patrocínio da Adidas, então se fosse para colocar tudo no lápis, para mim não iria valer a pena, de ficar um tempo na Europa, jogando pela Europa, sabendo que eu estava com essas oportunidades aqui no Brasil, porque eu tinha consciência de que o esporte é vida curta e que eu não podia pensar só naquele momento e óbvio que seria muito legal a experiência na Europa, eu acho isso fantástico e tal, mas não me arrependo até hoje, eu sabia que aquilo ia acabar, sabe? Que eu tinha que ter, eu tinha que me preparar de outra forma para uma profissão futura, porque eu sabia que o esporte, mais cedo ou mais tarde, iria acabar, a carreira atleta ia terminar, então por isso que eu decidi ficar no Brasil e jogar pela minha cidade, mostrar a cidade de Blumenau em âmbito nacional, então dentro desses objetivos, eu acredito que foi alcançado, e continuei na seleção até 2008 (FABIANA GRIPA, 2019, p. 5).

Buscar uma capacitação profissional por meio do estudo, com o objetivos de projetar uma carreira depois de se aposentar das quadras, aparece como sua principal justificativa para não sair do país. Tal ponto se relaciona com o modo como o handebol se configura em nosso país, no qual boa parte das equipes são mantidas a partir de convênios com instituições de ensino, transformando o “salário” de atleta em ajuda de custo por meio da concessão de uma bolsa de estudos.

Dentro desse formato, para serem contratadas por essas equipes, as jogadoras precisam estar matriculadas em algum curso de graduação. Diante dessa configuração, mesmo as atletas que não alcançam o ápice da modalidade – aqui entendido como ter atuado pela seleção – acabam garantindo, por meio de um curso superior, outras possibilidades profissionais ao findarem sua carreira esportiva. Sérgio Graciano assim explicita:

[...] e a menina tem sempre duas chances, ou ela se dá bem no handebol, ou ela paralelo a isso, ela vai estudar. Então o mínimo que vai acontecer é, depois de quatro anos, ter um canudo, pode não ser uma grande atleta de handebol, mas vai ter uma profissão, aonde a gente vê a nossa modalidade como um meio de ascensão social. A gente tem dentro, por exemplo, eu pego dentro do meu clube em Blumenau, a gente já tem o patrocínio da Universidade que tem o ensino médio, então a gente pega as meninas das escolas públicas, quando elas completam o ensino fundamental, a gente dá uma bolsa para elas do ensino médio, e se elas foram bem, elas ganham uma bolsa também na Universidade. Então se ela for uma atleta nível médio, o mínimo

que pode acontecer é ela ter habilidade em handebol e ter uma profissão (SÉRGIO GRACIANO, 2019, p. 6).

A valorização da formação acadêmica oportunizada pelo esporte não se restringe somente a quem não alcança o ápice da modalidade, como ficou evidente no relato de Fabiana. Mesmo integrando a seleção brasileira e tendo participado das duas maiores competições da modalidade, os Jogos Olímpicos e o Campeonato Mundial de Handebol, ela abriu mão da oportunidade de vivenciar outras experiências em sua carreira esportiva, em prol de planos profissionais paralelos ao handebol.

Sua escolha baseou-se também em seu entendimento de que a carreira de atleta finda precocemente e o handebol, mesmo no continente europeu, não dá garantias de ganhos financeiros suficientes para se aposentar sem preocupações. Diante dessa realidade, focar em um curso superior pode garantir outros caminhos ao final de sua atuação como jogadora, no campo esportivo ou em outros não relacionados ao esporte. Nas palavras de Elza Balon, formada em Educação Física e ex-atleta da primeira seleção: “Se eu vivesse só de handebol eu estava morta, eu não estava formada, entendeu?” (ELZA BALON, 2019, p. 5).

Outro fato apesar na decisão de migrar ou não se relaciona com o contexto familiar. Assim como Fabiana, Klea Oliveira também negou uma proposta para jogar na Espanha no ano de 2005.

Em 2005, eu cheguei a receber uma proposta para ir para a Espanha, mas era para ficar um mês. Se eu passasse, eles iam formalizar uma proposta, senão eu voltaria para o Brasil, e eu não aceitei. [...] Não. Não quis. Hoje eu me arrependo, acho que era uma experiência que eu deveria ter vivido, mas nos desígnios da vida, não somos nós que decidimos. No momento eu recusei. [...] Eu sou, digamos que eu tinha uma família tradicional, meus pais sempre me incentivaram, me deram todo o apoio que eu quis, que eu precisei para jogar, inclusive todas as vezes que eu posso, que eu tenho oportunidade, eu faço questão de agradecê-los por isso, porque tudo que eu vivi, eu só pude viver porque eles me oportunizaram isso. Só que assim, por a gente ter essas tradições muito familiares, eu tinha, como eu posso dizer, dentro de mim, que era uma coisa que eu fazia porque eu gostava, me trazia uma certa remuneração, mas era mais prazer do que remuneração, então não tinha sentido eu ir embora, ficar longe da minha família, sendo que eu podia continuar fazendo aqui (KLEA OLIVEIRA, 2019, p. 5).

Essa mesma situação figura no estudo de Richardson e colaboradores (2012) quando destacam a importância do apoio familiar durante a trajetória esportiva, inclusive no seu consentimento como fator relevante na tomada de decisão migratória. O caso de Klea é ilustrativo nessa direção. Natural de Guarulhos-SP, a atleta já havia recusado uma proposta para jogar em uma equipe de Santa Catarina, motivada pelo apelo da mãe para que permanecesse em casa. Diante da oportunidade de atuar no exterior, mais uma vez a questão

familiar pesou em sua decisão, o que acabou por causar arrependimento, pois agora entende que poderia ter tido mais oportunidades em ascender na carreira profissional.

Da mesma forma que inúmeras são as motivações que fazem as atletas se deslocarem e migrarem por diferentes clubes, cidades, estados e países, podemos inferir que diferentes são as motivações das que resolvem permanecer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar os processos migratórios de atletas e ex-atletas da seleção possibilitou-me também compreender como se estrutura a carreira esportiva das jogadoras da seleção, único grupo a atingir na história do handebol brasileiro e americano, níveis de excelência esportiva e o segundo país fora do continente europeu a ganhar um título mundial. Além disso, por meio de suas trajetórias migratórias observei as influências geradas através das relações (atleta-atleta, atleta-treinador, atleta-família etc.) estabelecidas nos diferentes contextos de prática ao longo de seus processos de desenvolvimento.

Dito isso, identifiquei que os processos migratórios, se iniciam ainda quando estão frequentando o contexto escolar no ensino básico. Ao se destacarem nesse cenário, muitas foram convidadas a atuar em outra escola, por vezes localizada em outra cidade ou até mesmo estado. Esse primeiro deslocamento aconteceu ou não por vários motivos, destacando-se: pelo apoio familiar e pela ressignificação do esporte na vida dessas atletas. Saindo do lugar de *hobby*, com uma dimensão lúdica, para uma situação que exigia mais comprometimento, dedicação, abdicção e seriedade, o que para várias atletas foi entendido como uma adesão profissional ao esporte.

Diante desse novo entendimento, as outras transferências entre clubes que aconteceram em sua trajetória passam a ser motivadas de acordo com o seu potencial, sua performance e seus objetivos pessoais. Alguns fatores foram identificados como incentivadores para que decidissem se mudar: escolas mais qualificadas, bolsa de estudos para frequentar uma instituição de ensino superior ou migração para clubes com maior reconhecimento e estrutura. Todavia, nem todo o deslocamento parte da motivação das atletas. Dentre as entrevistadas, houve casos que precisaram migrar porque o time no qual atuavam encerrou suas atividades, o que demandou buscar outras equipes no Brasil ou no exterior.

Para além do exposto, fazer parte da seleção brasileira também foi um dos aspectos que permeou a decisão de migrar, fundamentalmente, para o continente europeu. Isso se deu

porque, desde a formação do primeiro selecionado nacional até os dias atuais, houve modificações nos critérios de convocação, especialmente após os Jogos Olímpicos de Sydney (2000), quando atuar no handebol europeu passou a ser um ponto significativo nesse processo.

Se, anteriormente, para chegar à seleção era preciso um bom desempenho da atleta nas competições nacionais, após essa edição dos Jogos Olímpicos, com a gradativa saída das atletas para atuarem no handebol europeu, estar entre as melhores handebolistas no Brasil já não era o suficiente. Era necessário agregar no currículo esportivo a experiência em equipes europeias.

Nesse sentido, o ciclo olímpico de Atenas (2000-2004) representa um marco para entendermos como o velho continente fomentou o fluxo de mobilidade e de migração atlética para as brasileiras de forma a modificar significativamente suas trajetórias, assim como o desejo de participar da seleção nacional.

Diante dessa nova possibilidade, as atletas entraram em contato com uma estrutura esportiva bastante distinta da vivenciada no Brasil. Em suas narrativas destacam: a assinatura de um contrato com tempo estabelecido previamente, oportunizando um planejamento prévio; receber um salário, que muitas vezes vinha acrescido de moradia, carro e assistência médica; a infraestrutura de treinamentos; um calendário de campeonatos e jogos consolidado, permitindo que participassem de no mínimo dois jogos semanais dependendo da época do ano, ampliando sua experiência em quadra. Essas situações ressignificaram o entendimento dessas atletas acerca do que é ser uma profissional do esporte, marcado principalmente pelo contrato que estabelece direitos e deveres do clube e da jogadora. Em suas narrativas a menção aos deveres ganham evidência, pois quase todas pontuaram que numa relação profissional, o não cumprimento de alguma cláusula do contrato gerava multa ou alguma outra punição.

Se aventurar no handebol europeu, além de trazer benefícios para sua carreira, demandou também enfrentar várias dificuldades, sobretudo de adaptação envolvendo questões afetas ao clima, língua, diferenças culturais, estar longe da família e amigos/amigas. Ainda assim, destacam que nenhum desses fatores foi relevante o suficientes para fazê-las voltar para o Brasil.

O movimento migratório das atletas para países nos quais a modalidade é mais desenvolvida e estruturada promoveu alterações não apenas na forma de jogar, mas também nas conquistas da seleção brasileira e na estruturação do handebol nacional. As atletas identificam que sua melhor performance está fortemente atrelada ao profissionalismo do

handebol europeu, visto que estão diretamente em contato com jogadoras das melhores seleções do mundo. Essa experiência internacional impactou no desempenho da seleção que culminou na conquista do Campeonato Mundial de Handebol em 2013, acontecimento que foi se consolidando a partir da contratação de técnicos estrangeiros e potencializado após o estabelecimento do convênio, em 2011, entre a CBHb junto ao COB com a equipe austríaca Hypo Niederösterreich.

Apesar da forte indicação para a atuação na Europa como um critério para integrar a seleção brasileira, algumas atletas optaram por não migrar para fora do continente americano, mesmo diante de propostas concretas. Suas justificativas baseiam-se em mudança de prioridade, no qual, o handebol deixa de ser o foco principal. Outro ponto destacado pelas atletas foi a família, que para uma delas configurou-se um entre outros fatores, e para a outra foi o fator principal para não migração.

As análises realizadas para este estudo se deram a partir de um grupo de (ex) atletas que fizeram ou ainda fazem parte da seleção brasileira de handebol. Suas trajetórias e experiências apontam para um contexto específico e datado. Todavia, entendo que as migrações realizadas por essas atletas possam contribuir no entendimento de contextos mais amplos.

Por fim, a partir das narrativas das atletas, é possível inferir a complexidade que envolve as migrações de jogadoras de handebol. Este estudo aponta uma entre inúmeras possibilidades de análise, quiçá novos estudos nos ajudem a elucidar os processos migratórios e seu impacto na vida das atletas e da modalidade.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de iniciar as últimas considerações, é importante ressaltar que essa tese, obviamente, não encerra as discussões sobre a Seleção Brasileira de Handebol. A ampliação deste estudo pode acontecer contemplando recortes temporais mais específicos ou análises a partir de diferentes ancoragens teórico-metodológico diversifiquem a compreensão sobre sua trajetória e de seus agentes de modo a trazer novas contribuições para a história do Handebol brasileiro. Dito isso, a pesquisa que originou essa tese já me permite tecer alguns pontos sobre a trajetória da Seleção Brasileira de Handebol.

A proposta de estudar sua história surgiu diante de sua centralidade nas narrativas de um grupo de handebolistas brasileiras durante minha pesquisa de mestrado na qual analisei o processo de profissionalização de atletas de handebol. Esse *start* somado aos escassos registros sobre a seleção e suas jogadoras, principalmente no anos anteriores à 2013 foram os principais motivadores para tomá-la como objeto de estudo.

Considerando esse contexto, o objetivo central dessa pesquisa foi analisara história da Seleção Brasileira de Handebol (1983–2019). Embasada na perspectiva metodológica da História Oral tomei as entrevistas com as jogadoras e outros sujeitos ligados a seleção como fontes privilegiadas dessa investigação afim de valorizar e visibilizar as protagonistas dessa história. Diferentes artefatos culturais constituíram, junto as entrevistas, o material empírico de análise, dentre eles destaque matérias publicadas em jornais, fotos, livros, documentários, documentos oficiais de instituições que regem a modalidade, entre outros.

A partir da proposta da tese, optei por elaborá-la no formato de três estudos, no intuito de otimizar a sua divulgação depois de apresentar a tese e concluir o doutoramento. Sua organização se deu levando em consideração o recorte temporal e os temas emergidos nas entrevistas.

No primeiro estudo, ao analisar a trajetória da Seleção Brasileira de Handebol desde sua primeira convocação até o pós Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro (1983 – 2019) constatee que a trajetória da seleção é marcada por três momentos. No primeiro deles, delimitado pelo período entre sua primeira convocação e a primeira participação nos Jogos Olímpicos (1983-2000), a seleção é marcada por um contexto de amadorismo, com escassos recursos e investimentos. O segundo momento, delimitado pelo fim dos Jogos Olímpicos de Sydney até a conquista do Mundial (2001-2013), a seleção passa por um processo de internacionalização subsidiada por sistemáticos investimentos a partir das leis de incentivo ao esporte. E por fim, o terceiro momento, delimitado pelo pós Mundial, Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro e o

porvir (2014-2019), é sublinhado por uma seleção madura e com reconhecimento mundial, mas impactada pela perda de investimentos, após denúncias de fraudes pela Confederação Brasileira de Handebol, e pelo processo de renovação em andamento.

A partir desses achados, surgiu o segundo estudo que teve como objetivo analisar as representações da Seleção Brasileira de Handebol nos periódicos Folha de São Paulo, O Globo e O Estado de S. Paulo durante sua participação nos Jogos Olímpicos (2000-2016). Constatei que as representações sobre a seleção vão se (re)significando ao longo de suas participações nos Jogos Olímpicos, embasadas principalmente pelos movimentos realizados pela seleção e seus agentes (jogadoras, técnicos e confederação).

Nesse sentido, os Jogos de Sydney e Atenas, as representações depreendidas pelos impressos pautaram-se na comparação do handebol da seleção com o vivenciado na escola, cujos processos de aprendizagem estão em constante desenvolvimento e que era representativo de como a modalidade se estrutura nacionalmente. Nos Jogos de Pequim, com o processo de internacionalização da seleção avançado, no qual quatorze atletas – das dezesseis convocadas – atuavam no handebol europeu e técnico estrangeiro, acrescido de um investimento consolidado a representação que se constrói da seleção é de uma equipe que está em transição, em desenvolvimento e qualificando-se.

Os jogos de Londres e do Rio a seleção passa a ser representada como um selecionado maduro, experiente e profissional, aspectos que as distanciam do handebol nacional e as aproximam do handebol europeu. Diante desse cenário, outros aspectos passam a ser agregado as suas narrativas nos impressos. Nos Jogos de Londres destaca-se a introdução aspectos mais subjetivos, como por exemplo, a trajetórias de algumas jogadoras e nos Jogos do Rio, a tentativa de fazer emergir a primeira ídola da modalidade.

Nesse estudo também foi possível observar como as representações de gênero acionadas pelos jornais na cobertura da seleção brasileira rompem, em certa medida, às representações de feminilidade, hegemônica ou não. As matérias veiculadas davam ênfase a aspectos técnicos e táticos, destacando de maneira pormenorizada a trajetória do selecionado nacional na maior competição esportiva do mundo.

Por fim, entendendo que a trajetória da seleção reflete a trajetória das atletas, surge o terceiro estudo, que teve como objetivo analisar os processos migratórios de jogadoras e ex-jogadoras da seleção brasileira de handebol. O estudo permitiu inferir que a migração faz parte da trajetórias das atletas de handebol. Iniciam enquanto ainda frequentam o ensino básico, ao se deslocarem para outras cidades ocorrendo a partir da estreita relação entre esporte e educação e acabam por marcar o desenvolvimento profissional das jogadoras

durante toda sua trajetória, se permanecerem atuando no Brasil. Já as migrações internacionais estão estreitamente ligadas à ascensão da atleta no campo esportivo e às possibilidades de integrar a seleção, uma vez que, a possibilidade de atuar no handebol europeu oportuniza as atletas uma dedicação exclusiva ao esporte, fato que acaba consequentemente por melhorar seu desempenho esportivo.

O estudo três também possibilitou compreender como se estrutura a carreira esportiva das jogadoras da seleção, único grupo a atingir na história do handebol brasileiro e americano, níveis de excelência esportiva e segundo país fora do continente europeu a ganhar um título mundial. Além disso, através de suas trajetórias observei as influências geradas através das relações (atleta-atleta, atleta-treinador, atleta-família etc.) estabelecidas nos diferentes contextos de prática ao longo de seus processos de desenvolvimento. Fato que permitiu compreender os diferentes contextos de desenvolvimento da modalidade, contribuindo para entendimento de como ocorreram suas formações nas distintas localidades do Brasil.

REFERÊNCIAS

- A VINDA DO CAMPEÃO DE HANDEBOL. **O Estado de São Paulo**, 9 de agosto de 1959.
- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.
- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- ALÊ PATO. **Entrevista com Alexandra Nascimento**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/UFRGS, 2019.
- ALEMÃS são rivais na estreia do handebol. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. D4, 9 de agosto de 2008. Folha de Pequim.
- ALINE CHICÓRIA. **Entrevista com Aline da Conceição da Silva**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/UFRGS, 2019.
- ALINE SILVA DOS SANTOS. **Entrevista com Aline Silva dos Santos**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/UFRGS, 2018.
- ALMEIDA, Caroline Soares de. **Do sonho possível**: projeto e campo de possibilidades nas carreiras profissionais de futebolistas brasileiras. 2018. 254 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2018.
- ALMEIDA, Caroline Soares de; PISANI, Mariane da Silva; JAHNECKA, Luciano. De apostas, promessas e sonhos: alguns projetos interrompidos e facilitados de futebolistas não célebres. **Espaço Plural**. Ano XIV. n. 29. p. 170-192, 2013.
- AMARO, Fausto. **Mídia, Esporte e Idolatria**: o Jornal do Brasil e a representações dos atletas brasileiros nos Jogos Olímpicos. 2014. 249 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014a.
- AMARO, Fausto. O *Jornal do Brasil* e a representação dos atletas brasileiros nos jogos Olímpicos: notas de uma pesquisa. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, [s/l], v. 11, n. 2, p. 472-483, jul./dez. 2014b.
- ANA AMORIM. **Entrevista com Ana Carolina Amorim Taleska**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/UFRGS, 2019.
- ANA PAULA comanda a vitória do Brasil. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 5, 7 de agosto de 2016. Esportes.
- ANDRES, Suélen de S. **Mulheres e Handebol no Rio Grande do Sul**: narrativas sobre o processo de profissionalização da modalidade e das atletas. 2014. 100 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

ANDRES, Suélen de Souza; GOELLNER, Silvana Vilodre. Trajetórias esportivas de jogadoras de handebol e suas narrativas sobre ser profissional da modalidade. **Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 527-538, abr./jun. 2018.

ARANTES, Gabriela Villela. **A história do handebol em Minas Gerais**. Monografia (Graduação em Educação Física) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

AS ESTRELAS BRASILEIRAS NA LUTA PELAS MEDALHAS, **O Globo**, Rio de Janeiro, 9 de agosto de 1987, p. 50.

ATENAS-2004. **Rede Nacional do Esporte**, 2004. Disponível em: <http://rededoesporte.gov.br/pt-br/megaeventos/olimpiadas/o-brasil-nos-jogos/atenas2004>. Acesso em: 1 nov. 2020.

BAPTILANI, Viviane. **A história e as conquistas da gloriosa equipe de handebol feminino adulto Incolustre/Cambé de 1984 a 1991**. Monografia (Graduação em Educação Física) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2005.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BATISTA, Maryssa de Oliveira Lima. **Movimentos migratórios e a perda de nacionalidade dos jogadores de futebol**. Monografia (Graduação em Direito) – Universidade Estadual da Paraíba, Paraíba, 2015.

BERTÉ, Isabela. **Mulheres no Universo Cultural do Boxe: As questões de gênero que atravessam a inserção e a permanência de atletas no Pugilismo (2003-2016)**. 2016. 119 f. Dissertação (Mestrado em Ciências dos Movimento Humano). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2016.

BETTI, Mauro. Esporte na mídia ou esporte da mídia?. **Motrivivência**. Florianópolis, n. 17. p. 1-3, 2001.

BETTI, Mauro. Esporte, televisão e espetáculo: o caso da TV a cabo. **Conexões: educação, esporte e saúde**, Campinas, n. 3, p. 74-91, 1999.

BIGMÍDIA. ‘Temos qualidade’, diz presidente da CBHb. **CBHb**. 21 de dezembro de 2011. Disponível em: <https://cbhb.org.br/v1/noticia/7519/temos-qualidade-diz-presidente-da-cbhb>. Acesso em: 8 ago. 2020.

BOSCHILIA, Bruno; MEURER, Sidmar dos Santos. Refletindo sobre a participação da mulher no esporte moderno: algumas relações entre gênero e mídia impressa. **Revista Digital Leituras: Educação Física e Esportes**, Buenos Aires, Ano 11 ,n. 97, jun. 2006.

BOURDIEU, Pierre. Os jogos Olímpicos. *In*: BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão: A influência do jornalismo e os jogos olímpicos**. Rio de Janeiro: Jorge Zarar Editor, 1997. p. 120-128.

BRANDÃO Maria Regina Ferreira, MAGNANI Aline, TEGA Eduardo, MEDINA João Paulo. Além da cultura nacional: o expatriado

no futebol. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 21, n. 2, p. 177-182, 2013.

BRASIL É 1º NO HANDEBOL. **O Estado de S. Paulo**, 15 de novembro de 1983. Esporte.

BRASIL JÁ É LIDER NO HANDEBOL. **O Estado de S. Paulo**, 12, de novembro de 1983. Esporte.

BRASILEIRAS DERROTAM as donas da casa no handebol. **O Globo**. Rio de Janeiro. p. 16, 18 de setembro de 2000. Esportes.

BRESSAN, Sílvio. Handebol encara dura realidade. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 28, 29 de setembro de 2000. Esportes.

BRITO, Daniel. Seleção feminina provoca surpresa em quadra e no figurino. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. D7, 30 de julho de 2012. Folha Londres.

BULGARELLI, Pedro Luiz. **Metodologia do ensino do handebol**. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S. A., 2016. 192p.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CAFEIO, Marta Regina Garcia. **Guerreiras e meninas: análises das representações das atletas olímpicas na cobertura da “Rio 2016”** realizada pelo jornal O Globo Rio. 2019. 265 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2019.

CALEGARI, Décio R. **Capacitação de treinadores no Handebol brasileiro: a complexidade como alternativa de superação do modelo técnico-linear**. 87 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002.

CAMARGO, Philipe Rocha de. **O desenvolvimento do handebol brasileiro a partir das políticas públicas do governo federal: da iniciação ao alto rendimento**. 2016. 124 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

CARIELLO, Gabriel. Handebol feminino do Clube Mauá completa 30 anos. **O Globo**, 16 de junho de 2012.

CBHb NÃO RENOVA CONVÊNIO COM O TIME AUSTRIACO HYPO NÖ. **Rede Nacional do Esporte**. 17 de fevereiro de 2012, s/p. Disponível em: <http://rededoesporte.gov.br/pt-br/noticias/cbhb-nao-renova-convenio-com-o-time-austriaco-hypo-no>. Acesso em: 8 ago. 2020.

CELLARD, André. “A análise documental”. In: POUPART, J. *et al.* **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 295-316.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. **A história cultural:** entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 2000.

CHARTIER, Roger. A História Hoje: dúvidas, desafios, propostas. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, p. 97-113, 1994.

CHINESAS – apesar de um começo animador. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 14, 18 de agosto de 2008. Esportes.

COELHO, Daniela Ribeiro da Silva Novaes. **O Andebol brasileiro:** estudo de caso sobre a situação desportiva da Confederação Brasileira de Andebol. Dissertação (Mestrado em Ciências do Desporto). Universidade de Porto, Porto, 2008.

COI – COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. **ATHENS 1896**. Disponível em: <https://www.olympic.org/athens-1896>. Acesso em: 3 out. 2020.

COI – COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. **ATHENS 2004**. Disponível em: <https://www.olympic.org/athens-2004>. Acesso em: 3 out. 2020.

CONDE, Paulo Roberto. Entrevista Morten Soubak. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 23 de dezembro de 2013, p. D2.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE HANDEBOL E HYPO NÃO RENOVAM CONVÊNIO. **Terra**. 14 de fevereiro de 2012, s/p. Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/confederacao-brasileira-de-handebol-e-hypo-nao-renovam-convenio,59381759be134410VgnCLD2000000dc6eb0aRCRD.html>. Acesso em: 8 ago. 2020.

CONFEDERAÇÃO DE HANDEBOL CONFIRMA SAÍDA DE TÉCNICO. **ESPN**. 27 de outubro de 2008. Disponível em: http://www.espn.com.br/noticia/12491_confederacao-de-handebol-confirma-saida-de-tecnicos. Acesso em: 8 ago.2020.

CUNHA, Ary. Handebol: Noruega, um obstáculo para a seleção, hoje, no Cooper Box. **O Globo**. 07 de agosto de 2012, p. 3.

DANELLO, Monique. **Raça Brasil:** os bastidores da conquista inédita do mundial de handebol. BB Editora, São Paulo, 2014.

DARA DINIZ. **Entrevista com Fabiana Diniz:** Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/UFRGS, 2019.

DARA; DALY. **CBHb 41 anos**. Instagram (*LIVE*), 17 de junho de 2020.

DEVIDE, Fabiano Pries *et al.* Produção de sentidos sobre a visibilidade de mulheres atletas no jornalismo esportivo: interpretações a partir do caderno de esporte do jornal “O Globo”. *In:* ROMERO, E.; PEREIRA, E. G. B. (Orgs.). **Universo do Corpo:** masculinidades e feminilidades. Rio de Janeiro: Shape/Faperj, 2008. p. 401-416.

DEVIDE, Fabiano Pries. **Gênero e Mulheres no Esporte:** História das Mulheres nos Jogos Olímpicos Modernos. Ijuí: Unijuí, 2005.

DIAS, Eliane Alvim. **Olá Shyko**. Londrina: 2 p. [carta postal]. Mensagem recebida por Francisco de Assis Farias, 30 de janeiro de 1989.

DOMINGUES, Alexandre. Jornalismo Esportivo: Uma análise sociológica do caderno Atenas 2004 do jornal Folha de São Paulo. 2006. 312 f. **Dissertação** (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

DORADOR, Marcelo. Centro Nacional de Desenvolvimento do Handebol é inaugurado na cidade. **Prefeitura de São Bernardo do Campo**. 2016. Disponível em: https://www.saobernardo.sp.gov.br/home//asset_publisher/YVwaH6UqAMbt/content/centro-nacional-de-desenvolvimento-do-handebol-e-inaugurado-na-cidade/maximized. Acesso em: 26 fev. 2020.

ELZA BALON. **Entrevista com Elza Giovanelli Balon**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/UFRGS, 2019.

ELZA BALON. **Entrevista com Elza Giovanelli Balon**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/UFRGS, 2019.

EUROPEAN HANDBALL FEDERATION. 104 players of EHF women's champions league clubs at world championship in Brazil. 2011. Disponível em: <http://www.eurohandball.com/2017/article/014443/00-00>. Acesso em: 1 abr. 2020.

FABIANA GRIPA. **Entrevista com Fabiana Kuestner Gripa**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/UFRGS, 2019.

FAGGIANI, Fernanda; LINDERN, Daniele; STREY, Artur M.; AIQUEL, Paula F.; FULGINITI, Daniel.; SARTORI, Camila.; LISBOA, Carolina M. The Phenomenon of Expatriates in the Sports Context. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 36, n. 3, p. 738-747, 2016.

FALCÃO, Irce. Atletas vivem batalha pelo sonho da maternidade. **Folha de Pernambuco**, Pernambuco, 8 de março de 2019.

FAVERO, Paulo. Equipe do Brasil mostra maturidade. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, p. 51, 1 de agosto de 2012. Esportes.

FAVERO, Paulo. Para técnico, Brasil briga por medalha. **Folha de São Paulo**. São Paulo. 25 de julho de 2012, p. 49.

FAVERO, Paulo. Russas desafiam o encanto das brasileiras. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, p. 50, 3 de agosto de 2012. Esportes.

FELIPPE, Heleni. Handebol perde e vai com a Coreia para o mata-mata. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 49, 24 de agosto de 2004. Esportes.

FELIPPE, Heleno. Handebol vence falta de estrutura. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 35, 16 de setembro de 2000. Folha Sydney.

FELIPPE, William; CALDAS, Luiz Felipe. **CBHb 41 anos**. Instagram (LIVE), 22 de junho de 2020.

FEMININO FAZ SEMIFINAL COMO FAVORITO. **Folha de São Paulo**, 7 de agosto de 1999.

FIRMINO, Carolina Bortoleto; VENTURA, Mauro de Souza. Sou atleta, sou mulher: a representação da seleção brasileira de futebol feminino na cobertura dos Jogos Olímpicos em Londres (2012). *In*: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. **Anais...** Bauru: Unesp, 2013.

FONSECA, Maria Lucinda (coord.); ORMOND, Meghann; MALHEIROS, Jorge; PATRICIO, Miguel; MARTINS, Filipa. **Reunificação Familiar e Imigração em Portugal**, 15. Lisboa: Observatório da Imigração, 2005.

FRAN CARARO. **Entrevista com Francine Camila Gomes de Moraes Cararo**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/UFRGS, 2019.

FURB. Handebol feminino da FURB/FMD estreia em casa na Liga Nacional. **NOTÍCIAS/EXTENSÃO**, 12 de setembro de 2012. Disponível em: <http://www.furb.br/web/1704/noticias/classificacao/3/extensao/handebol-feminino-da-furb/fmd-estrela-em-casa-na-liga-nacional/1239>. Acesso em: 11 abr. 2020.

GABRIEL, Bruno José. **A cobertura acerca da seleção brasileira de futebol feminino realizada pelo caderno de esportes da Folha de S. Paulo (1991-2011)**. 2015. 252 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2015.

GALLINO, Luciano. **Diccionario de Sociología**. Buenos Aires. Siglo XXI Editores, 2005.

GARCIA, Diego. Em meio a denúncias contra a CBHb, atletas e federações articulam movimento de oposição. **ESPN.com.br**. 24 de novembro de 2016, s/p. Disponível em: http://www.espn.com.br/noticia/649568_em-meio-a-denuncias-contr-a-cbhb-atletas-e-federacoes-articulam-movimento-de-oposicao. Acesso em: 8 ago. 2020.

GARCIA, Natália; FAVERO, Paulo. Presidente da Confederação de Handebol diz que saída de Morten foi decisão unilateral. **O Estado de São Paulo**. 9 de dezembro de 2016, s/p. Disponível em: <https://esportes.estadao.com.br/noticias/geral,presidente-da-confederacao-de-handebol-diz-que-saida-de-morten-foi-decisao-unilateral,10000093509>. Acesso em: 8 ago. 2020.

GIACOMINI. **Entrevista com Luiz Celso Giacomini**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/UFRGS, 2019. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/148968>. Acesso em: 26 maio 2020.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e esporte: Sobre conquistas e desafios. *In*: BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Políticas para as Mulheres. Edição Especial da **Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero**. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, Ano IV, n. 6, p. 72-74, 2012.

GOZZER, Thierry. Primeira brasileira a jogar na Europa, Chana ainda sonha com as Olimpíadas. **Jornal O Globo**. Rio de Janeiro, 16 de dezembro de 2015.

GRIEVES, Sarah. Aesthetics over athletics when it comes to women in sport. **Research**, University of Cambridge, 12 de agosto de 2016. Disponível em: <https://www.cam.ac.uk/research/news/aesthetics-overathletics-when-it-comes-to-women-in-sport>. Acesso em: 27. out. 2020.

HANDEBOL – Brasil enfrenta Coreia do Sul em quartas de final. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 5, 24 de agosto de 2004. Folha de Atenas.

HANDEBOL – Brasil luta por apenas uma vitória. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 7 de setembro de 2000, p. D4.

HANDEBOL – Brasil na briga. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 8, 26 de agosto de 2004. Esportes.

HANDEBOL – Brasil reage tarde e perde da Coreia . **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 8, 27 de agosto de 2004. Esportes.

HANDEBOL – Brasileiras querem superar Sydney-00. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 3, 15 de agosto de 2004. Folha Atenas.

HANDEBOL – derrota elimina feminino. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. D7, 17 de agosto de 2008. Folha de Atenas.

HANDEBOL ASSEGURA A VAGA EM SYDNEY. **Folha de São Paulo**, 9 de agosto de 1999.

HANDEBOL FEMININO – Brasil vence Coreia do Sul com gol no último segundo. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 8, 16 de agosto de 2008. Esportes.

HANDEBOL FEMININO – de olho na Ucrânia . **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 4, 18 de agosto de 2004. Esportes.

HANDEBOL FEMININO – Sonho de evoluir começa contra as anfitriãs . **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 9, 15 de agosto de 2004. Esportes.

HANDEBOL FEMININO – Vice-campeãs olímpicas são derrotadas pelas brasileiras. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. D7, 16 de agosto de 2008. Folha de Atenas.

HANDEBOL FEMININO VENCE CUBA E VAI A FINAL CONTRA O CANADÁ. **Folha de São Paulo**, 8 de agosto de 1999, p. 7.

HANDEBOL MASCULINO DESAFIATÁBU POR OURO E VAGA OLÍMPICA. **Folha de São Paulo**, 7 de agosto de 1999, p. 16.

HANDEBOL VENCE FALTA DE ESTRUTURA. **O Estado de São Paulo**, 30 de setembro de 2000.

HANDEBOL, **O Estado de S. Paulo**, 5 de novembro de 1983a. Esporte.

HANDEBOL. **Folha de São Paulo**, 19 de agosto de 2000, p. 8.

HANDEBOL. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. D8, 1 de outubro de 2000. Folha Sydney.

HANDEBOL. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 1 de outubro de 2000, p. 8.

HANDEBOL. **O Estado de S. Paulo**, 11 de novembro de 1983b. Esporte.

HANDEBOL: O BRASIL ABRE O TORNEIO. **O Estado de S. Paulo**, 9 de novembro de 1983. Esporte.

HUBNER, Edgar; REIS, Cláudio. Handebol. *In*: DACOSTA, Lamartine (Org.). **Atlas do Esporte no Brasil**. 2005, p. 281-284.

HUNT, Lian. (Org.). **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 178-209.

JOGARÃO EM PARIS OS BRASILEIROS. **O Estado de S. Paulo**, 7 de março e 1958.

JULIANA E KEILA CONQUISTAM OURO NO ATLETISMO. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 3 de agosto de 2002, p. E5.

KESSLER, Cláudia Samuel. **Mais que Barbies e ostras: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos**. 2015. 375 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

KESSLER, Claudia Samuel. Se é futebol é masculino? **Sociologias Plurais – Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia**, n. especial um, p. 240-254, out. 2012.

KLEA. **Entrevista com Klea Oliveira: Projeto Garimpendo Memórias**. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/UFRGS, 2019.

KNOPLOCH, Carlos. Show das meninas no handebol. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 3 de agosto de 2003, p. 15.

KRASTEV, Todor. **Women Handball 10th ODESUR Games 2014**. Página inicial. Disponível em: http://www.todor66.com/handball/America/Women_ODESUR_2014.html. Acesso em: 4 fev. 2019.

KRASTEV, Todor. **Women Handball 11th ODESUR Games 2018**. Página inicial. Disponível em: http://www.todor66.com/handball/America/Women_ODESUR_2018.html. Acesso em: 4 fev. 2019.

KRASTEV, Todor. **Women Handball 7th ODESUR Games 2002**. Página inicial. Disponível em: http://www.todor66.com/handball/America/Women_ODESUR_2002.html. Acesso em: 4 fev. 2019.

KRASTEV, Todor. **Women Handball 8th ODESUR Games 2006**. Página inicial. Disponível em: http://www.todor66.com/handball/America/Women_ODESUR_2006.html. Acesso em: 4 fev. 2019.

KRASTEV, Todor. **Women Handball 9th ODESUR Games 2010**. Página inicial. Disponível em: http://www.todor66.com/handball/America/Women_ODESUR_2010.html. Acesso em: 4 fev. 2019.

KRASTEV, Todor. **Women Handball I Panamerican Championship 1986**. Página inicial. Disponível em: http://www.todor66.com/handball/America/Women_1986.html. Acesso em: 4 fev. 2019.

KRASTEV, Todor. **Women Handball I South American Championship 1983**. Página inicial. Disponível em: http://www.todor66.com/handball/America/Women_SA_1983.html. Acesso em: 4 fev. 2019.

KRASTEV, Todor. **Women Handball II Panamerican Championship 1989**. Página inicial. Disponível em: http://www.todor66.com/handball/America/Women_1989.html. Acesso em: 4 fev. 2019.

KRASTEV, Todor. **Women Handball II South American Championship 1984**. Página inicial. Disponível em: http://www.todor66.com/handball/America/Women_SA_1984.html. Acesso em: 4 fev. 2019.

KRASTEV, Todor. **Women Handball III Panamerican Championship 1991**. Página inicial. Disponível em: http://www.todor66.com/handball/America/Women_1991.html. Acesso em: 4 fev. 2019.

KRASTEV, Todor. **Women Handball III South American Championship 1986**. Página inicial. Disponível em: http://www.todor66.com/handball/America/Women_SA_1986.html. Acesso em: 4 fev. 2019.

KRASTEV, Todor. **Women Handball IV Panamerican Championship 1997**. Página inicial. Disponível em: http://www.todor66.com/handball/America/Women_1997.html. Acesso em: 4 fev. 2019.

KRASTEV, Todor. **Women Handball IV South American Championship 1988**. Página inicial. Disponível em: http://www.todor66.com/handball/America/Women_SA_1988.html. Acesso em: 4 fev. 2019.

KRASTEV, Todor. **Women Handball IX Panamerican Championship 2007**. Página inicial. Disponível em: http://www.todor66.com/handball/America/Women_2007.html. Acesso em: 4 fev. 2019.

KRASTEV, Todor. **Women Handball IX South American Championship 2013**. Página inicial. Disponível em: http://www.todor66.com/handball/America/Women_SA_2013.html. Acesso em: 4 fev. 2019.

KRASTEV, Todor. **Women Handball Olympic Games 2000**. Página inicial. Disponível em: http://www.todor66.com/handball/Olympic/Women_2000.html. Acesso em: 4 fev. 2019.

KRASTEV, Todor. **Women Handball Olympic Games 2004**. Página inicial. Disponível em: http://www.todor66.com/handball/Olympic/Women_2004.html. Acesso em: 4 fev. 2019.

KRASTEV, Todor. **Women Handball Olympic Games 2008**. Página inicial. Disponível em: http://www.todor66.com/handball/Olympic/Women_2008.html. Acesso em: 4 fev. 2019.

KRASTEV, Todor. **Women Handball Olympic Games 2012**. Página inicial. Disponível em: http://www.todor66.com/handball/Olympic/Women_2012.html. Acesso em: 4 fev. 2019.

KRASTEV, Todor. **Women Handball Olympic Games 2016**. Página inicial. Disponível em: http://www.todor66.com/handball/Olympic/Women_2016.html. Acesso em: 4 fev. 2019.

KRASTEV, Todor. **Women Handball V Panamerican Championship 1999**. Página inicial. Disponível em: http://www.todor66.com/handball/America/Women_1999.html. Acesso em: 4 fev. 2019.

KRASTEV, Todor. **Women Handball V South American Championship 1991**. Página inicial. Disponível em: http://www.todor66.com/handball/America/Women_SA_1991.html. Acesso em: 4 fev. 2019.

KRASTEV, Todor. **Women Handball VI Panamerican Championship 2000**. Página inicial. Disponível em: http://www.todor66.com/handball/America/Women_2000.html. Acesso em: 4 fev. 2019.

KRASTEV, Todor. **Women Handball VI South American Championship 1994**. Página inicial. Disponível em: http://www.todor66.com/handball/America/Women_SA_1994.html. Acesso em: 4 fev. 2019.

KRASTEV, Todor. **Women Handball VII Panamerican Championship 2003**. Página inicial. Disponível em: http://www.todor66.com/handball/America/Women_2003.html. Acesso em: 4 fev. 2019.

KRASTEV, Todor. **Women Handball VII South American Championship 1998**. Página inicial. Disponível em: http://www.todor66.com/handball/America/Women_SA_1998.html. Acesso em: 4 fev. 2019.

KRASTEV, Todor. **Women Handball VIII Panamerican Championship 2005**. Página inicial. Disponível em: http://www.todor66.com/handball/America/Women_2005.html. Acesso em: 4 fev. 2019.

KRASTEV, Todor. **Women Handball VIII South American Championship 2001**. Página inicial. Disponível em: http://www.todor66.com/handball/America/Women_SA_2001.html. Acesso em: 4 fev. 2019.

KRASTEV, Todor. **Women Handball World Championship 1987**. Página inicial. Disponível em: http://www.todor66.com/handball/World/Women_B_1987.html. Acesso em: 4 fev. 2019.

KRASTEV, Todor. **Women Handball World Championship 1989**. Página inicial.
Disponível em: http://www.todor66.com/handball/World/Women_B_1989.html. Acesso em: 4 fev. 2019.

KRASTEV, Todor. **Women Handball World Championship 1995**. Página inicial.
Disponível em: http://www.todor66.com/handball/World/Women_1995.html. Acesso em: 4 fev. 2019.

KRASTEV, Todor. **Women Handball World Championship 1997**. Página inicial.
Disponível em: http://www.todor66.com/handball/World/Women_1997.html. Acesso em: 4 fev. 2019.

KRASTEV, Todor. **Women Handball World Championship 1999**. Página inicial.
Disponível em: http://www.todor66.com/handball/World/Women_1999.html. Acesso em: 4 fev. 2019.

KRASTEV, Todor. **Women Handball World Championship 2001**. Página inicial.
Disponível em: http://www.todor66.com/handball/World/Women_2001.html. Acesso em: 4 fev. 2019.

KRASTEV, Todor. **Women Handball World Championship 2003**. Página inicial.
Disponível em: http://www.todor66.com/handball/World/Women_2003.html. Acesso em: 4 fev. 2019.

KRASTEV, Todor. **Women Handball World Championship 2005**. Página inicial.
Disponível em: http://www.todor66.com/handball/World/Women_2005.html. Acesso em: 4 fev. 2019.

KRASTEV, Todor. **Women Handball World Championship 2007**. Página inicial.
Disponível em: http://www.todor66.com/handball/World/Women_2007.html. Acesso em: 4 fev. 2019.

KRASTEV, Todor. **Women Handball World Championship 2009**. Página inicial.
Disponível em: http://www.todor66.com/handball/World/Women_2009.html. Acesso em: 4 fev. 2019.

KRASTEV, Todor. **Women Handball World Championship 2011**. Página inicial.
Disponível em: http://www.todor66.com/handball/World/Women_2011.html. Acesso em: 4 fev. 2019.

KRASTEV, Todor. **Women Handball World Championship 2013**. Página inicial.
Disponível em: http://www.todor66.com/handball/World/Women_2013.html. Acesso em: 4 fev. 2019.

KRASTEV, Todor. **Women Handball World Championship 2015**. Página inicial.
Disponível em: http://www.todor66.com/handball/World/Women_2015.html. Acesso em: 4 fev. 2019.

KRASTEV, Todor. **Women Handball World Championship 2017**. Página inicial. Disponível em: http://www.todor66.com/handball/World/Women_2017.html. Acesso em: 4 fev. 2019.

KRASTEV, Todor. **Women Handball World Championship 2019**. Página inicial. Disponível em: http://www.todor66.com/handball/World/Women_2019.html. Acesso em: 13 jun. 2020.

KRASTEV, Todor. **Women Handball X Panamerican Championship 2009**. Página inicial. Disponível em: http://www.todor66.com/handball/America/Women_2009.html. Acesso em: 4 fev. 2019.

KRASTEV, Todor. **Women Handball X Panamerican Games 1987**. Página inicial. Disponível em: http://www.todor66.com/handball/America/Women_PG_1987.html. Acesso em: 4 fev. 2019.

KRASTEV, Todor. **Women Handball XI Panamerican Championship 2011**. Página inicial. Disponível em: http://www.todor66.com/handball/America/Women_2011.html. Acesso em: 4 fev. 2019.

KRASTEV, Todor. **Women Handball XII Panamerican Championship 2013**. Página inicial. Disponível em: http://www.todor66.com/handball/America/Women_2013.html. Acesso em: 4 fev. 2019.

KRASTEV, Todor. **Women Handball XII Panamerican Games 1995**. Página inicial. Disponível em: http://www.todor66.com/handball/America/Women_PG_1995.html. Acesso em: 4 fev. 2019.

KRASTEV, Todor. **Women Handball XIII Panamerican Championship 2015**. Página inicial. Disponível em: http://www.todor66.com/handball/America/Women_2015.html. Acesso em: 4 fev. 2019.

KRASTEV, Todor. **Women Handball XIII Panamerican Games 1999**. Página inicial. Disponível em: http://www.todor66.com/handball/America/Women_PG_1999.html. Acesso em: 4 fev. 2019.

KRASTEV, Todor. **Women Handball XIV Panamerican Championship 2017**. Página inicial. Disponível em: http://www.todor66.com/handball/America/Women_2017.html. Acesso em: 4 fev. 2019.

KRASTEV, Todor. **Women Handball XIV Panamerican Games 2003**. Página inicial. Disponível em: http://www.todor66.com/handball/America/Women_PG_2003.html. Acesso em: 4 fev. 2019.

KRASTEV, Todor. **Women Handball XV Panamerican Championship 2018**. Página inicial. Disponível em: http://www.todor66.com/handball/America/Women_2018.html. Acesso em: 4 fev. 2019.

KRASTEV, Todor. **Women Handball XV Panamerican Games 2007**. Página inicial. Disponível em: http://www.todor66.com/handball/America/Women_PG_2007.html. Acesso em: 4 fev. 2019.

KRASTEV, Todor. **Women Handball XVI Panamerican Games 2011**. Página inicial. Disponível em: http://www.todor66.com/handball/America/Women_PG_2011.html. Acesso em: 4 fev. 2019.

KRASTEV, Todor. **Women Handball XVII Panamerican Games 2015**. Página inicial. Disponível em: http://www.todor66.com/handball/America/Women_PG_2015.html. Acesso em: 4 fev. 2019.

KRASTEV, Todor. **Women Handball XVIII Panamerican Games 2019**. Página inicial. Disponível em: http://www.todor66.com/handball/America/Women_PG_2019.html. Acesso em: 4 fev. 2019.

LANCE! 'Estou muito satisfeito. Levantamos o handebol', diz Morten Soubak. **Terra**, 17 de julho de 2015. Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/lance/estou-muito-satisfeito-levantamos-o-handebol-diz-morten-soubak,2faca2cbd8a4cda2840020647f419b0amvbwRCRD.html>. Acesso em: 1 abr. 2020.

LIMA, Leilane Alves de. **Carreira Esportiva: um estudo com atletas de excelência**. 2018. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

LIMA, Patrícia. Versão Brasileira. **CBHb**. 17 de março de 2019. Time Out. Disponível em: <https://cbhb.org.br/v1/colunas/time-out/12858/versao-brasileira>. Acesso em: 13 out. 2020.

LOFFREDO, Marisa Cecilia. **Migração atlética internacional e aculturação de atleta de elite do handebol feminino brasileiro: estudo de caso**. 2018. 63 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física – Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2018.

LONDRES-2012. **Rede Nacional do Esporte**, 2012. Disponível em: <http://rededoesporte.gov.br/pt-br/megaeventos/olimpiadas/o-brasil-nos-jogos/londres-2012/londres-2012>. Acesso em: 1 nov. 2020.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**. v. 19, n. 2, 2008.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.

LUCCHETTI, Alessandro. Poucos podem dizer que sempre acreditaram. **O Estado de São Paulo**, 23 de dezembro de 2013, p. 17.

LUCILA VIANNA. **Entrevista com Lucila Vianna Silva dos Santos: Projeto Garimpendo Memórias**. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/UFRGS, 2020.

MÃE DE GOLEIRA DE HANDEBOL ESBRAVEJA CONTRA “INJUSTIÇA” APÓS CORTE. **Terra**. 29 de junho de 2012, s/p. Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/jogos-olimpicos/2012/mae-de-goleira-de-handebol-esbraveja-contrainjustica-apos-corte,b66bbf542cfed310VgnCLD200000bbceeb0aRCRD.html>. Acesso em: 8 ago. 2020.

MAGNANI, Aline Iris Gil Parra. **Migração Atlética de Jogadores de Futebol Profissional Brasileiro para o Exterior: O Processo de Adaptação Cultural**. 2018. 102 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2018.

MAGUIRE, Joseph.; PEARTON, Robert. The impact of elite labour migration on the identification, selection and development European soccer players. **Journal of Sports Sciences**, London, v. 18, p. 759-769, 2000.

MALULY, Luciano Victor Barros; ROMÃO, Gabriela Aparecida Rodrigues. Um jornalismo para massificação do esporte no Brasil: estudo exploratório sobre cinco modalidades olímpicas. **Leituras do Jornalismo**, [s/l] v. 2, n. 4, p. 64-92, jul./dez. 2015.

MARTINS, Leonardo Tavares; MORAES, Laura. O Futebol Feminino e sua Inserção na Mídia: a diferença que faz uma medalha de prata. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 69-82, dez. 2014.

MATERNIDADE adiada. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, p. 61, 13 de agosto de 2012. Esportes.

MATIAS, Wagner Barbosa; ATHAYDE, Pedro Fernando; HÚNGARO, Edson Marcelo; MASCARENHAS, Fernando. Lei de incentivo fiscal e o (não) direito ao esporte no Brasil. *In*: MATIAS, Wagner Barbosa; ATHAYDE, Pedro Fernando; MASCARENHAS, Fernando (Orgs.). **Políticas de esporte nos anos Lula e Dilma**. Brasília: Thesaurus, 2015.

MAYARA FIER. **Entrevista com Mayara Fier de Moura: Projeto Garimpendo Memórias**. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/UFRGS, 2020.

MEG. **Entrevista com Margareth Pioresan: Projeto Garimpendo Memórias**. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/UFRGS, 2015. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/201272/>. Acesso em: 6 jan. 2020.

MENINAS do handebol estreiam contra a Grécia. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. E4, 15 de agosto de 2004. Esportes.

MENINAS DO HANDEBOL sofrem primeira derrota. **O Globo**. Rio de Janeiro. p. 10. 22 de setembro de 2000. Esportes.

MIRANDA, Carlos Fabre. **Como se vive do atletismo: um estudo sobre o profissionalismo e amadorismo no esporte, com olhar para as configurações esportivas**. 2007. 140 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

MOURÃO, Ludmila. Exclusão e inserção da mulher brasileira em atividade física e esportivas. In: SIMÕES, A. C. (Org.). **Mulher e esporte: mitos e verdades**. São Paulo: Manole, 2003, p. 123-152.

MOURÃO, Ludmila; MOREL, Marcia. As narrativas sobre o futebol feminino – o discurso da mídia impressa em campo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Brasília, v. 26, n. 2, p. 72-86, jan. 2005.

MÜHLEN, Johanna Coelho Von. **Jogos de gênero em Pequim 2008: representações de feminilidades e masculinidades (re)produzidas pelo Site Terra**. 2009. 133 f. Dissertação (Mestrado em Ciência do Movimento Humano) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

MÜHLEN, Johanna Coelho Von; GOELLNER, Silvana Vilodre. Jogos de gênero em Pequim 2008: representações de feminilidades e masculinidades (re)produzidas pelo site Terra. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Brasília, v. 34, n. 1, p. 165-184, mar. 2012.

MULHERES do handebol estreiam. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 17, 6 de agosto de 2016. Esportes.

MULHERES fora do handebol. **O Globo**, Rio de Janeiro, p.14, 18 de agosto de 2008. Esportes.

MULHERES tem dia ruim em outras modalidades. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. B4, 17 de agosto de 2016. Folha Rio.

NASCIMENTO, Diego. R; RIBEIRO, Carlos. H. V; PEREIRA, Erik. G. B. Futebol e migração: a perspectiva dos treinadores brasileiros no exterior. **Motrivivência**, v. 31, n. 60, p. 1-19, out./dez. 2019.

NÊNEGA. **Entrevista com Maria Aparecida dos Santos: LECCORPO – Laboratório de Estudos da Cultura Corporal**. Petrolina: LECCORPO – Laboratório de Estudos da Cultura Corporal, UNIVASF, 2019.

NOGUEIRA, Cláudio. Handebol, uma modalidade tipo exportação. **O GLOBO Esportes**. [on-line]. 22 de Janeiro de 2013. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/handebol-uma-modalidade-tipo-exportacao-7363234> Acesso em: 27 jan. 2020.

NOGUEIRA, Cláudio; DUARTE, Fernando. HANDEBOL FEMININO GOLEIA CUBA POR 29 A 18 E FAZ A FINAL CONTRA CANADÁ. **O Globo**, 8 de agosto de 1999, p. 23.

NOVA VITÓRIA, novo show no handebol. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 13, 9 de agosto de 2016. Esportes.

O BANHO NA ARGENTINA. **O Estado de São Paulo**. 13 de agosto de 2003.

O HANDEBOL chegou lá. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. E7, 22 de agosto de 2004. Esportes.

OLCINA, Vicente Soler. **7 metros**: El éxito del balonmano femenino en España. Libros.com. Espanha, 2018.

PEDROSO, Caio dos Reis; GUERREIRO, Marcel; SANDRÃO, Rafael. **A história por trás da glória** – o mundial de handebol 2013. Monografia (Graduação em Jornalismo) – Faculdade de Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2015.

PELLIM, Thiago; DINIZ, Irla Karla dos Santos; IVANHA, Gabriele Soares. A Construção Discursiva do Corpo Feminino na Mídia Esportiva: as Olimpíadas 2016. **Revista INTERthesis**, Florianópolis, v. 15, n. 2, p. 128-145, set./dez. 2018.

PEQUIM-2008. **Rede Nacional do Esporte**, 2008. Disponível em: <http://rededoesporte.gov.br/pt-br/megaeventos/olimpiadas/o-brasil-nos-jogos/pequim>. Acesso em: 1 nov. 2020.

PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa; PONTES, Vanessa Silva; RIBEIRO, Carlos Henrique de Vasconcellos. Jogos Olímpicos de Londres 2012: brasileiros e brasileiras em foco. **Revista de Educação Física da UEM**, Maringá, v. 25, n. 2, p. 257-271, 2. trim. 2014.

PEREIRA, L. M. L. História Oral: Desafios e Potencial na Produção do Conhecimento Histórico. *In*: IV Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física, 1996. **Anais ...** Belo Horizonte: UFMG/Escola de Educação Física, v. 1. p. 62-70, 1996.

PEREIRA, Neuri Amabile Frigotto; PIMENTEL, Ricardo; KATO, Heitor Takashi. Expatriação e estratégia internacional: o papel da família como fator de equilíbrio na adaptação do expatriado. **Revista de Administração Contemporânea [on-line]**, v. 9, n. 4, p. 53-71, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PILOTTO, Fátima Maria. A fabricação de ídolos esportivos, **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, maio/ago. 2007. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos/1613t.PDF>. Acesso em: 29 out. 2020.

PINDA E GUARULHOS FAZEM FINAL HOJE. **Folha de São Paulo**. 11 de julho de 1991.

PISANI, Mariane da Silva. Migrações e deslocamentos de jogadoras de futebol: Mercadoria que ninguém compra? **Esporte e Sociedade**, v. 9, n. 23, p. 1-11. 2014.

PISANI, Mariane da Silva. **Muito samba e pouco trabalho**: A representação dos jogadores de futebol brasileiros que atuam no exterior. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Sociais) –Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

PISANI, Mariane da Silva. **Poderosas do Foz: trajetórias, migrações e profissionalização de mulheres que praticam futebol**. 2012. 166 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

PONTES, Vanessa Silva *et al.* Migração no voleibol brasileiro: a perspectiva de atletas e treinadores de alto rendimento. **Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 187-198, jan./mar. 2018.

PORTELLI, A. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**. São Paulo, n. 14, p. 25-39, fev. 1997.

REED, Sarita Prem Zeferino. **Jogos Olímpicos de Londres (2012): a representação das atletas no portal Globoesporte.com**. 2013. 106 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Comunicação Social – jornalismo). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos; GRECO, Pablo Juan; MENEZES, Rafael Pombo. **Handebol: uma nova proposta metodológica**. Coleção Pedagogia do Esporte. Paulínia: AutorEsporte. [E-book]. 2018.

REIS, Heloisa Helena Baldy. Memórias do handebol no Brasil: construindo uma história. *In:* GRECO, Juan Pablo; ROMERO, Juan. J. Fernández. **Manual de Handebol: da iniciação ao alto nível**. São Paulo: Phorte Editora, 2002.

REVOLTA DE SUELI PODE GERAR CRISE NA SELEÇÃO. **O Folha de São Paulo**, 20 de novembro de 1983, Esportes.

RIAL, Carmen. “Por que todos os ‘rebeldes’ falam português? A circulação de jogadores brasileiros/sul-americanos na Europa, ontem e hoje”. *In:* CARMO, Renato; MELO, D.; BLANES, R. (Orgs.). **A globalização no divã**. Lisboa: Tinta-da-China, 2009a.

RIAL, Carmen. Fronteiras e zonas na circulação global dos jogadores brasileiros de futebol. **Antropologia em Primeira Mão**. Florianópolis, n. 109, 2009b.

RIAL, Carmen. Jogadores brasileiros na Espanha: Emigrantes, porém... **Revista de Dialectología y Tradiciones Populares**, v. LXI, n. 2, jul./dez. 2006.

RIAL, Carmen. Rodar: A circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, v. 109, n. 30, jul./dez. 2008.

RICHARDSON, David; LITTLEWOOD, Martin; NESTI, Mark; BENSTEAD, Luke. An examination of the migratory transition of elite young European soccer players to the English Premier League. **Journal of sports sciences**, v. 30, n. 15, p. 1605-1618, 2012.

RODRIGUES, Jorge Luiz. As meninas do Brasil – As mulheres em grande dia. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 2, 28 de julho de 2012. Esportes.

ROJO, Luiz Fernando. “Vitória”: gênero da mídia esportiva brasileira especializada na cobertura olímpica. **Recorde: Revista de História de Esporte**, [s/l], v. 1, n. 2, dez. 2008.

ROMERO, Elaine *et al.* Fotos e legendas na mídia esportiva: o caso das atletas **SALUSVITA**, Bauru, v. 33, n. 3, p. 285-308, 2014.

ROMERO, Elaine. A (In)Visibilidade da mulher atleta no jornalismo esportivo do Rio de Janeiro. *In:* SIMÕES, A. C.; KNIJNIK, J. D. (Orgs.). **O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero e desempenho**, 2004, p.213-252.

ROMERO, Elaine. Construção e reprodução da masculinidade e da feminilidade no esporte pela mídia escrita. *In:* ROMERO, E.; PEREIRA, E. G. B. (Orgs.). **Universo do Corpo: masculinidades e feminilidades**. Rio de Janeiro: Shape/Faperj, 2008. p. 333-385.

RÚBIO, Kátia. Processos migratórios e deslocamentos: Caminhos que levaram atletas de modalidades coletivas aos Jogos Olímpicos de Barcelona em 1992. **Olimpianos: Journal of Olympic Studies**, v. 1, n. 1, p. 53-67, 2017.

SAINT'CLAIR, Emerson da Mota. **Percepções do handebol no campo esportivo brasileiro: entre conquistas e desafios**, 2018. 193f. Tese (Doutorado em Aspectos biopsicossociais do Esporte) – Instituto de Educação Física e Desportos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

SAINT'CLAIR, Emerson da Mota; DEVIDE, Fabiano Pries; MURAD, Maurício. Representações da mídia esportiva impressa sobre visibilidade de mulheres atletas nos Jogos Olímpicos Modernos: entre permanências e mudanças. *In:* DEVIDE, F. P. (Org.). **Estudos de gênero na educação física e no esporte**. Curitiba: Appris, 2017.

SALVINI, Leila; MARCHI JUNIOR, Warderley. Registros do futebol feminino na revista placar: 30 anos de registro. **Motrivivência**. Florianópolis, v. 28, n. 49, p. 99-113, dez. 2016.

SANTOS, Jorginal do Moreira dos. **Atlas mundial do handebol**, 2019. Disponível em: <http://campeoesestaduaisdehandebol.blogspot.com/>. Acesso em: 6 jan. 2020.

SARAIVA, Pedro Daniel Gonçalves. **Mulheres, Desporto, Media: Noticiabilidade e objetificação sexual do desporto feminino em jornais desportivos em Portugal (1996-2016)**. 2017, 321 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de Coimbra, Coimbra, 2017.

SCHINKE, Robert. J; MCGANNON, Kerry. R. Cultural Sport Psychology and Intersecting Identities: an Introduction in the Special Section. **Psychology of Sport and Exercise**, 17, p. 45-47, 2014.

SELEÇÃO FEMININA REALIZA SONHO DE PARTICIPAR DE UMA OLÍMPIADA. **O Estado de São Paulo**, 19 de agosto de 2000.

SÉRGIO GRACIANO. **Entrevista com Sergio Graciano: Projeto Garimpendo Memórias**. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/UFRGS, 2019.

SHYCO FARIAS. **Entrevista com Francisco Farias: Projeto Garimpendo Memórias**. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/UFRGS, 2019.

SILVA, Ana Margarida Cunha. **Migrantes desportistas: o caso dos basquetebolistas profissionais na Terceira Ilha**. 2012. 81 f. Dissertação (Mestrado em Relações Interculturais) – Universidade Aberta, Ponta Delgada, Portugal, 2012.

SIQUEIRA, Nathália Cristina Pinheiro. **Fragilidade, ode ao corpo e “derrota”**: uma pesquisa sobre como a mulher no esporte é representada no jornal Correio Braziliense. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Jornalismo) – Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2007.

SOBRE NÓS. **Atletas pelo handebol**. Disponível em: <https://atletaspelohandebol.com.br/>. Acesso em: 8 ago. 2020.

SORAYA NOVAES. **Entrevista com Soraya Novaes da Silva**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/UFRGS, 2019.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de. **Futebol como projeto profissional de mulheres**: interpretações da busca pela legitimidade. 2013. 320 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

SOUZA, Juliana Sturmer Soares; KNIJNIK, Jorge Dorfman. A mulher invisível: genro e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. **Revista brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 35-48, jan./mar. 2007.

SOUZA, Maria Tereza Oliveira. **“Da visão que eu tenho, do que eu vivi, não sei muito no que acreditar”**: atletas da seleção brasileira feminina e as memórias de um futebol desamparado. 2017. 152 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2017.

SUELI FAZ PESADAS CRÍTICAS AO TÉCNICO WILLIAM FELIPE. **Folha de São Paulo**, 18 de novembro de 1983, Esportes.

SYDNEY-2000. **Rede Nacional do Esporte**, 2000. Disponível em: <http://rededoesporte.gov.br/pt-br/megaeventos/olimpiadas/o-brasil-nos-jogos/sydney>. Acesso em: 1 nov. 2020.

TABELÃO OLÍMPICO. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 2, 17 de setembro de 2000. Esportes.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **Alguns apontamentos sobre história oral, gênero e história das mulheres**. Dourados: UFGD, 2014.

TEIXEIRA, Marcelo Resende; MATIAS, Wagner Barbosa; MASCARENHAS, Fernando. O esporte olímpico no Brasil: recursos financeiros disponibilizados para Olimpíadas Londres 2012. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Brasília, v. 39, n. 3, p. 284-290, 2017.

TEIXEIRA, Marcelo Resende; MATIAS, Wagner Barbosa; MASCARENHAS, Fernando. O financiamento do esporte olímpico no Brasil: uma análise do ciclo de Londres (2009-2012). *In*: MATIAS, Wagner Barbosa; ATHAYDE, Pedro Fernando; MASCARENHAS, Fernando (Orgs.). **Políticas de esporte nos anos Lula e Dilma**. Brasília: Thesaurus, 2015.

TERTULIANO, Ivan Wallan *et al.* Motivos e Intenções para Expatriação de Voleibolistas. **Revista de Administração Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 4, p. 531-551, jul./ago. 2018.

TERTULIANO, Ivan Wallan. **Processo de expatriação de voleibolistas: concepções bioecológicas**, 2016. 284 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2016.

THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TIESLER, Nina Clara. Diasbola: futebol e emigração portuguesa. Etnográfica. **Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia**, v. 16, n. 1, p. 77-96, 2012.

TIME TENTA vitória que pode valer a vaga. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. D5, 16 de setembro de 2000. Folha Sydney.

UEZU, Rudney. **Análise das propostas e iniciativas da Confederação Brasileira de Handebol para o aprimoramento profissional**. 2014. Tese (Doutorado em Pedagogia do Movimento Humano) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

VALDERRAMA, Cristina Blanco Fernandez. **Las migraciones sociales contemporáneas**. Madrid: Alianza editorial, 2000.

VALERIA MARIA DE OLIVEIRA. **Entrevista com Valéria Maria de Oliveira: Projeto Garimpando Memórias**. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/UFRGS, 2019.

VALPORTO, Oscar. Os vira-latas e o momento olímpico. **O Globo**, 3 de outubro de 2000, p. 4.

VIANA, Marcelo. Vitória de ouro para espantar o sono. **O Globo**. Rio de Janeiro. 13 de agosto de 2003, p. 4.

VIDA CIGANA MOVE O HANDEBOL. **Folha de São Paulo**, 30 de abril de 2000.

VIVIANE JACQUES. **Entrevista com Viviane Jacques: Projeto Garimpando Memórias**. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/UFRGS, 2019.

WILLIAMS, Jean. **A beautiful game: international perspectives on women's football**. 2007.

ZEZÉ SALES. **Entrevista com Maria José Batista Sales: Projeto Garimpando Memórias**. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/UFRGS, 2019.

APÊNDICE A – ROTEIROS DE ENTREVISTA COM AS JOGADORAS

INÍCIO NO ESPORTE/PRÉ SELEÇÃO

1. Como foi sua **inserção no esporte**? Handebol foi o primeiro que você praticou?
2. Alguém te **influenciou** a começar a jogar handebol (parentes, amigos, professores....)?
3. Sua trajetória no handebol teve relação com alguma **instituição**? Escola, universidade ou clube.
4. Em que momento você começou a encarar o handebol como sua **profissão**?
5. Como sua família reagiu a essa decisão?
6. Quando você entrou na categoria adulta você já passou **a receber salários**?
7. Havia **outras formas de remuneração** para além de salário (moradia, alimentação, plano médico, estudo)?
8. Você recebeu **bolsa atleta** ou outros **incentivos públicos**?
9. Você já teve **patrocínio** individual?
10. Em quais **clubes** você atuou? (nacional e internacional).
11. Como se deram as **transferências** de um clube para o outro?
12. Como era o **cotidiano de treinamento** nesses clubes?
13. Como se deu sua ida para **jogar no exterior**?
14. Você percebe **diferenças** entre o handebol **europeu** e o handebol **brasileiro**? Quais?
15. Você percebe **diferenças no treinamento** que teve em clubes brasileiros e europeus?
16. Essa **experiência no exterior** alterou de algum modo seu desempenho como atleta?
17. Você acha que treinar na **Europa** mudou seu **corpo**? Se sim, por quê? O que acha dessas mudanças?

CONVOCAÇÃO PARA SELEÇÃO BRASILEIRA

18. Quando foi sua **primeira convocação** para a Seleção? [Para qual competição?]
19. Como foi essa **primeira participação**?
20. Como era a **estrutura, condições** e apoio oferecidos pela Confederação a vocês?
21. Como eram os **treinamentos e a preparação** para as competições?
22. Você permaneceu um bom tempo na Seleção. Você percebeu **mudanças nos treinamentos e estrutura** da seleção ao longo desse tempo?
23. Qual o momento mais **importante** da **sua trajetória** da seleção?

JOGOS OLÍMPICOS

24. Como foi sua **primeira convocação** para os JO?
25. Como foi para você **participar** dos JO?
26. Qual era a sua **expectativa** individual e qual a expectativa do grupo de atletas com relação a essa participação?
27. A **preparação** para os JO era diferente das de outras competições? Como elas eram?
28. Como era a **cobertura da mídia** com relação a participação de vocês?
29. Houve **diferenças** entre uma participação e outra?

E para o handebol? A preparação de vocês, as expectativas, o apoio da Confederação, a visibilidade na mídia... você percebeu diferenças?

30. Você ainda **acompanha o handebol** brasileiro e a seleção?

Situar situação CBHb

31. Como você acha que o afastamento do presidente da **CBHb** e a perda de patrocínios ocorrida recentemente afeta o handebol feminino brasileiro?

CONQUISTA DO MUNDIAL

32. Em 2013, a Seleção conquistou o **Campeonato Mundial de Handebol**. O que essa conquista significou pra você?
33. E o que você acha que significou essa conquista para **seleção brasileira** como um todo?
34. Quais **elementos** você acha que foram **essenciais** para que a Seleção alcançasse esse título?

OUTRAS QUESTÕES

35. Como foi o processo de **parar de jogar** profissionalmente handebol?
36. O handebol ainda está **presente** na sua vida de alguma forma?
37. O que você fez **depois** que parou?
38. Que **experiência positivas** você destacaria de sua trajetória?
39. Ficou alguma **frustração**?
40. Alguma coisa que você gostaria de compartilhar que não perguntei?

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM TÉCNICO

INÍCIO NO ESPORTE

1. Como foi sua inserção no esporte?
2. Que esportes que você praticou?
3. Participou de Competições escolares e/ou Universitárias?
4. Se praticou Handebol, como era a modalidade na época? (treinamentos, competições, visibilidade, praticantes).
5. Você jogou profissionalmente Handebol? (Se sim...)
6. Como foi a transição para o profissional?
7. Em que clubes você jogou?
8. (Se jogou em mais de um clube) Como se davam as transferências entre eles?
9. Recebia salário e/ou benefícios?
10. (Se jogou no exterior) Como se deu sua ida para o exterior?
11. Como foi a experiência de jogar fora?
12. Quais as diferenças entre competições, treinamentos?
13. Gostaria de compartilhar algo que eu não perguntei sobre essa primeira parte?

ATUAÇÃO COMO TÉCNICO

14. Conte como foi o processo para se tornar treinador/técnico de handebol?
15. Que formação você teve? Que cursos fez?
16. Que times que você treinou?
17. (Se treinou homens e mulheres) Existe diferenças no treinamento, na forma de cobrar?
Conte um pouco sobre como é treinar homens e mulheres?
18. Que competições você participou como treinador/técnico? (antes da seleção brasileira).
19. Gostaria de compartilhar algo que eu não perguntei sobre essa segunda parte.

CONVOCAÇÃO PARA SELEÇÃO BRASILEIRA DE HANDEBOL

20. Quando foi sua primeira convocação para a Seleção/para qual competição?
21. Como foi essa primeira convocação/participação?
22. Como eram/é os treinamentos/preparação para as competições?
23. Que competições você participou estando à frente da Seleção?
24. Você permaneceu um tempo na Seleção. Houve mudanças nos treinamentos e estrutura da seleção nesse período?

25. Você recebia algum incentivo financeiro para treinar a Seleção?
26. Como era sua relação com as atletas?
27. Você tinha uma comissão técnica que te auxiliava? (quem eram essas pessoas, funções)
28. Como era a participação da CBHb nessa época? (incentivos, patrocínios, estrutura).
29. Quais são suas melhores lembranças de estar à frente da Seleção?
30. Teve alguma frustração, dificuldade que gostaria de compartilhar?
31. Gostaria de compartilhar algo que eu não perguntei sobre essa segunda parte?

OUTRAS QUESTÕES

32. Você participou do Campeonato Sul-Americano de Handebol Feminino de 1986 que aconteceu em Novo Hamburgo-RS? (Brasil ficou com o bronze)
33. Como foi a competição? Quem eram as atletas que compunham o time? Comissão técnica? (se tiver fotos, reportagem de jornais, convocação, qualquer coisa)
34. (Se já parou) Como se deu sua aposentadoria no handebol, como foi o processo até chegar à decisão que era o momento de parar?
35. (se ainda continua) Qual sua relação com o handebol hoje?
36. Ficou alguma frustração? Qual?
37. Alguma coisa que você gostaria de compartilhar que eu não perguntei?

ANEXO A – MODELO DE CARTA DE CESSÃO DO PROJETO GARIMPANDO



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE**

**CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS
SOBRE DEPOIMENTO ORAL**

Pelo presente documento, eu, _____

CPF nº _____, declaro, ceder ao Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao Projeto Garimpando Memórias.

O Centro de Memória do Esporte fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no todo ou parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação da fonte e autor.

_____, ____ de _____ de _____

Assinatura da entrevistada